



MORGAN RICE

UM
SONHO
DE
MORTAIS

LIVRO N 15 DA SÉRIE O ANEL DO FETICEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



UM SONHO DE MORTAIS

(LIVRO N 15 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO)

MORGAN RICE

Morgan Rice é a autora bestseller nº1 do USA Today da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezessete livros; da série bestseller nº1 DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, composta por onze livros (em progresso); da série bestseller nº1 TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em progresso); e da nova série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros. Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em 25 idiomas.

[TRANSFORMADA](#) (Livro n 1 da série Diários de um Vampiro), [ARENA UM](#) (Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#) (Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e fazer parte da lista de correspondência, receber um livro gratuito, ganhar brindes, fazer o download do aplicativo gratuito, receber notícias exclusivas, conectar-se através do Facebook e Twitter e manter contato!

Críticas aos Livros de Morgan Rice

"O ANEL DO FEITICEIRO tem todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: intrigas, conspirações, mistério, cavaleiros e relacionamentos repletos de corações partidos, traições e decepções. Ele vai deixar você entretido por horas, e vai satisfazer públicos de todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos

"[Uma] fantasia épica envolvente."

—Kirkus Reviews

"Esse é o começo de algo extraordinário."

--San Francisco Book Review

"Recheado de ação... A escrita de Rice é sólida e a premissa é intrigante."

--Publishers Weekly

"Uma fantasia espirituosa... Apenas o começo do que promete ser uma série épica para jovens adultos."

--Midwest Book Review

REIS E FEITICEIROS

- A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro nº1)
- A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro nº2)
- O PESO DA HONRA (Livro nº3)
- UMA FORJA DE CORAGEM (Livro nº4)
- UM REINO DE SOMBRAS (Livro nº5)
- NOITE DOS AUDACIOSOS (Livro nº6)

O ANEL DO DO FEITICEIRO

- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)
- UM REINADO DE RAINHAS (Livro nº13)
- UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº14)
- UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº15)
- UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº16)
- O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº17)

TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº1)
- ARENA DOIS (Livro nº2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro nº1)
- AMADA (Livro nº2)
- TRAÍDA (Livro nº3)
- PREDESTINADA (Livro nº4)
- DESEJADA (Livro nº5)
- COMPROMETIDA (Livro nº6)
- PROMETIDA (Livro nº7)
- ENCONTRADA (Livro nº8)
- RESSUSCITADA (Livro nº9)
- ALMEJADA (Livro nº10)
- DESTINADA (Livro nº11)



[Ouça](#) a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato de áudio livro!

Agora disponível na:

[Amazon](#)
[Áudio](#)
[iTunes](#)

Copyright © 2014 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora.

Este e-book é licenciado apenas para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho da autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, entidades, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

Direitos autorais da imagem de capa de propriedade de Isoga, usada sob licença a partir de Shutterstock.com



ISLE OF MIST

THE UPPER ISLES

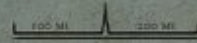
THE NETHERWORLD



THE TARTUVIAN

THE AMBREK

THE SOUTHERN ISLES



[CAPÍTULO UM](#)
[CAPÍTULO DOIS](#)
[CAPÍTULO TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUATRO](#)
[CAPÍTULO CINCO](#)
[CAPÍTULO SEIS](#)
[CAPÍTULO SETE](#)
[CAPÍTULO OITO](#)
[CAPÍTULO NOVE](#)
[CAPÍTULO DEZ](#)
[CAPÍTULO ONZE](#)
[CAPÍTULO DOZE](#)
[CAPÍTULO TREZE](#)
[CAPÍTULO QUATORZE](#)
[CAPÍTULO QUINZE](#)
[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
[CAPÍTULO DEZESSETE](#)
[CAPÍTULO DEZOITO](#)
[CAPÍTULO DEZENOVE](#)
[CAPÍTULO VINTE](#)
[CAPÍTULO VINTE E UM](#)
[CAPÍTULO VINTE DOIS](#)
[CAPÍTULO VINTE TRÊS](#)
[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
[CAPÍTULO VINTE SETE](#)
[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
[CAPÍTULO TRINTA](#)
[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

Gwendolyn lentamente abre os olhos cobertos de areia, gastando as últimas energias que lhe restam. Ela consegue abri-los apenas um pouco e observa um mundo desfocado, completamente ofuscado pela luz do sol. A partir de algum lugar lá em cima, os intensos sóis do deserto lançam seus raios na direção da terra, criando uma paisagem cuja claridade a deixa temporariamente cega. Gwen não sabe se está viva ou morta, mas ela suspeita que seu fim não esteja longe.

Cegada pela luz, Gwen se sente fraca demais para virar a cabeça para a esquerda ou para a direita. *É essa a sensação, ela se pergunta, de estar morta?*

De repente, uma sombra se projeta sobre seu rosto e, ao piscar, Gwen vê um capuz preto sobre ela, ocultando o rosto de uma pequena criatura cujo rosto está escondido na escuridão. Tudo o que Gwen pode ver são seus olhos amarelos e redondos, olhando para ela e examinando-a como se ela fosse algum objeto perdido no chão do deserto. Ela emite um estranho chiado e Gwen percebe que a criatura está falando em uma língua que ela não compreende.

Ela ouve passos, uma pequena nuvem de poeira se ergue e mais duas daquelas criaturas aparecem acima dela com os rostos cobertos pelos capuzes negros e seus olhos brilhantes, mais intensos que o sol. Elas guincham, parecendo estar comunicando-se entre si. Gwen não sabe dizer que tipo de criaturas elas são e se pergunta mais uma vez se ela ainda está viva ou se aquilo tudo não passa de um sonho. Aquela seria outra das alucinações que ela tinha tido durante os últimos dias no calor do deserto?

Gwen sente um puxão em seu ombro e, ao abrir os olhos novamente, ela vê uma das criaturas esticando o seu cajado para cutucá-la, provavelmente para ver se ela ainda está viva. Gwen, irritada, quer esticar o braço e afastar o cajado, mas ela está fraca demais para fazer isso. Ela deixa a irritação tomar conta de seu corpo, sentindo que talvez, apenas talvez, ela ainda esteja viva afinal de contas.

Gwen de repente sente garras finas e compridas envolverem seus pulsos e braços, e sente que está sendo colocada sobre algum tipo de pano, talvez uma lona. Ela percebe estar sendo arrastada pelo chão do deserto, deslizando para trás sob o calor intenso do sol. Ela não tem ideia se está sendo arrastada para a morte, mas está muito fraca para se importar com isso. Ela olha para cima e vê o mundo passando acima dela, os sóis extremamente quentes e brilhantes como sempre. Ela nunca havia se sentido tão fraca ou desidratada em toda a sua vida; cada respiração é como se ela estivesse respirando fogo.

Gwen de repente sente um líquido frio escorrer pelos seus lábios e vê uma das criaturas inclinando-se sobre ela e despejando água a partir de um saco. Gwen usa toda a sua energia apenas para colocar sua língua para fora. A água fria escorre pela sua garganta e Gwen tem a sensação de estar engolindo fogo. Ela não tinha percebido que sua garganta estava tão seca.

Gwendolyn bebe avidamente, aliviada ao perceber que aquelas criaturas parecem ser amigáveis. A criatura, porém, para após alguns segundos, afastando o saco de água de seus lábios.

"Mais," Gwen tenta sussurrar, mas as palavras não saem; sua voz ainda está rouca demais.

Gwen continua a ser arrastada e tenta reunir energia suficiente para se libertar, para esticar o braço, agarrar aquele saco e beber toda a água que está lá dentro, mas ela não tem a energia necessária para sequer levantar um de seus braços.

Gwen é arrastado sem parar, com as pernas e os pés batendo nos montes e rochas embaixo dela, em um trajeto que parece nunca terminar. Depois de algum tempo, ela já não é capaz de dizer quanto tempo tinha passado e tem a sensação de estar sendo carregada há dias. O único som que ela ouve é o vento do deserto assoprando, carregando mais poeira e calor.

Gwen sente mais água fria em seus lábios e bebe com avidez até que a água é afastada de seus lábios outra vez. Ela abre os olhos um pouco mais e, ao ver a criatura afastando o saco, Gwen percebe que ela está alimentando-a lentamente de modo a não lhe dar muito de uma só vez. Quando a água escorre pela

sua garganta, Gwen não a sente tão áspera e ela percebe a hidratação correndo por suas veias. Ela percebe o quão desesperadamente ela havia precisado de líquido.

"Por favor," Gwen pede, "mais."

A criatura, em vez disso, derrama um pouco de água sobre o seu rosto e olhos; a água fria é muito refrescante ao escorrer pela sua pele quente, removendo um pouco da poeira de suas pálpebras, e Gwen é capaz de abri-los um pouco mais - o suficiente para, ao menos, ver o que está acontecendo.

Gwen vê dezenas daquelas criaturas ao redor dela, arrastando-se pelo chão do deserto em seus mantos e capuzes negros e falando entre si com ruídos e rangidos estranhos. Ela os observa apenas o suficiente para vê-los carregando vários outros corpos e é tomada por uma imensa sensação de alívio ao reconhecer os corpos de Kendrick, Sandara, Aberthol, Brandt, Atme, Illepra, o bebê, Steffen, Arliss, vários membros da Prata e Krohn - um grupo com talvez uma dúzia de pessoas no total. Todos eles estão sendo arrastados ao lado dela e Gwen não é capaz de dizer se eles estão vivos ou mortos. Pela maneira como todos estão deitados, com seus corpos flácidos, ela só pode presumir que eles estão mortos.

Seu coração se aperta e Gwen pede a Deus para que não seja esse o caso. No entanto, ela se sente pessimista. Afinal, quem teria sido capaz de sobreviver naquele deserto? Ela ainda não tem certeza de que *ela* havia sobrevivido.

À medida que continua a ser arrastada, Gwen fecha os olhos e, ao abri-los novamente, percebe que havia adormecido. Ela não sabe exatamente quanto tempo havia passado, mas agora o dia está terminando e os dois sóis estão baixos no céu. Ela ainda está sendo arrastada. Ela volta a se perguntar quem são aquelas criaturas; ela presume que eles sejam algum tipo de nômades do deserto, talvez alguma tribo que havia, de alguma forma, conseguido sobreviver ali. Ela se pergunta como eles a tinham encontrado e para onde eles a estariam levando. Por um lado, ela se sente extremamente agradecida a eles por terem salvado a sua vida, mas, por outro, ela se pergunta se eles a estariam levando ao encontro de sua morte. Ela estaria prestes a se tornar uma refeição para a tribo deles?

De qualquer maneira, ela está fraca e cansada demais para fazer qualquer coisa a respeito disso.

Gwen abre os olhos, ela não sabe dizer quanto tempo depois, assustada por um ruído. No começo, parece o barulho de um espinheiro distante girando pelo chão do deserto. Mas, à medida que o som fica mais alto e mais incessante, ela percebe que se trata de outra coisa. Aquela parecer ser uma tempestade de areia; uma tempestade de areia incessante e violenta.

Quando seu grupo se aproxima dela e as pessoas que a carregam se viram, Gwen tem uma visão diferente de qualquer outra que ela já tinha visto. Aquela é uma visão que faz seu estômago se revirar, especialmente quando ela percebe que eles estão se aproximando: a quinze metros de distância deles há uma parede de areia que se ergue na direção do céu, tão alto que ela não consegue enxergar o final. O vento sopra violentamente através dela, como um tornado contido, e a areia se movimenta violentamente pelo ar, tão espessa que ela não é capaz de ver através dela.

Eles continuam se movendo na direção daquele muro de areia, cercados por um barulho tão alto que chega a ser ensurdecedor, e Gwen se pergunta o que está acontecendo. Eles parecem estar se aproximando de uma morte instantânea.

"Volte!" Gwen tenta dizer, mas sua voz está rouca, fraca demais para qualquer pessoa a ouça, especialmente sobre o barulho do vento. Ela duvida que eles a teriam ouvido, mesmo que a tivessem escutado.

Gwen começa a sentir a areia raspando a sua pele quando eles se aproximam do muro de areia e, de repente, duas criaturas se aproximam dela e colocam um pano longo e pesado sobre ela, cobrindo todo o seu corpo e o seu rosto. Ela percebe que eles estão tentando protegê-la.

Instantes depois, Gwen se vê no meio de uma parede de areia que se movimenta violentamente.

Assim que eles entram, o barulho é tão intenso que Gwen tem a sensação de estar surda e começa a se perguntar como ela será capaz de sobreviver a isso. Gwen percebe de imediato que aquela lona sobre ela

tem a intenção de salvá-la; evitando que seu rosto e sua pele sejam despedaçados pela parede de areia. Os nômades marcham com suas cabeças abaixadas contra a parede de areia, como se tivessem feito aquilo muitas vezes antes. Eles continuam puxando Gwen atrás deles e, enquanto a areia assola tudo ao seu redor, Gwen se pergunta se aquilo terá um fim.

Então, finalmente, o silêncio toma conta de tudo. Aquele é um silêncio doce como ela nunca tinha saboreado antes. Dois nômades removem a lona de cima dela e Gwen vê que eles haviam atravessado a parede de areia e finalmente chegado ao outro lado. Mas aquele é o outro lado de quê? Ela pensa.

Finalmente, ela para de ser arrastada e, naquele mesmo instante, todas as suas perguntas são respondidas. Eles colocam Gwen suavemente no chão e ela fica imóvel, olhando para o céu. Ela pisca várias vezes, tentando compreender a visão diante dela.

Lentamente, a vista diante dela entra em foco. Ela vê uma parede impossivelmente alta, feita de rocha, erguendo-se dezenas de metros na direção das nuvens. A parede se estende em todas as direções e desaparece no horizonte. No topo daqueles penhascos, Gwen vê muralhas, fortificações e, em cima delas, milhares de cavaleiros vestindo armaduras que brilham sob o sol.

Ela não consegue entender. Como eles podem estar ali? Ela se pergunta. Cavaleiros, no meio do deserto? Onde eles a tinham levado?

Então, com um sobressalto, ela percebe. Seu coração bate mais rápido do que nunca quando ela de repente se dá conta de que eles haviam conseguido; eles haviam chegado após terem atravessado todo o Grande Deserto.

Ele existe, afinal.

O Segundo Anel.

CAPÍTULO DOIS

Angel sente seu corpo caindo pelo ar ao mergulhar de cabeça na direção das águas turbulentas do mar revolto abaixo dela. Ela ainda consegue ver o corpo de Thorgrin submerso nas águas, inconsciente, flácido, afundando cada vez mais a cada momento que passa. Ela sabe que ele estará morto dentro de instantes e que se ela não tivesse mergulhado de cima do navio naquele minuto, ele certamente não teria nenhuma chance de sobreviver.

Ela está determinada a salvá-lo, mesmo que isso signifique perder sua própria vida, mesmo que ela morra com ele no meio do mar. Ela não consegue realmente compreender, mas havia sentido uma ligação intensa com Thor desde o momento em que eles tinham se conhecido em sua ilha. Ele é a única pessoa que ela havia conhecido que não tinha tido medo de sua condição e que havia lhe dado um abraço apesar de tudo, olhando para ela como uma pessoa normal, sem esquivar-se dela por um segundo. Ela sente que possui uma grande dívida com ele, sente uma intensa lealdade a ele, e sabe que é capaz de sacrificar sua vida pela dele, custe o que custar.

Angel sente sua pele tocar nas águas geladas ao mergulhar no oceano. Ela tem a sensação de que um milhão de adagas estão perfurando a sua pele. O frio é tão intenso que a assusta e ela prende a respiração a mergulhar cada vez mais fundo, abrindo os olhos nas águas turvas e procurando por Thorgrin. Ela mal consegue vê-lo na escuridão, afundando cada vez mais, e começa a bater os pés com mais força, estendendo o braço para agarrá-lo pela manga de sua camisa.

Ele é mais pesado do que ela havia pensado. Angel envolve os braços ao redor de Thor, se vira e começa a bater os pés furiosamente, usando toda a sua força para que eles parem de descer e comecem subir na direção da superfície. Angel não é grande e não é forte, mas ela tinha aprendido rapidamente que suas pernas possuem uma força que a parte superior de seu corpo não tem. Seus braços são enfraquecidos pela lepra, mas suas pernas lhe dão uma vantagem por serem mais fortes do que as pernas de um homem. Ela usa suas pernas, batendo os pés com todas as suas forças para nadar em direção à superfície. Se há uma coisa que ela tinha aprendido ao crescer em uma ilha, é a nadar.

Angel abre caminho pelas águas, subindo cada vez mais alto em direção à superfície e, ao olhar para cima ela vê a luz solar atravessando as ondas acima dela.

Vamos lá! Ela pensa. Só mais alguns metros!

Exausta e incapaz de segurar sua respiração por muito mais tempo, ela faz um esforço para bater as pernas com mais força e, com um último pontapé, chega até a superfície.

Angel irrompe com falta de ar e carrega Thor com ela, envolvendo seus braços em torno do corpo dele, usando as pernas para mantê-los à tona, dando pontapés e chutes para manter a cabeça acima da superfície. Ele ainda parece estar inconsciente e ela agora começa a se perguntar se ele havia se afogado.

"Thorgrin!" Ela grita. "Acorde!"

Angel o agarra por trás, coloca os braços ao redor de seu estômago e o puxa bruscamente em direção a ela, uma e outra vez, como ela tinha visto um de seus amigos leprosos fazer uma vez quando outro amigo havia se afogado. Ela faz a mesma coisa agora, pressionando seu diafragma com os braços trêmulos.

"Por favor, Thorgrin," Ela implora. "Por favor, viva! Viva por mim!"

Angel de repente ouve uma tosse seguida pelo barulho do vômito e fica exultante ao perceber que Thor havia despertado. Ele coloca para gora toda a água do mar que havia se acumulado em seus pulmões, tossindo sem parar. Angel é tomada pela sensação de alívio.

Ainda melhor, Thor parece ter recuperado a consciência. Todo aquele calvário parece finalmente tê-lo desertado de seu sono profundo. Talvez, ela espera, ele esteja forte o suficiente para lutar contra aqueles homens e ajudá-los a escapar para algum lugar.

Angel mal termina seu pensamento quando de repente ela sente uma corda pesada cair sobre a sua cabeça e envolver Thorgrin e ela completamente.

Ela olha para cima e vê os assassinos em pé sobre eles na borda do navio, olhando para baixo, agarrando a outra ponta da corda e puxando-os como se eles fossem peixes. Angel resiste, debatendo-se, e espera que Thor faça o mesmo, mas ao mesmo tempo em que Thor tosse, seu corpo permanece flácido e ela percebe que ele claramente ainda não tem a força necessária para se defender.

Angel sente que eles estão sendo lentamente içados pelo ar, subindo cada vez mais alto enquanto a água escorre pelos seus corpos à medida que os piratas os puxam para mais perto, de volta para o navio.

"NÃO!" Ela grita, se debatendo enquanto tenta se libertar.

Um dos assassinos estende um longo gancho de ferro, prendendo-o na rede, e os puxa na direção do convés.

Eles balançam pelo ar, os cabos são cortados e Angel sente seu corpo caindo rapidamente na direção do convés, despencando uns bons três metros até aterrissar no navio. Angel machuca suas costelas com o impacto e ela se debate sob a rede, tentando se libertar, mas é inútil. Dentro de instantes vários piratas pulam em cima deles, prendendo-os e puxando-os para fora da rede. Angel sente várias mãos ásperas agarrando o seu corpo e percebe que seus pulsos estão sendo amarrados para trás com uma corda grossa enquanto ela é colocada em pé, completamente molhada. Ela não consegue se mexer.

Angel lança um olhar preocupado na direção de Thorgrin e vê que ele também está sendo amarrado, ainda semiconsciente, mais dormindo do que acordado. Eles são rispidamente arrastados pelo convés e Angel tropeça à medida que eles avançam.

"Isso vai ensiná-la a não tentar fugir de nós," retruca um pirata.

Angel olha para cima, vê uma porta de madeira de acesso ao convés inferior sendo aberta e observa a escuridão do porão do navio. No instante seguinte, ela e Thor são jogados no porão pelos piratas.

Angel sente seu corpo caindo ao despencar de cabeça na direção da escuridão. Ela bate a cabeça com força no chão de madeira e sente o peso do corpo de Thor em cima dela ao mesmo tempo em que os dois saem rolando pela escuridão.

A porta de madeira para o deck é fechada, bloqueando toda a luz, e então trancada por uma corrente pesada, e ela fica lá, respirando com dificuldade na escuridão e se perguntando onde os piratas a tinham jogado.

No outro lado, a luz solar de repente ilumina o porão e ela percebe que os piratas haviam aberto uma escotilha coberta por barras de ferro. Vários rostos surgem acima deles, observando-os com escárnio, e alguns deles cospem antes de se afastarem. Quando a escotilha é fechada, Angel ouve uma voz reconfortante na escuridão.

"Está tudo bem. Vocês não estão sozinhos."

Angel se assusta, surpresa e aliviada ao ouvir uma voz, e fica chocada e eufórica ao se virar e ver todos os seus amigos sentados na escuridão, todos com suas mãos amarradas para trás. Lá estão Reece e Selese, Elden e Indra, O'Connor e Matus, todos eles em cativeiro, mas vivos. Ela tinha tido certeza de que eles haviam morrido no mar e é inundada por uma sensação de alívio.

No entanto, ela também tem um péssimo pressentimento: se todos aqueles grandes guerreiros tinham sido aprisionados, ela pensa, que chance eles têm de escapar vivos dali?

CAPÍTULO TRÊS

Erec fica sentado no deck de madeira de seu próprio navio, de costas para um poste e com as mãos amarradas atrás dele, e observa com consternação a visão diante dele. Os navios restantes de sua frota estão espalhados diante dele nas águas calmas do oceano, aprisionados no meio da noite e cercados pela frota de mil navios do Império. Todos estão ancorados no lugar, iluminados pelas duas luas cheias, seus navios arvorando as bandeiras de sua terra natal e os outros navios arvorando as bandeiras pretas e douradas do Império. Aquela é uma visão desalentadora. Ele tinha se rendido para poupar seus homens de uma morte certa e agora eles estão à mercê do Império, sendo tratados como prisioneiros comuns e sem nenhuma perspectiva de fuga.

Erec pode ver os soldados do Império ocupando cada um de seus outros navios da mesma forma que haviam ocupado a sua embarcação, uma dúzia de soldados do Império montando guarda em cada navio ao mesmo tempo em que calmamente observam o oceano. Erec pode ver uma centena de homens no convés de cada um de seus navios, todos alinhados e com seus pulsos amarrados para trás. Em todos os navios os guardas do Império estão em menor número, mas é evidente que eles não estão muito preocupados com isso. Com todos os homens amarrados, os guardas do Império realmente não precisam de *nenhum* homem para vigiá-los, muito menos de uma dúzia deles. Os homens de Erec tinham se rendido e, com sua frota cercada, claramente não há lugar para onde eles irem.

Ao observar a cena diante dele, Erec é atormentado pela culpa. Ele nunca tinha se rendido antes e, tendo sido obrigado a fazê-lo, é invadido por uma dor sem fim. Ele precisa se lembrar de que ele agora é um comandante, não um mero soldado, e tem responsabilidade sobre todos os seus homens. Em desvantagem numérica como eles haviam estado Erec não poderia ter permitido que todos fossem mortos. Eles claramente haviam caído em uma armadilha, graças a Krov, e lutar naquele momento teria sido inútil. Seu pai havia lhe ensinado que a primeira regra de um comandante é saber quando lutar e quando baixar suas armas e escolher lutar outro dia, de outra maneira. A bravata e o orgulho, ele havia dito, é o que leva à morte a maioria dos homens. Aquele tinha sido um bom conselho, mas um conselho difícil de seguir.

"Eu mesmo teria lutado," diz uma voz ao lado dele, soando como a voz de sua consciência.

Erec olha para o lado e vê seu irmão, Strom, amarrado a um poste ao lado dele, parecendo tão sereno e confiante como sempre, apesar das circunstâncias.

Erec franze a testa.

"Você teria lutado e todos os nossos homens teriam sido mortos," responde Erec.

Strom dá de ombros.

"Vamos morrer de qualquer maneira, meu irmão," ele responde. "O Império não tem nada, exceto crueldade. Pelo menos, da minha maneira, teríamos morrido com glória. Agora vamos ser mortos por esses homens, mas não estaremos em pé e sim no chão, com suas espadas em nossas gargantas."

"Ou pior," diz um dos comandantes de Erec, amarrado a um poste ao lado de Strom, "seremos levados como escravos e nunca viveremos como homens livres novamente. É por isso que nós o seguimos?"

"Você não sabe de nada," retruca Erec. "Ninguém sabe o que o Império vai fazer. Pelo menos estamos vivos. Pelo menos temos uma chance. A outra opção certamente teria resultado em nossa morte."

Strom olha para Erec com decepção.

"Não é a decisão que nosso pai teria tomado."

Erec enrubesce.

"Você não sabe o que o nosso pai teria feito."

"Não?" Strom rebate. "Eu vivi com ele, cresci com ele nas Ilhas durante toda a minha vida, enquanto você passeava pelo Anel. Você mal o conheceu e eu estou lhe dizendo que nosso pai teria lutado."

Erec balança a cabeça.

"Estas são palavras fáceis para um soldado," ele responde. "Se você fosse um comandante, suas palavras seriam completamente diferentes. Eu conheço nosso pai o suficiente para saber que ele teria protegido os seus homens a qualquer custo. Ele não era um homem imprudente ou impetuoso. Ele tinha orgulho, mas não era orgulhoso. Nosso pai, *o soldado de infantaria*, em sua juventude, assim como você, talvez tivesse lutado; mas o nosso pai, *o rei*, teria sido prudente e teria escolhido viver para lutar outro dia. Existem coisas que você só será capaz de entender, Strom, quando você crescer e se tornar um homem."

Strom enrubesce.

"Eu sou mais homem do que você."

Erec suspira.

"Você realmente não entende o que significa uma batalha," ele fala. "Não até que você tenha perdido uma. Não até que você veja os seus homens morrendo diante de seus olhos. Você nunca perdeu. Você viveu protegido nas Ilhas durante toda a sua vida e isso o tornou arrogante. Eu o amo como um irmão, mas não como um comandante."

Um silêncio tenso recai sobre eles, uma espécie de trégua, e Erec olha para a noite, apreciando as estrelas infinitas e fazendo um balanço de sua situação. Ele realmente ama seu irmão, mas eles sempre haviam discutido sobre tudo; eles simplesmente não enxergam as coisas da mesma maneira. Erec dá a si mesmo um tempo para se acalmar, respira fundo e finalmente volta a olhar para Strom.

"Eu não pretendo me render," ele acrescenta com mais calma. "Não seremos prisioneiros e não nos tornaremos escravos. Você deve ter uma visão mais ampla: a rendição às vezes é apenas o primeiro passo na batalha. Você nem sempre deve enfrentar um inimigo com sua espada em punho: às vezes, a melhor maneira de combatê-los é de braços abertos. Você sempre pode empunhar sua espada mais tarde."

Strom olha para ele, parecendo intrigado.

"E então, o que você pretende fazer para nos tirar dessa enrascada?" Ele pergunta. "Entregamos as nossas armas. Estamos todos presos, amarrados e incapazes de nos mover. Estamos cercados por uma frota de mil navios. Nós não temos qualquer chance."

Erec balança a cabeça.

"Você não está analisando toda a situação," ele explica. "Nenhum de nossos homens foi morto. Ainda temos os nossos navios. Podemos estar presos, mas vejo poucos guardas do Império em cada um dos nossos navios, o que significa que nós estamos em número muito maior. Tudo o que precisamos é de uma faísca para acender a chama. Nós podemos pegá-los de surpresa e podemos escapar."

Strom balança a cabeça.

"Nós não podemos vencê-los," ele diz. "Estamos amarrados e impotentes, por isso esses números não significam nada. E mesmo se fizéssemos alguma coisa, continuaríamos cercados e seríamos esmagados pela frota que nos rodeia."

Erec se vira, ignorando o seu irmão, desinteressado em seu pessimismo. Ao invés disso, ele olha para Alistair, que está sentada a vários metros de distância, amarrada em um poste do outro lado do navio. Seu coração se parte quando ele a examina; ela está sentada, amarrada, graças a ele. Erec não se importa em ser um prisioneiro, esse é o preço que se paga por uma guerra, mas vê-la naquela situação parte o seu coração. Ele é capaz de fazer qualquer coisa para não vê-la assim.

Erec sente que tem uma dívida com ela. Afinal, ela tinha salvado sua vida mais uma vez, na Espinha do Dragão, contra aquele monstro do mar. Ele sabe que ela ainda está esgotada pelo esforço, sabe que ela é incapaz de reunir toda a sua energia. No entanto, Erec sabe que ela é sua única esperança.

"Alistair," ele chama mais uma vez, como tinha feito durante toda a noite de poucos em poucos minutos. Ele se inclina e, com o pé, cutuca a perna dela suavemente. Ele seria capaz de fazer qualquer coisa para desfazer suas amarras para poder ir até ela, abraçá-la e libertá-la. Estar ao lado dela, incapaz de fazer qualquer coisa para ajudá-la, o faz sentir-se impotente.

"Alistair," ele grita. "Por favor. É Erec. Acorde. Eu lhe imploro. Eu preciso você - nós precisamos de você."

Erec espera, como tinha feito durante toda a noite, perdendo a esperança. Ele não sabe se ela será capaz de voltar para ele depois de seu último esforço.

"Alistair," ele implora sem parar. "Por favor, acorde. Faça isso por mim."

Erec espera, observando-a, mas ela não se move. Ela está deitada tão imóvel, inconsciente, linda como sempre à luz do luar. Erec deseja ardentemente que ela volte para a vida.

Erec desvia o rosto, abaixa a cabeça e fecha os olhos. Talvez tudo esteja mesmo perdido, afinal. Não há simplesmente mais nada que ele possa fazer naquele momento.

"Eu estou aqui," diz uma voz suave, atravessando o silêncio da noite.

Erec olha para cima com esperança, vê Alistair olhando para ele e seu coração bate mais rápido, sobrecarregado com amor e alegria. Ela parece exausta e seus olhos estão quase fechados quando ela olha para ele.

"Alistair, meu amor," ele diz com urgência. "Eu preciso de você, apenas esta uma última vez. Eu não posso fazer isso sem a sua ajuda."

Ela fecha os olhos por um longo tempo e depois volta a abri-los, apenas um pouco.

"O que você precisa?" Ela pergunta.

"Nossas amarras," ele explica. "Nós precisamos que você nos liberte. Todos nós."

Alistair volta a fechar os olhos e um longo tempo se passa durante o qual Erec não ouve nada, exceto o vento acariciando o navio e o suave marulhar das ondas contra o casco. Um pesado silêncio preenche o ar e, à medida que o tempo passa, Erec tem certeza de que ela não voltará a abri-los novamente.

Por fim, lentamente, Erec observa Alistair abrindo os olhos mais uma vez.

Com o que parece ser um esforço monumental, Alistair abre os olhos, ergue o queixo e olha para todos os navios, fazendo um balanço de tudo. Ele pode ver seus olhos mudando de cor, emitindo uma luz azul e iluminando a noite como duas tochas.

De repente, as cordas ao redor dos pulsos de Alistair se partem. Erec ouve as cordas arrebatando no meio da noite e, em seguida, vê Alistair levantar as palmas das duas mãos diante dela. Uma luz intensa irradia delas.

Instantes depois, Erec sente um calor atrás das costas, ao longo de seus pulsos. Eles parecem incrivelmente quentes e, então, de repente, suas amarras começam a se afrouxar. Aos poucos, Erec sente cada uma de suas cordas se afrouxando, até que finalmente ele é capaz de soltar-se sozinho.

Erec ergue os punhos e os examina em descrença. Ele está livre. Ele está verdadeiramente livre.

Erec ouve o estalar das cordas e vê Strom se libertar de suas amarras. O barulho continua por todos os navios de sua frota e Erec vê as amarras de todos os seus homens se afrouxando e cada um deles sendo libertado, um de cada vez.

Todos olham para Erec e ele coloca um dedo sobre os lábios, fazendo sinal para que eles fiquem quietos. Erec vê que os guardas não tinham notado e que permanecem de costas para eles, em pé diante da grade do navio, brincando entre si e observando a escuridão da noite. Obviamente, nenhum deles está de guarda.

Erec faz um sinal para que Strom e os outros o sigam em silêncio e, com Erec liderando o caminho, todos rastejam na direção dos guardas.

"Agora!" Erec ordena.

Ele de repente entra em ação com um salto e todos o seguem, correndo juntos até alcançarem os guardas. Quando eles se aproximam, alguns dos guardas, alertados pelo ranger da madeira do convés, se viram e começam a sacar suas espadas, mas Erec e os outros, guerreiros experientes e desesperados para aproveitar sua única chance de sobrevivência, são mais rápidos e reagem rapidamente. Strom se joga sobre um deles e agarra seu pulso antes que ele possa dar um golpe; Erec enfia a mão no cinto do homem, rouba sua adaga e corta sua garganta enquanto Strom pega a espada das mãos dele. Apesar de todas as suas diferenças, os dois irmãos trabalharam perfeitamente em equipe, como sempre haviam feito, lutando como um só.

Todos os homens de Erec pegam as armas dos guardas, matando-os com suas próprias espadas e adagas. Outros homens simplesmente se aproximam dos guardas que demoram a reagir, empurrando-os, gritando, sobre a amurada e derrubando-os no mar.

Erec olha para seus outros navios e vê que todos os seus homens também estão matando os guardas do Império.

"Cortem as âncoras!" Erec ordena.

Ao longo de sua frota, os homens de Erec cortam as cordas que os mantêm no lugar e logo Erec sente a sensação familiar de seu navio movendo-se sob seus pés. Finalmente, eles estão livres.

Trombetas soam, gritos ecoam e tochas são acesas por todos os navios quando a frota do Império finalmente percebe o que está acontecendo. Erec se vira e olha para os navios que bloqueiam o seu caminho para o mar aberto, sabendo que ele o confronto mais importante de sua vida o espera.

Mas ele não se importa mais. Seus homens estão vivos. Eles estão livres. Agora eles têm uma chance e, desta vez, eles morrerão lutando.

CAPÍTULO QUATRO

Darius sente seu rosto sujo de sangue e, ao olhar para trás, vê uma dúzia de seus homens sendo abatida por um soldado do Império que se aproxima montado em um imenso cavalo negro. O soldado golpeia uma espada maior do que qualquer outra que Darius já tinha visto e, com um único golpe, corta as cabeça de uma dúzia dos homens de Darius.

Darius ouve gritos eclodirem ao seu redor e vê seus homens sendo mortos por todas as direções. É uma cena surreal; os soldados golpeiam suas grandes espadas e os homens de Darius são abatidos, primeiro em grupos de dez e então, aos milhares.

Darius de repente se encontra em cima de um pedestal e, até onde seus olhos são capazes de enxergar, vê milhares de cadáveres. Todo o seu povo foi morto e seus corpos estão empilhados dentro das paredes de Volúsia. Não resta um único soldado com vida, todos foram dizimados.

Darius grita de agonia, sentindo-se desamparado, quando soldados do Império o agarram por e o arrastam, gritando, na direção da escuridão.

Darius acorda sobressaltado, debatendo-se com falta de ar. Ele olha ao seu redor, tentando entender o que havia acontecido, o que é real e o que é sonho. Ele ouve um barulho de correntes e, quando seus olhos se acostumam com a escuridão, ele começa a perceber a origem do barulho. Ele olha para baixo e vê seus tornozelos algemados com correntes pesadas. Ele sente dores intensas e pontadas agudas em seus ferimentos recentes e percebe que seu corpo está coberto de feridas, com sangue ressecado por toda a extensão de seu corpo. Qualquer movimento lhe causa dor e ele tem a sensação de ter sido como se tivesse sido atacado por um milhão de homens. Um de seus olhos está quase completamente fechado pelo inchaço.

Lentamente, Darius se vira e examina os seus arredores. Por um lado, ele se sente aliviado que tudo aquilo tinha sido apenas um sonho, mas lentamente as lembranças do que havia ocorrido invadem a sua mente e o pesar tomar conta de Darius. Aquele tinha sido um sonho, mas também tinha havido muita verdade em seu pesadelo. Ele começa a ter flashbacks de sua batalha contra o Império dentro dos portões de Volúsia. Ele se lembra da emboscada, dos portões sendo fechados, das tropas que os haviam cercado e da morte de todos os seus homens após terem sido traídos.

Ele se esforça para que todas as lembranças aflorem e a última coisa da qual ele consegue se lembrar é de ter levado um golpe forte de machado na cabeça após ter matado vários soldados do Império.

Darius estende o braço, chacoalhando as correntes, e sente a enorme ferida na lateral de sua cabeça, estendendo-se até o seu olho inchado. Aquilo não tinha sido apenas um sonho. Aquilo tudo tinha realmente acontecido.

Quando todas as lembranças voltam, Darius é inundado pela angústia e pelo pesar. Seus homens, todas as pessoas que ele tinha amado, estão mortos. Tudo por causa dele.

Ele olha ao seu redor freneticamente à procura de qualquer sinal de um de seus homens, qualquer sinal de sobreviventes; talvez muitos tenham vivido e sido transformados, assim como ele, em prisioneiros.

"Saia da frente!" Diz um comando severo no meio da escuridão.

Darius sente mãos ásperas erguendo-o pelos braços e colocando-o em pé. Em seguida, ele sente uma bota chutando suas costas com força.

Ele geme de dor ao tropeçar, balançando suas correntes, e é arremessado para cima das costas de um menino diante dele. O garoto estica o braço e dá uma cotovelada no rosto de Darius, que é arremessado do volta para trás.

"Não toque em mim outra vez," dispara o garoto.

Um menino com uma expressão de desespero no rosto encara Darius, que finalmente percebe estar acorrentado a uma longa fileira de meninos, estendendo-se para ambos os lados, cujas pesadas correntes de ferro prendem seus pulsos e tornozelos. Eles estão sendo levados por um túnel escuro de pedras e os capatazes do Império chutam e dão cotoveladas no grupo à medida que eles avançam.

Darius avalia os rostos ao seu redor sempre que possível, mas não reconhece ninguém.

"Darius!" Sussurra uma voz urgente. "Não baixe suas guardas novamente! Eles pretendem matá-lo!"

O coração de Darius bate acelerado ao som daquela voz familiar e, ao se virar, ele vê seus velhos amigos Desmond, Raj, Kaz e Luzi acorrentados alguns homens atrás dele na fila, aparentemente tendo sido espancados como ele. Seus amigos olham para ele com alívio, claramente felizes em ver que ele ainda está vivo.

"Abra essa boca mais uma vez," um capataz grita para Raj, "e eu cortarei sua língua."

Darius, apesar de sentir-se aliviado em rever seus amigos, se pergunta sobre os inúmeros outros que haviam lutado e servido ao seu lado, liderados por ele para as ruas de Volúsia.

O capataz continua avançando pela fileira e quando ele fica fora de alcance, Darius olha para trás e sussurra de volta.

"O que houve com os outros? Será que mais alguém sobreviveu?"

Ele secretamente torce para que centenas de seus homens tenham escapado e estejam esperando por ele em algum lugar esperando, talvez como prisioneiros.

"Não," é a resposta decisiva que ele recebe. "Nós somos os únicos. Todos os outros estão mortos."

Darius tem a sensação de ter levado um soco no estômago. Ele sente que havia decepcionado a todos e, apesar de si mesmo, uma lágrima escorre pelo seu rosto.

Ele tem vontade de chorar e uma parte dele deseja morrer. Ele mal consegue acreditar; todos aqueles guerreiros de todas aquelas aldeias de escravos... Aquele tinha sido o começo do que seria a maior revolução de todos os tempos, uma revolução que poderia mudar a face do Império para sempre, mas tudo havia terminado abruptamente com o massacre de seu exército.

Agora, qualquer chance de liberdade tinha sido destruída.

À medida que Darius avança, em agonia por causa de suas feridas, hematomas e dos grilhões de ferro que perfuram a sua pele, ele olha ao seu redor e começa a se perguntar onde ele está. Ele se pergunta quem são aqueles outros prisioneiros e para onde todos eles estão sendo conduzidos. Ao observá-los com mais atenção, Darius percebe que todos eles têm a sua idade e que todos parecem estar, extraordinariamente, em boa forma física, como se todos fossem lutadores.

Eles fazem uma curva no túnel escuro de pedra e a luz do sol de repente os ilumina, atravessando as barras da cela de ferro diante deles, no final do túnel. Darius é empurrado com rispidez, golpeado nas costelas com uma clava, e continua avançando com os outros até que as barras se abrem e ele recebe um último pontapé, saindo para a luz do dia.

Darius tropeça e todos eles caem juntos no chão de terra. Darius cospe a sujeira para fora de sua boca e ergue os braços para se proteger da intensa claridade. Outros garotos caem por cima dele, todos eles presos pelas correntes.

"Fiquem em pé!" Grita um capataz.

Eles caminham de menino a menino, golpeando-os com suas clavas até que Darius e os outros garotos finalmente ficam em pé. Darius cambaleia quando os outros meninos, acorrentados a ele, tentam equilibrar-se.

Eles se levantam e encaram o centro de um pátio circular de terra com talvez quinze metros de diâmetro, emoldurado por altos muros de pedra. De frente para eles, em pé no centro do pátio e com uma expressão séria no rosto, há um capataz Império, claramente o comandante. Ele é mais alto do que os outros e está sem camisa, exibindo os chifres e pele amarelos e os brilhantes olhos vermelhos típicos da raça do Império, com seus músculos protuberantes. Ele veste botas e uma armadura preta que cobre suas

pernas, além de uma tira de couro cravejada de metais em seus pulsos. O homem exibe as insígnias de um oficial do Império e caminha ao longo da fileira de garotos, examinando-os com uma clara expressão de desagrado.

"Eu sou Morg," ele diz com sua voz ameaçadora, demonstrando toda a sua autoridade. "Mas, vocês devem me chamar de senhor. Eu sou o seu mais novo guardião. Eu sou tudo o que vocês têm agora."

Ele inspira enquanto caminha e sua respiração parece mais um grunhido.

"Bem-vindo ao seu novo lar," continua ele. "Isso é, seu lar temporário. Antes que a lua surja, vocês estarão todos mortos. Eu terei grande prazer em ver todos vocês morrerem, na verdade."

Ele sorri.

"Mas enquanto vocês estiverem aqui," ele completa, "vocês irão viver. Vocês devem viver para me agradar. Vocês vão viver para agradar os outros. Vocês viverão para agradar o Império. Vocês são nossos objetos de entretenimento agora, nossos objetos de exibição. Nosso entretenimento significa a morte de todos vocês. E vocês devem executá-la bem."

Ele abre um sorriso cruel enquanto continua caminhando para examiná-los. Há um grande rito em algum lugar na distância e toda a terra treme sob os pés de Darius. Aquele parece o grito de cem mil cidadãos sedentos por sangue.

"Vocês estão ouvindo esse grito?" Ele pergunta. "Esse é o grito da morte e da ânsia em vê-los mortos. Lá fora, atrás daquelas paredes, encontra-se a grande arena. Nessa arena, vocês irão lutar contra outros, vocês vão lutar entre si, até que nenhum de vocês permaneça vivo."

Ele suspira.

"Haverá três rodadas de batalha," Ele acrescenta. "No final da última rodada, se algum de vocês ainda estiver vivo, terá a liberdade e uma chance de lutar na maior arena do todas. Mas não se encham de esperanças: ninguém jamais sobreviveu tanto tempo."

"Vocês não vão morrer rapidamente," ele acrescenta. "Estou aqui para me certificar disso. Eu quero que vocês morram lentamente. Eu quero que vocês sejam grandes objetos de entretenimento. Vocês vão aprender a lutar, e farão isso muito bem, para prolongar nosso prazer. Porque vocês não são mais homens e vocês não são escravos. Vocês são ainda piores do que os escravos: agora, todos vocês são gladiadores. Bem-vindos ao seu novo e último papel. Ele não vai durar muito tempo."

CAPÍTULO CINCO

Volúsia marcha através do deserto seguida por suas centenas de milhares de homens à medida que o som de suas botas preenche o ar. Aquele é um som doce para seus ouvidos, o som de progresso, de vitória. Ela observa a paisagem ao seu redor e fica satisfeita ao ver os cadáveres que preenchem o horizonte por todo o chão duro e seco do deserto nos arredores da capital do Império. Há milhares de corpos esparramados, todos completamente imóveis, deitados de costas e olhando para o céu em agonia, como se tivessem sido esmagador por uma onda gigante.

Volúsia sabe que aquilo não é o resultado de um maremoto, e sim de seus feiticeiros, os Vöks. Eles haviam lançado um feitiço muito poderoso que havia matado todos aqueles que haviam ousado acreditar ser capazes de capturar Volúsia para matá-la.

Volúsia sorri à medida que avança, apreciando sua obra e saboreando aquele dia de vitória, em que mais uma vez ela havia sido mais esperta que aqueles que pretendiam matá-la. Todos eles tinham sido líderes do Império, grandes homens, homens que nunca haviam sido derrotados antes e a única coisa que ainda restava entre ela e a Capital. Agora, ali estão eles, todos aqueles líderes do Império, todos os homens que se haviam se atrevido a desafiar Volúsia, todos os homens que tinham pensado ser mais espertos do que ela - todos eles mortos.

Volúsia caminha entre eles, às vezes evitando os corpos, às vezes passando por cima deles e às vezes, quando ela sente vontade, pisando diretamente sobre eles. Ela toma grande satisfação em sentir a carne de seus inimigos sob suas botas. Aquilo lhe dá a sensação de ser uma criança novamente.

Volúsia olha para a frente e vê a Capital diante dela com sua enorme cúpula dourada brilhando inequivocamente à distância, vê os muros maciços que cercam a cidade, com trinta metros de altura, nota a entrada, emoldurada por portas arqueadas douradas e sente a emoção ao perceber que seu destino está se desdobrando diante dela. Agora, não existe nada entre ela e a sede definitiva de seu governo. Não há mais políticos, líderes ou comandantes que podem ficar em seu caminho com qualquer pretensão de governar o Império. Após aquela longa caminhada em que ela havia conquistado uma cidade após a outra durante várias luas, dando-lhe a oportunidade de aumentar o seu exército com os soldados de uma cidade de cada vez, finalmente, tudo está prestes a terminar. Além daquelas paredes, um pouco além daquelas portas douradas brilhantes, está a sua conquista final. Em breve, ela estará lá dentro, assumirá seu lugar de poder e, quando ela fizer isso, nada e nem ninguém poderá detê-la. Ela assumirá o comando de todos os exércitos do Império, de todas as suas províncias e regiões, os quatro chifres e as duas pontas, e, finalmente, todas as criaturas do Império terão que declará-la, uma humana, a comandante suprema do Império.

Ainda mais importante, eles terão que chamá-la de *Deusa*.

A ideia a faz sorrir. Ela pretende erguer estátuas de si mesma em cada cidade, diante de cada fortaleza; ela criará feriados em sua homenagem e fará as pessoas honrarem o seu nome até que o Império não se lembre de nenhum outro nome, exceto o dela.

Volúsia caminha diante de seu exército sob os sóis da manhã, examinando as portas douradas da Capital e percebendo que aquele será um dos momentos mais importantes de sua vida. Liderando o caminho diante de seus homens, ela se sente invencível, especialmente agora que todos os traidores em suas fileiras tinham sido mortos. Que tolos eles haviam sido, ela pensa, ao supor que ela seria ingênua e presumir que ela cairia em sua armadilha apenas por ser jovem. Aquilo havia resultado apenas em uma morte prematura, uma morte precoce por subestimar sua sabedoria - uma sabedoria ainda maior do que a deles.

Ao mesmo tempo, enquanto Volúsia analisa os corpos dos homens do Império esparramados pelo deserto, um sentimento crescente de preocupação começa a incomodá-la. Ela percebe que não há tantos

corpos quanto ela havia pensado. Há talvez alguns milhares de corpos, não as centenas de milhares que ela havia esperado; aquela não é o corpo principal do exército do Império. Por acaso aqueles líderes não haviam levado todos os seus homens com eles? E se é esse o caso, onde eles podem estar?

Ela começa a se perguntar sem com seus líderes mortos, a Capital do Império ainda oferecerá resistência.

Quando Volússia se aproxima dos portões da Capital, ela faz um sinal para que Vókin prossiga avançar e para que seu exército pare de avançar.

Juntos, todos eles param atrás dela e, finalmente, o silêncio toma conta do deserto e não há qualquer ruído exceto o som do vento, da poeira subindo no ar e de um espinheiro rolando em torno deles. Volússia avalia as enormes portas fechadas, o ouro esculpido em padrões ornamentados, sinais e símbolos que contam as histórias das antigas batalhas das terras do Império. Aquelas portas são famosas por todo o Império e há boatos de que cem anos tinham sido necessários para esculpi-la, com seus três metros de espessura. Ela é um sinal de força, representando todo o território do Império.

Volússia, a quase quinze metros de distância, nunca tinha estado tão perto da entrada da Capital antes e teme aquelas portas - e o que elas representam. Aquele não é apenas um símbolo de força e estabilidade, mas também uma obra-prima, uma obra de arte antiga. Ela anseia em se aproximar e tocar aquelas portas douradas, passando suas mãos ao longo das imagens esculpidas, mas ela sabe que aquele não é o momento. Enquanto ela continua observando a entrada da Capital, uma crescente sensação de mau agouro começa a surgir dentro dela. Algo está errado. Seu exército está fora de formação e tudo está muito quieto.

Volússia olha para cima e, em cima dos muros, montando guarda sobre os parapeitos, vê milhares de soldados do Império surgindo lentamente, em formação e olhando para baixo com arcos e lanças em riste.

Um general do Império está no meio deles, olhando para Volússia e seu exército.

"Você é tola por chegar tão perto," ele dispara com sua voz ressoante. "Vocês estão ao alcance de nossos arcos e lanças. Com um único gesto, eu posso matá-la em um instante."

"Mas eu vou lhe conceder a misericórdia," ele acrescenta. "Diga aos seus soldados para abaixarem suas armas e eu permitirei que você continue viva."

Volússia olha para o general cujo rosto está obscurecido pelo sol, um comandante solitário que havia sido deixado para trás para defender a Capital, e olha para os seus homens, todos com os olhos fixos nela e com arcos em suas mãos. Ela sabe que o general não está blefando.

"Eu vou lhe dar uma oportunidade para abaixar as *suas* armas," ela grita de volta, "antes que eu mate todos os seus homens e queime a Capital até que só restem escombros."

Ele ri e ela percebe quando ele e todos os seus homens abaixam os visores de seus capacetes, preparando-se para a batalha.

Rápido como um raio, Volússia de repente ouve o som de um milhar de setas sendo lançadas e de mil lanças sendo arremessadas, e quando ela olha para cima, Volússia vê o céu escurecido pelas armas atiradas em sua direção.

Volússia fica ali, paralisada no mesmo lugar e sem demonstrar medo, sem ao menos pestanejar. Ela sabe que nenhuma daquelas armas pode alvejá-la. Afinal, ela é uma deusa.

Ao lado dela, o Vók ergue uma única mão, comprida e verde, e, ao fazer isso, uma esfera verde irradia dele e flutua no ar diante de Volússia, criando um escudo de luz verde a alguns metros acima da cabeça dela. Um momento depois, as flechas e lanças ricocheteiam sem causar danos e caem no chão ao lado dela, formando uma enorme pilha.

Volússia observa com satisfação para a crescente pilha de lanças e flechas e olha para cima para ver os rostos atordoados de todos os soldados do Império.

"Eu lhes darei mais uma chance para que se rendam!" Ela grita de volta.

O comandante do Império fica parado, claramente frustrado e ponderando suas opções, mas ele não recua. Em vez disso, ele faz um gesto para seus homens e ela pode vê-los se preparando para o próximo ataque.

Volúcia acena para Vokin e ele faz um gesto para os seus homens. Dezenas de Voks se adiantam e, alinhados, levantam as mãos acima de suas cabeças com as palmas de suas mãos voltadas na direção de seus oponentes. Um momento depois, dezenas de esferas verdes preenchem o céu, subindo na direção das paredes da Capital.

Volúcia assiste com grande expectativa, esperando que as paredes sejam destruídas, à espera de ver todos os homens do Império caindo aos seus pés para que a Capital finalmente seja dela. Ela está ansiosa para sentar-se no trono, mas observa com surpresa e consternação quando as esferas de luz verde ricocheteiam nas paredes de capital sem causar danos e, em seguida, desaparecem em flashes brilhantes de luz. Ela não consegue entender: elas são ineficazes.

Volúcia olha para Vokin, que também se mostra perplexo.

O comandante do Império, em cima dos muros da Capital, começa a rir.

"Você não é a única pessoa com acesso a feitiçaria," ele diz. "Os muros da Capital não podem ser derrubados por qualquer tipo de magia, eles têm resistido ao teste do tempo por milhares de anos, repelindo bárbaros e exércitos maiores do que o seu. Não há magia capaz de derrubá-los, somente mãos humanas."

Ele abre um largo sorriso.

"Então você vê," ele acrescenta, "você está cometendo o mesmo erro que tantos outros pretensos conquistadores antes de você. Você pretendia usar feitiçaria na abordagem desta capital e agora você vai pagar o preço por isso."

Trombetas soam ao longo dos parapeitos e Volúcia fica chocada ao ver um exército de soldados surgindo no horizonte. Eles preenchem o horizonte com a cor preta, centenas de milhares deles, um vasto exército, maior até do que as forças que Volúcia tem atrás de si. Eles claramente haviam esperado além do muro no lado mais distante da Capital, no meio do deserto, pela ordem do comandante do Império. Ela não tinha acabado de entrar em outra batalha - aquela será uma verdadeira guerra.

Outra trombeta soa e, de repente, as enormes portas douradas diante dela começam a se abrir. Elas abrem cada vez mais e, então, um grande grito de guerra corta o ar quando milhares de outros soldados do Império surgem, partindo para cima de Volúcia e seu exército.

Ao mesmo tempo, as centenas de milhares de soldados no horizonte também começam a avançar, dividindo suas forças em torno da capital do Império e atacando-os de ambos os lados.

Volúcia mantém-se firme, levanta um único braço e, em seguida, volta a abaixá-lo.

Atrás dela, seu exército emite um grande grito de guerra e começa a correr ao encontro dos homens do Império.

Volúcia sabe que aquela será a batalha que decidirá o destino da Capital e até mesmo o destino do próprio Império. Seus feiticeiros a tinham decepcionado, mas seus soldados não o farão. Afinal, ela pode ser mais brutal do que qualquer outro homem e não precisa de feitiçaria para atingir seus objetivos.

Ela vê os homens aproximando-se dela e mantém sua posição, pronta para matar ou morrer.

CAPÍTULO SEIS

Gwendolyn abre os olhos ao bater a cabeça e observa os seus arredores, sentindo-se desorientada. Ela percebe que está deitada de lado em uma plataforma de madeira dura e que o mundo está se movendo ao seu redor. Gwen ouve um lamento e sente algo molhado em sua bochecha. Ao olhar para o lado, ela vê Krohn deitado ao seu lado, lambendo-a, e seu coração se enche de alegria. Krohn parece doente, faminto e exausto, mas ao menos ele está vivo. Isso é tudo o que importa. Ele também havia sobrevivido.

Gwen lambe os lábios e percebe que eles não estão tão secos quanto antes; ela fica aliviada por ser capaz de lambê-los, pois sua língua tinha estado muito inchada até mesmo que ela a movesse. Ela sente uma corrente de água fria entrar em sua boca e ela observa pelo canto do olho um daqueles nômades do deserto parado sobre ela, segurando um saco e acima dela. Ela engole a água avidamente, dando vários goles, até que ele começa a se afastar.

Quando ele afasta a mão, Gwen estende o braço, agarra o seu pulso e o dirige para Krohn. No início, o nômade parece perplexo, mas então ele percebe e, estendendo o braço, derrama um pouco de água na boca de Krohn. Gwen se sente aliviada enquanto observa Krohn absorver a água, bebendo enquanto continua deitado, ofegante, ao lado dela.

Gwen sente outra sacudida, bate a cabeça na plataforma outra vez e, ao olhar para cima, não vê nada além de nuvens passando pelo céu à sua frente. Ela sente seu corpo sendo erguido cada vez mais alto a cada solavanco e não consegue entender o que está acontecendo ou onde ela se encontra. Ela não tem a forças para se sentar, mas é capaz de erguer seu pescoço o suficiente para ver que está deitada sobre uma plataforma de madeira larga que é içada por cordas em cada uma de suas extremidades. Alguém diante dela está puxando as cordas e, a cada puxão, a plataforma sobe um pouco mais. Ela está sendo levada pela lateral de penhascos íngremes que parecem não ter fim, os mesmos penhascos que ela se lembra de ter visto antes de desmaiar, falésias coroadas por parapeitos e cavaleiros reluzentes.

Gwen se esforça para esticar o pescoço e, ao olhar para baixo, ela imediatamente se sente tonta. Eles estão a dezenas de metros acima do chão do deserto e continuam subindo.

Gwendolyn volta a olhar para cima e vê os parapeitos a trinta metros de distância, sua visão obscurecida pelo sol, e os cavaleiros olhando para baixo, chegando mais perto a cada puxão das cordas. Gwen imediatamente se vira e, ao examinar a plataforma, é inundada de alívio ao ver que todo o seu povo ainda está com ela: Kendrick, Sandara, Steffen, Arliss, Aberthol, Illepra, a bebê Krea, Stara, Brant, Atme, e vários cavaleiros da Prata. Todos eles estão na plataforma, sendo atendido por nômades que derramam água em suas bocas e rostos. Gwen sente uma onda de gratidão para com aquelas estranhas criaturas que haviam salvado as suas vidas.

Gwen fecha os olhos novamente, deita a cabeça sobre a madeira dura com Krohn aninhado ao seu lado e tem a sensação de que sua cabeça pesa centenas de quilos. Ao seu redor, um silêncio confortável preenche o ar, sem qualquer som ali em cima exceto o do vento e das cordas rangendo. Ela já tinha viajado muito, por um longo tempo, e começa a se perguntar quando tudo aquilo chegará ao fim. Logo eles chegarão ao topo e ela só torce para que os cavaleiros, quem quer que fossem, sejam tão hospitaleiros como aqueles nômades do deserto.

A cada puxão, os sóis ficam mais fortes e mais quentes, sem sombra sob a qual eles possam se esconder. Ela tem a sensação de estar queimando, como se estivesse sendo içada até o núcleo do próprio sol.

Gwendolyn abre os olhos ao sentir um solavanco final e percebe que tinha caído no sono novamente. Ela sente um movimento repentino e percebe que está sendo cautelosamente carregada pelos nômades, que colocam ela e seu povo de volta nas lonas, tirando-os da plataforma, e sendo levada até os

parapeitos. Gwendolyn sente-se finalmente sendo suavemente colocada em um chão de pedra e olha para cima, piscando várias vezes contra a claridade do sol. Ela está exausta demais para levantar seu pescoço e não tem certeza se ela ainda está acordada ou se está sonhando.

Dezenas de cavaleiros vestindo cotas de malha e lindas armaduras brilhantes começam a surgir, aproximam-se dela e se reúnem ao seu redor, olhando-a com curiosidade. Gwen não consegue entender como aqueles cavaleiros podem estar ali, naquele grande deserto no meio do nada, como eles podem estar montando guarda na parte superior daquele imenso cume, sob a constante presença dos dois sóis. Como eles sobrevivem ali? O que eles estão protegendo? Onde eles haviam conseguido armaduras reais? Aquilo tudo seria apenas um sonho?

Até mesmo o Anel, com a sua antiga tradição de grandeza, tem poucas armaduras a altura das armaduras que aqueles homens estão usando. Aquela é a armadura mais intrincada que ela já tinha visto, forjada em prata, platina e algum outro metal que Gwen não consegue reconhecer, exibindo marcações intrincadas e com armamentos de igual qualidade. Aquelles homens são claramente soldados profissionais. A visão faz Gwen recordar os dias em que ela ainda era uma jovem menina e tinha o costume de acompanhar seu pai em campo; ele tinha tido o hábito de mostrar-lhe os soldados e ela havia gostado da oportunidade de vê-los alinhados com tal esplendor. Gwen se pergunta como tal beleza pode existir e como aquilo tudo pode ser possível.

Ela pensa que talvez ela tenha morrido e aquela seja a sua versão do céu, mas então ela ouve um deles dar um passo à frente, ficando na frente dos outros, remover seu capacete e olhar para ela, seus brilhantes olhos azuis cheios de sabedoria e compaixão. Ele parece ter trinta anos e sua aparência é assustadora, sua cabeça é completamente calva e ele exhibe uma barba loura. Claramente, ele é o oficial no comando.

O homem volta sua atenção para os nômades.

"Eles estão vivos?" Ele pergunta.

Um dos nômades, em resposta, estende seu longo cajado e gentilmente cutuca Gwendolyn, que começa a se mover no mesmo instante. Ela quer mais do que qualquer coisa poder se sentar e conversar com eles para descobrir quem eles são, mas ela está muito cansada e com a garganta seca demais para responder.

"Incrível," diz outro cavaleiro, dando um passo adiante com as esporas tilintando à medida que cada vez mais cavaleiros se aproximam, reunindo-se em torno deles. Claramente, eles são todos objetos de grande curiosidade.

"Não é possível," afirma um deles. "Como eles podem ter sobrevivido ao Grande Deserto?"

"Eles não fizeram isso," responde outro cavaleiro. "Eles devem ser desertores e devem ter de alguma forma atravessado a cordilheira, se perdido no deserto e decidido voltar."

Gwendolyn tenta responder para dizer-lhes tudo o que havia acontecido, mas ela ainda está exausta demais para conseguir pronunciar as palavras.

Depois de um breve silêncio, o líder dá um passo adiante.

"Não," ele responde com confiança. "Olhe para as marcas nas armaduras dele," ele pede, cutucando Kendrick com o pé. "Esta não é a nossa armadura e também não é a armadura do Império."

Todos os cavaleiros se aglomeram ao redor, parecendo atordoados.

"Então, de onde eles são?" Pergunta um deles, claramente perplexo.

"E como é que eles sabem onde nos encontrar?" Pergunta outro.

O líder se vira para os nômades.

"Onde vocês os encontraram?" ele indaga.

Os nômades guincham sua responde e Gwen vê o líder arregalar os olhos.

"Do outro lado do muro de areia?" Ele pergunta. "Você tem certeza?"

Os nômades guincham de volta.

O comandante se vira para o seu povo.

"Eu não acho que eles sabiam que estávamos aqui. Eu creio que eles tiveram sorte, os nômades os encontraram e, em busca de uma recompensa, os trouxeram até aqui, confundindo-os com um de nós."

Os cavaleiros se entreolham e fica claro que eles nunca haviam se deparado com uma situação como aquela antes.

"Nós não podemos acolhê-los," afirma um dos cavaleiros. "Você conhece as regras. Se você os deixar entrar, deixaremos um rastro. Não devemos deixar rastros. Nunca. Nós temos que mandá-los de volta para o Grande Deserto."

Um longo silêncio se segue, interrompido por nada, exceto o uivo do vento, e Gwen pode sentir que eles estão debatendo o que fazer com eles. Ela não gosta de quanto tempo eles permanecem em silêncio.

Gwen tenta se sentar para protestar, para dizer-lhes que eles não podem mandá-los embora. Ela sabe que eles simplesmente não sobreviverão - não depois de tudo pelo qual eles haviam passado.

"Se nós fizermos isso," explica o líder, "significará a morte de todos eles. Nosso código de honra exige que ajudemos os desamparados."

"E, no entanto, se nós os acolhermos," responde um cavaleiro, "todos nós poderemos morrer. O Império seguirá o rastro deles e descobrirão o nosso esconderijo. Nós estaremos colocando em risco todo o nosso povo. Você prefere que alguns estranhos morram ou que todo o nosso sofra as consequências?"

Gwen pode ver o líder pensando, dilacerado pela angústia diante de uma decisão difícil. Ela entende qual é a sensação de enfrentar decisões difíceis. Ela está muito fraca para resignar-se a qualquer coisa, exceto permitir-se ficar à mercê da bondade de outras pessoas.

"Pode ser que sim," diz finalmente o líder com um tom de resignação em sua voz, "mas eu não condenarei pessoas inocentes a morte. Eles ficarão conosco."

Ele se vira para seus homens.

"Levem eles para o outro lado", ele ordena com a voz firme, demonstrando toda a sua autoridade. "Vamos levá-los para o nosso Rei e ele decidirá o destino dessas pessoas."

Os homens ouvem a ordem e começam a partir para a ação, preparando a plataforma do outro lado para a descida ao mesmo tempo em que um dos homens volta a olhar para o líder, parecendo incerto.

"Você está violando as leis do rei," o cavaleiro diz. "Nenhum estranho está autorizado a acessar a Cordilheira. Jamais."

O líder olha para ele com firmeza.

"Nenhum forasteiro jamais chegou até aqui," ele responde.

"O Rei pode prendê-lo por isso," rebate o cavaleiro.

O líder não vacila.

"Essa é uma possibilidade que eu estou preparado para enfrentar."

"Você fará isso por estranhos? Inúteis nômades do deserto?" pergunta o cavaleiro com surpresa. "Nós ainda não sabemos quem são essas pessoas."

"Toda a vida é preciosa," o líder responde, "e minha honra vale mais do que mil vidas na prisão."

O líder acena para seus homens, que permanecem à espera, e Gwen de repente é erguida nos braços de um cavaleiro e sente sua armadura de metal contra suas costas. Ele a pega no colo sem esforço, como se ela fosse uma pluma, e começa a caminhar ao mesmo tempo em que os outros cavaleiros recolhem os outros. Gwen percebe que eles estão andando em uma ampla e plana plataforma de pedras no cume da montanha, com aproximadamente cem metros de largura. Eles caminham sem parar e ela se sente à vontade nos braços daquele cavaleiro, mais à vontade do que ela havia se sentido em muito tempo. O que ela quer, mais do que qualquer outra coisa, é dizer-lhe obrigado, mas ela está exausta demais sequer para abrir a boca.

Eles chegam ao outro lado dos parapeitos e, à medida que os cavaleiros se preparam para colocá-los em uma nova plataforma e levá-los para o outro lado do cume, Gwen olha para fora e vê de relance para onde eles estão indo. Aquela é uma visão que ela nunca será capaz de esquecer, uma visão que lhe tira o fôlego. O cume da montanha, erguendo-se acima do deserto como uma esfinge, tem, ela percebe, a forma de um grande círculo, tão grande que desaparece de vista no meio das nuvens. Aquele é um muro de proteção, ela percebe, e do outro lado, lá em baixo, Gwen vê um lago azul cintilante tão grande quanto um oceano, brilhando sob os sóis do deserto. A riqueza do azul e a visão de toda aquela água lhe tiram o fôlego.

E, além disso, no horizonte, ela vê uma terra vasta, uma terra tão vasta que Gwen não consegue ver onde ela termina. Para sua surpresa, a terra é de um verde fértil, uma terra repleta de vida. Até onde ela é capaz de enxergar há fazendas, árvores frutíferas, florestas, vinhedos e pomares em abundância; aquela é, evidentemente, uma terra bastante fértil. Aquela é a visão mais idílica e bonita que ela já tinha visto.

"Bem-vinda, minha senhora," diz o líder, "a terra além do cume."

Godfrey, deitado na posição fetal, é despertado por um gemido persistente e constante que interrompe os seus sonhos. Ele acorda lentamente, sem saber se está realmente acordado ou se ainda está preso em seu pesadelo interminável. Ele pisca sob a luz fraca, tentando livrar-se das lembranças de seu sonho. Ele havia sonhado ser um fantoche, balançando sobre Volúsia e sendo controlado pelos Finianos que, ao movimentarem as cordas para cima e para baixo, moviam os braços e pernas de Godfrey enquanto ele pendia diante da entrada para a cidade. Godfrey tinha sido forçado a assistir enquanto milhares de seus compatriotas eram massacrados diante de seus olhos e as ruas de Volúsia eram preenchidas de vermelho com o sangue dos soldados mortos. Todas as vezes que ele havia pensado que seu martírio tinha chegado ao fim, o Finiano mexia suas cordas novamente, puxando-o para cima e para baixo sem parar...

Finalmente, por sorte, Godfrey é despertado por um gemido e vira o rosto, com a cabeça latejando de dor, para ver que o barulho vem de algum lugar perto dele, onde estão Akorth e Fulton. Os dois estão encolhidos no chão ao lado de Godfrey, ambos gemendo e cobertos de hematomas pretos e azuis. Nas proximidades estão Merek e Ario, deitados imóveis em um chão de pedras que Godfrey imediatamente reconhece como o chão de uma cela de prisão. Todos parecem ter sido torturados, mas, pelo menos, todos eles ainda estão ali e, até onde Godfrey é capaz de dizer, todos ainda estão respirando.

Godfrey fica ao mesmo tempo aliviado e perturbado. Ele fica surpreso por estar vivo depois da emboscada que ele havia testemunhado e espantado por não ter sido abatido pelos Finianos imediatamente após o ataque. Mas, ao mesmo tempo, ele se sente vazio e oprimido pela culpa, sabendo que Darius e os outros tinham caído na armadilha dentro dos portões de Volúsia por sua culpa. Tudo aquilo havia acontecido por causa de sua ingenuidade. Como ele pode ter sido tão estúpido a ponto de confiar neles?

Godfrey fecha os olhos e balança a cabeça, querendo esquecer tudo aquilo e desejando que a noite tivesse sido diferente. Ele havia levado Darius e os outros até a cidade involuntariamente, como cordeiros levados para o abate. Ele ouve os gritos daqueles homens, lutando por suas vidas e tentando escapar, ecoando em seu cérebro repetidas vezes e seu coração não consegue ficar em paz.

Godfrey aperta as mãos em torno de sua cabeça, tentando esquecer tudo aquilo e tentando abafar os gemidos de Akorth e Fulton, ambos claramente com dor por causa de todos os seus hematomas e de uma noite dormindo em um chão de pedra dura.

Godfrey se senta, sentindo que sua cabeça pesa uma tonelada, e observa seus arredores, uma pequena cela contendo apenas ele, seus amigos e alguns outros prisioneiros que ele não conhece, e tira algum consolo do fato de que, dado o ambiente sombrio daquela cela, a morte chegará até eles mais cedo ou mais tarde. Aquela prisão é obviamente diferente da última cela onde eles haviam ficado e se parece mais com uma sala de espera para prisioneiros condenados à morte.

Godfrey ouve, em algum lugar ao longe, os gritos de um prisioneiro sendo arrastado por um corredor e ele percebe: aquele lugar é, na verdade, uma cela para prisioneiros aguardando suas execuções. Ele tinha ouvido falar de outras execuções em Volúsia e sabe que ele e os outros seriam arrastados para fora ao nascer dos sóis, tornando-se atrações para a arena, onde os bons cidadãos de Volúsia poderão vê-los sendo dilacerado até a morte por Razifs antes do início do espetáculo dos gladiadores. É por isso que eles tinham sido mantidos vivos por tanto tempo. Pelo menos agora tudo faz sentido.

Godfrey se ajoelha, estendendo a mão e estimulando cada um de seus amigos na tentativa de acordá-los. Sua cabeça está girando, ele sente dor em todas as partes de seu corpo, ele está coberto de hematomas e contusões e mover lhe causa uma dor insuportável. Sua última lembrança é de um soldado prestes alcançá-lo e Godfrey percebe que deve ter apanhado dos outros soldados depois de ter sido nocauteado. O Finianos, aqueles covardes traiçoeiros, obviamente não tinham tido coragem de matá-lo com suas próprias mãos.

Godfrey leva a mão até a testa, espantado pelo fato de que sua cabeça possa doer tanto mesmo sem

que ele tenha bebido. Ele fica em pé, sentindo fraqueza nas pernas, e olha em volta da cela escura. Há apenas um único guarda do lado de fora das barras da cela, de costas para ele e apenas observando. No entanto, aquelas celas são feitas com fechaduras resistentes e grossas barras de ferro, e Godfrey sabe que eles não terão uma fuga fácil desta vez. Desta vez, eles estão condenados à morte.

Lentamente, ao lado dele, Akorth, Fulton, Ario e Merek ficam em pé e também começam a analisar seus arredores. Godfrey pode ver a confusão e o medo em seus olhares e, em seguida, o arrependimento à medida que eles começam a se lembrar.

"Será que todos eles morreram?" Pergunta Ario, olhando para Godfrey.

Godfrey sente um buraco no estômago ao mesmo tempo em que ele lentamente assente com a cabeça.

"A culpa é nossa," diz Merek. "Nós os enganamos."

"Sim, isso foi nossa culpa," Godfrey responde com a voz embargada.

"Eu lhe disse para não confiar nos Finianos," declara Akorth.

"A questão não é de quem é a culpa," Ario fala, "mas o que vamos fazer sobre isso. Será que vamos permitir que todos os nossos irmãos e irmãs tenham morrido em vão? Ou será que vamos buscar a vingança?"

Godfrey pode ver a seriedade no rosto do jovem Ario e fica impressionado com a intensidade de sua determinação, mesmo estando preso e prestes a ser morto.

"Vingança?" Pergunta Akorth. "Você está louco? Estamos presos debaixo da terra, atrás de barras de ferro e sob os olhares atentos dos guardas do Império. Todos os nossos homens estão mortos. Nós estamos no meio de uma cidade hostil e de um exército hostil. Todo o nosso ouro está perdido e nossos planos estão arruinados. Que tipo de vingança nós podemos buscar?"

"Há sempre uma maneira," diz Ario, mostrando-se determinado. Ele se vira para Merek.

Todos os olhos se voltam para Merek e ele franze a testa.

"Eu não sou especialista em vingança," Merek diz. "Eu mato homens quando eles me incomodam. Eu não espero pela oportunidade de vingança."

"Mas você é um ladrão," declara Ario. "Você passou toda a sua vida em uma cela de prisão, como você mesmo já admitiu. Certamente você pode nos tirar daqui?"

Merek se vira e examina a cela, as barras, as janelas, as chaves e os guardas - tudo isso com o olhar apurado de um especialista. Ele considera a situação e, então, volta a olhar para eles com uma expressão séria no rosto.

"Esta não é uma cela de prisão comum," ele explica. "Deve ser uma célula Finiana, um trabalho muito caro. Não vejo pontos fracos ou alguma saída, por mais que eu gostaria de dizer o contrário."

Godfrey, sentindo-se sobrecarregado e tentando ignorar os gritos dos outros prisioneiros no corredor, caminha até a porta da cela, pressiona a testa contra o ferro frio e pesado e fecha os olhos.

"Traga-o aqui!" Dispara uma voz do fundo do corredor de pedra.

Godfrey abre os olhos, vira a cabeça e, ao olhar para o corredor, vê vários guardas do Império arrastando um prisioneiro. O prisioneiro usa uma faixa vermelha por cima do ombro, atravessando o seu peito, e é carregado nos braços dos soldados sem relutar, sem ao menos tentar resistir. Na verdade, quando ele se aproxima, Godfrey percebe que eles o estão arrastando enquanto ele parece estar inconsciente. Algo claramente está errado com ele.

"Você está me trazendo outra vítima da peste?" O guarda grita com desdém. "O que você espera que eu faça com ele?"

"Isso não é problema nosso!" Os outros guardas respondem.

O guarda de plantão demonstra uma expressão de medo e começa a erguer as mãos.

"Eu não vou colocar minhas mãos nele!" Ele diz. "Coloquem-no poço com as outras vítimas da peste."

Os guardas olham para ele interrogativamente.

"Mas ele ainda não está morto," eles respondem.

O guarda de plantão faz uma careta.

"Você acha que eu me importo com isso?"

Os guardas trocam um olhar e, em seguida, seguem as ordens do guarda, arrastando o prisioneiro para o outro lado do corredor da prisão e jogando o homem dentro de um grande poço. Godfrey vê que o poço está cheio de corpos, todos eles cobertos com a mesma faixa vermelha.

"E se ele tentar fugir?" Os guardas perguntam antes de se virar.

O guarda comandante sorri um sorriso cruel.

"Você não sabe o que a peste faz a um homem?" Ele pergunta. "Este homem estará morto ao amanhecer."

Os dois guardas se viram e vão embora, e Godfrey olha para a vítima da peste, deitado ali sozinho naquele poço subterrâneo, e de repente têm uma ideia. É um plano tão louco que é provável que ele funcione.

Godfrey olha para Akorth e Fulton.

"Deem-me um soco" Ele pede.

Akorth e Fulton trocam um olhar intrigado.

"Eu estou pedindo para que vocês batam em mim!" Repete Godfrey.

Eles balançam a cabeça.

"Você está louco?" Pergunta Akorth.

"Eu não vou lhe dar um soco," Fulton entra na conversa, "por mais você possa merecê-lo."

"Eu estou lhes ordenando que me deem um soco!" Godfrey exige. "Com força, no rosto. Quebrem o meu nariz! AGORA!"

Mas Akorth e Fulton se viram.

"Você ficou louco" Eles dizem.

Godfrey olha para Merek e Ario, mas eles também recuam.

"Não quero saber o que aconteceu," Merek diz, "Mas eu não quero participar disso."

De repente, um dos prisioneiros se aproxima de Godfrey.

"Não pude deixar de ouvir sua conversa," ele diz, exibindo um sorriso banguela e soltando um bafo horrível na direção de Godfrey. "Eu ficarei mais do que feliz em bater em você, nem que seja para fazê-lo calar essa boca! Você não tem que me pedir duas vezes."

O prisioneiro dá um golpe certo no nariz de Godfrey com os nós de seus dedos ossudos e Godfrey sente uma dor aguda atravessar seu crânio ao mesmo tempo em que ele grita, levando as mãos ao nariz. O sangue esguicha por todo o seu rosto e escorre pela sua camisa. A dor é tão intensa que Godfrey perde temporariamente a visão.

"Agora eu preciso daquela faixa," diz Godfrey, voltando-se para Merek. "Você pode pegá-la para mim?"

Merek, intrigado, segue a direção dos olhos de Godfrey e vê o prisioneiro deitado inconsciente no poço.

"Por quê?" Ele pergunta.

"Faça o que eu estou lhe pedindo," Ordena Godfrey.

Merek franze a testa.

"Se eu amarrar algo, talvez eu possa alcançá-la" Explica ele. "Alguma coisa comprida e fina."

Merek estende a braço, coloca as mãos na gola de sua camisa e extrai um pedaço de arame dela; então, ele o desdobra e percebe que o arame é longo o suficiente para suas necessidades.

Merek se inclina contra as grades da prisão, com cuidado para não alertar o guarda, e estende a mão com o arame, tentando pescar a faixa. Ele começa a arrastá-la pelo chão, mas ela logo cai.

Ele tenta várias outras vezes, mas o cotovelo de Merek fica preso nas barras da cela. Seus braços não são magros o suficiente.

O guarda se vira na direção deles e Merek rapidamente recolhe o braço antes que possa ser visto.

"Deixe-me tentar," Pede Ario, dando um passo à frente quando o guarda lhes dá as costas novamente.

Ario segura o arame, estica o braços através das barras e, por ser muito magra, ele consegue enfiá-lo através das barras da cela até o ombro.

Aqueles centímetros a mais são exatamente do que eles precisam. O arame alcança o fim da faixa vermelha e Ario começa a puxá-la em sua direção. Ele para quando o guarda, cochilando de costas para eles, levanta a cabeça e olha em sua direção. Todos eles esperam, suando e rezando para que o guarda não veja o que eles estão fazendo. Eles esperam pelo que parece uma eternidade, até que finalmente o guarda começa a cochilar novamente.

Ario puxa a faixa cada vez mais perto, deslizando-a pelo chão da prisão, até que, finalmente, ele consegue puxá-la para dentro da cela.

Godfrey estende o braço e veste a faixa, e todos eles se afastam dele com medo.

"Que diabos você está fazendo?" Pergunta Merek. "A faixa está contaminada com peste. Você pode infectar todos nós."

Os outros presos na cela também recuam.

Godfrey olha para Merek.

"Eu vou começar a tossir e não vou parar," Ele diz enquanto veste a faixa e seu plano vai tomando forma em sua mente. "Quando o guarda se aproximar, ele verá o meu sangue e esta faixa, e você vai dizer a ele que eu estou com a peste e que eles cometeram um erro em não me separar do grupo."

Godfrey não perde tempo. Ele começa a tossir violentamente, espalhando o sangue em seu rosto para ficar com a pior aparência possível. Ele tosse mais alto do jamais havia tossido antes até que, finalmente, ele ouve a porta da cela se abrir e os passos do guarda.

"Façam seu amigo calar a boca," Diz o guarda. "Vocês estão entendendo?"

"Ele não é meu amigo," Responde Merek. "Apenas um homem que nós conhecemos. Um homem contaminado com a peste."

O guarda, perplexo, olha para baixo, nota a faixa vermelha e seus olhos se arregalam.

"Como ele entrou aqui?" Pergunta o guarda. "Ele deveria ter sido separado."

Godfrey tosse cada vez mais, todo o seu corpo torturado pelo acesso de tosse.

Ele logo sente mãos ásperas agarrando-o e arrastando-o para fora aos empurrões. Ele tropeça e, com um último empurrão, é atirado dentro do poço com as outras vítimas da peste.

Godfrey cai em cima de um corpo infectado, tentando não respirar muito fundo e virando a cabeça na outra direção para não se contaminar com a doença do homem. Ele reza a Deus para que isso não aconteça. Aquela certamente será uma longa noite, deitado ali, mas ele não está sendo supervisionado agora e, quando o dia amanhecer, ele poderá sair. E então, ele irá atacar.

CAPÍTULO OITO

Thorgrin percebe que seu corpo mergulhando no oceano à medida que a pressão nos seus ouvidos aumenta quando ele afunda na água gelada, tendo a sensação de que está sendo perfurado por um milhão de adagas. No entanto, ao mergulhar mais fundo, a coisa mais estranha acontece: a luz não fica mais escura e sim, mais brilhante. Ao mesmo tempo em que ele se debate, afundando, arrastado para o fundo pelo peso do mar, ele olha para baixo e fica espantado ao ver, envolta por uma nuvem de luz, a última pessoa que ele havia pensando encontrar ali: sua mãe. Ela sorri para ele, a luz tão intensa que Thorgrin mal consegue ver o rosto dela, e estende a mão para ele com os braços abertos enquanto ele afunda na direção dela.

"Meu filho," ela diz, sua voz cristalina apesar das águas. "Eu estou aqui com você. Eu amo você. Essa não é a sua hora ainda. Seja forte. Você passou no teste, mas há muito mais por vir. Enfrente o mundo e nunca se esqueça de quem você é. Nunca se esqueça: o seu poder não vem de suas armas, mas de dentro de você."

Thorgrin abre a boca para responder, mas ao fazer isso, ele se vê sendo sugado pela água e começa a se afogar.

Thor acorda assustado e olha ao seu redor, se perguntando onde ele está. Ele sente um material áspero em seus pulsos e percebe que está amarrado com as mãos atrás das costas, contra um poste de madeira. Ele olha ao redor do porão escuro, sente o movimento de balanço e imediatamente percebe que ele está em um navio. Ele sabe pelo jeito que seu corpo se move, pela luz que invade o local e pelo cheiro de mofo dos prisioneiros que ele está no convés inferior.

Thorgrin observa seus arredores, imediatamente atento apesar da sensação de fraqueza, e tenta se lembrar. A última coisa que ele lembra é daquela terrível tempestade e de ver seus homens caindo no mar. Ele se lembra de Angel, de ter se agarrado a ela com todas as suas forças, e se lembra da espada em seu cinto, a Espada dos Mortos. Como ele havia sobrevivido?

Thor continua olhando ao seu redor, se perguntando como ele pode estar navegando no mar, confuso e procurando desesperadamente por seus irmãos e por Angel. Ele se sente aliviado ao ver as formas na escuridão e identificar todos eles nas proximidades, amarrados aos postes com cordas: Reece e Selese, Elden e Indra, Matus, O'Connor e, a alguns metros de distância deles, Angel. Thor fica feliz em ver que eles estão todos vivos, embora pareçam exaustos, abatido pela tempestade e pelos piratas.

Thor ouve gargalhadas, discussões e aplausos vindos de algum lugar lá em cima e, em seguida, o que parecem ser explosões em seus ouvidos quando homens caem uns sobre os outros na plataforma acima dele, e finalmente se lembra da presença dos piratas. Aqueles mercenários que haviam tentado afogá-lo no mar.

Ele é capaz de reconhecer aquele som em qualquer lugar; o som de indivíduos brutos, entediados no mar e cheios de crueldade - ele tinha encontrado muitos homens assim antes. Ele percebe que ele é prisioneiro deles agora e começa a forçar suas cordas, tentando se libertar.

Mas ele não consegue. Seus braços tinham sido bem amarrados, assim como seus tornozelos. Ele não irá a lugar nenhum.

Thorgrin fecha os olhos, tentando reunir o seu poder interior, o poder que ele sabe ser capaz de mover montanhas se ele assim escolher.

Mas nada acontece. Ele está muito cansado por causa do naufrágio e suas energias ainda estão muito baixas. Ele sabe por experiência que ele precisa de tempo para se recuperar. Tempo, ele sabe, que ele não possui.

"Thorgrin!" Diz uma voz aliviada, cortando a escuridão. Aquela é uma voz que ele reconhece bem e ele logo vê Reece, amarrado a alguns passos de distância, olhando para ele com alegria. "Você está

vivo!" Continua Reece.

"Nós não sabíamos se você conseguiria sobreviver!"

Thor vê O'Connor amarrado do outro lado de Reece e igualmente alegre.

"Eu estive rezando por você durante todo esse tempo," diz uma voz doce e suave na escuridão.

Thor olha para o lado, vê Angel com lágrimas de alegria em seus olhos, e percebe o quanto ela se importa com ele.

"Você deve a ela a sua vida, sabia?" Indra diz. "Quando eles cortaram a sua corda, foi ela quem mergulhou e trouxe você de volta para o navio. Sem Angel você não estaria sentado aqui agora."

Thor olha para Angel com um novo respeito e um novo sentimento de gratidão e devoção.

"Minha pequena, vou encontrar uma maneira de recompensá-la," ele fala para ela.

"Você já fez isso," Ela responde. Thorgrin sabe que ela está sendo sincera.

"Recompense-a tirando todos nós daqui," Responde Indra, lutando contra suas amarras com irritação. "Esses piratas sugadores de sangue são homens da pior estirpe. Eles nos encontraram flutuando no mar e nos prenderam quando nós ainda estávamos inconscientes após aquela tempestade. Se eles tivessem nos enfrentado de homem para homem, a história teria sido muito diferente."

"Eles são covardes," Declara Matus. "Como todos os piratas."

"Eles também levaram as nossas armas," O'Connor acrescenta.

O coração de Thor para de bater por um instante quando ele de repente se lembra das suas armas e armaduras, da Espada dos Mortos.

"Não se preocupe," Reece diz ao ver a expressão em seu rosto. "Nossas armas sobreviveram ao naufrágio, inclusive a sua espada. Pelo menos, elas não estão no fundo do mar. Mas os piratas as roubaram. Você consegue ver, através das fendas no convés?"

Thor olha através das ripas e vê, no convés, todas as suas armas dispostas sob o sol com os piratas aglomerados ao redor delas. Ele vê o machado de guerra de Elden, o arco dourado de O'Connor, a alabarda de Reece, o mangual de Matus, a lança de Indra, o saco de areia de Selese e sua Espada dos Mortos. Ele vê os piratas, com as mãos nos quadris, olhando para baixo e examinando-as com alegria.

"Eu nunca vi uma espada assim antes," Um deles fala para o outro.

Thor enrubesce de raiva ao ver o pirata cutucando sua espada com o pé.

"Parece a espada de um rei," Diz outro, aproximando-se.

"Eu a vi primeiro, ele é minha," Afirma o primeiro.

"Se você me matar, pode ficar com ela," Responde o outro.

Thor observa os homens partindo para a briga e, em seguida, ouve um barulho alto quando ambos caem para o convés, lutando enquanto os outros piratas zombam deles. Eles rolam para um lado e para o outro aos socos e cotoveladas ao mesmo tempo em que outros piratas os incitam. Então, finalmente, Thor vê sangue escorrendo pelo convés quando um pirata bate a cabeça do outro na plataforma.

Os outros aplaudem, apreciando a luta.

O pirata que havia ganhado a luta, um homem sem camisa, com um torso musculoso e uma longa cicatriz em seu peito, se levanta e, respirando com dificuldade, caminha até a Espada dos Mortos. Enquanto Thor observa, ele estende a mão, pega a espada e a levanta vitoriosamente. Os outros homens aplaudem.

Thor arde de raiva ao ver aquilo. Aquele homem não tem o direito de empunhar sua espada, uma espada digna de um rei. Uma espada pela qual ele havia arriscado sua vida. Uma espada feita para ele e nenhum outro homem.

Há um grito súbito e Thor vê o rosto do pirata de repente estremecer em agonia. Ele grita e joga a espada como se estivesse segurando uma cobra, e Thor observa a espada atravessar o ar e cair na plataforma com um estrondo.

"Ela me mordeu!" O pirata grita para os outros. "Essa espada maldita mordeu a minha mão! Veja!"

Ele estende a mão e mostra que está com um dedo faltando. Thor olha para a espada, seu punho visível através das ripas, e vê dentes pequenos e pontiagudos saindo de um dos rostos esculpidos na mesma, com sangue escorrendo por eles.

Os outros piratas se viram e olham para ela.

"Essa é a espada do diabo!" Grita um deles.

"Eu não vou tocá-la!" Grita outro.

"Esqueçam essa espada," diz outro pirata, virando as costas. "Há muitas outras armas para escolher."

"E o meu dedo?" Grita o pirata em agonia.

Os outros piratas riem, ignorando-o, e se concentram em analisar as outras armas, lutando para pegá-las para si mesmos.

Thor volta sua atenção para sua espada, vendo-a agora jogada ali, tão perto dele, tentando-o através das ripas. Ele tenta mais uma vez se libertar usando todas as suas forças, mas suas cordas não cedem. Elas tinham sido muito bem amarradas.

"Se pudéssemos recuperar as nossas armas," Indra dispara. "Eu não posso suportar a visão daquelas mãos gordurosas na minha lança."

"Talvez eu possa ajudar," Diz Angel.

Thor e os outros se viram para ela com ceticismo.

"Eles não me amarraram como fizeram com vocês," Ela explica. "Eles têm medo da minha lepra, portanto amarraram as minhas mãos, mas depois desistiram. Estão vendo?"

Angel fica em pé, mostrando seus pulsos amarrados atrás das costas, mas seus pés livres para caminhar.

"Isso não irá nos ajudar em nada," Dispara Indra. "Você ainda está presa aqui embaixo com todos nós."

Angel balança a cabeça.

"Você não entende," Ela explica. "Eu sou menor do que todos vocês. Posso espremer meu corpo através dessas ripas." Ela se virou para Thor. "Eu posso alcançar sua espada."

Ele olha para ela, impressionado com a sua coragem.

"Você é muito corajosa," Ele fala. "Eu admiro isso em você. No entanto, você está se colocando em risco. Se eles te pegarem lá fora, eles poderão matá-la."

"Ou pior," Selese acrescenta.

Angel continua olhando para eles, orgulhosa e insistente.

"Eu vou morrer de qualquer forma, Thorgrin," Angel responde. "Eu aprendi isso há muito tempo. Minha vida me ensinou isso. Minha doença me ensinou isso. Morrer não importa para mim, apenas a vida me importa. E desejo viver livre, sem ser controlada pelas leis dos homens."

Thor olha para ela, sentindo-se inspirado e espantado com a sua sabedoria para uma garota tão jovem. Ela já sabe mais sobre a vida do que a maioria dos grandes mestres que ele havia conhecido.

Thor acena de volta para ela solenemente. Ele pode ver o espírito de um guerreiro dentro dela e ele não irá contê-lo.

"Vá então," Ele diz. "Seja rápida e mantenha-se calma. Se você perceber qualquer sinal de perigo, volte para nós. Eu me importo mais para você do que com aquela espada."

O rosto de Angel se ilumina e sua motivação cresce. Ela se vira rapidamente e corre desajeitadamente com as mãos atrás das costas até alcançar a fenda. Ela se ajoelha e olha para fora, suando e com os olhos arregalados de medo.

Finalmente, vendo sua chance, Angel enfia a cabeça através de uma lacuna nas ripas, apenas larga o suficiente para que ela possa atravessar. Ela contorce o corpo para atravessá-la, empurrando com os pés.

Um momento depois, ela desaparece e Thor consegue vê-la em pé no convés. Seu coração bate acelerado ao mesmo tempo em que ele reza pela segurança dela e para que ela consiga recuperar a

espada e voltar antes que seja tarde demais.

Angel fica em pé e corre rapidamente na direção da espada; ela estende a perna com o pé descalço, pisa no punho da espada e começa a puxá-la em sua direção.

A espada faz um barulho alto ao deslizar pelo convés na direção do porão do navio. A espada está apenas a alguns centímetros de distância dela quando de repente uma voz atravessa o ar.

"Sua pequena ladra!" Grita um pirata.

Thor vê todos os piratas olharem para a arma e, em seguida, correrem na direção de Angel.

Angel corre, tentando chegar até o porão, mas eles chegam até ela antes que ela possa voltar. Eles agarram Angel e Thor pode vê-los caminhando na direção das bordas do navio, prestes a arremessá-la no mar.

Angel consegue erguer uma perna e um gemido atravessa o ar quando ela acerta um chute bem entre as pernas do pirata. O pirata que a está segurando geme de dor, soltando-a, e Angel, sem hesitar, corre de volta pelo convés, pega a espada e a chuta.

Thor observa eufórico quando a espada desliza através das rachaduras e cai no porão, bem aos seus pés, com um estrondo.

Ele ouve um grito como um dos piratas bate no rosto de Angel. Os outros homens a seguram e começam a levá-la de volta para a borda do navio, preparando-se para jogá-la no mar.

Thor, transpirando, mais preocupado com Angel do que com si mesmo, olha para sua espada e sente uma ligação intensa com ela. Sua ligação é tão forte que Thor não precisa usar seus poderes mágicos. Ele fala com a espada como se estivesse conversando com um amigo e sente que ela o ouve.

"Venha até mim, minha amiga. Corte minhas amarras. Vamos ficar juntos novamente."

A espada atende o seu chamado. De repente, ela começa a flutuar no ar, vai até as costas de Thor e corta as cordas.

Thor imediatamente se vira, pega o punho da espada no ar e golpeia para baixo, cortando as cordas em torno de seus tornozelos.

Então, ele se levanta e corta as amarras de todos os outros.

Thor se vira e, com um chute, arranca a porta de madeira. Aos pedaços, a porta sai voando ao mesmo tempo em que ele sai do porão, livre, com espada na mão e determinado a resgatar Angel.

Thor corre para o convés na direção dos homens que estão segurando Angel, que se contorce em seus braços com medo nos olhos quando eles se aproximam da borda do navio.

"Deixe-a ir!" Thor ordena.

Thor corre até ela, ferindo os piratas que o atacam de todos os lados e cortando-os no peito antes que eles possam desferir um único golpe - nenhum deles a altura dele e da Espada dos Mortos.

Ele atravessa o grupo, chuta dois homens para fora do caminho e, em seguida, estende a mão e agarra a parte de trás da camisa do último pirata pouco antes que ele possa lançar Angel ao mar. Thor puxa o homem em sua direção, puxando Angel de volta para dentro do barco. Em seguida, ele torce o braço do pirata, forçando-o a soltá-la. Ela aterrissa em segurança no convés.

Thor, em seguida, agarra o homem e o joga por cima da borda. Ele mergulha nos mares gelados, gritando.

Thor ouve passos e, ao se virar, vê dezenas de piratas partindo para cima dele. Aquele não é um barco pequeno, mas um enorme navio profissional, tão grande quanto qualquer navio de guerra, e carrega pelo menos uma centena de piratas, todos eles endurecidos e acostumados a uma vida de crimes no mar. Todos eles atacam, apreciando a oportunidade de uma boa luta.

Os companheiros de Thor saem do porão e correm para recuperar suas armas antes que os piratas os alcancem. Elden pula para fora do caminho quando um pirata dá um golpe com um facão, tentando acertar seu pescoço. Então, ele agarra o homem e dá uma cabeçada nele, quebrando o nariz do pirata. Ele pega o facão de sua mão e o corta ao meio. Em seguida, ele pula para alcançar seu machado de guerra.

Reece pega a sua alabarda, O'Connor o seu arco, Indra a sua lança, Matus o seu mangual e Selese o seu saco de areia, enquanto Angel passa correndo por eles e chuta um pirata na canela antes que ele possa arremessar um punhal em Thor. O pirata grita, agarrando a sua perna, e o punhal sai voando para o mar.

Thor parte para cima do grupo, chutando um pirata no peito e cortando outro para, em seguida, girar o corpo e cortar o braço de outro homem antes que ele possa atacar Reece com seu facão. Outro pirata se aproxima, golpeando uma clava na direção da cabeça de Thor. Ele se abaixa e a clava passa zunindo por ele. O pirata se prepara para esfaqueá-lo, mas Reece se adianta e usa sua alabarda para matá-lo.

O'Connor lança duas flechas que passam zunindo por Thor. Thor se vira e vê dois piratas, prestes a atacá-lo, caindo no chão, mortos. Ele vê um pirata correndo na direção de Angel e está prestes a correr atrás dele quando O'Connor se adianta e acerta uma flecha nas costas dele.

Thor ouve passos e, ao se virar, vê um pirata se preparando para atingir O'Connor com uma clava. Thor parte para cima dele e, sentindo a Espada dos Mortos vibrando em suas mãos, corta a clava ao meio e perfura o coração do pirata antes que ele possa alcançar O'Connor. Thor, em seguida, se vira, chuta outro homem nas costelas e, controlado pela Espada dos Mortos, corta a cabeça do homem. Thor fica espantado e tem a sensação de que aquela espada tem vontade própria, motivando Thor a fazer a sua vontade.

Ao mesmo tempo em que Thor golpeia furiosamente em todas as direções, uma dúzia de homens parte para cima dele. Thor está coberto de sangue até os cotovelos quando, de repente, um pirata salta no ar e aterrissa em suas costas. O mercenário levanta um punhal e se prepara para enfiá-lo na parte de trás do ombro de Thor. Ele está muito perto e é tarde demais para que Thor possa reagir.

Thor vê um objeto no ar pelo canto de seu olho e de repente sente o homem soltá-lo e cair no convés. Thor se vira e vê Angel em pé, tendo acabado de arremessar uma pedra, e percebe que ela tinha acertado a cabeça do homem em cheio. O homem se contorceu aos pés de Thor, que observa espantado quando Angel se adianta, pega um gancho no chão e, levantando o braço, o enfia no peito do homem. Aquele é o mesmo gancho que os piratas tinham usado para prendê-los em sua rede no mar. A justiça, Thor percebe, tinha sido feita.

Ele não havia imaginado que Angel fosse capaz de se defender; ele vê uma chama ardendo nos olhos dela enquanto ela fica parada diante dele e percebe que Angel possui o espírito de um verdadeiro guerreiro e que é muito mais complexa do que ele havia pensado.

Thor se vira e parte para a briga junto com seus homens, atacando implacavelmente, todos eles unidos como sempre haviam feito em tantos lugares. Eles são uma máquina de matar perfeita e protegem as costas uns dos outros, lutando lutam muito bem juntos e conhecendo os ritmos de cada um. Elden balança seu machado de guerra e Indra arremessa sua lança, matando aqueles que Elden não consegue alcançar. Matus gira o mangual, matando dois piratas de uma vez, enquanto Reece usa a sua longa alabarda para matar três piratas antes que eles possam chegar até Selese. E Selese, por sua vez, coloca a poeira de seu saco em suas feridas, curando seus ferimentos à medida que eles avançam e mantendo-os fortes.

Lentamente, a maré vira à medida que eles derrotam um homem após o outro. Os corpos começam a se acumular no convés e logo resta apenas uma dúzia deles.

Com os olhos arregalados de medo, os piratas restantes, percebendo que não será possível ganhar, derrubam seus punhais, facões e machados e erguem as mãos, aterrorizados.

"Não nos matem!" Grita um deles, tremendo. "Nós não tivemos a intenção de fazer isso! Nós apenas seguimos ordens!"

"Tenho certeza que você não tinha essa intenção," Desdenha Elden.

"Não se preocupe," Thor diz: "nós não vamos iremos matá-los."

Thor embainha a espada, adiantando-se, pega o pirata, levantando-o sobre a sua cabeça, e o arremessa no mar.

"Os peixes farão isso por nós."

Os outros se juntam a ele, empurrando os poucos piratas restantes ao mar com suas armas. Thor observa as águas ficando vermelhas ao mesmo tempo em que tubarões circulam e abafam os gritos dos piratas.

Thor volta a olhar para os outros, que o encaram com seriedade. Ele pode ver em seus olhos que eles estão pensando a mesma coisa que ele: Eles haviam vencido.

CAPÍTULO NOVE

Erec se inclina sobre a borda do navio e, ao olhar para baixo sob a luz de tochas, vê o mar cheio de cadáveres. Os corpos dos soldados do Império estão flutuando, todos mortos por Erec e seus homens e jogados para fora do barco. Enquanto ele assiste, lentamente, um de cada vez, os corpos afundam nas águas do mar.

Erec observa sua frota de navios e vê seus homens em todos eles, agora livres graças a Alistair, que havia partido as cordas que os mantinham presos. O Império tinha sido tolo em deixar apenas uma dúzia de soldados para proteger cada navio, acreditando ser invencível. Eles tinham estado em número bem menor e, assim que as cordas dos homens de Erec tinham sido soltas, matá-los e retomar o comando de seus navios tinha sido fácil. Eles haviam subestimado Alistair.

Eles também não tinham tido qualquer razão para temer uma rebelião, pois haviam cercado completamente todos os navios de Erec. Na verdade, ao olhar para cima, Erec vê que o bloqueio do Império, com seus mil navios, ainda está intacto. Não há qualquer lugar para onde eles possam fugir.

Quando mais trombetas soam e mais soldados do Império gritam no meio da noite, Erec pode ver as lanternas sendo acesas ao longo da frota. O Império, um dragão adormecido, está lentamente se organizando. Logo eles irão atacar os homens de Erec como uma serpente, estrangulando-os até a morte. Desta vez, Erec tem certeza, eles não terão qualquer tipo de piedade.

Erec pensa rapidamente. Ele examina os navios do Império, procurando qualquer ponto fraco no bloqueio, um lugar com menos navios. Quando ele se vira e olha para trás, Erec vê um lugar onde os navios do Império estão mais espalhados, com espaços de quase vinte metros entre eles. Aquele é o ponto mais fraco do cerco, embora, mesmo assim, o bloqueio não seja fraco. Aquela é certamente a melhor opção e eles não têm escolha, a não ser tentar atravessar.

"ESTENDAM AS VELAS!" Erec grita e, quando ele parte para a ação, suas ordens são repetidas e ecoam ao longo de toda a sua frota.

As velas são içadas e os homens começam a remar; Erec fica em pé na proa, seguindo na frente com seu navio e seguido de perto por sua frota. Ele olha para a frente, guiando o seu navio para o ponto fraco do bloqueio. Ele só espera que eles possam chegar até lá rápido o suficiente, antes que todos os navios do Império percebam e fechem o cerco. Se eles apenas conseguirem passar, eles alcançarão mares abertos diante deles. Erec sabe que o Império os seguirá de perto e que aquela provavelmente será uma perseguição que não será capaz de ganhar.

Ainda assim, ele tem que tentar. Alguns planos, até mesmo os planos mais imprudentes, são melhores do que sofrer a derrota e enfrentar a morte.

"Vamos conseguir passar?" Diz uma voz.

Erec se vira e vê Strom aproximando-se dele com a mão no punho de sua espada, ainda suja com o sangue dos soldados do Império que ele havia matado.

Erec dá de ombros.

"E por acaso temos escolha?" Ele responde.

Strom olha para o horizonte e permanece ao lado dele, inflexível.

"Quanto tempo até que eles percebam que estamos nos aproximando?"

Eles têm a sua resposta quando uma flecha passa zunindo pelo ar ao lado de Erec e Strom e encontra seu alvo em um dos homens de Erec, apenas alguns metros atrás deles. O homem grita e cai de costas, segurando a flecha no peito e tentando puxá-la com as duas mãos. Ele fica tremendo no chão até a morte.

Outra flecha passa zunindo pelo ar, depois outra e mais outra. Erec e Strom não se abaixam e continuam em pé sem medo, recusando-se a mostrar medo.

Erec continua observando e consegue ver as formas na escuridão, soldados do Império assumindo suas posições em fileiras e disparando saraivadas de flechas; ele sabe que eles terão um grande desafio

pela frente. Eles ainda estão a cem metros do bloqueio.

"Escudos!" Erec grita. "Fiquem juntos! Fiquem perto um dos outros! Homem a homem!"

Os homens de Erec obedecem, entrando em formação e levantando seus escudos, e Erec, satisfeito, faz o mesmo, ajoelhando-se ao lado de Strom e dos outros e segurando seu enorme escudo.

Erec sente três flechas atingirem seu escudo com três pancadas rápidas, as vibrações fazendo seu braço tremer.

Gritos atravessam o ar e Erec ouve um corpo mergulhar na água; ele se vira e seu coração se sobressalta quando ele vê o comandante de um dos seus navios cair dentro do mar. O homem mergulha na água com duas flechas em seu peito e Erec vê o medo nos olhos de seus homens quando o navio ao lado começa a se desviar. Erec sabe que, sem o comandante, o navio irá prosseguir e que ele perderá seus homens. Um navio precisa de um comandante, especialmente agora.

"Strom!" Ele grita freneticamente para seu irmão. "Você consegue saltar se eu chegar perto o suficiente?"

Strom olha para seu irmão e, em seguida, para o navio. Em poucos instantes, ele entende o que Erec quer. Ele acena de volta com confiança e, sem hesitar, corre para a borda do navio.

Erec corre para o timão, conduz seu navio para perto do outro e, quando eles chegam perto o suficiente, Strom, ignorando as flechas, fica em pé sobre a grade. Ele levanta o seu arco, amarra uma corda rapidamente em uma flecha, mira e dispara.

A flecha, presa em uma corda, atravessa o ar e se enrola em torno do mastro do navio. Strom puxa a corda e, satisfeito, salta no ar agarrando-se a ela.

Strom atravessa o ar, balançando em um arco, e finalmente chega ao outro navio, pulando e caindo no convés sob os olhares atônitos de todos os marinheiros a bordo.

Strom volta a ficar em pé e assume o comando do navio. Quando ele faz isso, todos os outros homens, sentindo-se mais uma vez animados, seguem o seu exemplo.

"Avante!" Strom grita, assumindo o comando. "Temos que seguir o meu irmão!"

Os homens voltam para suas posições, assumindo os remos, içando velas e ignorando as flechas que continuam caindo em torno deles.

Quando Erec se vira e olha para os navios, cada vez mais perto do bloqueio, a chuva de flechas se intensifica e mais de seus homens gritam e caem sobre a borda do navio. Erec sabe que algo precisa ser feito. Ele tem que manter o Império ocupado ou então o risco de perder muitos de seus homens durante a aproximação.

"Arqueiros, tomem suas posições!" Erec ordena.

Seus homens seguem a sua ordem em todos os navios de sua frota quando Strom repete o seu comando.

"Fogo!" Grita Erec.

Seus homens disparam uma saraivada de flechas contra os navios do Império e Erec fica satisfeito ao ouvir os gritos de dezenas de arqueiros do Império, no alto de seus mastros, caindo para os decks. Outros homens caem mar e, finalmente, há uma pausa na chuva de flechas que cai sobre eles.

"Mais uma vez!" Erec grita, e seus homens arremessam mais flechas ao mesmo tempo em que desviam das flechas lançadas pelos soldados do outro Império.

Os dois lados continuam a atacar, arremessando flechas, enquanto homens morrem em ambos os lados e a frota da Erec se aproxima cada vez mais, diminuindo a distância entre eles. Eles agora estão a cinquenta metros de distância e Erec ajusta sua rota na direção do casco do navio do Império que está mais próximo, preparando-se para acertá-lo. Erec olha por cima do ombro e vê uma parte da frota do Império começando a se reunir para segui-los. Ele sabe que não eles não têm muito tempo e que precisam atravessar aquele bloqueio, mas suas chances não parecem boas.

Desesperado, Erec de repente tem uma ideia.

"Vamos usar as catapultas!" Erec grita. "Usem lanças e coloquem fogo em suas pontas! Agora!"

A ordem de Erec é repetida ao longo das fileiras de sua frota e ele observa com satisfação quando seus homens colocam as lanças sobre catapultas normalmente reservadas para pedras flamejantes. Ele quer disparar, mas sabe que eles precisam chegar mais perto, dentro do alcance da catapulta, para que seu plano funcione; ele não terá uma segunda chance.

"Esperem!" Erec grita ao ver os rostos tensos de todos os seus homens com as mãos sobre as cordas que seguram as catapultas para trás. Ele sabe que todos estão tão ansiosos quanto ele para disparar, especialmente quando mais flechas caem ao redor deles.

Finalmente, quando eles se aproximam mais do bloqueio, Erec grita: "FOGO!"

A frota do Império percebe, tarde demais, o que os homens de Erec estão fazendo e, uma fração de segundo antes do disparo ele vê as expressões aterrorizadas dos comandantes dos navios do Império, que correm freneticamente para ordenar que seus homens movam os navios.

Erec observa quando centenas de lanças em chamas atravessam o ar no meio da noite, criando um rastro de chamas que ilumina os mares escuros. Uma por uma, elas atingem as velas, os mastros e as plataformas de madeira.

Dentro de instantes os navios do Império são incendiados. Alguns homens correm para apagar as chamas e alguns focos de incêndio são controlados, mas outros se espalham descontroladamente. Aquilo causa alguns danos e, ainda mais importante, o objetivo de Erec é alcançado: ocupar a frota Império e distraí-los para que, finalmente, as flechas parem de ser arremessadas.

"ESTENDAM AS VELAS!" Erec ordena.

Os homens de Erec, em todos os seus navios, correm de volta para as velas e remos e Erec aumenta a velocidade, tendo como objetivo acertar o navio mais próximo. A única coisa que resta entre eles e a liberdade é um navio do Império em chamas, seus homens gritando e lutando para apagar o incêndio.

"Façam fila única!" Erec grita para os outros navios. "Fiquem perto de mim!"

Strom repete o seu comando e entra na fila atrás de Erec enquanto ele assiste com satisfação à medida que sua frota se aproxima dele. Ele sabe que aquela é sua única chance. Ele não precisa destruir todo o bloqueio; ele precisa apenas de espaço suficiente para a passagem de um navio. Então, os outros navios poderão segui-lo.

Ele olha para cima e seu coração se acelera à medida que o bloqueio se aproxima cada vez mais, agora a apenas vinte metros de distância... E então dez e depois apenas cinco. Ele sabe que o impacto será forte.

"PREPAREM-SE!" Grita Erec.

Erec segura na grade do navio, preparando-se, também, para o impacto inevitável.

Erec é sacudido e o navio inteiro treme ao colidir com o navio do Império em um ângulo agudo. O navio inteiro balança, assim como o navio do Império, e, enquanto os navios balançam, por um momento, Erec se pergunta se o seu navio irá afundar.

Mas um segundo depois Erec sente um movimento e sabe que eles tinham conseguido atravessar. O navio do Império gira bruscamente, saindo do caminho e deixando espaço apenas o suficiente para a passagem dos navios.

Erec, próximo ao navio do Império, tão perto que é possível ver o rosto dos soldados, sabe que precisa atacar primeiro. Erec sabe que se ele tentar simplesmente navegar através deles, eles atacam.

"ATAQUEM!" Erec grita.

Ele não perde tempo, saca sua espada, corre e salta de sua plataforma para o navio do Império ao lado dele. Todos os seus homens emitem um grito de guerra e o seguem de perto.

Erec lidera seus homens quando eles atacam pelo convés do navio do Império, matando os soldados do Império que, ainda lutando para apagar as chamas, se aproximam dele tarde demais. Lentamente, os soldados do Império percebem o que está acontecendo e voltam suas atenções para Erec e seus homens.

Erec atravessa o navio em chamas, desviando do fogo por pouco, ao mesmo tempo em que ele luta contra os soldados do Império. Suas espadas ressoam através da noite, soltando faíscas, enquanto Erec mata um soldado do Império após o outro, todos maiores do que ele, mas nenhum deles páreo para a sua velocidade ou habilidade. Um soldado enorme dá um golpe com sua espada, Erec o bloqueia e, então, gira o corpo e corta o soldado ao meio. O homem cai no mar, gritando.

Erec continua o seu ataque, matando um, dois e três soldados de uma só vez. Nenhum deles é capaz de vencê-lo; nenhum cavaleiro em todo o Anel tinha sido capaz de superá-lo e aqueles soldados do Império, embora experientes, não podem ser comparados a ele. Seus inimigos continuam sendo abatidos, mas Erec não diminui a velocidade, correndo através do navio de popa a proa enquanto lidera os seus homens.

Erec vê com satisfação que Strom também está fazendo seus próprios homens saltarem para o navio do Império do outro lado do bloqueio. Assim como o seu irmão mais velho, Strom corre destemidamente pelo convés do outro navio do Império, derrubando homens por todos os lados e movendo-se como um relâmpago. O Império tinha sido pego de surpresa: afinal, nenhum comandante Império jamais poderia ter imaginado que aqueles poucos navios ousariam atacá-los.

No entanto, assim que os soldados do Império se reúnem, eles passam a lutar com coragem e, com suas armaduras e armamentos superiores, eles conseguem matar dezenas dos homens de Strom e de Erec. Aquela é uma batalha sangrenta e feroz no meio das chamas e os gritos dos homens abatidos preenchem a noite.

Erec olha para o resto da frota Império e vê pelo canto do olho que navios repletos de soldados estão se aproximando. Erec percebe que eles estão perdendo tempo precioso ali e que logo eles estarão completamente cercados.

Erec sabe que ele precisa fazer algo rapidamente. Ele rapidamente vasculha o navio com os olhos e avista uma enorme âncora de metal presa a uma corrente, jogado sobre o convés, e imediatamente tem uma ideia.

"A âncora!" Erec grita para Strom. "Destrua o casco!"

Erec corre até a âncora, agarra sua corrente, começa a girá-la acima de sua cabeça e, em seguida, abaixa os braços, acertando o convés e arremessando pedaços de madeira para todos os lados. Um buraco enorme surge no centro do convés e Erec vê que Strom está começando a fazer o mesmo. Os homens de Erec correm para ajudá-lo e, juntos, eles balançam a corrente mais alto, mais rápido e mais forte, batendo no deck sem parar e quebrando-o em pedaços. A âncora perfura o navio cada vez mais até que, finalmente, água gelada começa a jorrar pra cima, como um gêiser.

Erec ouve o som satisfatório do navio se partindo em dois pedaços e sente que o navio enorme está começando a listar.

"Vamos voltar para o nosso navio!" Grita Erec.

Todos os homens de Erec se viram, correm pelo convés e saltam de volta para o seu navio instantes depois que os navios do Império começam a afundar. Eles pegam os remos e continuam avançando, ao lado dos navios de cada lado deles, que começam a afundar rapidamente. Strom, tendo terminado de destruir o outro navio, também salta de volta para sua embarcação.

Erec espreme seu navio entre os barcos com toda a sua frota em fila indiana atrás dele enquanto seus homens disparam contra os soldados do Império da frota maior, que agora estão mais perto e disparando flechas na direção deles. Alguns soldados do Império conseguem saltar de seus navios para a frota da Erec e os homens de Erec correm para a frente, matando-os um de cada vez. Eles estão sendo perseguidos por todos os lados.

No entanto, eles continuam avançando e logo Erec rompe o bloqueio, passando pelo último dos navios em chamas e finalmente chegando ao mar aberto.

Erec olha para a frente, vê o mar aberto diante dele e, pela primeira vez, se sente aliviado. Toda a frota Império pode estar se reunindo atrás dele, mas pelo menos agora não há nada diante dele e possui uma chance de vencê-los. Pela primeira vez, ele tem a sensação de que eles realmente conseguirão escapar.

E então, de repente, o coração de Erec para de bater quando uma visão horrível surge diante dele: ali, fazendo uma curva e no meio de seu caminho novamente, estão dois dos maiores navios do Império que ele já tinha visto. Cinco vezes maiores do que os outros, os navios surgem diante de Erec e formam outro bloqueio.

O caminho está completamente bloqueado e, desta vez, eles não têm como escapar.

CAPÍTULO DEZ

Darius, em pé no pátio circular de terra delimitado por altos muros de pedra e cercado por diversos guardas do Império, luta contra seu parceiro de treinamento até o suor escorrer pelo seu rosto. Eles treinam sem parar, Darius golpeia uma clava pesada com as duas mãos e seu oponente, um escravo de uma raça que ele não reconhece, duas vezes mais musculoso do que ele, com a pele verde, orelhas amarelas pontudas e com aparentemente a sua idade, se defende com dois escudos. Darius dá um golpe após o outro e seu oponente bloqueia cada um deles; o barulho de seu escudo corta o ar à medida que Darius o faz recuar por toda a arena.

Ao redor do pátio, dezenas de outros escravos, entre eles Desmond, Raj, Kaz e Luzi, assistem o duelo com atenção, incitando-os.

Darius, respirando com dificuldade, está exausto. Ele está duelando, assim como todos os outros, desde o amanhecer, lutando os sóis ardentes e revezando-se sob o olhar atento dos capatazes. Seus ombros doem com o esforço, todo o seu corpo está encharcado de suor e ele não sabe quanto tempo mais ele será capaz de aguentar. Se alguém se atrever a fugir, como uma alma infeliz havia tentado no início da manhã, os soldados do Império estão prontos para avançar ansiosamente com suas armas forjadas de aço real e enfiar uma espada em seu coração.

Darius sabe que não há como escapar, não agora, de qualquer maneira. A única saída é seguir as ordens dos capatazes para que eles treinem e se preparem para a grande arena.

Há um estrondo e um rugido à distância, vindo da direção da arena, e Darius sabe que aquele é o som da multidão, ansiosa para ver mais gladiadores, aguardando mais entretenimento. A sede de sangue deles é insaciável.

Ele ouve um estrondo ainda mais alto, seguido de uma trombeta, e Darius sabe o que aquilo significa: outro gladiador tinha morrido em algum lugar além daquelas paredes. A multidão vai à loucura, mas Darius e os seus homens olham para o chão, deprimidos ao pensar naquilo. Aquela é o seu destino, o fim que eles terão que enfrentar em breve.

Darius encontrará sua morte em breve, todos eles o farão, e ele tenta não pensar nisso enquanto continua lutando inutilmente sob o sol. Uma parte dele já havia se desligado de tudo aquilo e não se importa mais com o que irá acontecer. Afinal, quase todas as pessoas que ele havia conhecido e amado no mundo agora estão mortas, graças a ele. Ele se sente torturado pela culpa e uma parte dele também quer morrer com todos eles. As únicas pessoas cujos destinos ele desconhece são sua irmã, Sandara, e seu cão, Dray. Ele se pergunta se eles ainda estão vivos, lá fora em algum lugar, se de alguma forma eles haviam sobrevivido. A última vez que ele tinha visto de sua irmã tinha sido pouco antes da partida dela rumo ao Grande Deserto, e a última que ele tinha visto seu cão tinha sido quando Dray havia cravado seus dentes na garganta de um soldado. Darius fecha os olhos, recordando o golpe terrível de uma clava que o cão tinha recebido de um soldado e de seu gemido ao cair no chão. Darius reza para que de alguma forma ele tenha sobrevivido.

Darius sente uma batida forte na lateral de sua cabeça, o som de metal ressoa em seus ouvidos e ele cambaleia para trás, percebendo que seu oponente tinha girado o corpo e acertado sua cabeça com um dos escudos.

Morg se coloca entre eles e os meninos se silenciam.

"Você perdeu seu foco," Morg repreende Darius. "Quando você fizer isso na arena, não será um escudo na lateral de sua cabeça, e sim a lâmina de um machado."

Darius fica parado, respirando com dificuldade, e percebe que ele está certo.

Morg encara os outros garotos.

"Vocês viram o erro que Darius cometeu aqui hoje? Se vocês perderem a concentração, se a mente de vocês for para algum outro lugar, será a última vez que vocês farão isso. Não que eu me importe se vocês morrerem, na verdade, eu espero ansiosamente por este momento. Mas eu não quero que vocês morram precocemente. Isso vai pegar mal para *mim*. As pessoas precisam de entretenimento e, se vocês morrerem logo, eu vou pagar por isso. Saibam que eu não pretendo pagar pelo erro alheio."

Ele examina os meninos ao mesmo tempo em que um silêncio tenso recai sobre eles.

"Se algum de vocês não pode ou não quer lutar, fale agora," ele acrescenta, observando seus rostos.

Darius olha para a fileira de dezenas de rapazes e todos eles lhe parecem perdidos e desesperados. Seus rostos carregam expressões de garotos que já haviam passado por muitas dificuldades; assim como ele, aqueles meninos tinham vivido uma vida de trabalho e dor.

"Eu não desejo para lutar!" Um menino grita.

Todos os olhos se voltam para ele, um menino surpreendentemente maior e mais musculoso do que os outros, ao mesmo tempo em que ele dá um passo para a frente e abaixa a cabeça.

"Eu não quero ter que matar alguém," Diz o menino. "Eu sou um homem simples. Um fazendeiro. Eu nunca fiz mal a ninguém e não desejo fazer isso agora."

Morg, com um sorriso nos lábios, se vira para ele e caminha lentamente em sua direção, o barulho de suas botas ressoando pelo pátio. Morg, sem camisa e com as pernas cobertas por uma armadura negra, é uma figura imponente, maior até do que aquele menino, e quando ele para diante do garoto, ele passa a encará-lo como se o menino não fosse nada.

"Você é muito corajoso por admitir os seus medos," Morg declara, "por me contar como você se sente. Agradeço-lhe por isso. Eu entendo que você não deseja lutar e eu posso ajudá-lo."

O menino olha para ele com esperança e Morg se adianta, estende a mão e puxa uma pequena adaga do cinto. Darius percebe isso tarde demais e tenta gritar e correr para ajudá-lo.

Mas não há tempo. Com um movimento rápido, Morg se adianta, pega o menino pela parte de trás do pescoço e mergulha a adaga em seu coração, segurando-o com firmeza.

O menino grita em agonia, mas Morg o segura com força, enfiando a adaga em seu peito, encarando-o frente a frente. Os olhos do menino encaram o nada, até que ele finalmente para de se mexer e cai no chão.

Morg solta o corpo do garoto no chão, aos seus pés. O corpo fica ali à medida que o sangue vermelho do menino começa a manchar a areia de vermelho.

"Está vendo?" Morg diz para o rapaz morto. "Agora você não precisa lutar!"

Morg olha para cima e lentamente esquadrinha os rostos dos outros meninos; todos eles olham para o rapaz morto com uma expressão de terror em seus olhos. Até mesmo Darius é invadido por uma raiva ardente e tem vontade de matar Morg.

"NÃO!" Grita Darius, incapaz de se manter calado.

Ele pula para a frente, pronto para golpear o homem até a morte, mas ele mal consegue avançar alguns metros quando vários soldados se adiantam vestindo armaduras completas e bloqueiam o seu caminho com suas alabardas.

Morg apenas sorri. Ele se vira e olha para todos os outros meninos, que agora olham para ele, desta vez com medo.

"Por acaso alguém mais não deseja lutar?" Ele pergunta. "Há mais alguém que não deseje mal a outras pessoas? Alguém aqui está com medo?"

Desta vez, todos os meninos ficam parados em silêncio, nenhum deles está disposto a avançar ou a dizer uma só palavra.

Morg assente com satisfação.

"A arena não é para os fracos e covardes; não é para aqueles que não têm certeza se podem lutar ou que não estejam preparados para matar outros. Eu não posso permitir que meus gladiadores me

envergonhem diante do Império. Você, dê um passo à frente," Ele fala, apontando para um dos garotos menores.

O pequeno garoto dá um passo adiante e Morg se vira e acena para outro menino, um garoto musculoso com a pele avermelhada, olhos cruéis, o rosto cheio de cicatrizes e cabelos compridos trançados.

"Drok," Morg diz. "Dê um passo adiante."

Drok, exibindo um olhar cruel, se adianta e encara o menino menor como um leão prestes a devorar sua presa. Darius pode ver a escuridão nos olhos estreitos de Drok quando ele olha para o menino. Ele pode sentir que Drok é um assassino endurecido e experiente.

Morg assente e, então, um de seus soldados joga uma clava nas mãos de Drok e outra para o menino. O menino se atrapalha e derruba sua arma, enquanto Drok consegue pegar a clava sem esforço e se vira para enfrentar o menino com prazer evidente em seu olhar.

Drok ataca sem esperar e, enquanto o menino menor se atrapalha para agarrar sua clava, ele abaixa sua própria clava com tanta força que parte a arma do menino ao meio.

Com o mesmo movimento Drok ergue a clava e bate na lateral do rosto do menino, que gira a cabeça e cai de cara no chão.

O menino fica deitado ali, imóvel, com sangue escorrendo pela sua boca.

Morg fica em pé sobre o menino e olha para ele com desaprovação.

"Você nos fará perder tempo na arena," ele fala para o menino imóvel. "A arena não é para os fracos ou para os desajeitados."

Morg acena para Drok e ele se adianta, levanta a clava para o alto e começa a trazê-la para baixo na direção do crânio do menino.

Darius percebe, mais uma vez tarde demais, o que está prestes a acontecer.

"NÃO!"

Darius se livra de seus captores e corre para a frente, mas é tarde demais. Drok golpeia sua clava, esmagando o crânio do rapaz e matando-o imediatamente.

O estômago fica embrulhado quando ele vê o menino deitado em uma poça de sangue.

Darius, enfurecido, solta um grito gutural, corre para a frente e enfrenta Drok, empurrando-o para trás e fazendo com que ele cai com força no chão.

Os outros meninos se reúnem em torno deles e torcem por uma luta ao mesmo tempo em que Darius se joga em cima dele, formando uma nuvem de poeira. Drok tem quase duas vezes o tamanho de Darius, magro, musculoso e sem um pingote de gordura, e seu corpo está escorregadio, coberto de suor. É difícil para Darius segurar seu oponente enquanto eles rolam pelo chão coberto de sujeira e sangue.

Drok consegue ficar em cima de Darius e começa a abaixar seus polegares para arrancar os olhos dele. Darius consegue agarrar os dedos de Drok e torcê-los, mas, em seguida, Drok puxa suas mãos para trás e tenta morder os dedos dele. Darius puxa suas mãos para longe e Drok abaixa rapidamente a cabeça, acertando o rosto de Darius.

Darius cai de costas no chão, atordoado, e vê Drok se preparando para arrancar seus olhos mais uma vez. Darius se inclina para trás e dá um golpe com seu cotovelo, acertando em cheio a mandíbula de Drok.

Drok sai de cima dele, aterrissando no chão ao seu lado, e Darius, enfurecido por conta dos outros meninos, lhe dá um soco na cara, sem parar, até que finalmente ele sente várias mãos fortes puxando-o para longe de Drok.

Em pé, tendo sido puxado para trás por vários soldados do Império, Darius observa quando Morg começa a se aproximar dele. Ele examina Darius, parecendo impressionado.

"Seus instintos são fortes," Ele fala. "Você poderia se tornar um lutador muito bom, na verdade, se não fosse pela sua piedade. Se você continuar assim, a piedade resultará na sua morte. Não tenha

nenhuma compaixão por aqueles mais fracos do que você ou por aqueles que morrem de forma injusta. Não há espaço para a piedade na arena. Há espaço apenas para a vitória."

Morg volta sua atenção para o grupo de meninos, à procura de mais alguém para eliminar, e desta vez, seus olhos repousam sobre Luzi. Darius pode ver o que ele está pensando: Luzi é menor do que todos os outros e Morg quer se livrar dele, também.

"Vocês dois," ele fala para dois meninos maiores, "lutem contra esse rapaz."

Luzi olha para Darius, nervoso ao dar um passo adiante e ser forçado a enfrentar aqueles dois meninos que seguram clavas nas mãos. Ele parece aterrorizado.

Darius se livra dos soldados que o seguram e corre para ficar entre Luzi e os meninos.

"Se você quiser lutar com ele, terá que passar por mim primeiro," Darius fala para eles.

Ambos se entreolham, nervosos depois de ver o último duelo de Darius; eles claramente não querem lutar contra ele.

"Lutem com ele," Morg insiste. "Ou eu mesmo os matarei."

Os dois meninos correm para Darius, que está desarmado, e quando o primeiro garoto dá um golpe com sua clava na direção da cabeça de Darius, ele se abaixa, gira o corpo e lhe dá um soco no rim. O garoto cai no chão, imóvel.

O outro garoto dá um golpe para o lado de Darius, mas ele sai do caminho e, ao mesmo tempo, dá uma rasteira no garoto, derrubando-o de costas. Em seguida, ele se vira e dá uma cotovelada na cara dele, mantendo-o no chão .

Os dois meninos ficam deitados no chão, imóveis, e Darius volta a ficar em pé e olha desafiadoramente para Morg.

Morg o encara com uma expressão de fúria.

"Se você mandar mais alguém lutar contra Luzi," Darius dispara, "eles terão que passar por mim primeiro. Vou matá-los com minhas próprias mãos se for preciso."

Morg fica ali, claramente enfurecido, debatendo o que fazer enquanto alterna o olhar entre Darius e Luzi.

Finalmente, ele cospe no chão.

"Deixe que ele morra lá fora, então," Morg retruca. "Será apenas mais uma morte para os espectadores. E a hora da matança acaba de começar."

Com isso, Morg se vira e começa a atravessar o pátio, seguido pelos seus homens, e logo Darius e os outros voltam a ser algemados, acorrentados uns aos outros e levados pelo pátio empoeirado. Uma enorme porta de ferro maciço é aberta diante deles, dando-lhes acesso a um túnel de pedra estreito. Assim que a porta é aberta, Darius é capaz de ouvir os aplausos da multidão. Aquele é o som de uma multidão em busca de sangue e o barulho vai ficando cada vez mais alto à medida que Darius e seus companheiros avançam pelo corredor.

Havia chegado a hora, ele sabe, de entrar na arena.

CAPÍTULO ONZE

Volússia observa com surpresa quando centenas de milhares de soldados do Império começam a marchar, avançando em sua direção e preparando-se para enfrentá-la na maior batalha que ela já tinha experimentado. Eles partem para cima dela de todos os lados, surgindo de trás dos muros da Capital. Os soldados do Império também surgem através das portas de ouro da Capital emitindo gritos de guerra. É como se as portas do inferno estivessem sendo abertas para atacá-la. Ela nunca tinha visto tantos homens juntos em toda a sua vida.

Volússia fica surpresa e ao mesmo tempo decepcionada que o feitiço dos Vòks não tenha sido capaz de derrubar os muros da Capital, surpresa ao descobrir que seus poderes são inúteis contra aquelas fortificações e ela não tem escolha exceto preparar-se para um confronto convencional - seus duzentos mil homens contra um exército com duas ou três vezes o seu tamanho.

Volússia olha por cima do ombro e fica aliviada ao ver que seus homens estão mantendo suas formações, bem disciplinados, e que todos eles estão avançando, como ela havia ordenado, sem medo de enfrentar o inimigo.

Enquanto os homens do Império continuam avançando em sua direção, agora quase a cem metros de distância e ganhando velocidade, um de seus assessores aparece ao lado dela.

"Deusa, você deve recuar," Ele diz com medo evidente em sua voz ao puxá-la pelo braço. "Você vai morrer aqui. Você deve retirar-se imediatamente para a retaguarda."

Volússia, solta seu braço das mãos do assessor e mantém sua posição, encarando o exército do Império desafiadoramente. Afinal, ela é uma deusa. Ela sente que é invencível e que ninguém no planeta é capaz de lhe causar qualquer mal.

"Se eles querem enfrentar meus homens, terão que lutar comigo primeiro," ela responde. "Eles terão que passar por mim."

Volússia fica parada enquanto buzinas e trombetas soam ao seu redor e os soldados do Império, montados em cavalos enormes continuam avançando em sua direção. Ela olha para cima e vê, no alto dos muros da Capital, o general do Império, olhando para baixo, claramente se divertindo e convencido de que ele está prestes a testemunhar um massacre sangrento.

Volússia, no entanto, não sente medo. Na verdade, ela anseia pelo confronto. Ela havia apreciado a violência durante toda a sua vida e agora, ela sente, não será diferente.

"Formem três divisões!" Ela comanda com uma voz que se ergue acima do barulho dos cavalos a galope. "Um grupo deve seguir pela direita, um pela esquerda e um grupo deve seguir atrás de mim pelo centro!"

Seu exército, bem disciplinado, faz como ela ordena, dispersando-se em três divisões e avançando para enfrentar cada um dos três batalhões do Império. Um grupo enorme de soldados em cavalos avança na direção dela, passando sobre a ponte dourada, e ataca milhares de soldados a pé com seus longos machados de batalha em preto-e-ouro erguidos e brilhando sob o sol.

Volússia sabe que não tem números suficientes para enfrentar aqueles soldados, mas ela tem uma confiança inabalável em si mesma: ela simplesmente não consegue se imaginar morrendo e acredita que o que ela não consegue imaginar não pode acontecer.

Eles chegam cada vez mais perto e Volússia fica parada e se prepara quando o primeiro dos homens chega até ela gritando e com seu machado de guerra em punho, prestes a golpeá-la na cabeça.

Volússia espera até o último momento, até que a lâmina do machado quase toca o seu rosto, e então, estende a mão e enfia a pequena lâmina que ela havia escondido na palma de sua mão direita na garganta do soldado. Ela continua enfiando a lâmina no soldado, perfurando sua garganta até que ele começa a cuspir sangue, solta o seu machado, seu ajoelha e cai de rosto no chão, morto.

A primeira vítima daquela guerra havia caído por suas próprias mãos e Volúcia começa a se entusiasmar. À medida que mais homens a alcançam, vindos de todos os lados, ela gira o corpo e usa sua pequena lâmina para cortar uma garganta após a outra. Ela não precisa de força ou tamanho quando ela tem destreza e astúcia; ela sabe que a menor arma nas mãos da pessoa certa pode, às vezes, ser a arma mais letal de todas.

Quando os exércitos finalmente se encontram, há um enorme estrondo de armaduras e armas e os gritos dos homens tomam conta do ar assim que a batalha começa. Os dois lados se enfrentam em uma explosão de energia, espadas encontram escudos, machados, maças, lanças e alabardas encontram armaduras, membros são perdidos e homens começam a morrer em ambos os lados quando a batalha finalmente começa. A luta é intensa e feroz, homem contra homem, ombro a ombro, sem que nenhum dos lados recue um único centímetro. Os dois exércitos se enfrentam mutuamente e um vai e vem se segue sem que qualquer lado consiga obter uma vantagem.

Os homens de Volúcia, para seu crédito, não demonstram medo e oferecem resistência como se eles fossem um muro de pedra, mesmo diante do exército que se aproxima rapidamente deles. Os homens de Maltólis são bem disciplinados, resultado de anos de treinamento sob o comando de um louco.

O exército do Império, Volúcia percebe, havia esperado avançar sobre os homens de Volúcia como um maremoto ou que eles recuariam diante do confronto, mas nada disso havia acontecido e isso tinha criado um efeito gargalo que começa a funcionar a favor de Volúcia. Logo os homens do Império não conseguem mais avançar e começam a se acumular em todo o trajeto até a Capital, pois apenas alguns são capazes de passar pelos portões de Capital enquanto os homens de Volúcia os impedem de avançar. Apesar dos números superiores do Império, a luta ainda está equilibrada.

Nos flancos da batalha, porém, a história é diferente: no campo aberto, os números superiores do Império permitem que eles continuem avançando e mais homens não param de chegar, um batalhão após o próximo, oprimindo as forças de Volúcia. Seus homens exibem uma coragem galante, matando dezenas de Império, mas o Império tem um suprimento infinito de homens e, para eles, perder alguns milhares de soldados não é um problema. Volúcia logo percebe que seus homens estão sendo dominados nos flancos. Corpos começam a se acumular no chão do deserto e ela sabe que precisa fazer algo rapidamente ou então arriscar ser cercada.

Volúcia ouve um barulho súbito e sente a terra tremer embaixo dela, fazendo-a cair. Ela ouve os homens gritando e, ao olhar naquela direção, vê que uma rocha enorme havia caído a poucos passos dela, abrindo uma grande cratera no chão e esmagando vários de seus homens. A rocha também esmaga alguns homens do Império, mas eles não parecem se importar.

Volúcia olha para cima e vê o general do Império nos parapeitos da cidade, sorrindo com satisfação na direção dela. Ela vê dezenas de outras rochas sendo colocadas na borda dos parapeitos, equilibrando-se precariamente e prestes a serem empurradas para baixo.

Volúcia assiste com horror quando as rochas começam a cair, uma após a outra, e o chão volta a tremer ao redor dela. Nuvens maciças de poeira se erguem no ar ao mesmo tempo em que homens gritam em agonia. Seus homens começam a cair por todos os lados e Volúcia imediatamente percebe que as rochas não são o único problema e sim o impacto psicológico daquelas armas sendo lançadas contra eles.

Ela sabe que eles perderão aquela batalha se algo não for feito rapidamente.

Volúcia termina de cortar a garganta de outro soldado do Império, olha para cima e se prepara ao ver vários soldados do Império correndo em sua direção. Eles estão se aproximando rápido e ela sabe que não poderá evitá-los desta vez. Ela leva as mãos ao rosto quando as lâminas das armas se aproximam dela, sabendo que não há nada mais que ela possa fazer e preparada para enfrentar o seu destino.

Vokin se aproxima dela, estende a palma da mão e, naquele mesmo instante, uma bolha verde-clara se forma em torno dela; os machados ricocheteiam inofensivamente na bolha, uma após a outra.

Volússia fica ali, grata por estar viva já que os soldados não são capazes de tocá-la, mas eles continuam golpeando sem parar - e sem sucesso.

Volússia dá um passo adiante e enfia sua adaga no coração de um dos soldados, arrastando-a lâmina ao longo de seu peito até cortar o coração dele. Ela enfia a mão no peito do homem e arranca o seu coração, saboreando o momento ao mesmo tempo em que ele cai no chão. Volússia segura o coração dele, ainda batendo, e encara o soldado.

"Eu sou a Deusa Volússia," Ela declara calmamente para o soldado moribundo.

Volússia olha para Vokin, sabendo que algo deve ser feito.

"Se você não pode derrubar aqueles muros," Ela grita sobre o barulho, "então lance outro feitiço. Machuque-os de outra maneira."

Ele olha para ela com conhecimento de causa, se vira para o lado e acena para seu exército de Voks. Juntos, eles se adiantam e erguem as palmas das mãos.

Esferas de luz verde saem das mãos deles e começam a voar na direção do chão duro do deserto. Assim que elas encontram o seu destino, o chão do deserto começa a rachar; fendas com cinco metros de largura se abrem no chão e começam a avançar entre as forças de Volússia e os soldados do Império.

As forças do Império, ainda avançando, começam a cair com seus cavalos, sendo esmagadas quando mais homens caem em cima delas.

Os milhares de soldados do Império de repente param no meio do caminho quando seus homens começam a ser engolidos pela fenda, como se a terra os estivesse engolindo.

Os homens do Império presos no lado mais próximo das trincheiras se viram e olham para trás com medo, percebendo que agora eles estão separados do corpo principal do exército.

"AO ATAQUE!" Volússia ordena.

Seus homens, encorajados, soltam um grande grito de guerra e começam a avançar, redobrando seus esforços. Eles golpeiam e esfaqueiam os soldados capturados, derrubando-os às dúzias e fazendo com que recuem. Volússia também usa o seu mangual de três pontas e, girando-o acima de sua cabeça, atinge meia dúzia de soldados na parte de trás de suas cabeças, exibindo um amplo sorriso enquanto executa o seu ataque.

Os homens do Império, apavorados, começam a se recuar, fugindo.

"FLECHAS E LANÇAS!" Grita Volússia.

Seus homens tomam suas posições, arremessando lanças e disparando flechas nas costas dos homens em fuga, matando outras centenas de soldados.

A vantagem começa a virar a favor dela, mas Volússia percebe que as trincheiras estão se enchendo, repletas de milhares de soldados do Império, e sabe que aquilo só será capaz de segurá-los por mais algum tempo.

"FOGO!" Volússia grita.

Vokin se adianta com seus homens e eles estendem as palmas das mãos. Desta vez, esferas vermelhas saem voando e acertam os soldados dentro das trincheiras. Assim que isso acontece, todos os soldados dentro da fenda de repente se incendiam e as chamas se erguem na direção do céu, misturando-se aos gritos dos homens que estão sendo queimados vivos. Um enorme anel de fogo cerca a capital enquanto os gritos terríveis dos soldados preenche o ar e todas as trincheiras são incendiadas.

"AO ATAQUE!" Ordena Volússia.

Volússia começa a avançar na direção das trincheiras, rumo aos homens incendiados, sem demonstrar medo. Ela corre rapidamente, pisando em suas cabeças, ombros e braços e usando-os como uma ponte humana. Os homens gritam de dor e Volússia fica satisfeita ao testemunhar todo o seu sofrimento. Ela corre por cima deles, pulando de cabeça em cabeça, de ombro em ombro, e seus homens a seguem, usando os corpos dos soldados do Império como uma passarela.

Do outro lado, Volúcia corre diretamente para as portas da Capital. Os soldados do Império em pé diante dele, com a visão afetada pela fumaça em seus rostos, ficam aterrorizados com a visão de seus homens correndo para fora das chamas e finalmente cedem. Eles se viram e correm de volta para a segurança, atrás dos muros da Capital.

O comandante do Império, observando tudo isso, percebe o que está acontecendo lá embaixo, franze a testa e dá ordens para os seus homens. Trombetas soam e, lentamente, as grandes portas douradas da Capital começam a se fechar. Ele não se importa com os homens que não tinham tido tempo de voltar para a Capital, trancando-os para fora.

Volúcia lidera seus homens com fúria e eles soltam um grito de guerra, abatendo mais centenas de soldados do Império que estão presos entre eles e as portas da Capital, que agora estão fechadas. Eles não têm para onde ir, sendo massacrados sem piedade e manchando as portas da cidade com seu sangue.

Volúcia também mata alguns homens, abrindo caminho entre eles como um trator até chegar diante dos portões da Capital, seguida de perto por seus homens. Logo, não resta nada entre ela e os portões da cidade.

Respirando com dificuldade, ao ver que não há mais ninguém para enfrentar, Volúcia observa os portões diante dela e grita:

"ARÍETE!"

Seus homens se separam e um aríete de ferro sobre rodas é empurrado até ela duas dezenas de homens. Eles se preparam e, em seguida, empurram o aríete para a frente com força, batendo-o contra os portões dourados. Um baque oco se segue e eles continuam batendo sem parar, mas os portões dourados não cedem.

Volúcia vê algo caindo pelo canto do olho e começa a ouvir os gritos de seus homens. Ela olha para cima e vê, no alto, as forças do Império inclinando-se sobre a borda dos parapeitos e derramando caldeirões de óleo fervente em cima de seus homens. Então, eles jogam tochas acesas e os homens que estão empurrando o aríete de repente são incendiados, assim como o aríete.

Volúcia grita, irada e determinada a atravessar aqueles portões. Os reforços do Império estão surgindo no horizonte e ela sabe que seu tempo é curto. Ela precisa entrar na capital, atacar o coração da cidade e assumir o comando de seus exércitos. Ela sabe que se não conseguir atravessar aqueles portões, tudo estará perdido.

Volúcia sabe que é hora de tomar medidas desesperadas. Ela se vira e acena para um de seus comandantes.

"Vamos usar as catapultas humanas!" Ela ordena.

O comandante a encara com os olhos arregalados, mas, em seguida, repete as ordens para os seus homens.

Da retaguarda de seu exército lá, uma longa fila de catapultas, dezenas delas, menores do que as outras. Em cada uma delas há um fardo de feno e, sob o olhar atento de Volúcia, seus soldados de elite sobem no feno e se amarram aos fardos, prendendo-se na catapulta.

"Minha senhora," Diz Gibvin, o comandante de seus exércitos, correndo até ela com uma expressão de pânico, "este é um plano terrível. Você vai matar bons homens. Isso não vai funcionar e todos esses homens irão morrer."

Ela olha friamente para ele.

"Alguns vão morrer," Responde ela, "mas os corajosos sobreviverão e eu estarei entre eles."

Ele olha para ela com incredulidade.

"Você?" Ele diz. "Você não pretende se juntar a eles?"

Ela sorri.

"Eu serei a primeira," Volúcia responde.

"Você vai morrer," Ele dispara.

Ela abre ainda mais seu sorriso.

"E desde quando eu tenho medo da morte?"

Volúcia corre até as catapultas, prende seu corpo a um fardo de feno com uma corda comprida e fica em pé. Ela olha para os lados e vê dezenas de outros soldados amarrados ao feno, cada um em sua própria catapulta e olhando para ela com um olhar aterrorizado, no aguardo de seu comando. Ela olha para o alto, sabendo que seu plano é maluco. No entanto, se ela tiver que morrer, Volúcia não consegue imaginar melhor maneira de encontrar o seu destino.

"FOGO!" Ela ordena.

O barulho repentino de uma corda sendo cortada e o ranger das engrenagens de madeira tomam conta do ar e, ao sentir seu corpo sendo arremessado no ar, Volúcia fica sem fôlego. Ela e seus homens atravessam o ar como estrelas cadentes, amarrados aos enormes fardos de feno. Volúcia, oprimida pela sensação, mal consegue respirar e fecha os olhos contra o vento, sentindo um buraco em seu estômago. Ela nunca havia se sentido tão ousada ou tão viva. Ela se sente livre pela primeira vez em sua vida, livre de todo o medo da morte.

Volúcia dispara no ar, por cima dos muros, passando quase cinco metros acima deles, e observa o olhar espantado no rosto do general do Império ao vê-la voar sobre sua cabeça e passar por cima do muro.

Ela, porém, é uma das poucas pessoas com sorte; muitos dos homens nas catapultas não conseguem passar e são esmagados contra os muros, gritando ao despencarem de encontro com suas mortes.

Quando Volúcia passa por cima do muro e começa a cair do outro lado, ela olha para baixo e vê as ruas da capital do Império muito abaixo dela. À medida que sua velocidade diminui, Volúcia começa a cair em queda livre. Volúcia se debate quando ela começa a cair, ainda amarrada ao fardo de feno, e tenta se posicionar de modo que ela possa cair em cima do feno. Ela reza para que o fardo de feno resista ao impacto, para que seu plano funcione e ela caia de barriga em cima dele. Ao seu redor, seus soldados gritam ao mesmo tempo em que tentam fazer o mesmo.

Enquanto ela cai, as ruas de paralelepípedos se aproximam cada vez mais dela...

Seus homens pesam mais do que ela e muitos chegam ao chão antes dela. Os homens que ela é capaz de ver não têm tanta sorte e não conseguem cair corretamente sobre o feno, dando cambalhotas desajeitadas e caindo no chão de pedra, o que faz com que quebrem seus pescoços instantaneamente. O som nauseante de ossos sendo partidos preenche o ar. Volúcia teria se sentido aterrorizada se tivesse tido tempo para isso.

Momentos depois, Volúcia se prepara e bate no chão com a mesma intensidade de um asteroide caindo na terra. Ela se vira no último segundo e consegue posicionar o feno entre ela e o solo. O fardo de feno se parte e ela bate no chão, mas o feno havia amortecido a sua queda.

Volúcia fica deitada por um momento, com dor de cabeça e sem fôlego, e então, ela lentamente começa a se levantar. Ela balança a cabeça e precisa de alguns instantes para perceber que ela ainda está viva. Ela havia conseguido.

Ela olha ao seu redor e vê que uma dúzia de seus homens também havia conseguido saltar sobre o muro.

Volúcia, ouvindo os gritos dos soldados do Império se organizando nas ruas, não perde tempo. Ela desamarra suas cordas, fica em pé e começa a avançar, correndo para os portões da Capital. Seus homens, ficando em pé um de cada vez, começam a segui-la.

Na frente dela, em seu campo de visão, há meia dúzia de soldados do Império, de costas para ela e montando guarda diante dos portões dourados. Aquele é um grupo pequeno, pois o Império nunca havia esperado que os portões fossem ultrapassados. Eles também estão de costas para ela, porque nunca haviam esperado que a ameaça pudesse vir de dentro.

Volússia corre o mais rápido que consegue, diminuindo rapidamente a distância, e consegue enfiar uma faca nas costas de um dos soldados antes que qualquer um deles possa reagir.

Os outros homens, porém, se viram e um soldado do Império ergue sua espada e começa a abaixá-la na direção do pescoço exposto de Volússia; ela percebe que não será capaz de reagir com rapidez suficiente e se prepara para o golpe.

Uma lança passa zunindo pelo ar e perfura o soldado, prendendo-o à porta. Então várias outras lanças se seguem e, ao olhar para trás, Volússia vê seus homens correndo para se juntar a ela. Eles atacam os guardas de uma só vez e os guardas, sem saber o que está acontecendo e despreparados, logo são mortos quando lanças, espadas e clavas caem sobre eles em uma saraijada mortífera.

Volússia observa com satisfação enquanto todos os homens que haviam protegido os portões são mortos. Ela se vira e olha para a antiga manivela dourada que controla a abertura dos portões.

"A MANIVELA!" Ela grita.

Volússia corre até a enorme manivela, estende a mão em com toda a sua força, tenta puxá-la, sem sucesso. A manivela é pesada demais para ela.

Seus homens se aproximam e, juntos, eles começam a puxá-la até que, lentamente, a manivela começa a se mover.

Há um grande rangido e, lentamente, alguns centímetros de cada vez, Volússia observa com prazer quando os portões começam a se abrir. No começo, ele se abre aos poucos, mas logo os portões estão completamente abertos.

Atrás dela, dezenas de soldados do Império, do lado de dentro da cidade, percebem a sua presença e partem para cima de Volússia para matá-la. Eles estão a trinta metros de distância e se aproximam rápido, mas quando os portões finalmente se abrem, um grande grito é ouvido e o exército de Volússia começa a inundar a Capital. Os soldados do Império param no meio do caminho, se viram e começam a correr.

Seu exército invade a capital, passando pelos portões abertos, e Volússia observa seus homens correndo entrando da Capital como uma manada de elefantes, invadindo as ruas sagradas da antiga cidade.

O ar logo é preenchido pelo som de soldados e cidadãos do Império sendo abatidos e o sangue das vítimas comela a escorrer pelas ruas. Volússia joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada.

Finalmente, a capital é sua.

CAPÍTULO DOZE

Gwendolyn dá um longo gole do saco de água, desta vez entregue a ela por um dos cavaleiros, que se inclina sobre ela com sua armadura brilhando sob o sol. Ele lhe dá mais água para beber do que os nômades haviam feito e ela bebe avidamente, engolindo até que o líquido começa a escorrer pelo seu rosto.

Tossindo, Gwen se senta pela primeira vez, sentindo-se energizada. Ela abre os olhos, protegendo-os contra a luz do sol com uma das mãos, e percebe que ela está em um barco, um barco comprido e estreito. Meia dúzia de cavaleiros a acompanham no barco e, esparramados em vários estágios de recuperação e recebendo sacos de água dos atendentes, estão todos os seus homens. Eles calmamente deslizam sobre as águas mais azuis que Gwen já tinha visto e, depois de sua longa jornada pelo deserto árido, tudo aquilo parece um sonho.

Gwen se sente aliviada ao ver que todos eles estão vivos, em recuperação, e que alguns deles conseguem até mesmo comer pequenos pedaços de pão. Ao olhar para cima, Gwen vê um cavaleiro entregando-lhe um pedaço de pão e ela dá uma mordida pequena, sentindo sua força voltando lentamente. O cavaleiro, de cócoras ao lado dela, também lhe estende um pequeno favo de mel e, quando ela mergulha o pão no mel e experimenta, Gwen sente que aquilo é a melhor coisa que ela já havia comido. Ela sente que está recuperando toda a sua energia.

Gwen ouve um gemido e, ao olhar para baixo, vê Krohn enrolado em seu colo e lembra imediatamente dele, sentindo-se culpada. Ela oferece o resto de seu pão para ele e Krohn o engole, voltando a gemer em seguida. Ele lambe o mel dos dedos de Gwen.

Gwen quer agradecer o cavaleiro quando ele se levanta para sair, mas ela ainda está muito cansada e com a garganta ressecada demais para pronunciar as palavras. Ela se pergunta se algum dia será capaz de falar outra vez.

Assim que o cavaleiro sai, indo cuidar dos outros, Gwen acaricia a cabeça de Krohn e olha para a paisagem diante dela. Brisas suaves acariciam o seu rosto à medida que eles navegam pelo lago, tão grande quanto um oceano, balançando suavemente. Os cavaleiros remam em harmonia e, à medida que eles avançam, o lago brilha, refletindo tons do azul mais lindo que Gwen já tinha visto. Quando ela olha para o horizonte, ela fica ainda mais espantada: há uma terra fértil que transborda fertilidade, de um verde tão exuberante que ofusca a beleza das águas do lago. Aquilo tudo parece impossível.

Gwen fica ainda mais surpresa ao ver vários veleiros na margem oposta e muitas pessoas vivendo vidas pacatas, com muita diversão e alegria, enquanto navegam em harmonia e segurança. A vida no Anel tinha sido abundante, mas eles haviam vivido em constante atenção, endurecidos pelo combate e por ameaças constantes; ali, não parece haver qualquer ameaça. Ela fica espantada ao ver tanta liberdade no meio do território hostil do Império e tanta abundância em meio a um deserto cruel e sem vida. Gwen já pode perceber que aquela sociedade, seja lá o que for, é claramente rica, claramente bem estabelecida, segura e protegida atrás do cume que a cerca, estendendo-se em um círculo enorme em torno dela da mesma forma que o Canyon havia protegido o Anel. Aquela terra, com toda a sua generosidade, supera até mesmo o Anel.

Gwendolyn quer desesperadamente falar algo, aprender mais sobre eles. Diversas perguntas invadem a sua mente. Ela estende a mão e agarra o braço de um cavaleiro que passa ao seu lado. Ele se ajoelha e olha para ela. Gwen tenta falar, mas as palavras não saem; ela fica exausta com o esforço.

"Descanse agora," Ele fala suavemente. "Você precisa disso."

Ele sai de perto e Gwen tenta apreciar a paisagem, mas as brisas do lago, cheias de umidade, fazem Gwen relaxar, deixando-a completamente à vontade pela primeira vez desde que ela é capaz de se lembrar. Apesar de seus esforços, em poucos instantes, Gwen adormece.

Gwendolyn abre os olhos lentamente, apertando-os devido ao brilho intenso do sol, se senta e mal consegue acreditar no que vê. A princípio a cena parece ser uma ilusão. Ela vê duas imensas estátuas de ouro, cada uma com quase trinta metros de altura, os braços erguidos em uma saudação estranha e cruzados um com o outro. Uma delas é a estátua de um cavaleiro com o torso musculoso exposto e a outra é de uma mulher menor, mas igualmente musculosa. As duas estátuas seguram espadas e, ao olhar para baixo, Gwen percebe que há um arco enorme por onde a água passa entre as pernas delas, anunciando a entrada para a terra e fluindo na direção de um grande porto. A luz reflete nas estátuas, iluminando tudo ao redor delas e dando a impressão que as águas do porto possuem vida própria.

Quando seu barco passa por elas, Gwen endireita sua postura, observando todo o seu entorno com atenção. Gwen havia esperado encontrar um local tranquilo, arborizado e calmo, mas fica surpresa ao avistar o sofisticado e movimentado porto da cidade, repleto de grandes navios com todos os tipos de mastros e velas, as margens repletas de lojas e casas e ruas forradas por paralelepípedos e cheias de cavalos, carruagens e pessoas. As fachadas dos prédios parecem bem construídas e fica evidente à primeira vista que aquela sociedade existe ali há séculos. Várias embarcações cruzam o porto em todas as direções e o lugar transborda riqueza e luxo. Ela se pergunta se tudo aquilo pode mesmo ser real.

Os outros também começam a despertar assim que eles alcançam a doca, parando suavemente. Eles mal chegam até as docas quando os cavaleiros que os acompanham se apressam para ajudar cada um deles, estendendo a mão para Gwen e ajudando-a a subir no cais. É a primeira vez que Gwen anda desde que havia sido resgatada e é bom voltar a ficar em pés novamente, embora ela ainda se sinta um pouco instável. Ela precisa de ajuda ao dar os primeiros passos e, ao sentir algo em suas pernas e olhar para baixo, Gwen fica tranquilizada ao ver que Krohn ainda está ao seu lado.

Gwen fica feliz ao ver que Kendrick, Steffen e todos os outros também estão em pé e, assim que ela chega ao cais, Kendrick e Steffen estendem os braços e também a ajudam a sair do barco. Ambos parecem ter passado por um período de grande dificuldade por estarem muito mais magros do que antes, mas mesmo assim eles sorriem para ela. Gwen percebe que, assim como ela, Kendrick e Steffen estão aliviados por terem uma segunda chance na vida.

Os cavaleiros acompanham todos eles ao longo do cais, caminhando na direção de uma carruagem dourada grande o suficiente para acomodar a todos. Ela deixa os outros entrarem na frente dela e observa com alívio quando todos os seus companheiros, Illepra e o bebê, Stara, Kendrick, Sandara, Steffen, Aberthol, Brandt, Atme e meia dúzia dos cavaleiros da Prata, entram na carruagem. Gwen fica emocionada ao ver que Argon ainda está com eles, sendo levado pelos cavaleiros em um estado enfraquecido e ainda inconsciente, mas vivo. Ele é colocado na carruagem com cuidado e Gwen reza para que eles possam encontrar uma cura para ele naquele lugar.

Pelo menos ela havia salvado algo do Anel e conseguido levá-los até ali.

Um dos cavaleiros a ajuda a subir os três degraus dourados e, quando ele se vira para partir, Gwen estende a mão e agarra o seu pulso.

"Para onde estamos indo?" Ela pergunta.

O cavaleiro olha para ela com surpresa.

"Para o castelo, minha senhora," Ele responde, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. "Para que vocês possam conhecer o nosso Rei. Ele tem o direito de decidir o que acontecerá com vocês e se vocês podem ficar aqui."

Gwen é invadida por uma onda de medo.

"Que tipo de rei ele é?" Ela pergunta.

O cavaleiro sorri.

"Um rei bom e justo. Um rei sábio. Rezo para que ele permita que vocês permaneçam conosco."

O estalo de um chicote corta o ar e os lindos cavalos e éguas brancas, com crinas compridas e bem cuidadas, os mais lindos animais que Gwen já tinha visto, de repente entram em ação. Eles começam a galopar e Gwen fica surpresa ao não sentir qualquer tipo de solavanco. Ela olha para baixo e vê que a carruagem é de qualidade superior, diferente das carruagens que ela já tinha visto, e as estradas tão suaves que Gwen tem a impressão de estar caminhando pelo ar. Ela fica impressionada, mais uma vez, com aquele povo misterioso.

Eles passam por ruas imaculadas à medida que atravessam a cidade ao sair do porto. As ruas estão cheias de pessoas vestidas em trajes elaborados, pessoas vendendo mercadorias, oferecendo amostras de alimentos ou andando com pressa, todos caminhando livremente sem nenhum senso de perigo. Gwen fica impressionada com a moda do lugar, pelas roupas coloridas com cortes incomuns que todas as mulheres estão vestindo e pelos penteados dos homens; todos eles parecem ter as cabeças raspadas e barbas loiras brilhantes. Esse parece ser o costume local.

Todas as pessoas parecem descontraídas e amigáveis, muitas delas estão rindo abertamente, mostrando-se bem-humoradas. Eles parecem ser um povo aberto e amigável, sempre disposto a dar uma boa risada; os homens e as mulheres são altos, têm os ombros largos, a pele morena e posturas relaxadas enquanto as crianças brincam e correm ao seu redor. A cena faz Gwen se lembrar da Corte do Rei em seu apogeu.

Gwen analisa os edifícios por qualquer sinal de um castelo, observando todo o lugar com fascínio, mas não consegue localizá-lo. As estradas, na verdade, logo fazem curvas, começando a levá-los para fora da cidade até que Gwen vê diante dela campos abertos e colinas verdes. Gwen fica surpresa ao perceber que eles estão deixando a cidade.

O castelo, ela percebe, deve ficar em outro lugar, talvez mais longe do porto.

Gwen se inclina para a frente e se aproxima do carroceiro, que está segurando as rédeas dos cavalos de costas para ela.

"Onde fica o castelo?" Gwen pergunta para ele.

Ele olha por cima do ombro com bom humor e balança a cabeça.

"Ainda estamos muito longe, minha querida," Ele responde. "O castelo fica do outro lado do Cume. Talvez seja preciso a maior parte do dia para chegar até lá, portanto sente-se, relaxe a tente apreciar as maravilhas da nossa terra."

A estrada dá acesso à outra estrada quando a paisagem começa a mudar, tornando-se mais rural, repleta de árvores exuberantes que revestem o caminho. Eles viagem para cima e para baixo de colinas verdes, fazendo curvas suaves ao som dos pássaros cantando e passando por pomares, vinhas e quintas diferentes de todas as coisas que ela já tinha visto. Gwen vê campos inteiros cheios de frutas vermelhas brilhantes, repletas de suco. Ela vê outros campos cheios de mirtilos do tamanho de sua mão, vinhas cheias de uvas, agricultores empurrando seus carrinhos com alegria e assobiando, campos verdejantes de grama e um horizonte inteiro cheio de gado, cavalos e cabras pastando livremente sob os sóis brilhantes, que aparentam ter um tom laranja mais suave ali.

Aquela é, certamente, uma terra de esplendor.

"Você já viu qualquer coisa parecida com isso?" Pergunta uma voz ao seu lado.

Ela vê Kendrick sentado a seu lado, olhando para a paisagem, igualmente espantado.

Gwen balança a cabeça.

"Eu ainda não acredito que isso seja real," Declara Illepra, sentada do outro lado de Gwen, ainda segurando o bebê que, Gwen fica exultante em ver, parece bem novamente.

"E se esse rei não permitir que fiquemos aqui?" Pergunta Steffen.

Aquela é a mesma pergunta que ocupa a mente de Gwen.

"Nós fomos agraciados com uma segunda chance na vida," Ela responde. "Tudo o que Deus escolher para nós será aceito."

Gwen se vira para Aberthol, que olha para a paisagem com seus olhos experientes.

"Este é o Segundo Anel?" Ela pergunta para ele.

Ele suspira.

"Eu não posso dizer com certeza, minha senhora," Aberthol responde. "Se o Segundo Anel realmente existis, este certamente é o lugar ideal."

Gwendolyn se vira e olha para Argon, ansiosa para obter algumas respostas. Ela sente mais vontade do que nunca de lhe fazer perguntas, pedir-lhe que conte tudo sobre aquele lugar, sobre seu destino e sobre o que ainda irá acontecer. No entanto, ele ainda está ali, respirando, mas inconsciente.

Sacos de água fresca e gelada, deixados para eles pelos cavaleiros, são distribuídos na carruagem e Gwen sente quando um deles é colocado em sua mão por Steffen. Gwen bebe e, ao colocar o líquido na boca, sente um sabor doce, talvez o gosto de mel, e é invadida por uma onda de alívio. Ela também começa a se sentir sonolenta.

A brisa suave daquele lugar tem um efeito estranho sobre ela. Gwen se deita e, apesar de seus esforços, se vê fechando lentamente os olhos, cada passo do cavalo embalando-a cada vez mais em um sono profundo.

*

Quando Gwen finalmente abre os olhos novamente, sem saber quantas horas haviam se passado, ela vê os dois sóis baixos no céu, lançando um brilho avermelhado e suave sobre a paisagem. Ela olha ao seu redor e vê que os outros ainda estão dormindo. Ela balança a cabeça lentamente, tentando se livrar dos sonhos que ainda povoam a sua mente, sonhos de Thorgrin e de Guwayne com os braços esticados para dela em algum mar distante. Um peso toma conta de seu coração ao pensar neles. Gwen é invadida pela tristeza ao olhar ao seu redor, procurando por eles e desejando mais do que qualquer outra coisa que eles estivessem ali agora, ao seu lado.

Gwendolyn ouve um gemido, olha para baixo e acaricia a cabeça de Krohn, que está em seu colo. Ela vê que a carruagem ainda está em movimento e percebe que eles haviam viajado o dia todo. Qual será o tamanho desta terra? Ela se pergunta, maravilhada com a forma como o lugar parece nunca ter fim, com a forma como tamanha abundância pode cobrir uma área tão extensa.

Gwen, a única pessoa acordada, olha para cima quando a carruagem lentamente atinge o topo de uma colina e, em seguida, chega a uma parada. Então, Gwen inclina o corpo para a frente, espantada com a visão diante dela: ali, no horizonte, está a cidade mais bonita que ela já tinha visto, inteiramente feita de prata, com torres de prata erguendo-se em direção ao céu e refletindo os raios do sol. Tudo brilha, dando a impressão de que aquela terra é positivamente mágica. Aquele é o lugar mais bonito que ela já tinha visto.

A cidade, estendendo-se até onde os olhos de Gwen podem ver, é cercada por muros baixos de pedra e uma série de fossos com pontes sobre eles, intercalada por prados de pastagem e campos verdejantes. Em seu centro, elevando-se acima de tudo, há um castelo de prata reluzente, repleto de pináculos, parapeitos, uma ponte levadiça e centenas de cavaleiros montando guarda.

Seu coração bate mais rápido quando ela assimila tudo aquilo. Quem são aquelas pessoas? Ela volta a se perguntar. Será que eles encontrarão um novo lar ali?

"Minha senhora," Diz o motorista, virando-se para ela assim que a carruagem para de se movimentar. "Permita-me ser o primeiro a apresentá-la o Castelo do Cume."

CAPÍTULO TREZE

Thor fica na proa do elegante navio pirata negro, agora sob seu controle, segura a grade lateral do navio e observa os mares em movimento abaixo dele, pensando. Ele sabe que seu filho, Guwayne, está em algum lugar lá fora. Lá fora em algum lugar está o seu destino, o que colocará um fim àquela missão, permitindo que ele volte para o lado de Gwendolyn. Mas onde?

À medida que o navio se movimenta para cima e para baixo em alto mar, pulverizando o seu rosto com a água salgada, eles atravessam o oceano em ritmo rápido, com as velas completamente estendidas; com esse navio poderoso, eles avançam mais rápido do que jamais haviam feito. Aquele navio é exatamente do que eles haviam precisado desde o início. Ainda assim, é claro, ele não tão rápido quanto Thor teria viajado com um dragão e, sentindo falta de Mycoples, Thor vasculha os céus à procura de Lycoples, torcendo para que ela volte para eles para que ela possa ajudá-los.

Mas ela está longe de ser encontrada.

Thor começa a pensar. Ele havia estado certo de que encontraria Guwayne quando havia iniciado a sua busca, tendo certeza de que encontrar seu filho seria apenas uma questão de tempo. Ele tinha tido certeza de onde Guwayne estaria e havia sentido que o encontraria em breve.

Mas agora, após sua jornada na Terra dos Mortos, após a tempestade e após a batalha contra os piratas, Thor não tem tanta certeza; ele tem a sensação de que seu mundo está desmoronando e que ele está começando do zero novamente. No entanto, desta vez, ele não tem ideia de onde procurar por seu filho, nenhum deles tem. Ele não consegue evitar a sensação de que, mesmo com um navio mais rápido, eles estão navegando sem rumo.

Thor não sabe para onde eles estão indo, mas pelo menos eles estão indo para *algum lugar*. Afinal, ficar sentado no meio do mar não o fará encontrar o seu menino. Aquele navio, mais rápido e maior do que qualquer outro que Thor já tinha visto antes, desliza sobre os mares como manteiga e Thor acha irônico que piratas, homens renegados, tenham os barcos mais bonitos. Pelo menos alguma forma de justiça tinha sido feita.

É bom finalmente estar em um navio substancial capaz de levá-los facilmente através dos mares, capaz de resistir a qualquer tempestade e abastecido com provisões. Thor e seus irmãos tinham ficado agradavelmente surpresos ao descobrir, depois de terem tomado o navio, que seus porões não contêm apenas todo tipo de pilhagem, de joias e ouro a artefatos inestimáveis, mas também barris de rum, vinho, água doce, cerveja e caixa após caixa de alimentos enlatados, compotas, biscoitos, geleias e outros alimentos. Aqueles piratas claramente não morreriam de fome. Deus sabe de quem eles haviam roubado tudo aquilo, mas Thor não se importa mais com isso. O navio é deles agora e Thor finalmente se sente preparado para atravessar o mundo, se for preciso, para encontrar seu filho.

"Olhem!" Diz a voz de uma jovem. "Vejam o que eu achei!"

Thor sai de seu devaneio e vê Angel puxando a sua perna, em pé ao lado dele. Ele se ajoelha e olha para ela, que está orgulhosamente segurando algum tipo de quitute que ela havia encontrado. Ele é longo, vermelho e parece ser macio.

"O que é isso?" Pergunta Thor.

Ela sorri.

"É um doce!" Ela exclama. "É macio e mastigável. Ele tem gosto de framboesas. Experimente!"

Ela estende o braço coberto pela lepra na direção de Thor, que estremece por dentro ao ver sua condição. Ele tinha aprendido a amar Angel mais do que havia acreditado ser possível, como sua própria filha, e lhe dói vê-la sofrendo por causa de sua doença. Thor decide encontrar uma cura para ela, mesmo que ele tenha que atravessar o mundo para encontrá-la. Ele pensa que deve haver uma maneira e sabe que não será capaz de deixá-la morrer.

Mas Angel não parece aflita, pelo contrário, ela parece alegre, segurando os seus doces.

Thor sorri, levando o doce até sua boca, e dá uma mordida; o doce é delicioso e Thor sente uma explosão de framboesas em sua boca.

"Aqueles piratas," Ela fala com uma risadinha, "pelo menos tinham bom gosto!"

Thor fica encantado ao ver Anjo de bom humor e põe-se a examinar o navio novamente. Ele vê todos os seus homens de bom humor, todos parecendo relaxados e aliviados pela primeira vez desde que haviam embarcado. Ele compreende. Finalmente, depois de todas as provações que eles haviam enfrentado, seus companheiros tinham encontrado o conforto e a segurança de um navio grande e luxuoso, toda a comida que eles são capazes de comer, todo o vinho que eles são capazes de beber e, pela primeira vez desde que Thor consegue se lembrar, eles não estão correndo perigo. Thor também começa a se sentir relaxado e teria ficado completamente à vontade se não fosse pelo fato de que seu filho e esposa ainda estão lá fora esperando por ele em algum lugar e, possivelmente, em perigo.

Com pouco a fazer, seus companheiros descansam no convés, Elden afia seu machado, O'Connor limpa o seu arco e ajusta a sua mira, todos perdidos em seu próprio mundo e dedicando-se às suas armas. Thor está feliz por ter as suas armas de volta e, acima de tudo, se sente grato pela presença de Angel, que havia salvado a sua vida mais de uma vez agora. O engraçado, ele percebe, é que ele havia pensado que a estava salvando quando, na verdade, é ela quem o havia salvado.

Ele olha na direção dela com a intenção de mostrar a sua gratidão.

"Enquanto eu viver, eu a protegerei; sempre colocarei a sua vida antes da minha. Fique perto de mim e eu prometo que nenhum mal lhe acontecerá."

Angel olha para ele com lágrimas nos olhos e corre para abraçá-lo.

"Você já me devolveu a minha vida," Ela diz, "quando você me tirou daquela ilha. Você é a única pessoa que eu conheço que não teve medo de mim, que não pensou duas vezes antes de me tocar ou de me abraçar. Você me trata como uma pessoa normal, como se não houvesse nada de errado comigo, e é isso que me fez querer viver novamente."

Thor afasta Angel um pouco e olha para ela de forma significativa.

"E isso é porque não há nada de errado com você," Ele responde. "Você é perfeita e, qualquer que seja a causa de sua aflição, eu lhe prometo que encontrarei uma cura. Você confia em mim?"

Ela assente com a cabeça e ele pode ver o a esperança crescer nos olhos dela. Ela o abraça de novo, envolvendo os braços em volta de suas pernas.

"Eu amo você," Ela fala.

Thor fica chocado ao ouvir as suas palavras, que o tocam profundamente, especialmente depois de tudo que ele havia enfrentado.

"Eu também amo você," Ele responde de volta enquanto a segura, querendo dizer cada uma daquelas palavras.

Reece se aproxima, parando ao lado dele, e Thor se vira e observa o mar com ele.

"Parece que nós estamos navegando para o norte," Reece fala para Thorgrin, apertando o seu ombro. "Você tem alguma destino em mente?"

Thor, com tristeza, lentamente balança a cabeça.

"Onde quer que meu filho possa estar." Ele responde. "Eu suponho que eu esteja esperando que os destinos me apontem o caminho."

"Desde aquela tempestade," Matus entra na conversa, aproximando-se, "fomos empurrados tão longe do nosso curso que nenhum de nós sequer sabe onde estamos agora."

"Nós sequer estávamos seguindo em alguma direção específica quando a tempestade nos atingiu," O'Connor acrescenta, juntando-se a eles. "Desde que resgatamos Angel e deixamos a Ilha dos Leprosos, não tivemos um destino específico."

"Talvez devêssemos desistir da busca," diz Elden, juntando-se a eles, "e navegarmos rumo ao Império. Talvez seja melhor, ao menos, encontrar um lugar que sabemos existir. Podemos nos encontrar com Gwendolyn e os outros e decidir o que fazer a partir de então. Talvez eles já tenham recebido alguma notícia e tenham algum plano mais concreto."

Thor faz uma careta enquanto balança a cabeça lentamente.

"Eu não posso voltar sem meu filho," Ele diz com seriedade.

Os outros ficam em silêncio, compreendo, e um silêncio pesado recai sobre eles, interrompido apenas pelo uivo do vento. Thor suspira. No fundo, ele sabe que os outros estão certos. Eles estão navegando sem rumo em um mar extenso, sem que estejam chegando mais perto de encontrar Guwayne.

Thor se afasta do grupo e caminha sozinho até a grade lateral do navio; ele abaixa a cabeça enquanto olha para as ondas, tendo seu rosto molhado pela espuma do mar, e fecha os olhos. Ele deixa a tranquilidade tomar conta de seu interior, tentando se concentrar e buscando o equilíbrio.

Por favor, Deus, ele reza. Dê-me um sinal. Qualquer sinal. Mostre-me onde está o meu menino. Para onde eu devo ir agora?

Quando Thor fica em silêncio, ele sente um calor lentamente começar a brotar dentro dele. O calor é cada vez mais forte e ele pode senti-lo pulsando nas palmas de suas mãos, depois na testa e entre os olhos. Ele sente que está recebendo uma mensagem.

Thor abre os olhos, olha para o horizonte e, ao sentir o universo tentando se comunicar com ele, Thor espera para receber um sinal. No entanto, ele fica confuso ao não ver nada, exceto infinitas nuvens, cobrindo o céu até o horizonte.

Então, de repente, enquanto ele espera, um grito solitário corta o ar.

A princípio, Thor não tem certeza se tinha ouvido algo ou se aquilo tinha sido apenas um truque de sua imaginação. Ele olha para cima e vasculha as nuvens, mas ele não vê nada.

Em seguida, ele volta a ouvir um grito solitário e perfurante.

Thor vasculha os céus novamente e, desta vez, seu coração bate acelerado ao ver Lycoples circulando alto no céu, batendo suas asas. Ele não consegue acreditar: ela está realmente ali.

"Um dragão!" Angel grita, espantada.

Angel se aproxima correndo, assim como os outros, e todos começam a olhar para cima com admiração à medida que Lycoples começa a descer, voando incrivelmente rápido. Ela mergulha mais para baixo, descendo na direção deles e chegando tão perto que eles precisam se abaixar para evitar que ela os atinja com suas garras.

Ela então se levanta novamente, passando por cima do mastro do navio, e voa na outra direção. Desta vez, ela voa para o sul, no sentido oposto ao que eles estão seguindo. Ela dá um grito final e desaparece de vista.

Como Thor assisti-la ir, ele sentiu um calor dentro de suas palmas. Ele sentiu que era uma mensagem. Ela estava dando-lhes uma dica, tentando levá-los para onde ir.

Quando Thor fecha os olhos, ele consegue ler a mente do dragão e tem um súbito lampejo de consciência - alguém que ele ama está em perigo.

Thor se vira para os seus companheiros.

"Virem o navio," ele ordena. "Vamos segui-la."

Todos olham para ele em choque.

"Ela vai nos levar até Guwayne?" Pergunta Reece.

Thor balança a cabeça lentamente enquanto a observa desaparecer no horizonte.

"Não," ele responde. "Ela vai nos levar até minha irmã."

CAPÍTULO QUATORZE

Darius sente um chute forte na parte de baixo de suas costas e começa a tropeçar, ainda algemado, à medida que a dor sobe através de sua espinha. Entretanto, ele consegue continuar em pé e continua seguindo aos tropeços por um túnel comprido e escuro até alcançar a ofuscante luz do sol, sendo recebido por um rugido ensurdecedor que sacode todo o seu ser.

A arena.

Darius olha para a luz e vê uma multidão maior do que qualquer uma que ele já tinha visto. As pessoas estão sentadas em fileiras a dezenas de metros de altura e, ao vê-los, todos ficam em pé, aplaudindo e fazendo o chão tremer. O barulho arde em seus ouvidos, tornando difícil pensar, enquanto ele avança para a frente, tentando manter o equilíbrio, ainda algemado a todos os outros, em meio a um tilintar das correntes.

À medida que eles são empurrados para o centro da arena pelos homens do Império, Darius sente seu tornozelo apertado pelos grilhões quando um dos outros meninos perde o equilíbrio e tropeça novamente. Ele olha para trás e encontra consolo no fato de que seus amigos, Raj, Desmond, Kaz e Luzi estão por perto; os outros doze gladiadores estão amarrados na sequência, meninos que Darius não reconhece ou quer conhecer, sabendo que em breve todos estarão mortos. É melhor não lembrar.

Os rugidos ensurdecedores continuam e Darius, mais do que nunca, quer se libertar para se preparar. Mas, para seu espanto, todos são acorrentados com quase três metros de corrente entre eles e não há nenhum lugar para ir. Ele não consegue sequer se mover com facilidade sem depender dos movimentos daqueles meninos. Eles ficam parados ali, na arena, todos eles acorrentados, e Darius pode ver o medo em alguns de seus rostos; outros o encaram com olhares frios e duros, olhares de resignação. Todos eles sabem que logo todos estarão mortos e cada um deles parece encarar a morte de uma forma diferente.

Darius sabe que lutar contra qualquer coisa já será difícil o suficiente, mas com os pés acorrentados aos outros garotos o deixará tão ocupado que será impossível fazer qualquer coisa. Se um dos garotos tropeçar, Darius também irá tropeçar, ele está à mercê dos outros. Tudo o que ele tem é uma clava que tinha sido entregue a ele e aos outros assim que eles haviam entrado na arena e que ele agora segura nas mãos.

A multidão começa a se acalmar e Darius vê Morg entrar na arena através de uma porta na extremidade oposta e marchar de forma dramática para o centro saboreando toda aquela atenção, sua cabeça calva reluzente sob o sol escaldante. Quando ele chega ao centro, com um sorriso cruel no rosto, a multidão grita em delírio; ele segura os braços bem abertos com as palmas das mãos para cima e se vira lentamente até que a multidão gradualmente se acalma.

"Caros cidadãos do Império," ele troveja. "Apresento-lhes o grupo de gladiadores de hoje!"

A multidão volta a se levantar e começa a bater os pés no chão, querendo sangue, e Darius percebe a apreensão dos outros meninos se aprofundar.

Morg levanta as mãos novamente e a multidão se silencia, atenta a cada uma de suas palavras.

"Neste dia," ele continua, "o primeiro dia dos jogos, as lutas terminarão quando os gladiadores ganharem ou quando apenas seis homens permanecerem vivos. Se algum gladiador sobreviver, eles avançarão para os jogos de amanhã. Como sempre, esta será uma luta até a morte!"

Darius imediatamente faz as contas em sua cabeça: há dezesseis deles, o que significa que eles terão que matar todos os adversários Império ou que dez daqueles garotos terão que morrer. Ele pensa que é mais provável que dez dos garotos morrerão primeiro.

A multidão grita, violentamente comunicando sua aprovação, e à medida que Morg recua trombetas soam, ecoando por toda a arena, e Darius observa preocupado quando duas enormes portas de ferro se

abrem de repente no lado extremo da arena.

A multidão grita mais uma vez quando dois soldados vestindo a armadura inteiramente preta do Império e empunhando lanças e machados longos surgem em seus cavalos, atravessando a arena em direção ao centro de maneira dramática. A multidão vai à loucura quando eles aparecem, levantando poeira ao cavalgarem na direção exata de Darius e dos outros garotos.

"Temos que ficar juntos!" Darius grita, virando-se para os outros ao mesmo tempo em que os cavaleiros se aproximam rapidamente deles. "Temos que lutar como um só grupo! Caso contrário, todos nós estaremos perdidos!"

Os outros garotos o encaram; alguns parecem apavorados demais para responder, outros parecem concordar com ele e outros parecem querer desafiá-lo.

Drok, acorrentado no outro extremo da fila, faz uma careta de volta para Darius.

"Ninguém o elegeu como o nosso líder!" Ele retruca. "Você pode fazer o que você quiser e nós também faremos o que quisermos. Se você ficar em meu caminho, talvez eu o mate primeiro."

Darius aperta as mãos em torno da clava e olha para os soldados do Império que se aproximam dele vestindo armaduras e empunhando as melhores espadas e as lanças e machados mais compridos que ele já tinha visto. Então ele olha para a fileira de meninos e percebe que eles estão em grande desvantagem de força e armamentos. Aquele será um confronto desleal, mas, obviamente, é exatamente isso que deseja o Império: é isso que torna aquilo tudo um bom entretenimento.

Darius sente suas pernas sendo puxadas quando os outros garotos, nervosos, começam a se mover em direções opostas. A situação é tão precária que Darius não consegue ver como será possível ganhar, e muito menos sobreviver, as três rodadas.

Darius se força a superar seus medos e a ser forte. Quando os cavalos se abatem sobre eles, Darius segura sua clava e se prepara o melhor que pode, sentindo todos os seus músculos tensos.

O primeiro cavaleiro alcança o primeiro da fila, um menino que Darius não reconhece, e o garoto tenta saltar para fora do caminho. Mas o menino esquece o comprimento da corrente que o mantém amarrado ao outro menino e quando ele tenta pular, nada acontece. A lança do soldado desce e perfura o tórax do menino.

A multidão aplaude em êxtase enquanto o soldado galopa por eles, preparando-se para passar diante da fila novamente.

Em seus calcanhares, o outro soldado se aproxima, tendo como objetivo atacar Raj. Darius vê que Raj está preso, incapaz de se mover, com os pés algemados a um menino que não reage a tempo.

"Mova-se!" Raj grita, mas o menino está paralisado pelo medo. Darius sabe que se ele não reagir logo seu amigo será morto.

Darius dá um passo adiante, mira e, com toda a sua força, arremessa sua clava.

Quando o soldado se aproxima de Raj e levanta o seu longo machado de batalha, a clava, girando sobre sua própria extremidade, bate no punho do machado e tira a arma da mão do cavaleiro. Ela cai no chão de poeira com um baque, poupando Raj por pouco quando o soldado passa diante dele.

A multidão vibra ao ver aquilo e Raj olha para Darius com um olhar de gratidão; Darius sabia que tinha tido sorte, mas é improvável que aquilo aconteça novamente.

Darius não perde tempo. Ele salta para a frente, tentando alcançar o machado no chão. No entanto, quando ele se aproxima, apenas a alguns metros de distância, os grilhões apertam os seus pés. Ele olha para trás e vê o menino acorrentado a ele resistir, tentando correr para o outro lado com medo do soldado que está se preparando para atacá-los novamente. Darius estende a mão, mas cai de cara no chão um pouco antes de alcançar o machado de guerra.

Darius ouve um estrondo e observa impotente quando o primeiro soldado avança diretamente em sua direção. Ele sabe que está prestes a ser pisoteado.

Desmond corre para a frente, bloqueando o caminho entre Darius e o cavalo, gira sua clava e dá um golpe certeiro no focinho do cavalo. É um golpe perfeito. O cavalo recua e desvia de Darius no último segundo, salvando sua vida.

Darius estende a mão e tenta mais uma vez alcançar o machado de batalha, mas a arma ainda está fora de alcance. Ao mesmo tempo, ele de repente se sente sendo puxado para trás pelos grilhões e, ao olhar para trás, vê Drok parar atrás de um dos outros meninos, enrolar suas correntes em torno da garganta dele e começar a torcer. Darius não consegue acreditar no que está acontecendo e se pergunta o que pode ter levado Drok a atacar alguém de seu próprio grupo?

Então ele percebe: assim que eles tiverem ganhado - ou que restar apenas seis deles - os jogos do dia serão cancelados. Aquele garoto, um verdadeiro mercenário, quer encurtar todo o processo matando os outros gladiadores.

Darius assiste com horror enquanto Drok sufoca o outro garoto até a morte. Tudo isso acontece muito rápido, o menino simplesmente cai em seus braços com os olhos bem abertos, morto. A multidão aplaude.

Drok não perde tempo. Ele parte para cima de Luzi, claramente com a intenção de matar o máximo de garotos possível. Darius percebe que ele deve ter enxergado uma oportunidade em Luzi, que é obviamente um dos menores meninos do grupo.

Drok pula em cima dele, envolve suas correntes em torno do pescoço de Luzi e, assim que ele começa a apertar, Darius vê Luzi arregalar os olhos. Ele sabe que se ele não fizer alguma coisa logo, Luzi estará morta em poucos instantes.

Darius parte para a ação. Ignorando os cavaleiros que se aproximam dele e desistindo do machado que ainda está jogado no chão, ele se vira, salta para a frente, levanta o braço e, em seguida, dá uma cotovelada no rosto de Drok.

Um ruído de ossos se partindo corta o ar quando Darius quebra o nariz de Drok e ele inclina o corpo para trás, caindo no chão. Luzi consegue se livrar das mãos de Drok em torno de seu pescoço ao mesmo tempo em que Raj se aproxima e chuta o queixo de Drok, nocauteando-o.

"Você está bem?" Darius pergunta para Luzi.

Luzi faz um gesto com a cabeça, ainda muito abalado.

Darius ouve um estrondo e, ao se virar, vê o segundo cavaleiro se preparando para atacá-los mais uma vez. Um dos outros gladiadores consegue chegar ao machado de batalha esquecido no chão e dá um golpe na direção do chão, com o intuito de romper as correntes que os mantêm amarrados uns aos outros. Mas o garoto é inexperiente, seu golpe desajeitado, e assim que ele começa a abaixar o machado o garoto ao seu lado se move e ele acidentalmente corta o pé do garoto.

O menino grita de dor, tentando alcançar seu pé decepado, e seu sangue esguicha para todos os lados. O menino que está segurando o machado olha para ele, horrorizado e em estado de choque, e fica paralisado quando o outro soldado parte para cima deles, estende o braço, pega o machado de suas mãos e, com um único movimento, golpeia e corta a cabeça do menino.

A multidão vai à loucura.

Os dois cavaleiros, ambos armados agora, dão mais uma volta e preparam-se para atacar o restante dos meninos. Darius sabe que as perspectivas não são boas; pegar aquele machado tinha sido a sua melhor chance e agora tudo está perdido.

Darius de repente é puxado para trás por alguns metros e, ao ser virar, vê que alguns dos outros meninos estão correndo, tentando sair do caminho dos soldados que se aproximam deles. Darius, completamente impotente, começa a ser puxado para trás pelas correntes. Ele vai tropeçando para trás por diversos metros e se vê exposto no meio da arena à medida que o soldado continua avançando em sua direção com a lança estendida e apontada para as costas dele. Darius sabe que não será capaz de sair do caminho a tempo.

Darius se prepara para o golpe mortal quando, de repente, Kaz se adianta e o empurra para fora o lado com o seu ombro, tirando-o do caminho do cavalo que se aproxima.

Darius, deitado no chão, se vira e, ao olhar para trás, vê Kaz em pé no local exato em que ele havia estado apenas alguns instantes antes e seu coração se sobressalta ao ver seu amigo de repente perfurado pela lança, que atravessa o seu peito.

Kaz, preso ao chão e com a lança ainda alojada em seu peito, grita enquanto a multidão vai à loucura; a arma está alojada tão profundamente em seu peito que o soldado não consegue recuperá-la. O soldado continua avançando, dando a volta da vitória ao redor da arena sem a lança sob os aplausos insanos da multidão.

Darius olha para seu amigo deitado ali, morto. Ele mal consegue acreditar; Kaz havia dado a sua vida para salvá-lo e se não tivesse sido por ele, Darius não estaria vivo agora. Ele sente o peso da culpa e da responsabilidade sobre os seus ombros e um desejo ardente, diferente de tudo que ele já havia sentido antes, por vingança.

Algo estala dentro de Darius; ele sabe que o momento havia chegado. Seu amigo tinha arriscado sua própria vida e é hora de ele fazer o mesmo.

Darius corre até Kaz, que está morto, e extrai a lança do soldado do Império de seu corpo. Ele se levanta, virando-se, e olha para o outro soldado que avança em sua direção empunhando um machado longo e apontando-o para sua cabeça.

Darius aponta, dá um passo adiante e arremessa a lança. Ela passa zunindo pelo ar e, com a mira perfeita de Darius, atravessa a armadura do soldado, perfurando o seu coração.

A multidão grita em choque quando o soldado do Império cai do cavalo. Ele cai no chão, rolando até parar aos pés de Darius, morto e com o machado ao seu lado.

Darius não perde tempo. Ele corre para a frente, esticando suas correntes, agarra o machado e golpeia suas correntes com força. Então, ele começa a cortar as correntes dos outros garotos.

O soldado Império que ainda está no meio de sua volta da vitória, se vira e começa a partir para o ataque. Como o soldado agora está enfrentando gladiadores que não estão mais presos, alguns deles armados, Darius consegue perceber a incerteza em seu olhar. Afinal, seu amigo tinha sido morto; o Império já não é mais invencível.

O soldado saca sua espada enquanto cavalga, segurando-a no alto, e continua a avançar na direção de Darius. Darius continua parado ali, segurando o longo machado de batalha diante dele com as duas mãos e aguardando o confronto. Quando o soldado se aproxima dele, Darius se afasta um pouco, levanta o machado e o golpeia. Ele atinge a espada do homem, causando um barulho metálico e uma chuva de faíscas, e parte sua arma ao meio. O golpe, no entanto, também quebra a lâmina do machado, deixando Darius com apenas um cabo de madeira nas mãos.

O soldado, espantado, cavalga por ele e, num acesso de raiva, enquanto a multidão aplaude ele faz a curva e se prepara para voltar.

Darius, livre das algemas, não perde um minuto. Ele atravessa a arena na direção do soldado do Império, sem querer esperar para enfrentá-lo.

O soldado parece surpreso ao ver Darius se aproximando. Ele não está preparado. Ele estende a mão para pegar sua outra espada, mas Darius já está em cima dele. Com um movimento rápido, ainda correndo, Darius ergue seu bastão e golpeia as pernas do cavalo. O golpe acerta as pernas do cavalo e o soldado sai voando de cara até cair no chão de terra da arena.

A multidão aplaude.

Darius não perde tempo. Ele pula em cima costas do soldado, estica os braços e enrola suas correntes em torno do seu pescoço. Ele aperta, segurando as correntes com todas as forças enquanto o soldado se debate.

"Isto é pelo que você fez com o Kaz," Darius fala.

Os espectadores ficam em pé, gritando como loucos, ao mesmo tempo em que Darius continua apertando com tudo o que tem, estrangulando o enorme soldado do Império, que tem o dobro do seu tamanho. Darius, com as palmas das mãos sangrando, não solta as correntes por nada. Ele deve isso a Kaz, pelo menos.

Finalmente, o soldado para de se mover.

Darius perde todo o senso de realidade quando uma trombeta toca em algum lugar, a multidão vai à loucura e ele sente mãos embaixo de seus braços, as mãos de seus irmãos, colocando-o em pé.

O mundo gira em torno dele e Darius precisa de um momento para perceber que tudo havia acabado; para perceber que ele, Darius, tinha feito o impossível. Ele havia ganhado.

CAPÍTULO QUINZE

Volússia, sentada à cabeceira da brilhante mesa de ouro semicircular dentro do Hall da Capital, olha para a multidão de homens diante dela, sentindo-se triunfante. Sentados à sua frente, na outra extremidade da mesa, estão o comandante dos exércitos do Império e uma dúzia de seus generais, que estão sentados ao lado dele. Atrás deles estão os cem senadores do Império, todos vestidos com as vestes brancas e vermelhas distintivas condizentes com sua posição. Todos eles olham para ela com as testas franzidas, sentindo uma mistura de desafio e ansiedade, enquanto se preparam para ouvir suas sentenças.

Volússia olha para todos eles, estuda os seus rostos, permitindo que o silêncio tome conta do ambiente, dando-lhes tempo para perceber que ela está no comando agora e saboreando seu poder sobre eles. Graças a ela, suas forças haviam conseguido tomar a capital; eles tinham abatido todos os soldados do Império dentro de seus muros e seus exércitos tinham preenchido a capital, tomando conta da cidade antes de fecharem as portas atrás deles. Obviamente, além dos muros da Capital, do outro lado da cidade, ainda há centenas de milhares de soldados do Império hostis, aguardando do lado de fora à espera de ouvir os termos da rendição. Com o tempo, é possível que eles consigam entrar, mas por agora, pelo menos, ela e seus homens estão seguros enquanto negociam os termos daquele acordo.

Volússia fica sentada de frente para todos eles com as palmas das mãos sobre a mesa de ouro, saboreando o momento. Ela, uma jovem menina, tinha desafiado todos aqueles homens velhos, aqueles homens velhos obsoletos que tinham governado o Império por séculos com um punho de aço. Ela está sentada na própria sede do poder, no Hall da Capital, na cabeceira da Mesa Dourada, um lugar reservado apenas para os governantes do Império. Ela tinha conseguido o impossível. Tudo o que lhe resta é negociar com aqueles homens para controlar o restante dos exércitos e, de uma vez por todas, assumir o controle supremo do Império.

"Rainha Volússia," uma voz ecoa por todo o salão.

Volússia vê um dos senadores dar passo à frente ao lado do General, erguer o queixo e olhar para ela desafiadoramente.

"Você nos reuniu para ouvir os termos de nossa rendição. Vamos apresentá-los para você. Se você concordar, então nossa relação será verdadeiramente harmoniosa. Nossas forças devem se render e você passará a governar o Império conosco."

Volússia olha para ele com firmeza, irritada que ele tenha tentado ditar os termos para ela.

"Deusa Volússia," ela o corrige.

O senador a encara em estado de choque, claramente sem esperar por aquela resposta. O comandante dos exércitos do Império se levanta, coloca um punho sobre a mesa e olha para Volússia com desagrado.

"Você venceu com feitiçaria, traição e truques," ele dispara com sua voz profunda. "Você não é minha Rainha e você certamente não é uma Deusa. Você é apenas uma garota jovem, uma menina tola e arrogante que apenas teve um pouco de sorte. Um dia sua sorte irá acabar; posso lhe garantir."

Ela sorri para ele.

"Talvez," responde ela, "mas me parece, Comandante, que a sua sorte já acabou."

Ele fica vermelho, sua expressão se torna ainda mais grave e ela nota quando ele olha para sua bacia, que agora está vazia. Então, ele olha para cima e, ao notar as centenas de soldados de Volússia em pé ao redor da sala, todos com espadas na mão, ele claramente reconsidera tomar qualquer atitude precipitada.

Ele suspira amargamente.

"Estou preparado para entregar todos os meus homens para você," Ele diz. "Tenho centenas de milhares de homens do lado de fora destas paredes. Em troca, você me dará mais uma vez a liderança dos meus homens, com a dignidade e o respeito condizentes com a posição de um comandante do Império."

"Além disso," o senador faz coro ao lado dele, "você deve reconhecer os cem senadores que sempre serviram a República do Império, em nossos papéis legítimos, e vamos dividir o poder ao seu lado, como sempre fizemos com cada Comandante Supremo. Vamos esquecer todas as atrocidades que você cometeu durante a guerra e você deve tomar todas as decisões em conjunto conosco."

Volúcia sorri, percebendo o quão delirante aqueles homens estão. Eles pensam que ela é uma mera comandante: eles não têm ideia que estão falando com uma deusa, a grande Deusa Volúcia.

Ela os faz esperar algum tempo pela sua resposta e o senador e os generais olham para ela, claramente desconfortáveis com o longo silêncio e obviamente incertos sobre o que ela fará em seguida.

O senador, nervoso, limpa a garganta.

"Se você não concordar com os nossos termos," o senador continua, "se tentar nos desafiar de qualquer forma, você pode ter certeza de que você e seus homens morrerão aqui hoje. Sim, seus soldados tomaram conta da capital, mas não se esqueça de que além dos muros da Capital temos dez vezes mais soldados e, além disso, temos também um milhão dos homens de Romulus, que já foram chamados de volta do Anel."

"E nas outras pontas do Império," grita outro senador, "temos mais alguns milhões de soldados sendo preparados para destruí-la."

O senador sorri.

"Então, você vê," ele acrescenta, "você está em número bem menor, cercada por todos os lados."

"Se você negar a nossa oferta," o comandante do Império dispara, "você vai morrer dentro destes muros, assim como a sua mãe."

Volúcia sorri.

"Como a minha mãe? Você não sabe que fui *eu* quem matou a minha mãe?"

Todos olham para ela horrorizados, completamente desprevenidos.

"Eu não vou morrer aqui hoje, amanhã ou mesmo nesta vida. Eu sei que estou em minoria e eu sei que se eu não aceitar os seus termos, todos nós vamos morrer. É por isso que eu vim aqui para aceitá-los."

O comandante e os senadores do Império olham para ela e Volúcia pode ver surpresa e alívio em suas expressões.

"Essa é uma decisão sábia," diz o senador.

Volúcia se levanta e seus homens ficam em pé ao lado dela imediatamente. Ela caminha lentamente ao redor da mesa até ficar em frente ao comandante do Império.

A tensão no ar é espessa enquanto ela olha para ele; ele é um homem grande e forte da raça do Império, com a pele amarela brilhante e os pequenos chifres, e seu corpo está coberto de cicatrizes. Arrogante, ele exhibe um sorriso que mais se parece com uma careta quando ela chega perto dele. Ele claramente havia esperado que seu poder fosse reconhecido.

"Eu vou reconhecer o seu lugar no meu Império, como comandante dos meus homens," ela diz. "Beije o meu anel, reconheça o meu comando e você terá um lugar no meu Império para sempre."

Ela estende a mão direita. Em seu dedo anelar há um grande anel de ônix, preto e brilhante, e o comandante olha para ela, céptico, considerando suas opções ao mesmo tempo em que seu rosto fica vermelho.

Então, lentamente, ele estende o braço, segura a mão de Volúcia e beija seu anel.

No instante em que ele faz isso, de repente, o comandante fica paralisado; seus olhos se arregalam e seu corpo inteiro começa a tremer.

Momentos depois, ele leva as mãos até sua garganta com sangue escorrendo pela boca e cai no chão, morto.

Todos os seus homens olham para ele, espantados e em estado de choque.

No mesmo instante, os homens de Volúcia atacam de todos os cantos da sala, sacando suas espadas e partindo para cima do grupo de senadores e generais. Não há nenhum lugar para onde eles possam

correr. Os homens de Volússia os alcançam sem dificuldade, matando-os no mesmo instante.

O Hall logo é tingido de vermelho, o sangue atinge todo o corpo de Volússia e ela começa a rir, divertindo-se com a cena e valorizando cada cadáver que cai aos seus pés enquanto o sangue escorre através dos dedos de seus pés. Ela gosta muito de seu anel de ônix, preenchido com um veneno tão mortal que apenas ao ser tocado pelos lábios de sua vítima é capaz de causar sua morte instantânea. Aquele é um truque que ela não tinha usado em muitos anos, mas tinha visto sua mãe usar com muita frequência.

Finalmente, quando o silêncio toma conta do Hall, quando não resta qualquer ruído exceto os gemidos de alguns homens e o som de seus homens caminhando por todo o salão e esfaqueando os cadáveres para se certificarem de que eles estão mortos, Volússia se abaixa e coloca as mãos na poça de sangue. Ela fecha os olhos e sente a essência de vida de seus inimigos naquele sangue. Todos aqueles que haviam se atrevido a ficar contra ela estão mortos.

Volússia se vira e caminha lentamente através das portas duplas que dão acesso à varanda com vista para toda a capital do Império. Ela fica sob dois sóis que estão se pondo e observa todos os seus homens preenchendo as ruas da capital e matando seus cidadãos. Ela olha para baixo com grande satisfação enquanto observa uma estátua de Andronicus ser derrubada no chão e, em seguida, um estátua de Romulus. Elas caem com um grande estrondo e erguem nuvens de pó de mármore no ar sob os aplausos dos homens de Volússia.

A multidão se aparta e, naquele instante, uma imensa estátua dourada de Volússia com dezenas de metros de comprimento é trazida para a frente, deitada de costas e apoiada em um carrinho de madeira com rodas. Volússia a tinha trazido todo o caminho desde Volússia, sabendo que um dia ela seria capaz de colocá-la na capital. Ela observa com grande satisfação a cena que ela já havia visto muitas vezes em sua mente: centenas de seus homens, usando cordas, lentamente erguem a estátua, colocando-a no lugar, no centro da capital. Sua estátua é erguida, brilhando sob os dois sóis, mais alta do que qualquer coisa na Capital. Seus homens vibram de excitação quando a estátua é colocada firmemente no lugar.

Seu povo se vira e, ao olhar para ela na varanda, seus aplausos se intensificam.

"VOLÚSSIA! VOLÚSSIA!"

Aqueles são aplausos de êxtase, uma comemoração de seu triunfo. Ela estende os braços para eles e os encara. Ela é uma deusa agora e todos aqueles homens que ela havia criado são seus filhos. Ela sente sua adulação ao estender as palmas das mãos, absorvendo a admiração de todos os seus filhos.

Volússia olha para o horizonte além dos muros da cidade e vê todos os exércitos do Império preenchendo o horizonte, querendo entrar na Capital. Ela também sabe que, além deles, em algum lugar no horizonte, um grande exército se aproxima.

Uma grande tempestade está se aproximando e Volússia a espera de braços abertos.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Gwendolyn, seguida por Krohn, caminha lentamente, ainda fraca, apoiando-se ocasionalmente em Kendrick e Steffen, que estão ao seu lado, e acompanhada por sua comitiva, os últimos sobreviventes do Anel, à medida que eles são levados para o castelo mais espetacular que ela já tinha visto. Seu coração bate acelerado pela ansiedade em relação ao encontro com o rei e a rainha enquanto ela avança escoltada por seus cavaleiros. Ela tenta entender como algo tão glorioso como aquele castelo resplandecente, com tetos altos, pisos de paralelepípedos suaves e vitrais que deixam entrar os raios dos dois sóis pode existir ali, no meio daquele vasto deserto. De muitas maneiras, entrar naquele castelo do Cume faz Gwen se lembrar de estar entrando na Corte do Rei; ela considera aquelas semelhanças um pouco estranhas. É quase como se aquilo fosse uma réplica do restante do mundo.

Iluminados pelo brilho suave que atravessa os vitrais, centenas de espectadores vestidos em trajes bonitos e elegantes agrupam-se em ambos os lados do luxuoso tapete para vê-los passar. À medida que Gwen e os outros caminham pelo tapete, todas aquelas pessoas olham para ela como se eles fossem objetos de grande curiosidade. Claramente a notícia de sua chegada havia se espalhado rapidamente pela corte e, pela forma como eles os encaram, fica claro que eles não têm o costume de receber visitantes ali, especialmente pessoas de fora do Cume. Os habitantes os encaram como se eles fossem extraterrestres que haviam caído do céu.

Gwen também olha para eles; ela observa seus trajes e seus maneirismos e fica incrivelmente impressionada. Aquela é claramente uma sociedade civilizada e refinada; as mulheres vestem belas sedas e rendas e exibem joias belíssimas. Todos eles estão corados, em forma e saudáveis, fazendo Gwen pensar em todas as pessoas que ela havia conhecido na Corte do Rei. No entanto, o esplendor ali é ainda maior, não apenas exibindo riqueza, mas também força e invencibilidade. É evidente que aquela terra existe ali há centenas de anos. Estranhamente, o lugar é tão parecido com o Anel que eles têm a sensação de que estão finalmente voltando para casa.

Por outro lado, aquele lugar também é diferente. As pessoas ali têm um aspecto semelhante ao povo do Anel, mas usam o cabelo de maneira diferente; todos os homens têm as cabeças completamente raspadas e barbas loiras compridas e brilhantes, enquanto as mulheres têm cabelos lisos e loiros, alguns trançados e outros não. Os meninos têm cabelos completamente loiros e Gwen deduz que eles só raspam os cabelos ao se tornarem homens.

À medida que eles continuam caminhando pelo tapete, Gwen vê diante de si um imenso trono de ouro e marfim em cima de uma plataforma, com alguns degraus dourados diante dele. Sobre o trono sentam-se um homem e uma mulher, claramente o rei e a rainha. O Rei, talvez na casa dos quarenta anos e bastante musculoso, também tem a cabeça raspada e uma barba comprida e dourada. Ele está sem camisa, usando um manto roxo de seda, uma cota de malha e braceletes feitos de platina. Atrás dele há uma dúzia de guerreiros com as mãos repousando sobre suas espadas.

O rei fica em pé quando Gwen e sua comitiva se aproximam e Gwen pode ver seus músculos se contraindo quando ele se levanta e alonga seus ombros. Ele parece ser um verdadeiro símbolo de força, um homem que tinha sido nomeado rei por direito e não por herança. Ele tem o corpo de um grande guerreiro e exala uma aura de poder, controle e invencibilidade.

No entanto, ele também sorri gentilmente e Gwen pode ver a compaixão e justiça em seus olhos, sentindo-se imediatamente à vontade.

Gwen e os outros param diante dele, a cinco metros de distância, e o Rei desce lentamente os degraus ao mesmo tempo em que a multidão fica em completo silêncio. O rei os examina, obviamente espantado com a presença deles ali.

"Meu rei," diz uma voz. Quando Gwen olha na direção da voz, ela vê um dos conselheiros do rei, com uma longa barba cinza, segurando um bastão e vestindo uma roupa púrpura. "Estes são os estrangeiros, meu senhor, que foram encontrados no deserto. Estas são as pessoas que conseguiram atravessar o Cume."

A multidão suspira e Gwen consegue sentir seus olhos queimando através dela, olhando para ela e para os outros com grande curiosidade. O rei também olha para eles e seus olhos cinza encontram os de Gwen.

Um longo silêncio se segue até que o Rei finalmente limpa a garganta. Ele olha para Kendrick.

"Você é o líder deste grupo?" Ele pergunta com sua voz profunda que se espalha por toda a sala, cheia de autoridade.

Kendrick balança a cabeça e Gwen dá um passo adiante.

"Não," responde Gwen, sua voz ainda rouca. "Eu sou a rainha."

Os olhos do rei se arregalam de surpresa enquanto a multidão fica ofegante.

"Rainha?" Ele repete com surpresa evidente em sua voz. "Rainha do quê? Ninguém jamais conseguiu chegar até nós vindos de fora do Cume. Esta situação é bastante extraordinária. Primeiro, pensamos vocês fossem desertores, mas é evidente que esse não é o caso. Vocês realmente conseguiram atravessar o Grande Deserto? Vocês vêm de outro lugar?"

Gwen assente solenemente, encontrando seus olhos, e com um grande esforço, ela consegue proferir suas próximas palavras com uma voz rouca.

"Nós fizemos isso, meu senhor," ela responde. "Viemos do outro lado do mar."

A multidão suspira e olhos do rei se arregalam enquanto ele a examina com admiração.

"Do outro lado do mar?" Ele pergunta incrédulo.

Gwen assente.

"Nós fugimos de nossa pátria, que foi destruída pelo Império. Nós somos os exilados do Reino do Anel."

Um suspiro ainda maior se espalha pela multidão quando um murmúrio atônito surge entre os espectadores. Gwen vê o choque se instalar no rosto do Rei.

Por fim, a multidão se acalma e o rei se dirige a ela.

"A existência do Anel é considerada como um mito," ele diz, examinando-a com ceticismo. "Um grande território, no meio de um vasto oceano, cercado por um canyon e protegido pelo Anel do Feiticeiro. Um lugar mítico, protegido por este anel de todos os perigos e de todo o mal. É este o lugar de onde você alega ter vindo?"

Gwendolyn acena de volta solenemente.

"Ele costumava ser livre de todo o mal," ela faça com tristeza, "no passado, mas não mais. É por isso que estamos aqui hoje. O Anel do Feiticeiro foi quebrado; o poder que um dia tivemos não é mais nosso, tendo sido destruído por Romulus, por outro poder mágico. Nossa jornada desde então tem sido longa e difícil. Navegamos através do mar para escapar do Império."

O rei olha para ela, parecendo intrigado.

"Você veio até o Império para escapar do Império?"

Gwendolyn acena de volta.

"Um líder deve tomar decisões difíceis em tempos de crise," ela explica, "e essa é a decisão que eu tomei. Em menor número e com nossos dias contados, foi necessário encontrar um lugar melhor e pensamos que o melhor lugar para nos escondermos seria embaixo do nariz de nosso inimigo." Gwen olha ao seu redor. "Um pensamento, meu senhor, que eu tenho certeza que você e todo o povo do Cume compartilham."

Ele sorri de volta.

"Pois muito bem," o rei responde. Ele examina Gwen com um novo respeito. "Então você é a líder desse grupo."

Gwen assente.

"Você está vendo diante de você o que resta do Anel," ela responde. "Meu pai foi rei antes de mim e seu pai antes dele. Faço parte de uma longa linhagem de reis da família MacGil."

Agora é a vez de o rei engasgar, assim como a multidão que os cerca. Ele olha para ela em estado de choque.

"Você disse *MacGil*?" Ele pergunta.

Gwen assente.

"Nós somos da família MacGil," o rei diz.

A multidão dá início a um murmúrio agitado enquanto Gwen troca um olhar espantado com Kendrick e os outros. Assustada, ela olha para o rei e, pela primeira vez, ao estudar o seu rosto e o contorno de seu queixo, ela começa a ver algo sutil que se assemelha ao seu povo.

"Séculos atrás, éramos um só povo," diz Aberthol, dando um passo adiante e falando com sua voz velha e rouca. "Os MacGil vêm de uma mesma família e vivem em lados opostos do oceano."

Enquanto a multidão sussurra, o rei a examina, acariciando a sua barba enquanto processa tudo aquilo.

"Meu rei," diz uma voz.

O rei se vira e Gwen vê um guerreiro incrível em pé ao lado dele com linhas de preocupação gravadas em sua testa, o único entre eles que exibe uma longa barba negra. Ele olha para Gwen e para os outros com desaprovação.

"Eu simpatizo com a situação desses estranhos," ele continua, enquanto a multidão no salão se acalma, "mas você não deve aceitá-los aqui. Nunca permitimos a presença de estranhos no Cume e eles certamente deixaram um rastro visível no deserto. Esses rastros permitirão que nossos inimigos cheguem até nós. O Cume tem se mantido em segredo, nunca tendo sido descoberto, por causa da cautela dos nossos antepassados. Se o Império seguir a trilha deles, certamente seremos destruídos. Nós devemos enviá-los de volta para o lugar de onde eles vieram, de volta para o Grande Deserto, e deixar que o Império os encontre. O futuro de nosso reino está em jogo."

Um longo e tenso silêncio se segue e a expressão do Rei se transforma. Ele estuda Gwen e os outros, acariciando sua barba, claramente perturbado pela decisão diante dele.

Finalmente, ele suspira e, quando ele começa a falar, o salão fica em silêncio.

"Nós compartilhamos da mesma linhagem," diz o Rei, olhando para Gwendolyn. "Os mesmos antepassados e até mesmo o mesmo nome. A hospitalidade é uma responsabilidade sagrada, portanto não vou mandá-los de volta para o deserto, sejam quais forem os riscos."

Gwen dá um suspiro de alívio e sente uma onda de gratidão por aquele Rei bondoso e corajoso. Ela sabe que qualquer outra decisão teria sido como uma sentença de morte.

"Vocês são bem-vindos aqui," acrescenta o rei. "Vocês ficarão conosco, vivendo entre nós e tornando-se uma parte do nosso povo. Vocês nos contarão a sua história, tudo sobre suas vidas, o que os trouxe até aqui, sua agruras e suas batalhas, e nós lhes contaremos a nossa história."

"Mas agora não é o momento. Agora vocês devem descansar para se recuperar e, quando o sol se por, teremos um banquete real. Vou convocar todas as nossas famílias e vocês devem nos contar tudo. Enquanto isso, nosso castelo é de vocês, meus amigos."

O rei dá um passo adiante, para diante de Gwen, coloca as mãos em seus ombros e, inclinando-se, beija a sua testa. Depois, ele sorri e se abaixa para acariciar Krohn. Ele olha para Kendrick, aperta seu antebraço e, em seguida, caminha ao longo para baixo da fila, apertando o braço de cada um dos homens de Gwen, olhando solenemente nos olhos deles.

"Meu rei," Gwen fala, "nós graciosamente aceitamos o seu convite, mas antes que eu possa descansar e me recuperar, devo lhe dizer que nós viemos aqui em uma terrível missão."

Ele olha para ela com curiosidade ao mesmo tempo em que o silêncio volta a tomar conta de todos no salão.

"Quando chegamos ao Império," continua Gwen, "fomos recebidos com a maior hospitalidade por uma aldeia de escravos nos arredores de Volúsia. Liderados por Darius, eles agora estão no meio de uma grande revolta, enfrentando o Império em uma terrível batalha. Nós viemos de tão longe, tendo atravessado o deserto, com a promessa de encontrar ajuda, para pedir que seus exércitos voltem com a gente, juntando-se a Darius para ajudá-los a garantir a sua liberdade e destruir o Império."

A multidão se agita e o rei a encara severamente. Ele faz um gesto para um dos seus conselheiros, que logo se aproxima e estende um pergaminho para Gwendolyn.

"Minha Rainha," ele fala quando ela pega o pergaminho nas mãos. "Esta correspondência chegou com o falcão desta manhã. Notícias de Volúsia: as pessoas de quem você fala foram emboscadas e abatidas. Não há sobreviventes."

Gwendolyn lê o pergaminho com as mãos trêmulas e seu coração se parte por dentro. Ela não consegue acreditar. Mortos. Todos eles. Ela imediatamente sente que tudo aquilo é culpa dela, como se ela tivesse abandonado todos eles. Ela tem a sensação de que está morrendo por dentro.

"Não!" Grita uma voz. Gwen se vira e vê Sandara chorando nos braços de Kendrick. "Meu irmão!"

"Desculpe-me, minha rainha," diz o rei. "Mas a sua casa agora é aqui. Conosco."

Com isso, o rei se vira e uma corneta soa. A multidão começa a se dispersar e Gwen continua ali, sentindo-se derrotada, dilacerada por uma mistura de emoções. Será que ela algum dia voltará a encontrar Thorgrin ou Guwayne?

Qual, ela se pergunta, será o futuro de seu povo agora?

CAPÍTULO DEZESSETE

Godfrey, com os olhos turvos por ter passado a noite toda acordado, lentamente remove sua faixa vermelha, prendendo a respiração para não ser infectado pela peste, erguendo-a sobre a sua cabeça enquanto observa seus arredores sob a luz fraca antes do amanhecer. Tudo está finalmente tranquilo na cela da prisão, o único som que pode ser ouvido é a respiração da guarda, constante e regular, e o ronco suave dos prisioneiros. A hora havia chegado.

Aquela tinha sido uma das noites mais angustiantes de sua vida, deitado em uma cova de prisioneiros infectados com a peste, respirando através da faixa vermelha e tentando o seu melhor para proteger sua boca para não ser contaminado. Godfrey lentamente se senta, seus músculos rígidos, tendo aguardado ansiosamente por este momento durante toda a noite. Aquela tinha sido uma experiência torturante e um dos prisioneiros ao seu lado havia morrido em algum momento durante a noite. Godfrey consegue lembrar o momento exato em que ele havia morrido, com seu rosto contra o seu, deixando escapar um suspiro final ao mesmo tempo em que o seu corpo havia estremecido para, em seguida, ficar duro como uma tábua. Godfrey mal tinha sido capaz de conter seu vômito.

Godfrey havia feito o seu melhor para respirar na direção oposta, pedindo a Deus com toda a força para que ele não fosse contaminado por aquela praga que havia causado a morte de seu companheiro de cela. Godfrey percebe que não tem muito a perder: se não conseguir escapar, ele será executado em algumas horas de qualquer maneira.

Godfrey, graças à arrogância de seu pai, tinha sido jogado em celas de masmorras muitas vezes antes, mesmo que apenas por alguns dias, na tentativa de seu pai de ensinar-lhe uma lição que ele nunca havia conseguido aprender. Alerta aos ritmos da cela de uma prisão, Godfrey presta atenção aos sons e movimentos da prisão, certificando-se de que tudo está pronto antes de iniciar seu ataque. Uma prisão, Godfrey sabe, tem seus próprios sons e ritmos: ele é capaz de reconhecer o som de uma prisão logo antes do início de um motim por parte dos prisioneiros; ele sabe quais são os sons que precedem o golpe de um guarda; ele reconhece o som de um novo prisioneiro entrando na masmorra e barulho de um homem prestes a ser arrastado para sua morte.

Acima de tudo, Godfrey é capaz de reconhecer o som que um guarda faz ao adormecer.

Godfrey se vira e fixa seus olhos sobre o guarda do Império, em pé ao lado da cela da prisão, com a cabeça abaixada, o queixo de encontro ao peito e os ombros caídos e relaxados. Exatamente da forma como Godfrey havia esperado. Ele dirige seu olhar para as chaves, um pequeno molho de chaves prateadas na cintura do guarda, e sabe que a hora é agora.

Godfrey se senta furtivamente, seu corpo muito pesado, desejando que ter perdido vinte quilos. Um dia ele pretende parar de beber, mas esse definitivamente não é o dia. Godfrey abaixa lentamente a faixa vermelha e a envolve ao redor de sua cintura; ele sabe que ela será útil mais tarde.

Godfrey lentamente afasta o corpo do homem morto, empurrando o prisioneiro infestado pela peste para longe, como ele havia se sentido tentado a fazer durante toda a noite e sentindo-se eufórico por finalmente tirar aquele peso de cima dele, e então lentamente se ajoelha. Então, ele fica em pé, com o corpo um pouco abaixado. Suas pernas tinham adormecido e ele se permite um momento para ativar sua circulação antes de tomar qualquer atitude.

Godfrey olha para os dois lados do corredor e não vê qualquer sinal de guardas patrulhando os corredores. Obviamente, aquilo faz sentido: é o meio da noite e um guarda em pé diante de uma cela fechada é mais do que o suficiente, especialmente com presos tão patéticos quanto Godfrey e sua trupe e as poucas outras almas perdidas ali com eles. Na verdade, ao olhar além das barras da cela, Godfrey vê Akorth e Fulton dormindo e roncando, embora ele tenha lhes pedido que ficassem acordados. O ronco de seus amigos lhe dá cobertura e, pela primeira vez, ele fica feliz em ouvir aquele barulho insuportável.

Ario e Merek, no entanto, graças a Deus, tinham seguido suas instruções e estão sentados lá, cada um no seu canto, olhando para a frente com olhos assombrados, observando-o, completamente acordados. Mais uma vez, Godfrey se pergunta se aqueles dois costumam dormir.

Godfrey atravessa o corredor da prisão, pisando no chão cuidadosamente e movendo-se o mais silenciosamente possível, impressionado com seu próprio silêncio. Ele caminha diretamente até as chaves do guarda e, com mãos trêmulas, se agacha ao lado dele e tenta abrir o chaveiro em seu cinto. Ele consegue soltá-las e, ao fazer isso, segura as chaves juntas, evitando que elas façam qualquer barulho. Ele rapidamente as examina, encontra a chave correta e a insere cautelosamente na fechadura, virando-a o mais silenciosamente e suavemente possível.

Com o som suave de uma fechadura, a porta da cela se abre e Godfrey olha ao seu redor com espanto, surpreso que seu plano tenha efetivamente funcionado.

Merek e Ario, sem a necessidade de estímulo, aproximam-se imediatamente da porta, mas Godfrey gesticula na direção de Akorth e Fulton e Ario corre até eles, cutucando as costas de ambos e cobrindo suas bocas para que eles não gritem. Eles desajeitadamente ficam em pé e começam a rastejar para fora da cela.

Godfrey fica impressionado. A não ser pelo fato de Akorth e Fulton não estarem acordados e prontos, tudo está indo bem e de acordo com o plano em sua cabeça. Com uma onda de otimismo, ele percebe que seu plano maluco pode realmente funcionar.

Assim que eles começam a se aproximar da porta da cela um dos prisioneiros, um homem obeso, com uma barriga enorme e os olhos pequenos, de repente fica em pé.

"Onde vocês pensam que vão?" Ele grita. "Esperem por mim!"

Godfrey é tomado por uma onda de raiva contra a estupidez daquele sujeito, que causa uma confusão ao atravessar a cela. Com o coração batendo acelerado, Godfrey começa a se virar para ver se o guarda havia acordado, mas ele não tem tempo de fazer qualquer coisa. Godfrey sente as mãos fortes do guarda agarrando a parte de trás dos seus cabelos e batendo sua cabeça contra as barras de ferro várias vezes.

O prisioneiro barulhento corre, tentando atravessar a porta aberta, mas, assim que ele faz isso, o guarda fecha a porta e o prisioneiro grita quando o seu braço fica preso.

Finalmente, o guarda o solta e Godfrey vê Ario correr para trás dele e chutar a parte de trás da perna do guarda, fazendo-o cair de joelhos no chão.

Em seguida, Merek salta para a frente e bate a cabeça do guarda nas barras da cela.

Mas o guarda parece invencível. Ele se recupera, estica o braço, agarra Merek e o joga contra as barras da cela. Então, ele se vira e dá uma cotovelada em Ario, derrubando-o no chão. Akorth e Fulton, inúteis, ficam parados e Godfrey sabe que precisa agir rápido ou correr o risco de perder aquela chance.

Godfrey se lembra da faixa vermelha enrolada em sua cintura. Quando o guarda se vira para atacar Merek novamente, Godfrey salta para a frente, pula nas costas do guarda e enrola a faixa em torno do pescoço do guarda. Ele segura com todas as suas forças e puxa.

O guarda vai à loucura, gemendo, gritando e correndo em todas as direções, mas Godfrey continua segurando a faixa com toda força, recusando-se a soltá-lo. Ele sabe que aquela faixa é sua última salvação.

O guarda se vira e bate suas costas, com Godfrey ainda em cima dele, nas barras de ferro; Godfrey fica com falta de ar e tem a sensação de que está sendo esmagado, mas ainda assim, para seu próprio crédito, ele continua em cima do guarda.

Merek volta a ficar em pé, corre até o guarda e lhe dá um soco na barriga. Finalmente, por sorte, ele cai de joelhos com Godfrey ainda segurando a faixa em torno de seu pescoço.

Ario, Akorth e Fulton correm para a frente, chutando o guarda sem parar até que ele finalmente cai de barriga no chão.

Merek corre para a frente, ajuda Godfrey a segurar a faixa e, juntos, eles começam a apertar o pescoço do guarda com ainda mais força.

Ainda assim, o guarda, invencível, como um animal que se recusa a morrer, continua respirando.

Finalmente, Ario pega uma pequena adaga em sua cintura, aproxima-se calmamente e, ajoelhando-se, esfaqueia a parte de trás do pescoço do guarda.

Finalmente, ele para de se mover.

Godfrey o solta com as mãos tremendo e todos se entreolham em silêncio, chocados com o que tinha acabado de acontecer.

"Abra essa maldita porta de uma vez!" Grita o outro prisioneiro com o braço ainda preso na porta.

Godfrey se levanta e olha para o prisioneiro com raiva.

"Você tem sorte por eu não matá-lo," ele dispara.

Godfrey se vira com os outros e, juntos, como um grupo experiente agora, eles correm cada vez mais rápido pelos corredores em direção à saída.

"Para onde vamos agora?" Pergunta Ario, finalmente olhando para Godfrey com respeito.

"Para qualquer lugar" ele responde, "exceto aqui."

CAPÍTULO DEZOITO

Ragon fica na beirada de uma colina gramada na periferia da Ilha da Luz e observa o vasto oceano diante dele enquanto se pergunta onde Thorgrin pode estar. Ele havia partido abruptamente e surpreendido Ragon, que raramente em sua vida havia sido pego desprevenido. De alguma forma, pela primeira vez em sua vida, ele não havia conseguido prever aquilo.

Ragon tinha tido certeza de como as coisas aconteceriam: Ele havia previsto chegada de Thorgrin na ilha e acredita ter visto o reencontro de Thor com Guwayne, embora sua premonição tenha sido um pouco confusa.

Ainda assim, ele certamente não havia previsto a partida tão abrupta de Thor, especialmente no meio da noite. A princípio, ele não tinha sido capaz de entender por que aquilo havia acontecido, mas então ele tinha visto uma sombra passando bem alto no céu, a sombra de um demônio vindo do inferno, e tinha finalmente percebido exatamente o que havia acontecido. Thorgrin tinha sido enganado; ele tinha sido desviado de seu caminho, caindo na armadilha de forças obscuras do submundo. Ragon percebe que aquelas forças devem ser muito poderosas para chegar até a Ilha da Luz e afetar um guerreiro e druida como Thorgrin.

Isso faz Ragon temer pelo futuro de Thorgrin. Que poderes monumentais podem estar no agindo no universo para usar Thorgrin como um brinquedo? Por que Thorgrin é tão importante que eles o tenham visitado pessoalmente? Thorgrin é claramente mais poderoso do que Ragon havia pensado inicialmente; Ragon havia subestimado o grande destino de Thorgrin. Ele o havia subestimado e também havia subestimado as forças agindo contra dele.

Guwayne, nos braços de Ragon, começa a chorar e Ragon começa a balançá-lo, olhando dentro de seus olhos cinzentos como os de Thorgrin.

"Shhhh."

Ragon balança Guwayne, que imediatamente fica em silêncio. Ele sente o calor do menino em seus braços enquanto tenta acalmá-lo para dormir. Ele se sente extremamente honrado por ser responsável pela segurança daquela criança, para quem ele havia previsto um destino ainda mais importante do que o de Thorgrin.

No entanto, Ragon fica perplexo por ainda tê-lo em seus braços pelo fato de Thorgrin ainda não tê-lo encontrado para levá-lo embora dali. Ele havia esperado cuidar de Guwayne apenas por um curto período de tempo, apenas até o retorno de Thorgrin. No entanto, ali está ele, ainda com a criança, enquanto Thorgrin está em algum lugar procurando pelo seu filho. Ragon sabe que algo não está certo. Um grande erro tinha sido cometido no universo e Thorgrin, desviado de seu caminho, precisa saber de tudo o que havia acontecido. Ele precisa enxergar a verdade e se reencontrar com o seu garoto.

Ragon olha para o céu, vê Lycoples voando no alto e, fechando os olhos, lhe enviar um recado através de sua mente:

Vai, minha pequena.

Bem acima, ele ouve um grito como resposta à medida que Lycoples se distancia e, curiosamente, volta para trás. Ragon fica confuso; Lycoples sempre obedece as suas ordens. Porém, agora, ela parece estar hesitando.

Vá. Vasculhe todos os mares. Encontre Thorgrin. Traga-o de volta para mim.

Ragon abre os olhos e espera que Lycoples siga o seu comando, mas ela não o faz.

Ragon não consegue entender. Por que Lycoples está relutante em ir? Ele pode senti-la tentando lhe dizer alguma coisa, mas isso também é obscurecido por alguma estranha razão. Ele estaria sendo mantido no escuro? Será que Lycoples é capaz de prever um futuro sombrio que ele não ainda não consegue ver?

Ragon fecha os olhos e tenta prever o futuro, tentando ver Thor retornando e reencontrado Guwayne, mas por algum motivo sua visão está obscurecida. Ele não consegue ver nada, apenas a escuridão.

"VÁ!" Ragon grita com um tom sobrenatural e firme, erguendo a voz e o seu cajado. Guwayne começa a chorar.

Desta vez, Lycoples grita em protesto e, de repente, se vira, bate as asas e voa para o horizonte.

Ragon a observa partir, sumindo no céu carmesim, e apesar de si mesmo, ele não consegue evitar a sensação de que uma grande escuridão se aproxima.

CAPÍTULO DEZENOVE

Thor fica na proa do navio à medida que eles atravessam o oceano durante a noite escura, navegando mais rápido do nunca e impulsionados por um vento forte, e observa a escuridão enquanto pensa em sua irmã.

Alistair. Onde está você?

Eles navegam através de águas agitadas, névoa em direção ao sul, seguindo o instinto de Thor. Thor sente que Alistair está lá fora, em algum lugar; a sensação de que ela está em perigo é tão intensa, que Thor tem a sensação de que ela está ao seu lado. Ele sabe que é isso que o dragão havia tentado dizer e não é capaz de fazer qualquer outra coisa até tê-la ajudado.

Mas o que ela está fazendo ali, no meio daquele oceano tão extenso e vazio?

Ele tenta se lembrar da última vez que a tinha visto. Ela havia estado prestes a deixar o Anel, a caminho do sul, para embarcar para as Ilhas do Sul junto com Erec. Ela havia estado feliz e, por isso, ele também. O único consolo que Thor havia encontrado desde a destruição do Anel tinha sido a sua irmã, sabendo que ela tinha partido antes da invasão e que ela estava em algum lugar seguro, com Erec nas Ilhas do Sul.

E agora isso. Como ela pode estar ali?

Thor não sabe qual é a resposta para essa pergunta, mas ele não precisa de uma. Ele tinha aprendido a confiar em seu instinto.

"Você tem certeza que estamos seguindo na direção certa?" Pergunta uma voz.

Thor se vira e vê Angel em pé ao lado dele, olhando para cima com olhos cheios de confiança e esperança.

Thor estende o braço e coloca a mão em seu ombro.

"Eu não tenho certeza de nada, Angel," ele diz, "sei apenas o que meu instinto me diz."

Ela assente com a cabeça de maneira solene.

"Essa é a única certeza a respeito de qualquer coisa que todos nós podemos ter," ela responde.

Como sempre, Thor se surpreende com a sabedoria da garota; às vezes, ao falar com ela, Thor tem a sensação de estar conversando com um homem idoso e cheio de experiência.

"Thor!" Grita uma voz.

Ao olhar para trás, Thorgrin vê O'Connor em pé em cima do mastro, apontando para a escuridão.

Thor se vira e vasculha o horizonte mais uma vez, mas ele não vê nada.

Então, à medida que eles continuam a velejar, ele começa a ver um brilho fraco no horizonte. Ele vê fuma e sente o cheiro de fogo no mar. Ele pode ver que há terra diante deles e fica confuso; ele não consegue entender como pode haver um incêndio naquele lugar.

A menos que algo mais esteja lá fora. Navios. Navios pegam fogo.

Os sentidos de Thor se intensificam.

"MAIS RÁPIDO!" Thor ordena. "Estendam todas as velas!"

Reece, Elden e Matus manejam as velas e, quando eles ganham velocidade, Thor prepara suas armas.

"Preparem-se!" Thor gritou. "Estamos navegando para uma batalha!"

À medida que eles se aproximam, as nuvens de fumaça ficam ainda maiores e, quando eles estão a cem metros de distância, Thorgrin começa a entender o que está acontecendo: há um incêndio diante deles, uma frota de navios pegando fogo e homens gritando. Ele vê centenas de navios do Império e, cercados por esta frota, meia dúzia de navios tentando fugir. No alto do mastro desses navios, o coração de Thor se anima em ver, está a bandeira das Ilhas do Sul.

Sem necessidade de qualquer confirmação, Thor imediatamente sabe que Alistair e Erec estão naqueles navios, em perigo, cercados pelo Império. Ele vê os soldados do Império prepararem seus arcos, levantarem suas flechas e apontarem para a frota da Erec, prestes a disparar várias saraivadas. Ele pode ver os navios enormes que bloqueiam o caminho deles e percebe que eles estão prestes a ser destruídos para sempre.

"Mais rápido!" Thor ordena, sentindo o seu elegante navio inclinando-se contra o vento.

Eles agora estão a cinquenta metros de distância e, à medida que eles se aproximam mais, Thor percebe que possui uma vantagem: o Império não espera um ataque por trás, a partir do mar aberto, e com todos os olhos voltados na outra direção, para a frota de Erec, eles não têm ninguém se preocupando em olhar para trás.

Mesmo assim, ele não é rápido o suficiente; Thor sabe que não conseguirá chegar a tempo. Sua irmã, Erec e todos os cidadãos das Ilhas do Sul serão mortos.

Thor fecha os olhos e se concentra, tentando sentir sua irmã no meio da escuridão.

A coisa mais estranha acontece. À medida que eles se aproximam, enquanto ele se concentra em sua irmã, Thor sente um poder lentamente crescendo dentro dele, um poder maior do que ele jamais havia sentido. É como se a proximidade com Alistair lhe permitisse acessar seus poderes com mais facilidade. Estar perto de sua irmã afeta os seus poderes, tornando-o mais poderoso.

Thor fecha os olhos e sente o poder surgir dentro dele, uma potência conjunta entre ele e Alistair, e quando ele ergue os dois braços, ele sente o poder fluir através deles sem qualquer esforço de sua parte. Ele abre os olhos, aponta as palmas das duas mãos na direção dos navios do Império e emite duas bolas laranja de luz flamejante. Elas atravessam o ar, cada uma delas destinada a cada um dos enormes navios do Império que impedem a fuga de Erec.

As bolas atingem os navios antes que os arqueiros possam liberar suas flechas. Cada um dos navios é atingido por uma explosão, explodindo em chamas que iluminam a noite inteira e enviando pedaços de lascas de madeira que voam pelo ar e caem no mar em todas as direções.

Os dois navios imediatamente começam a listar e afundam rapidamente no mar.

Erec, vendo sua oportunidade, ergue as velas e avança pelos destroços em chamas, criando uma passagem para o restante de seus navios, que navegam em fila indiana atrás dele.

Eles estão do outro lado em poucos instantes e se aproximam do navio de Thorgrin, ficando ao seu lado.

Thorgrin olha para os rostos espantados de Alistair, Erec e de todos os seus homens, iluminados pela luz de tochas, e todos olham para ele com espanto. O rosto de Alistair está completamente molhado pelas lágrimas que insistem em escorrer.

"Thorgrin!" Ela grita.

Ele pode ver as expressões de seus rostos se transformando de alívio.

Mas não há tempo para uma reunião calorosa. Thor acompanha a frota de Erec quando ele imediatamente vira o seu navio e continua avançando para fugir do Império.

Atrás deles, as centenas de navios Império começam a persegui-los. Thor olha por cima do ombro e, ao vê-los se aproximando, sabe que eles têm poucas chances de escapar ao navegarem para o mar aberto. Mas pelo menos eles estão juntos e, se necessário, todos irão lutar, juntos, até a morte.

Eles navegam sem parar através da noite e Thor força o seu elegante navio pirata a ir tão rápido quanto possível enquanto Alistair e Erec se esforçam para acompanhar o seu ritmo. Uma neblina envolve seus navios, subindo e descendo, e quando ela desaparece momentaneamente, Thor olha para trás, como vem fazendo sempre que possível, e vê que a frota do Império ainda está lá, apenas a algumas centenas de metros de distância. Eles simplesmente não conseguem se livrar deles; na verdade, os navios do Império estão lentamente e seguramente diminuindo a distância entre eles. Thor e os outros têm sorte por

ter um vento forte em suas costas agora, mas ele sabe que se o vento parar de soprar ou mudar de direção, todos eles serão cercados e mortos.

Ainda pior, Thor está esgotado após ter usado seus poderes, emitindo as bolas de fogo, e por mais que ele tente invocar seu poder, desta vez, quando ele fecha os olhos, nada acontece. Ele sabe que não tem outra opção a não ser lutar contra eles de homem para homem em um confronto que, por motivos óbvios, não será possível ganhar.

Thor olha para o navio e se conforta ao ver o rosto de Alistair e sua expressão de absoluta calma e tranquilidade ao lado de Erec; Thor sente que juntos, aliando ambos os seus poderes, não há perigo que eles não possam enfrentar.

No entanto, quando os navios do Império se aproximam mais, o ar é preenchido pelo som de flechas zunindo acima deles e Thor e os outros são forçados a procurar abrigo.

"Eles estão ao alcance!" Erec exclama.

Um mar de flechas e lanças desce sobre eles e os homens de Erec gritam quando muitos deles são atingidos, caindo sobre a grade lateral do navio.

Thor ouve um grito ao seu lado e, ao olhar naquela direção, fica horrorizado ao ver o seu amigo Reece ajoelhado com uma flecha cravada em seu peito.

O coração de Thor para ao ver aquele ferimento. Ele sabe, sem sombra de dúvida, que aquele tinha sido um golpe fatal.

"Aguente firme," Thor fala para Reece, segurando a sua cabeça. "Você vai ficar bem!"

Há um grande estrondo e Thor de repente sente o navio bater em algo duro, raspando a parte inferior de seu casco como se eles estivessem passando em cima de algo. Então, com a mesma rapidez, tudo fica calmo. Thor e os outros se entreolham, igualmente perplexos.

No entanto, quando aquilo acontece novamente, Thor corre para a lateral do navio, olha para o mar e ele fica chocado com o que vê: alo, diante deles, espalhando-se até onde seus olhos são capazes de enxergar, há bancos de areia com rochas intercaladas a mais ou menos cada cinquenta metros. Ele olha para cima e, através da neblina, vê que os bancos de areia se estendem infinitamente. Ao olhar através da neblina, Thor também vê outra coisa que o surpreende. Há uma enorme formação rochosa que se ergue para fora do oceano e, em uma das enormes rochas, ele vê a entrada de uma caverna, grande o suficiente para esconder todos os seus navios. Ele olha além daquela caverna e que há muitas outras na sequência. Embora não haja qualquer terra à vista, todo aquele trecho do mar está cheio de bancos de areia e cavernas, formações rochosas estranhas no meio do oceano.

Thor tem uma ideia.

"O que me diz daquelas cavernas?" Thorgrin grita na direção do outro navio, para Erec e Alistair. Eles olham naquela direção e começam a examiná-las também.

"Se conseguirmos nos esconder nelas, talvez eles passem por nós sem perceber a nossa presença," explica Thor.

Erec olha por cima do ombro e, então, balança a cabeça.

"Eles estão perto demais," ele grita de volta. "Eles nos verão."

Alistair estende o braço e coloca uma mão no pulso de Erec, que olha para ela.

"Há outras maneiras," ela responde.

Alistair se aproxima, olha para Thorgrin e ergue um único braço com a palma da mão apontada na direção do barco de Thor.

"Meu irmão," ela grita para ele, "traga o seu barco mais perto. Levante o braço e coloque a palma de sua mão junto da minha."

Thorgrin direciona o seu barco, aproximando-se do navio de Erec, e quando ele fica diante de Alistair, ele ergue o braço com a palma da mão virada para ela, sendo invadido por uma forte onda de calor.

Sob os olhares atentos de todos os outros, que observam com atenção, irmão e irmã juntam as palmas das mãos e, lentamente, uma luz branca começa a se formar entre eles. A luz começa a se transformar, tomando a forma de uma nuvem, e a envolver todos os navios de uma só vez para, em seguida, passar para trás deles.

Thor olha para trás e vê que uma parede de neblina havia se formado atrás de sua frota, impedindo que eles sejam vistos pelos navios do Império.

"Para a caverna!" Alistair ordena.

Todos os navios se viram e navegam juntos para a caverna, entrando cada vez mais fundo. O lugar é tranquilo e iluminado pelas estranhas águas azuis cujo brilho é refletido nas paredes da caverna, fornecendo luz suficiente para que Thorgrin, Alistair e os outros possam enxergar.

Quando o último de seus navios entra na caverna, Alistair e Thor estendem os braços e juntam as palmas das mãos novamente.

A nuvem de neblina aparece novamente e, desta vez, esconde a entrada da caverna e, em seguida, todo o entorno da caverna.

Thor ouve o barulho da frota Império, um pouco além da caverna, atravessando as águas e navegando bem ao lado deles.

Eles não têm ideia de que os navios de Thor e de Erec estão ali.

Finalmente, Thor dá um grande suspiro de alívio. Eles haviam conseguido.

CAPÍTULO VINTE

Darius se senta no pequeno pátio de pedra com os outros gladiadores, apoiando os cotovelos nos joelhos e a cabeça entre as mãos, com uma terrível dor de cabeça. Ele alonga os músculos lentamente, verificando seu corpo enquanto movimenta seus membros, e sente várias pontadas de dor. Coberto de arranhões, contusões e cortes, Darius tem a sensação de ter sido atropelado por um trator após a luta na arena. Suas mãos estão inchadas, ele tem dificuldade para movê-las e mesmo abri-las lhe causa uma tremenda dor. Seus membros também estão doloridos e, ao tentar esticar os braços, Darius se pergunta como ele terá forças para lutar novamente. Ele precisa de tempo para se recuperar e tem a sensação de que isso não será possível.

Ao olhar ao seu redor, Darius é invadido pela sensação de tristeza e culpa que lhe causam mais dor do que seus próprios ferimentos. Ele vê que Raj, Desmond e Luzi estão por perto, cuidando de seus ferimentos e olhando para o vazio. Darius presume que, assim como ele, todos estão de luto pela morte de Kaz.

Darius sente um vazio no estômago ao pensar dele. Ele e Kaz haviam praticamente crescido juntos, tendo treinado lado a lado por incontáveis dias. Kaz sempre tinha sido o maior e mais forte de todos eles e sempre havia vencido todas as competições. Na verdade, Kaz tinha sido uma espécie de valentão quando eles haviam se conhecido pela primeira vez.

Com o tempo, Darius e os outros haviam desenvolvido uma amizade com Kaz, que sempre tinha estado ao seu lado e que, agora, havia se sacrificado para salvá-lo. A morte agora paira sobre todos eles, tendo se tornado uma realidade e reduzido o seu grupo de amigos de quatro para apenas três. Ele sabe que a morte pode vir em busca de qualquer um deles e que nada pode detê-la.

Darius sente que os outros estão pensando a mesma coisa enquanto eles continuam sentados ali, olhando para o vazio e cuidando de suas feridas. Ele percebe que vários dos rapazes que os tinham acompanhado até a arena também estão desaparecidos, mortos, e sabe que a redução no número dos membros de seu grupo não é bom sinal. Darius sabe que o fato de que eles haviam vencido a primeira partida já tinha sido um verdadeiro milagre e que eles podem não ter tanta sorte da próxima vez. Ele tem certeza de que o Império os enfrentará com adversários ainda mais fortes e armas ainda mais poderosas. Seus inimigos querem um espetáculo e é apenas uma questão de tempo até que Darius e todos os outros morram naquele lugar, como objetos de entretenimento para os habitantes do Império.

Darius suspira, odiando essa ideia. Ele sempre havia sonhado em morrer durante uma batalha, no campo aberto, lutando por uma causa na qual ele acredita - e não desta maneira, não como o prisioneiro de um espetáculo selvagem.

Darius olha para os rostos desanimados de todos os outros gladiadores, meninos que ele não conhece, com os rostos arranhados e os corpos cheios de cicatrizes da luta, e suspeita que eles sintam o mesmo. Todos olham para o nada como se estivessem olhando para suas mortes iminentes. Todos eles ficam ali sentados, à espera da morte.

Darius fecha os olhos e balança a cabeça. Ele não teme a morte. Uma parte dele, ele sente, já havia morrido com seus homens quando eles tinham sido emboscados entre os muros de Volúsia. Seu coração ainda está com seu irmão morto, levado ao matadouro por suas próprias mãos. Uma parte de Darius sente que ele não tem mais o direito de viver.

Darius de repente se assusta com a batida de uma porta de ferro e, ao olhar para cima, vê Morg entrando no pátio acompanhado por vários guardas do Império. Morg olha para eles com desaprovação.

"Nenhum de vocês deve imaginar sequer por um minuto que vocês têm chance de sobreviver a esta luta," ele dispara, olhando dentro dos olhos de cada um deles. "Vocês hoje tiveram sorte, pois poucos de vocês foram mortos. Mas amanhã é outro dia e a maioria de vocês, se não todos, irá morrer."

Ele examina os seus rostos.

"Apenas um de vocês vai sobreviver a esta luta, se é que um de vocês vai conseguir fazer isso. O último homem em pé após a terceira rodada terá sua liberdade concedida, ou quase isso. Ele será enviado para a capital do Império, onde irá lutar na mais grandiosa arena em todo o Império. O prêmio não é exatamente a liberdade; é mais como uma forma de adiar a sua própria morte. Para ganhar a liberdade de verdade é preciso vencer esse último confronto, também, e ninguém jamais fez isso. Eles se certificam disso."

Os olhos de Morg param de se mover quando ele vê Darius. Sua expressão de ódio se aprofunda ainda mais ao mesmo tempo em que ele dá vários passos para a frente e olha dentro dos olhos de Darius.

"Você lutou bem hoje," ele diz. "Estou surpreso. Eu não achava que você fosse capaz de tudo aquilo. Você é útil para mim como um objeto de entretenimento. Como uma forma de recompensá-lo, eu o levarei até outra arena, onde você terá a chance de lutar sozinho, sem correntes, em jogos para o entretenimento e não para a morte. Você vai viver muitos anos e ser bem tratado."

Darius, tomado por uma forte sensação de injustiça, se mantém firme e enfrenta Morg.

"Eu vou deixar este lugar," Darius responde, "apenas se meus irmãos puderem se juntar a mim. Caso contrário, vou ficar por aqui mesmo e lutar com eles."

Morg olha para Darius, incrédulo, e sua carranca se aprofunda.

"A oferta é apenas para você e não para seus amigos. Se você ficar aqui, certamente irá morrer com eles."

Darius não recua.

"Então, eu morrerei com eles," ele responde sem vacilar.

Os olhos de Morg se arregalam.

"Você está disposto a morrer pelos seus amigos?"

Darius o encara sem se abalar.

"Se eu abandonar os meus amigos," ele responde, "então eu nunca terei vivido."

Morg balança a cabeça, faz uma careta e depois cospe aos pés de Darius.

"Eu vou gostar de ver você morrer amanhã," ele fala. "Você e todos os seus amigos."

"Não conte com isso," Raj de repente entra na conversa. "Ele pode acabar surpreendo você. E se ele fizer isso, tenho certeza que ele ficará feliz em matá-lo primeiro."

Morg exhibe um sorriso cruel, se vira e começa a sair do pátio, seguido pelos seus homens, e a porta de ferro bate atrás deles quando eles deixam o local.

"Você não deveria ter feito isso," diz Luzi, aproximando-se dele.

"Você deveria ter aceitado a sua liberdade," Desmond também fala.

Darius sacode a cabeça e permanece em silêncio.

"Nenhum homem é deixado para trás," ele declara. "Nem agora, nem nunca. Isso é o que significa a verdadeira amizade."

Darius pode ver o respeito e a gratidão nos olhos de seus irmãos à medida que cada um deles se adianta e aperta o seu braço.

"Você traz grande honra à memória de Kaz," diz Desmond.

Luzi exhibe uma expressão preocupada.

"Eu ainda não consigo acreditar que Kaz esteja morto," começa Luzi. "Eu não consigo entender o que aconteceu. Ele era o maior e mais forte de todos nós. Se ele foi morto, que esperança nós podemos ter?" Seu rosto se transforma com uma expressão de pânico. "Eu tenho que sair daqui," continua ela. "Eu tenho que sair daqui!"

Luzi corre pelo pátio e começa a bater na porta de ferro. Darius olha para ela com surpresa, percebendo que Luzi está tendo um colapso nervoso.

"Calem a boca dele!" Grita um dos outros meninos. "Se ele continuar batendo assim, eles vão voltar e matar todos nós!"

"Você deveria ter deixado que eu o matasse na arena," alerta uma voz sombria.

Darius vê Drok em pé ao seu lado, olhando para ele com seus olhos cruéis.

"Teria sido fácil e rápido," ele acrescenta. "E eu só teria que me desgastar uma vez."

Darius é tomado por uma nova onda de raiva ao recordar a tentativa de Drok de matar Luzi na arena.

Drok começa a caminhar através do pátio, aproximando-se de Luzi, e Darius começa a correr atrás dele, esquecendo toda a sua dor, e fica entre eles, bloqueando o caminho de Drok. Ele encara Drok, que olha para ele com surpresa.

"Para chegar até ele que você vai ter que passar por mim," afirma Darius.

O menino faz uma careta para Darius.

"Eu devia ter matado você, também," diz Drok. "E ficarei contente em fazer isso agora, matando você e o seu amigo patético."

Drok parte para cima de Darius e, ao fazer isso, ele furtivamente se abaixa, pega um punhado de terra no chão e o joga nos olhos de Darius.

Darius, sem esperar por aquilo, fica momentaneamente cego e, no instante seguinte, começa a sentir braços fortes em torno de sua cintura, empurrando-o para derrubá-lo no chão. Ele cai para trás e bate com o corpo no chão, sentindo uma pontada de dor em cada músculo de seu corpo, imobilizado por Drok.

Todos os outros meninos imediatamente se reúnem ao redor deles.

"LUTE!" Eles gritam. "MATE ELE!"

Após o desempenho de Drok na arena e após sua tentativa de matar os outros meninos, Darius sabe que eles estão torcendo por ele.

Enquanto luta para tirar a areia de seus olhos e recuperar o fôlego, Darius de repente sente nódulos duros batendo em seu rosto quando Drok lhe dá um soco na cara e começa a se preparar para dar outro.

Quando ele afasta o braço novamente, Darius estende a mão e pega o pulso de Drok no ar; ao mesmo tempo, ele consegue rolar o corpo, ficando em cima de Drok, e lhe dá dois socos no rosto.

Drok chuta Darius entre as pernas e joga a cabeça para baixo, batendo na cabeça de Darius, que é invadido por uma dor insuportável ao mesmo tempo em que Drok volta a ficar em cima dele. Darius vira o braço e lhe dá uma cotovelada com toda a força na mandíbula. Finalmente, Drok desmaia ao lado de Darius. Ele se livra do corpo do garoto e começa a recuperar o fôlego.

Desmond, Raj e Luzi aparecem e começam a ajudar Darius a ficar em pé, segurando-o por trás e puxando-o para cima.

Darius fica em pé e olha para Drok.

"Acabe com ele," diz Desmond.

"Acabe com ele de uma vez por todas," diz Luzi, entrando na conversa.

"MATE-O!" Os outros meninos gritam.

Darius observa Drok por um longo tempo, lutando para se libertar, e percebe que é incapaz de matá-lo, não naquele lugar, enquanto todos eles ainda são prisioneiros.

"Não," responde Darius. "Deixem que ele se vá."

No exato instante em que eles o soltam, Drok se joga para cima de Darius, gritando e com sangue escorrendo de sua boca. Ele corre para enfrentá-lo, mas, desta vez, Darius está preparado; ele espera até o último momento e então se afasta. Quando Drok passa por ele, Darius estica o braço e lhe dá uma cotovelada na mandíbula.

Drok cai de cara no chão de terra.

Drok começa a gemer, mas Darius consegue vê-lo fechando os dedos em torno de um punhado de terra e percebe que ele está prestes a jogar outro punhado de terra nele.

Darius pisa no pulso dele, prendendo-o no chão, instantes antes que ele consiga girar o corpo e jogar a terra. Darius joga a perna para trás e chuta o rosto de Drok com sua outra bota, derrubando-o de costas.

Mas Drok é resistente. Ele rola algumas vezes, se levanta e fica parado de frente para Darius, sangrando, mas ainda assim indestrutível. Ele corre até a parede, pega uma espada de treinamento feita de madeira e se vira para enfrentar Darius.

"Darius!" Grita uma voz.

Darius vê Raj jogar uma espada de madeira em sua direção; ele pega a espada no ar bem a tempo de bloquear o primeiro golpe de Drok.

Darius e Drok começam a se enfrentar em um barulhento duelo de espadas, golpeando e bloqueando ao mesmo tempo em que se empurram mutuamente. Darius se vê forçado a admitir que Drok é rápido e implacável, motivado pelo ódio.

No entanto, ele não é tão rápido quanto Darius. As lembranças de seus dias de treinamento ao lado de Raj e Desmond tomam conta dele e Darius coloca em prática todas as suas habilidades, bloqueando e golpeando um pouco mais rápido do que Drok, e está prestes a acertar um golpe quando Drok o pega desprevenido, dando-lhe uma rasteira.

Darius tropeça, caindo de costas, e Drok imediatamente levanta a sua espada, salta para a frente e, segurando o punho da arma, se prepara para acertar a garganta de Darius.

Darius rola para fora do caminho no último segundo e a ponta da espada acerta o chão de terra. Em seguida, ele se vira e, ficando em pé, bate nos braços de Drok, arrancando a espada de suas mãos.

Drok, em um acesso de raiva, pega a espada de madeira e a quebra ao meio, formando uma ponta irregular e afiada. Então, ele corre na direção de Darius com o objetivo matá-lo.

Darius espera o momento certo, calma e serenamente, em seguida, no último segundo, ele dá um passo para o lado e acerta uma cotovelada na garganta de Drok, derrubando-o de costas no chão.

Drok fica deitado, imóvel, e quando ele lentamente estica o braço para pegar sua espada de madeira, Darius a chuta para fora do caminho.

Darius se ajoelha ao lado dele, pega a espada quebrada e segura a ponta contra a garganta de Drok. Suas mãos tremem enquanto pondera se deve matá-lo.

"MATE-O!" Gritam os outros meninos, reunindo-se em torno de Darius.

Drok, com sangue escorrendo de sua boca, provoca Darius.

"Vá em frente," insiste Drok. "Você estará me fazendo um favor."

Darius finalmente joga a espada longe.

"Não," ele diz. "Não vou fazer esse favor para você. Seria desonroso matá-lo enquanto você está indefeso e eu não quero manchar a minha honra, nem mesmo matando alguém como você."

Darius se levanta e encara Drok.

"A arena vai decidir quem deve viver e quem deve morrer," ele conclui. "E se Deus realmente existe, amanhã, você vai morrer."

CAPÍTULO VINTE E UM

Volússia fica na sacada sobre a imensa cúpula dourada que se ergue a partir do centro da capital e observa o horizonte com grande interesse. À distância, no meio de uma nuvem de poeira, uma comitiva de sete carruagens pretas, puxadas pelos maiores garanhões negros que ela já tinha visto, atravessa o solo do deserto. O que mais a surpreende não é o tamanho das carruagens, os cavalos, ou nem mesmo a sua velocidade, mas o fato de que as legiões de soldados do Império acampadas do lado de fora de sua cidade imediatamente abrem caminho para eles. Um mar de corpos se parte, dando passagem para as carruagens que se aproximam e Volússia percebe que aquelas pessoas, quem quer que elas sejam, estão sendo recebidos com grande demonstração de respeito.

As carruagens continuam avançando, aproximando-se dos portões de capital, e Volússia se pergunta quem pode ser tão insolente a ponto de pensar ter permissão para se aproximar.

"Quem está se aproximando de nossos portões?" Ela pergunta para Koolian, um de seus feiticeiros, que está ao lado dela com uma dúzia de outros assessores estudando o horizonte.

Ele limpa a garganta com uma grave expressão em seu rosto.

"Minha Deusa," ele responde. "Essas pessoas que se aproximam de você são os Cavaleiros dos Sete. Eles representam os quatro chifres e as duas pontas do Império e são os representantes diretos do Grande Conselho. Eles representam a força coletiva e o poder de negociação de todo o Império."

"Há muito poucos assuntos em que todos os chifres e pontas do Império concordam, Deusa," diz Aksan, seu assassino, caminhando para o seu lado, "mas se há uma coisa que eles têm em comum, é o Grande Conselho. A palavra do Grande Conselho é a palavra de todo o Império. Ninguém se atreve a desafiá-los. Não é possível desafiá-los."

"Você faz bem em recebê-los graciosamente, Deusa," seu comandante Gibvin diz.

Volússia observa as reluzentes carruagens pretas atravessando o deserto, direto para os portões da cidade; eles são orgulhosos e arrogantes - e claramente não esperam que alguém ou alguma coisa possa ficar em seu caminho.

"E o que você acha que eles querem de mim?" Ela pergunta.

"Eles estão vindo aqui apenas por uma razão," explica Gibvin, "para ditar os termos. Eles vão fazer uma oferta e só farão isso uma vez. Você deve aceitar a proposta que eles fizerem, independente do que eles proponham."

Ela se vira para ele desafiadoramente.

"Eles não são apenas o Conselho da capital," ele continua. "Este é o Grande Conselho, o conselho de todos os homens. Eles não representam apenas uma cidade, mas dezenas de milhares delas. Eles não têm apenas exércitos, mas também têm feiticeiros tão poderosos como o seu e um número infinito de homens a perder. Eu lhe imploro, não provoque esta fera."

Volússia o estuda com calma, sem expressão, e depois se vira e vê a comitiva alcançar os portões dourados de sua capital.

Seus soldados, lá em baixo, olham para ela à espera de uma resposta.

Um silêncio espesso paira no ar enquanto Volússia olha para baixo, pensando sobre o que fazer.

"Deusa, eu lhe imploro," diz Gibvin. "Não os deixe esperando. Abra as portas imediatamente."

Volússia espera mais um pouco enquanto um silêncio pesado paira no ar, e então, finalmente, quando ela se sente pronta, ela balança a cabeça lentamente.

Os portões são abertos no mesmo instante e as carruagens atravessam, avançando na direção da cúpula dourada, na direção dela, como se já sabendo, sem sombra de dúvida, que ela os deixará entrar.

Volúcia se senta diante da suntuosa mesa do Grande Conselho, em frente ao representante dos Cavaleiros dos Sete, e o estuda com curiosidade. Ele não é em nada parecido com o que ela havia esperado. Ela havia esperado encontrar um grande guerreiro da raça do Império, um homem endurecido, grande, forte, vestindo uma armadura e carregando armamentos.

No entanto, ela vê diante de si um homem comum, um simples humano com olhos inteligentes, vestindo uma túnica marrom e com as mãos dobradas perfeitamente dentro dela. Ele fica ali sentado calmamente, olhando para ela sem expressão, apenas um leve sorriso no rosto, como se ele não tivesse medo de nada nesse mundo. De alguma forma, Volúcia considera aquele comportamento calmo ainda mais aterrorizante do que todos os grandes guerreiros do Império. Ela sente que ele é um homem com poderes ilimitados à sua disposição e cujas palavras são ditas com propósito.

"Você é muito corajoso em vir aqui sem guardas," ela diz, quebrando o silêncio.

Ele ri.

"Eu sou um representante dos Cavaleiros dos Sete," ele responde. "Eu não preciso de guardas. Ninguém é tolo o suficiente para me atacar."

Mantendo seu sorriso, ele limpa a garganta e balança a cabeça suavemente.

"Deusa," continua ele, "eu não vim para fazer ameaças. Eu não acredito nelas. E também não vim aqui para negociar. Eu venho apenas para proferir a verdade tal como a vemos. Você começou uma grande guerra aqui. Você tomou pela força várias divisões do exército do Império e da Capital do Império. Você matou os membros do Grande Conselho da capital e, junto com eles, milhares de homens. Você governa a capital agora," ele diz, suspirando. "Mas mesmo você deve perceber que você está governando pela força, não por determinação do Império."

"Pela força," ela repete. "Da mesma forma que Romulus e Andronicus fizeram quando tiveram a chance."

Ele balança a cabeça, sorrindo.

"É verdade," ele responde. "E nenhum destes homens está em pé aqui hoje."

Ela assente com a cabeça, reconhecendo a verdade em suas palavras.

"O que você não sabe," continua ele, "o que ninguém sabe, é que até mesmo o maior e mais poderoso líder do Império responde para alguém. E esse alguém *somos nós*."

Ela o examina o homem diante dela friamente, um homem com a fala mansa, mas com algo a respeito dele que lhe causa calafrios na espinha.

"Fale logo de uma vez," ela retruca com impaciência. "Isso por acaso é algum tipo de ameaça, você pretende me tirar do poder?" Ela pergunta com a voz fria como o aço.

Ele sorri.

"Como eu mencionei, eu não faço ameaças. Além disso, nós vemos em você uma possibilidade muito mais interessante."

Ela olha para ele com curiosidade.

"Por coincidência do destino," ele explica, "você representa uma chance de finalmente unirmos o Império. Romulus e Andronicus eram selvagens, generais mal-humorados que tomaram o trono pela força bruta. Você, obviamente, também não é um doce de pessoa; na verdade, pelo que tenho ouvido você também é bastante selvagem."

Ele a examina.

"No entanto, você é jovem e bonita," ele acrescenta, "você governou Volúcia, como sua mãe antes de você, e as massas, pelo menos, podem ser iludidas pela sua aparência, pelo seu pedigree, e acreditar que você é uma líder pura e legítima. A liderança, afinal de contas, é tudo uma questão de percepção, não é mesmo?"

Ele sorri enquanto a observa e Volúcia estreita os olhos, se perguntando onde ele está querendo chegar com aquela conversa.

"Então você não veio até aqui para fazer uma ameaça?" Ela pergunta.

Ele balança a cabeça.

"Eu vim para lhe oferecer a regência, o comando legítimo, do Império," ele responde. "Em nome dos quatro chifres e das duas pontas. Você terá a regência de metade do território do Império. Tudo o que existe daqui até o rio Espiano será seu; as terras a partir do Espiano serão governadas pelos Cavaleiros dos Sete. A nossa oferta lhe dá mais terras do que você jamais foi capaz de sonhar. Você também terá uma vida de paz e a certeza de que nossos exércitos, todos os nossos exércitos, serão seus."

Ele se levanta e caminha até a janela, olhando para fora.

"Olhe para fora," ele pede. "Do lado de fora das muralhas da cidade, ainda há centenas de milhares de homens dos exércitos do Império. Eles estão lá acampados, esperando para vingar a morte de seu comandante. Eles jamais esquecerão."

"Atrás deles há outros milhões de homens. Concorde com os meus termos e esses homens que você vê irão baixar suas armas, aceitando-a como governante. O exército de um milhão de homens de Romulus, que está a caminho de casa, também irá acatar o seu comando, assim como os milhões de outros homens espalhados entre os chifres e as pontas. Você não terá mais preocupações, não terá mais motivos para temer, e tudo o que você sempre quis será seu."

Ele se vira e olha para ela com olhos brilhantes.

"Concorde agora," ele declara, "e torne-se a Líder Suprema."

Ele remove um longo rolo de pergaminho de dentro de sua camisa, o desenrola e o coloca-o sobre a mesa diante de Volússia. Ele estende um selo com cera quente para que ela o carimbe.

Volússia, sob os olhares atentos de dezenas de seus conselheiros, caminha lentamente até ele enquanto um silêncio recai sobre todos os presentes.

Volússia pega o selo e começa a examiná-lo.

"Você está me oferecendo metade do Império," ela fala, olhando para o selo. "Mas uma Deusa não descarta metade do mundo. Uma Deusa governa tudo."

Ela olha para ele com seus olhos penetrantes e encontra o seu olhar.

"Terei todo o Império," ela declara. "Mesmo que essas sejam terras, como você mesmo disse, que eu nunca visitarei e nunca verei com meus próprios olhos. Eu preciso saber que *todo o Império* me pertence. Você pode retornar para os Sete e lhes dar o seguinte recado: Eles têm apenas uma chance para se render."

Ele ri alto e começa a balançar lentamente a cabeça enquanto guarda o pergaminho.

"Eu esperava que você fosse mais sábia," ele diz. "Você percebe, é claro," ele acrescenta, "que você e todos os seus homens morrerão."

Agora é a vez de Volússia sorrir.

"Todo mundo morre," ela responde. "Mas nem todo mundo chega a viver."

Volússia pega a cera e, ainda sorrindo, de repente dá um passo adiante e queima a testa do homem com o selo quente.

Ele grita e tenta resistir enquanto a insígnia do Império é queimada em sua testa, mas ela pega a parte de trás de sua cabeça e o segura no lugar, empurrando o selo cada vez mais fundo. Quando ela termina e o emblema é gravado na testa dele, Volússia estende os dois braços e, com um movimento limpo, torce o seu pescoço, matando-o.

Ele cai, sem vida, aos seus pés.

Todos na sala ficam em silêncio, em choque e incapazes de acreditar no que eles tinham acabado de testemunhar.

Ela olha para os seus homens.

"Cortem o corpo dele em seis partes," ela ordena com a voz fria e firme, "e as envie para os quatro chifres e para as duas pontas do Império. A cabeça deve ser entregue para os Sete."

Ela abre um grande sorriso.

"Eu quero que eles recebam a minha resposta pessoalmente."

CAPÍTULO VINTE DOIS

Gwendolyn acorda em uma cama luxuosa, despertada pelo som suave e distante de pássaros e por uma leve brisa que invade o quarto através das cortinas, e por um momento ela se esquece de onde ela está. Ela abre os olhos e se alonga na cama, sentindo-se mais confortável do que nunca, com a sensação de que havia dormido por um milhão de anos, e finalmente se lembra: O Cume. Ela está no castelo do rei.

Gwen se senta na cama, percebendo que aquela tinha sido a primeira vez que ela havia dormido confortavelmente desde que ela havia deixado o Anel. Quando ela se vira e vê os raios suaves do pôr do sol sobre o reino do Cume, ela percebe que havia dormido durante a maior parte do dia. Depois ter se encontrado com o Rei e sido levada para os seus luxuosos aposentos, Gwen havia planejado se deitar e descansar a cabeça apenas por algumas horas. No entanto, agora ela percebe que muito tempo havia se passado. Gwen se dá conta do verdadeiro cansaço que havia sentido após sua longa jornada através do Grande Deserto.

Gwen havia encontrado uma variedade de iguarias da em seus aposentos: bolos, tâmaras, nozes, frutas de todos os tipos, jarros de água e sucos. A primeira coisa que ela havia feito foi para compartilhar tudo aquilo com Krohn, que agora está dormindo na beirada da cama enrolado em uma bola, satisfeito, dormindo bem pela primeira vez desde que ela é capaz de se lembrar. Ela se levanta da cama e atravessa o quarto, sentindo o chão de pedras em seus pés descalços, caminha até uma bacia cisterna e joga água fria no rosto várias vezes. Ela pega um figo e começa a comê-lo enquanto avança na direção da janela aberta, sentindo uma brisa fresca que lhe enche de energia.

Gwen observa aquela gloriosa cidade e fica ainda mais impressionada do que quando ela havia chegado; a cidade é realmente magnífica. A luz do sol ilumina pomares que se estendem até onde ela é capaz de enxergar, intercalando-se com construções de pedra antigas. Belíssimos jardins se estendem todo o caminho desde o castelo até as ruas da cidade e por onde ela olha a abundância daquele lugar se torna ainda mais evidente. Os cidadãos da cidade, vestindo capas roxas e sedas finas, passeiam pelos nos jardins por puro lazer - é espantoso.

Quando Gwen olha para o horizonte, ela se sente invadida por uma sensação de tristeza e perda. Em sua mente, ela não consegue parar de ouvir as palavras do rei, seu pronunciamento de que Darius e todo o seu povo estão mortos, e se sente consumida pela perda. Ela havia lutado para conseguir atravessar o deserto, para sobreviver, por causa deles, para reunir um exército, voltar e ajudá-los. Ela tinha lhes dado a sua palavra e agora que ela havia finalmente encontrado aquele lugar, não há mais motivos para voltar. Mesmo sabendo que ela tinha feito o seu melhor, ela tem a sensação de que de alguma forma ela os tinha abandonado. Ela odeia a ideia de que todos aqueles homens, mulheres e crianças da aldeia, pessoas que os tinham recebido tão bem, tinham sido abatidos pelo Império. Aquilo a faz perder toda a esperança e acreditar que o Império nunca poderá ser derrotado.

Gwendolyn pensa na última vez em que ela havia visto seu irmão, Godfrey, prestes a se aventurar em uma viagem até a cidade de Volúsia para ajudar a causa dos aldeões. Ela se pergunta se ele havia sobrevivido. Ela balança a cabeça, sabendo que ele certamente também deve estar morto, e o pensamento lhe causa uma dor sem fim. Se ela tivesse imaginado que tudo aquilo aconteceria, ela nunca teria se aventurado pelo Deserto e teria ficado lá com eles. Gwen tem a sensação de que ela sempre consegue sobreviver, enquanto todos ao seu redor, as pessoas que ela ama, morrem. O sentimento de culpa que Gwen sente, pairando sobre ela, ganha cada vez mais força.

Ela olha para os céus, enxugando uma lágrima, e o que lhe causa mais dor, mais do que tudo aquilo, é saber que Guwayne está lá fora, em algum lugar no mar, completamente sozinho - se é que ele ainda está vivo. E, é claro, ela também é assombrada pela falta que sente de Thorgrin. Ela daria qualquer coisa para saber que eles estão vivos e seguros. Outra coisa também a preocupa: mesmo se por acaso conseguir

voltar para o Império, como ele poderá descobrir onde ela está, agora que ela está ali, no meio do Grande Deserto, escondida atrás de uma parede de areia, atrás da Cordilheira? E se eles voltarem e não conseguirem encontrá-la? Será que ela algum dia será capaz de se encontrar com eles novamente?

Enquanto Gwendolyn observa aquele novo lugar, ela se pergunta se sua vida pode realmente continuar. Eles conseguirão pegar o que resta de suas antigas vidas e reconstruir algo ali? Ela quer que isso aconteça sem ter Thorgrin e Guwayne ao seu lado? Será que ela tem forças para continuar?

O Cume é um lugar bonito e ela se sente abençoada por estar ali e por estar viva. Mas aquela não é a sua casa e não é o Anel. Será que ela algum dia voltará a ver o Anel?

Ao observar o pôr do sol, ela se lembra de que o Banquete Real começará em algumas horas e fica feliz por ter acordado a tempo para o evento. Ela precisa de algum tempo para ficar pronta; afinal, ela espera com expectativa se apresentada para a família do rei e toda a sua corte. Ela está morrendo de vontade de saber mais sobre aquele lugar, sobre seus ancestrais e história em comum. O fato de que o Cume existe realmente ainda é como um sonho para ela. Depois de ter caminhado através do Grande Deserto, através de tanta desolação, Gwen mal pode acreditar que um lugar como aquele ainda exista no mundo. Ela teria ficado feliz em encontrar até mesmo uma pequena caverna que pudesse lhe servir de abrigo, mas encontrar aquele lugar é mais do que ela poderia ter imaginado.

Gwendolyn ouve um choro suave, coincidindo com seus próprios pensamentos e melancolia, e ao olhar para baixo avista, não muito longe, Sandara e Kendrick, ambos sentados em um banco de mármore. Kendrick coloca um braço ao redor dela enquanto ela chora e Gwendolyn imediatamente percebe que ela está chorando a perda de Darius, seu irmão. Ela é capaz de sentir seu sofrimento e miséria e simpatizava com Sandara, sentindo a necessidade de confortá-la. Ela veste um roupão e, acompanhada por Krohn, corre para fora de seus aposentos, através dos corredores de pedra do castelo e para baixo da escada em espiral, a caminho dos jardins reais.

Quando Gwendolyn e Krohn saem do castelo e entram nos jardins, Gwen fica encantada com o lugar. O ambiente ali é tranquilo, pacífico, especialmente por causa do pôr do sol. Ela pode sentir o perfume das flores no ar e o som de pássaros exóticos cantando ao seu redor preenche os seus ouvidos. Ela caminha através de cercas perfeitamente aparadas até fazer uma curva e se deparar com Kendrick e Sandara.

Eles olham para ela quando notam a sua aproximação e, quando eles começam a se levantar, Krohn corre até eles, pula em cima de Kendrick e lambe o rosto de Sandara. Sandara não consegue conter o riso.

Gwendolyn olha para Kendrick, vê como o seu rosto e de Sandara estão amaciados e sente uma pontada de culpa. Todos aqueles dias sem comida e sem bebida tinham tido seus efeitos em todos eles, que parecem esqueletos ambulantes. Gwen tenta se consolar com o fato de que, pelo menos, eles haviam sobrevivido.

Kendrick se aproxima e lhe dá um abraço, assim como Sandara, todos eles conectados por um elo invisível por terem sofrido tanto juntos.

"Desculpe-me, minha senhora," Sandara diz.

"Por quê?"

"Por minhas lágrimas," ela responde. "Eu deveria estar me sentindo grata. Nós sobrevivemos. Vocês todos conseguiu garantir a nossa sobrevivência."

Gwendolyn balança a cabeça lentamente, compreendendo.

"Nem todos sobreviveram," ela fala. "Nós lamentamos profundamente por aqueles que não estão aqui. Você está chorando por causa de seu irmão, não é mesmo?"

Sandara assente com os olhos cheios de lágrimas e Gwendolyn coloca um braço ao redor seu ombro enquanto Sandara chora. Gwendolyn também chora muito, mas não pela mesma razão. Sua mente é

invasão pelas lembranças de Thorgrin e de tudo o que ela havia deixado para trás. Toda a apreensão das últimas luas, ela percebe, está finalmente deixando o seu corpo.

"Seu irmão foi um guerreiro nobre," diz Gwendolyn. "Ele tornou possível que seu povo tivesse experimentado a sensação da liberdade e morreu com honra."

"Obrigado, minha rainha," Sandara responde, "mas eu me recuso a acreditar que ele esteja morto." Gwendolyn olha para ela com surpresa.

"Darius não é um homem que possa morrer tão facilmente," acrescenta Sandara. "Eu não posso acreditar que todos eles foram eliminados. Eu acredito que ele esteja vivo. Eu posso sentir isso."

"Você está apenas esgotada, meu amor," Kendrick fala, colocando um braço em torno do corpo dela.

"Eu acredito no que eu quiser," ela retruca, afastando a mão dele. "Até que eu veja o seu corpo, eu não vou acreditar. Minha senhora," ela diz, virando-se para Gwen, "ele precisa da nossa ajuda. Temos que voltar para ajudá-lo!"

Gwen olha para Kendrick, que enrubesce, parecendo envergonhado.

Gwen suspira.

"Eu sinto muito," ela fala para Sandara. "Mas eu não posso levá-los de volta, mesmo que eu queira e mesmo se o seu irmão estiver vivo. Na verdade, não estamos em posição de voltar e temos sorte por termos sobrevivido. Perder um irmão é uma coisa realmente terrível, mas, pelo menos, nós estamos vivos. Precisamos proteger o que ainda temos e ser gratos por isso."

Sandara explode em mais lágrimas e, virando-se, vai embora chorando e desaparece entre os jardins reais.

Kendrick olha para sua irmã com uma expressão de arrependimento no rosto.

"Sinto muito," ele fala.

"Não é preciso se desculpar," ela responde. "Eu entendo essa dor; ela não tem lógica e toma conta de toda a nossa existência, forçando-nos a encontrar um alvo para toda a nossa raiva."

"Essas pessoas do Cume," Kendrick diz, parecendo pensativo, "você acha que podemos confiar neles?"

Gwendolyn está tendo os mesmos pensamentos.

"Parece que sim," ela fala.

Kendrick assente.

"São estranhas," ele diz, "as semelhanças entre esse lugar e o Anel, do outro lado do mundo. É quase como se fôssemos uma família, separada pelo destino."

Ele faz uma pausa.

"Será que algum dia nós voltaremos para o Anel?" Ele pergunta com a voz cheia de esperança e, naquele momento, ele soa como o garotinho da infância de Gwendolyn.

Gwen olha para ele e consegue ver o desejo em seus olhos, vê que ele anseia pelo seu antigo lar tanto quanto ela e que ele também acredita que eles nunca serão capazes de voltar para lá.

Ela suspira e coloca a mão em seu ombro.

"Talvez, meu irmão," ela diz, "este seja o nosso novo lar."

*

Após a partida de Kendrick, Gwen permanece sentada, sozinha nos jardins reais durante o anoitecer e refletindo, quando ouve os galhos balançando. Ao se virar, ela vê uma menina jovem e bonita andando na sua direção com uma expressão de determinação e ansiedade no rosto. À medida que ela se aproxima, Gwen percebe que é Stara, olhando para baixo, perdida em seus próprios pensamentos. Enquanto olha para ela, Gwen se admirava que apenas algumas luas atrás, ela quase havia celebrado seu casamento com Thorgrin em uma cerimônia dupla com Reece e Selese, que havia sido cancelada por causa de Stara e seu

amor por seu irmão. O casamento nunca tinha acontecido e muita coisa havia mudando desde então. Stara agora parece a sobrevivente de uma guerra, perdida sem Reece e perdido sem sua família das Ilhas Superiores, especialmente seu irmão Matus.

"Minha Rainha," Stara diz, surpresa ao vê-la.

"Stara," Gwen responde, feliz em ver um rosto familiar e ao ver que ela tinha sobrevivido. Gwen ainda guarda algum rancor em relação a ela por causa de Selese, mas Reece ama Stara e isso é o bastante para ela.

"Sinto muita falta do seu irmão," Stara fala.

"Também sinto muita falta de Reece," responde Gwen.

"Você acha que ele está vivo?" pergunta Stara.

Gwen suspira.

"Se ele não estiver, então é provável que Thorgrin também não esteja e isso é algo em que eu me recuso a acreditar," ela responde.

Stara assente.

"Eu planejava me casar com Reece," ela fala. "E ainda pretendo. A cada dia em que eu não o vejo meu coração se parte ainda mais. Eu quero muito vê-lo - eu *preciso* encontrá-lo."

Gwendolyn acena com a cabeça, compreendendo os sentimentos de Stara.

"Eu sinto falta de Thorgrin tanto quanto você de Reece," ela responde. "No entanto, eles estão no meio do mar e nós estamos aqui. Não há nada que eu possa fazer."

"*Há* algo que você pode fazer," Stara dispara de repente de maneira feroz, mostrando-se determinada.

Gwen é pega de surpresa pela intensidade de Stara.

"Nós podemos deixar este lugar," Stara continua. "Podemos encontrar um oceano, qualquer oceano, e navegarmos ao encontro deles. Não só podemos fazer isso, como *devemos* fazê-lo. Não há como Thorgrin e Reece chegarem até aqui. Como eles poderão nos encontrar agora?"

Stara começa a chorar e Gwen, ouvindo o seu tormento, coloca uma mão reconfortante em seu ombro.

"Eu entendo como você se sente," ela fala, "mas nós nunca seremos capazes de encontrá-los no mar. Temos que ficar aqui até que eles nos encontrem. Você deve ter fé."

Stara olha para ela com os olhos cheios de lágrimas.

"Eu tenho pouco espaço para a fé," ela responde. "A fé tem sido cruel comigo. Reece é a minha vida. Sem ele, eu não posso continuar, eu não posso sobreviver. Não consigo pensar em mais nada. Eu quero estar com ele e não posso mais esperar."

"Sinto muito", Gwen diz, "mas você não tem escolha."

Stara olha para ela com uma expressão determinada.

"*Há* sempre uma escolha," Stara diz.

Quando ela se vira e sai, Gwen a observa se afastar e tem a sensação de que Stara está prestes a tomar uma decisão muito ruim.

Reece está gravemente ferido a bordo do navio, no fundo da caverna, com Thorgrin e os outros ao seu lado enquanto ele se contorce de dor por causa de seu ferimento. A neblina ainda está pesada no ar e as suas frotas continuam bem escondidas pela parede do nevoeiro. Reece sabe que ele deve se sentir grato por isso, mas ele é incapaz de sentir qualquer tipo de gratidão naquele momento. Ele sente uma dor lancinante através de suas costelas e, ao olhar para baixo, vê que o corte de flecha em seu peito está sangrando muito. Ela havia sido arrancada e, desde então, seus curativos tinham sido encharcados de sangue. Ele está agonizando e sabe que aquilo não é um bom sinal; ele sente que não lhe resta muito tempo de vida.

Reece olha dentro dos olhos de Selese, que olha para ele com seus olhos azuis bem abertos, parecendo um anjo para ele. Ela havia assumido uma qualidade etérea desde que tinha ressuscitado da Terra dos Mortos, uma aura quase luminescente que combina com a aura daquela caverna. É como se uma parte dela estivesse ali enquanto a outra parte ainda permanece lá embaixo.

Reece a ama tanto que o que mais lhe incomoda sobre a ideia de morrer é ser forçado a deixá-la. Finalmente, eles tinham se reunido novamente e, ironicamente, ele agora está prestes a morrer.

Reece olha para cima e vê que Thorgrin e seus irmãos da Legião também estão reunidos em torno dele com nítida preocupação em seus olhos. Gemidos pairam no ar e Reece sabe que ele não tinha sido o único ferido; ele tinha visto dezenas de feridos esparramados pelos navios de Erec. Vários outros homens, mortos, tinham sido lançados ao mar e o barulho de seus corpos caindo na água havia pontuado o ar. Eles haviam conquistado a liberdade por agora, mas a um preço muito alto, principalmente para Reece.

De todas as maneiras de morrer, Reece não deseja ser morto por uma flecha anônima. Ele quer morrer no campo de batalha, de frente para o seu inimigo em um confronto de verdade. Ele aperta suavemente a mão de Selese e pensa nela, lembrando o quanto ele havia sonhado em se casar com ela. Ele ainda não está pronto.

Outra pontada de dor atravessa o seu corpo.

Thorgrin, ajoelhando-se ao lado dele, aperta o seu braço.

"Não nos deixe, meu irmão," diz Thorgrin. "Ainda temos muitas batalhas para lutar juntos."

Selese coloca a mão dela na dele com os olhos cheios de lágrimas.

"Você não pode me deixar," ela pede, aplicando um pano úmido em sua testa. Selese fala devagar, lutando contra as lágrimas. "Agora não. Temos uma vida inteira para viver juntos."

"Eu não quero morrer," ele responde, esforçando-se para pronunciar cada palavra. No entanto, ao mesmo tempo em que ele fala, Reece sente sua vida se esvaindo; não lhe resta muito tempo agora.

Ao olhar nos olhos de Selese, ele consegue ver a determinação neles.

"Eu ficaria feliz em morrer em seu lugar," ela fala.

"Nunca," responde Reece. "Direi ao Senhor da Morte, quando eu o encontrar, que ele pode ter a mim, mas que ainda não pode buscá-la."

Selese estende o braço com as palmas das mãos estendidas sobre sua ferida e, ao fazer isso, de repente, algo acontece com Reece. As mãos dela estão geladas como a morte e, ainda assim, estranhamente, elas enviam uma energia que invade a sua ferida. Ela corre por suas veias, através de todo o seu interior, fazendo-o sentir mais frio do que jamais havia sentido e fazendo Reece ranger os dentes. Ele olha para cima, vê uma luz azulada vindo de suas mãos, em um flash rápido, e sente algo como um vento gelado entrando em seu corpo.

A princípio, aquilo é incrivelmente doloroso, invadindo o seu corpo da cabeça aos pés, e ele grita ao ter seu corpo dilacerado pela dor. Ele sente que aquele é o espírito da morte, que Selese carrega dentro dela agora, entrando em seu corpo.

Então, com a mesma velocidade, aquilo termina. Reece continua deitado e, ao olhar para baixo, nota

com espanto que seu ferimento tinha sido totalmente curado.

Reece pisca várias vezes, transpirando, em estado de choque.

Então, lentamente e incrivelmente, ele consegue se sentar. Ele verifica a sua ferida e vê que ela está completamente curada. O mais estranho de tudo isso é que, além do suor frio escorrendo pelo seu pescoço, ele se sente normal, como se nunca tivesse sido ferido.

Reece olha para Selese, estupefato, e os outros também fazem o mesmo.

Selese olha para suas próprias mãos, espantada com o que tinha acontecido, e abaixa o rosto com humildade.

"Como você fez isso?" Pergunta Reece. "Você me salvou."

Reece se senta com animação, sentindo-se renascido, e enquanto os rostos ao seu redor se animam por vê-lo recuperado, ele puxa Selese para perto dele. Ele a abraça com força e começa a beijá-la. Ela chora lágrimas de alegria ao mesmo tempo em que retribui o seu beijo.

"Eu não tinha ideia de que você é capaz de restaurar a vida," ele fala.

Ela enrubesce.

"Eu também não, meu senhor."

Reece abraça Thorgrin, Elden, O'Connor e os outros, todos eles muito felizes em tê-lo de volta, vivo. Ele olha para Selese e se pergunta se o submundo a tinha transformado.

Alistair se aproxima e a examina.

"Você carrega dentro de si os poderes misteriosos daqueles que atravessaram para a Terra dos Mortos," Alistair fala para ela. "E a partir da morte se traz a vida."

Alistair se vira e faz um gesto na direção dos outros feridos no navio de Erec.

"Há outros que também precisam de você," diz Alistair.

Selese olha para as filas de feridos, parecendo incerta.

"Eu não sei..." ela começa, "se eu consigo fazer isso novamente."

Alistair sorri e dá um passo adiante.

"Você consegue," ela fala.

Selese atravessa o convés do navio de Erec, caminha diante das fileiras de feridos e para na frente de um homem com um corte horrível em seu ombro. Selese timidamente estende a mão sobre sua ferida, a luz azul brilha mais uma vez e, um momento depois, a ferida está completamente curada sem deixar qualquer vestígio.

Selese olha para Alistair com espanto.

"Eu não entendo esse poder," ela fala para Alistair.

Alistair sorri.

"Às vezes nossos maiores poderes," ela responde, "são aqueles que nunca seremos capazes de compreender."

*

À medida que Alistair caminha ao longo do convés do navio, admirando a obra de Selese e todos os soldados curados, ela ouve seu irmão, Thorgrin, chamar o seu nome. Ao se virar, seu coração se anima ao vê-lo se aproximando. Ela corre na direção dele e envolve os braços em torno de seu pescoço em um longo abraço. Ela nunca tinha imaginado que voltaria a vê-lo.

Ambos haviam passado por tantas provações e sofrido tanto desde que tinham se visto pela última vez ainda no Anel que é quase como se eles fossem pessoas diferentes agora. Quando ela havia deixado o Anel, partindo para as Ilhas do Sul, ela nunca poderia ter imaginado que tantas coisas aconteceriam. Ela nunca poderia ter imaginado que o lugar que ela amava, que havia se tornado o seu lar, seria completamente destruído ou que a próxima vez que ela veria o seu irmão seria do outro lado do mundo,

em uma caverna no meio de um oceano, escondendo-se do Império. Ela é tomada por ondas de remorso, desejando poder voltar atrás e ficar ao lado deles.

Ela está emocionada por estar ao lado de Thor novamente, a única pessoa no mundo que pode entender a educação que ela tinha tido, que sabe da mãe que ela só havia conhecido em sonhos. Ela percebe que tinha sido ligação entre eles e seus poderes, como irmãos, o que havia lhes permitido escapar das garras do Império e, perto de Thor, ela se sente mais forte e mais poderosa do que quando eles estão separados. Ela sabe que ele também é capaz de sentir isso.

Ela também pode ver a tristeza nos olhos de Thorgrin, pode sentir todo o sofrimento que ele tinha passado, e sente que ele tinha mudado mais do que antes. Todo aquele sofrimento e a separação de sua esposa e filho o tinham transformado. Há uma expressão muito mais séria, mais experiente, em seus olhos. Thorgrin tem o olhar de um guerreiro.

"Eu nunca pensei que voltaria a vê-la," diz Thorgrin.

"Nem eu," ela responde.

Ela se vira e olha para a parede de neblina que os esconde do Império.

"Você salvou todos nós com seu poder," ela comenta.

"Isso foi trabalho tanto seu como meu," ele responde. "Eu não poderia ter feito isso sozinho." Ele olha para ela interrogativamente. "Seus poderes... você se sente mais forte quando estamos juntos?"

Ela havia pensado exatamente a mesma coisa; aquilo é estranho, como se eles partilhassem os mesmos pensamentos. Ela não gosta de falar sobre seus poderes, mas com Thorgrin é diferente.

"Sim," ela responde. "Eu tenho a sensação de que outra parte dos meus poderes tivesse sido restaurada."

"Mas como é que você veio parar aqui?" Ele pergunta. "Eu pensei que você estivesse em segurança nas Ilhas do Sul."

Ela balança a cabeça.

"Recebemos notícias sobre o que aconteceu com o Anel. Partimos imediatamente para o Império, para ajudar a libertar Gwendolyn e todos os outros. Mas por que você não está com ela?" Ela pergunta intrigada.

Ela percebe a transformação no rosto de Thorgrin e vê sua tristeza.

"Meu filho," diz Thorgrin, "Guwayne. Nós o perdemos."

A respiração de Alistair fica presa em sua garganta ao ouvir a notícia. Quando Thor menciona o nome de Guwayne, ela não consegue entender o que acontece com ela: sua mente é subitamente invadida por visões obscuras e preocupantes, visões que ela não consegue entender.

Thor a examina.

"Você está bem?" Ele pergunta. "O que a preocupa?"

Alistair balança a cabeça.

"Não é nada," ela responde. "Eu... estou triste por causa das suas notícias."

"Você o viu?" pergunta Thorgrin, a esperança de um pai desesperado evidente em sua voz. "Você tem alguma ideia de onde ele possa estar?"

Lentamente, infelizmente, ela balança a cabeça.

"Eu gostaria de poder dizer o contrário," ela diz.

Ele olha para baixo, decepcionado.

"E o que aconteceu com Gwendolyn?" Pergunta Alistair.

Thor balança a cabeça.

"Eu não sei," ele responde. "Da última vez que a vi, ela havia partido para o Império, para encontrar um refúgio seguro para o nosso povo. Eu não posso voltar para ela até que eu encontre Guwayne."

Thor olha para Alistair, estudando-a.

"E você?" Pergunta Thorgrin. "Você já conheceu a nossa mãe? Você já foi para a Terra dos Druidas?"

O coração de Alistair se anima com o pensamento; aquilo é o que ela quer acima de qualquer outra coisa em toda a sua vida.

"Só nos meus sonhos," ela responde. "Ela me visita todas as noites. Um dia vou me aventurar por lá, mas ainda não é o momento certo. Por agora, o meu destino é ao lado de Erec. Ele precisa de mim e nós vamos nos casar."

Thor assente, compreendendo. De repente, ela sente vontade de contar-lhe a notícia, a notícia que ela ainda não havia compartilhado com ninguém, sobre o bebê que está crescendo dentro dela.

"Há outra coisa que eu preciso lhe dizer..." ela começa.

Os olhos de Thor se iluminam e Alistair está prestes a contar-lhe tudo quando, de repente, se contém. Como ela poderia fazer isso? Ela ainda não tinha contado nada para Erec e isso não é justo.

Thor continua olhando para ela pacientemente, mas ela balança a cabeça e desvia o olhar. Ela vê Thor olhando para sua barriga e sente que ele, de alguma forma, havia lido os seus pensamentos.

"Seja o que for, minha irmã," ele fala, "você pode me contar quando for a hora certa."

Alistair fica aliviada quando ele não a pressiona.

"Eu preciso de sua ajuda," Thor pede para ela com urgência; ela imediatamente olha para ele. "Eu preciso de sua visão, de seu poder de premonição. Eu estou completamente perdido. Você pode me ajudar a encontrar Guwayne?"

Alistair fecha os olhos, tentando sentir onde Guwayne pode estar, mas mais uma vez, ela só vê escuridão e, com medo, ela rapidamente volta a abrir os olhos.

"Eu sinto muito," ela fala. "Eu não sei, mas vou rezar e me concentrar nele. Esta noite, amanhã e todos os dias depois disso. Rezarei para que você encontre a resposta que procura em breve."

Thor faz um gesto com a cabeça, agradecido.

Alistair de repente sente uma mão forte em seu ombro e, ao se virar, vê Erec sorrindo para Thor.

"Sinto muito, meu amor," ele fala para ela em tom de arrependimento. "Não tenho a intenção de interrompê-los, mas você está sendo chamada nos navios."

Alistair hesita e Thor acena para ela, compreendendo.

"Vá, minha irmã," ele insiste. "Nos veremos novamente amanhã."

Quando Alistair se vira e começa a atravessar o convés segurando a mão de Erec, ela de repente sente um leve tremor em seu estômago. Ela coloca a mão na barriga e sente uma pequena vibração, mais forte do que ela já havia sentido.

"O que está acontecendo, minha querida?" Erec pergunta preocupado. "Você está se sentindo bem?"

Alistair rapidamente afasta a mão e olha para longe, balançando a cabeça. Ela pensa se deve contar-lhe a novidade e, naquele momento, com apenas os dois ali, ela quer fazer isso mais do que nunca. Ela nunca havia sentido tanto orgulho em toda a sua vida.

No entanto, por alguma razão, ela não sente que aquele seja o momento certo - não ali, não agora. Haverá uma hora melhor e um lugar melhor.

"Não, meu amor", ela fala, "não é nada."

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Godfrey corre ao lado dos outros pelas ruas escuras de Volúsia, movendo-se o mais rápido possível, agarrando-se às paredes e se escondendo nas sombras para não ser visto. Ele se esforça para recuperar o fôlego com suor escorrendo pelo seu pescoço. Eles não tinham parado de correr desde que haviam escapado da prisão, fugindo para o lado oposto da cidade. Ele está surpreso por ainda não ter desmaiado de cansaço, especialmente depois da noite angustiante que ele havia tido, e espantado que os outros estejam conseguindo acompanhá-lo: ele nunca tinha imaginado que Akorth e Fulton pudessem se mover tão rápido. É incrível, ele pensa, o que o medo é capaz de fazer com você.

Todos correm pelas ruas de paralelepípedos, Merek e Ario na frente, os mais rápidos do grupo, enquanto Godfrey os observa com admiração pelo que eles tinham feito lá atrás. Godfrey sabe que ele também não tinha se saído tão mal, mas se não tivesse sido por aqueles dois garotos, todos eles estariam mortos agora. Ele percebe que, contra todas as probabilidades, ele havia reunido o melhor grupo possível para aquela missão. Todos, com exceção de Akorth e Fulton. No entanto, até mesmo Akorth e Fulton têm talentos únicos e Godfrey sabe que eles ainda farão grandes coisas, mesmo que isso aconteça da maneira mais improvável e quando todos menos esperam.

Enquanto Godfrey corre pelas ruas, ele nota as pilhas de cadáveres, os homens de Darius, empilhados contra as paredes como cães, deixados ali para apodrecer sob o calor do deserto. Uma nova onda de raiva e remorso toma conta dele. Ele não consegue deixar de se sentir responsável por todas aquelas mortes, afinal de contas, ele os tinha conduzido até ali, tudo porque ele tinha ingenuamente confiado nos Finianos. Ele jura nunca mais ser tão ingênuo.

Com falta de ar, Godfrey esbarra em Merek e Ario quando eles de repente param antes de virar em uma esquina. Ele olha para a frente e seu coração se anima em ver, diante deles, os portões da cidade, sem guardas naquela hora da noite. Aquela é a chance deles.

Eles estão prestes a começar a correr, quando Godfrey é subitamente invadido por um pensamento e, estendendo a mão, pede que eles esperem.

Merek e Ario, respirando com dificuldade, se viram e olham para ele como se ele estivesse louco.

"Agora é a nossa chance!" Merek grita. "Você está louco?"

"O que você está fazendo?" Sussurra Ario. "Estamos a alguns passos da liberdade!"

Godfrey não consegue evitar. Ele sabe que aquela é a sua oportunidade e que ele deve fugir com os outros. Aquela é a coisa racional e disciplinada a fazer, mas Godfrey nunca tinha sido disciplinado e nunca tinha sido racional. Ele havia levado uma vida governada por suas paixões e agora não será diferente.

Godfrey se vira e examina a cidade tranquila de Volúsia, sentindo um novo desejo de vingança. Na distância, elevando-se sobre os edifícios da cidade, ele vê o palácio dourado dos Finianos. Ele olha ao seu redor, vê todos os corpos de seus amigos mortos e não lhe parece jutos que aqueles Finianos permaneçam impunes. Algo errado tinha sido feito e a justiça tem que ser feita.

Godfrey sabe que aquele é um dos momentos decisivos de sua vida. Ele pode fazer o que sempre havia feito, escolhendo o caminho mais fácil, ou ele pode fazer a coisa honrosa e buscar vingança pelas mortes de seus amigos e daqueles que dependiam dele. Godfrey sabe que esse será um caminho difícil, a escolha mais provável para que ele encontre a sua própria morte.

Mas, pela primeira vez na vida, Godfrey não se importa mais. Pela primeira vez, ele entende o seu pai e seu avô antes dele, percebendo que há mais vida do que garantir a sua própria segurança. Existe a honra, que só pode ser alcançada com um preço.

"Eu não sei quanto a vocês," Godfrey fala para os outros, examinando o palácio dourado, "mas isso não me parece certo. Aquelles Finianos estão dormindo na segurança daquele lugar, enquanto nossos

irmãos e irmãs estão mortos."

Todos se viram, ainda recuperando o fôlego e transpirando, e quando eles seguem o seu olhar até o palácio dourado, Godfrey pode ver a mesma sensação lentamente tomando conta deles.

"E aí, o que você quer dizer com isso?" Pergunta Akorth. "Você está pretendendo voltar?"

Godfrey sorri.

"Nós já fizemos coisas mais estúpidas," ele responde. "Tudo está muito quieto aqui. Eu digo que devemos agitar um pouco as coisas."

Merek abre um largo sorriso, colocando as mãos nos quadris.

"Você sabe, Godfrey," ele diz. "Eu acho que estou começando a gostar de você."

Godfrey sorri de volta.

"Isso é um sim?" Ele pergunta.

Merek sorri ainda mais, se vira e dá o primeiro passo na direção da cidade.

"Eu sempre gostei mais de vingança do que de liberdade."

*

Godfrey corre com os outros através do enorme arco dourado que dá acesso ao palácio dos Finianos, entrando sem encontrar qualquer problema. A princípio, Godfrey fica surpreso que não haja guardas postados do lado de fora, mas depois ele percebe que aquilo faz sentido. Eles não têm ninguém a temer. Os Finianos dominam a cidade e ninguém ali é tolo o suficiente para ousar atacá-los. É o medo do poder dos Finianos que mantém todos afastados. A forma mais elevada de poder, Godfrey sabe, é quando você não precisa de nenhum tipo de proteção.

Godfrey entra correndo no palácio e seus pés descalços amortecem os seus passos à medida que eles avançam mais fundo no enorme salão. Godfrey começa a se perguntar qual o caminho a seguir quando vê uma enorme estátua dourada, uma fonte e, atrás dela, uma escada dourada para acesso aos níveis superiores. Godfrey imediatamente sabe que é para lá que eles têm que ir; ele imagina que os Finianos estejam dormindo nos andares superiores.

Ele corre com os outros, pisando sobre um tapete vermelho, e sobe as escadas três degraus de cada vez, subindo cada vez mais alto e passando por vários andares até finalmente chegar a um andar com o chão e as paredes revestidas de ouro. Godfrey fica surpreso ao encontrar um guarda ali, cochilando de costas para eles, claramente sem esperar que alguém ouse atacar.

O guarda, alertado para a presença deles, começa a se virar e todos ficam parados no lugar. Antes que o guarda possa gritar, Merek avança e rapidamente corta a sua garganta com uma adaga ao mesmo tempo em que Ario corre até o guarda e cobre sua boca para que ele não faça qualquer barulho. Eles trabalham bem juntos: o guarda cai silenciosamente aos seus pés, morto.

Todos continuam correndo pelo corredor até chegarem diante de uma grande porta feita de ouro. Godfrey é o primeiro a entrar quando o grupo atravessa a porta, pronto para matar o primeiro Finiano que encontrar.

Mas como eles entram no quarto escuro, iluminado apenas por tochas, Godfrey para de andar, chocado com o que vê.

Aquela é a sala do tesouro; ela está cheia de joias e objetos de valor de todos os tipos imagináveis. Godfrey para e observa tudo aquilo com espanto. Ele está acostumado a ver ouro na corte de seu pai, mas ele nunca tinha visto nada assim. A quantidade de riqueza ali, quase empilhada até o teto, é impressionante. Apenas um dos colares que ele vê diante dele, coberto com diamantes e rubis, é capaz de financiar um exército inteiro.

Merek, Ario, Akorth e Fulton correm e começam a recolher objetos, enchendo as mãos e os bolsos com bugiangas preciosas, até que finalmente Godfrey corre e ordena que eles parem.

"Nosso tempo aqui é curto," ele fala. "Vocês preferem algumas joias ou gostariam de buscar vingança?"

Todos param, compreendo que tinham sido levados pela ganância, e continuam a segui-lo, deixando o tesouro para trás.

Godfrey, seguido pelos outros, corre pelo corredor até chegar à outra porta dourada, menor do que a última. Desta vez, ele tenta girar a maçaneta e percebe que ela está trancada.

Ele bate o ombro na porta coma a ajuda de Merek e Ario, mas ela não cede.

Akorth e Fulton correm e começam a ajudá-los, jogando seus ombros e todo o seu peso contra a porta.

Todos eles trabalham juntos e, na terceira tentativa, a porta se abre, partida em pedaços.

"Finalmente," Akorth diz: "Eu servi para alguma coisa."

Godfrey é o primeiro a entrar e ver o líder Finiano, Fitus, o homem que o havia traído, sentado em uma cama luxuosa, coberta por lençóis de seda. Ele parece uma criança assustada, com o rosto pálido, seus cabelos vermelhos despenteados e o rosto coberto de sardas.

"Como você pode estar vivo?" Fitus grita em estado de choque, estendendo o braço para pegar uma adaga com punho de ouro na lateral de sua cama.

Godfrey salta para frente, cai em cima do braço de Fitus, segurando-o no lugar enquanto Akorth e Fulton fazem o mesmo. Ario arranca a adaga da mão do homem, enquanto Merek lhe dá um soco na barriga.

Ario segura o punhal contra a garganta de Fitus.

"Você matou nossos amigos," Godfrey diz.

Fitus, com terror evidente em seus olhos, começa a tremer.

"Eu fiz o que tive que fazer," ele dispara. "Seus amigos eram escravos, eles não tinham qualquer valor."

Ario olha para Godfrey, que faz um gesto com a cabeça para comunicar a sua aprovação, e com um movimento rápido ele corta a garganta do homem.

"Nenhum de nós é inútil," retruca Ario.

Fitus engasga, seus olhos se arregalam e, então, finalmente, ele cai e seu sangue começa a manchar os lençóis. Godfrey pega a adaga e a enfia no coração dele.

"Isso é por Darius," Godfrey diz.

Godfrey ouve o grito distante de um guarda e se vira para os outros.

"Vamos!" Ele diz. "Agora!"

Juntos, eles saem pela porta do quarto, correm de volta pelo corredor e então, quando eles estão quase atingindo a escada, Merek para e grita: "Esperem!"

Ele fica ali parado e olha na direção da sala do tesouro.

"Nós vamos precisar comprar a nossa saída daqui," ele fala.

Todos eles exibem aquele olhar em seus olhos, um olhar de cobiça, e nenhum deles consegue resistir. A justiça tinha sido feita e agora é a vez da recompensa. Godfrey também é incapaz de resistir.

Todos voltam para o quarto e enchem as suas camisas e bolsos com tantas joias quanto eles são capazes de transportar. Godfrey pega uma pulseira de safira e rubi, uma caneta de ouro, um saco de moedas de ouro e um punhado de colares de diamantes. Ele continua pegando mais, sentindo-se cada vez mais sobrecarregado e percebendo que aquilo é riqueza suficiente para financiar o seu próprio exército, para se vingar e para fazer o que quiser.

Quando todos pegam a sua parte, eles se viram e estão prestes a sair quando percebem que a saída está bloqueada.

Uma dúzia de soldados Finianos está na porta e, diante deles, há uma única mulher Finiana, com cabelos vermelhos brilhantes e olhos brancos penetrantes, calmamente os observando. Ela olha para eles

com um sorriso divertido no rosto. Godfrey se pergunta há quanto tempo ela está ali.

"Vocês pretender ir a algum lugar?" Ela pergunta.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Darius entra na arena e é recebido pelo estrondoso aplauso dos cidadãos do Império, ansiosos para assistir mais mortes. Ele caminha desajeitadamente, acorrentado aos seus irmãos Desmond, Raj, Luzi e a vários outros gladiadores, sentindo falta de Kaz. A arena faz ainda mais barulho, se possível, do que no dia anterior, e Darius, embora cansado das batalhas, continua tão impressionado quanto da primeira vez que havia estado ali. A luz ali é muito intensa, refletindo no chão de terra brilhante, e quando ele é atingido por ondas de calor, Darius percebe que aquele lugar tem o cheiro do suor dos corpos dos milhares de cidadãos do Império que estão tostando sob o calor dos sóis. Marchar dentro daquela arena é como entrar em um abatedouro.

Darius, sentindo a dor de suas contusões e coberto de arranhões e cortes, estica os braços, abrindo e fechando as mãos em torno dos punhos das espadas que ele havia recebido, e se pergunta como ele será capaz de lutar. As espadas curtas não são afiadas o suficiente para cortar suas correntes, mas eles ao menos haviam recebido espadas ao invés de clavas. Ele não tem certeza se aquilo é um bom sinal.

Darius tinha sido informado de que o segundo dia de competições seria mais intenso do que o primeiro, mas ele não sabe como isso é possível; no dia anterior, ele havia precisado de todas as suas habilidades para sobreviver. Ele tem a sensação de que suas chances de sobreviver ao segundo dia são realmente escassas. Ainda assim, Darius não teme a morte, o que ele teme é morrer sem honra.

Darius sente um puxão em seus tornozelos e tropeça para o lado, perdendo o equilíbrio. Ele olha para baixo, amaldiçoando suas correntes e o medo que faz os outros meninos amarrados ao seu lado recuarem, fazendo com que todos eles balancem avancem covardemente em direção ao centro da arena. Darius vê Drok por perto, olhando para ele com olhos estreitos e exibindo a mesma expressão cruel de sempre. Seus olhos são frios e duros e Darius pode ver em sua expressão um intenso desejo de matá-lo. Ele se pergunta se havia cometido um erro em mostrar-lhe misericórdia, permitindo que ele continuasse vivo.

"O que você acha que eles planejaram para nós hoje?" Pergunta Luzi, em pé ao lado dele, alternando a espada entre as mãos nervosamente enquanto olha para os muros da arena.

"Não pode ser pior do que ontem," responde Desmond, acorrentado atrás dele.

"Ah, pode sim," retruca Raj, em pé atrás de Desmond.

Darius está tendo aqueles mesmos pensamentos. Ele se vira, examinando os muros da arena, maltratados por anos de luta, e quando ele faz isso, uma corneta soa e a porta principal é aberta. Morg entra e a torcida vibra sem parar à medida que ele caminha e levanta as palmas das mãos, apreciando aqueles aplausos como um artista de circo barato.

Finalmente, ele alcança o centro da arena e, virando-se em todas as direções para saborear aquela atenção, abaixa as mãos. A multidão se silencia.

"Caros cidadãos do Império!" Ele grita. "Apresento-lhes hoje os sobreviventes das rodadas de ontem! Estes rapazes corajosos que provaram o seu valor e que agora devem prová-lo novamente!"

Outro rugido irrompe na multidão e Morg espera até que eles se acalmem.

"Hoje, teremos no máximo três sobreviventes. Não mais do que três meninos poderão sobreviver. Se eles serão mortos por nós ou por qualquer outra pessoa não faz a mínima diferença!"

A multidão aplaude e, com isso, Morg se vira e caminha cerimoniosamente para fora da arena; as grandes portas de ferro batem atrás dele quando ele passa.

De repente, ouviu-se o som das trombetas e a multidão vai à loucura.

Darius, no limite, preparado para qualquer coisa, pode sentir seu coração batendo em seu peito.

"O que quer que eles tenham reservado para nós," ele pede para os seus amigos, "temos que ficar juntos."

As portas de ferro das celas em torno da arena se abrem e, desta vez, duas dúzias de guerreiros do Império começam a avançar na direção deles vestindo armaduras completamente pretas da cabeça aos pés, capacetes ameaçadores e enormes escudos. Quando Darius analisa os escudos, ele pode vê-los girar e percebe que suas bordas contêm pequenas pontas afiadas. Os soldados do Império superam os números de Darius em dois para um e eles avançam por todos os lados, cercando Darius e os outros gladiadores.

Em menor número, acorrentado e armado apenas com aquelas espadas curtas, Darius sabe que suas chances são realmente desoladoras.

"JUNTOS!" Darius grita.

Desta vez, os outros meninos ouvem o seu pedido e Darius sente as correntes se afrouxarem, dando-lhe mais espaço para manobrar, quando os meninos se aproximam, com exceção de Drok, que permanece sozinho no final da corrente.

"Nós temos que escolher um dos soldados e atacá-lo juntos!" Darius grita. "Nós não podemos matar vinte e quatro deles sozinhos, mas juntos podemos matar pelo menos um deles! Tudo o que precisamos fazer é matar um soldado de cada vez! Fiquem de costas uns para os outros!"

Todos os garotos recuam até que suas costas se encostam; as costas de Darius tocam as costas suadas de outro rapaz.

Darius fica parado à medida que os soldados se aproximam, prestes a atacá-los, levantando nuvens de poeira enquanto Darius espera. Ele sabe que a disciplina é a chave: se todos eles agirem com disciplina, então eles terão uma chance de sobreviver.

A multidão aplaude em antecipação à medida que os soldados chegam cada vez mais perto. Darius olha para baixo, analisa o comprimento da corrente e espera pelo momento certo. Ele consegue sentir as correntes começando a se mover quando os outros meninos ficam nervosos e reza para que eles obedeçam as suas ordens.

"ESPEREM PELO MOMENTO CERTO!" Darius grita.

Os soldados se aproximam rapidamente; quinze metros distância e, em seguida, dez e depois cinco...

"AGUARDEM!"

De repente, um dos rapazes fica com medo e corre para longe do grupo; Darius sente as correntes começando a puxar seus pés, mas então ele vê Desmond dar um passo adiante e pisar na corrente do menino, impedindo-o de fugir.

Um soldado do Império, a três metros de distância, joga o seu escudo que, girando, corta a cabeça do menino fugitivo momentos depois.

A multidão aplaude e Darius teme que os outros meninos também tentem fugir; mas para sua surpresa, eles continuam no lugar, esperando como ele tinha ordenado.

Darius espera até que os soldados cheguem ainda mais perto com o coração batendo acelerado em seu peito.

"AGORA!" Darius grita.

Todos os meninos de repente correm juntos, abaixam os ombros e seguem Darius, movendo-se como uma unidade. Todos eles avançam na direção do soldado mais próximo, golpeando, cortando e perfurando sua armadura até que ele cai no chão, morto.

"Luzi, pegue o escudo dele," Darius ordena. "Raj, pegue a espada! Liberte-nos!"

Raj mergulha no chão de terra, pega a espada pesada, feita de aço reforçado, e, girando o corpo, corta a corrente, libertando-os do garoto cuja cabeça tinha sido decapitada. Porém, ele não tem tempo de cortar as outras correntes quando os outros soldados chegam até eles.

Luzi entrega o escudo para Darius, que imediatamente o arremessa na direção dos soldados. O escudo passa zunindo pelo ar e corta o braço de um soldado assim que ele o ergue para arremessá-lo na direção dos garotos. O soldado cai de joelhos e a multidão aplaude.

Os soldados, no entanto, continuam se aproximando deles com incrível rapidez. Darius golpeia o soldado que se aproxima dele, mas seu escudo é como um relâmpago e suas lâminas prendem a espada de Darius, arremessando-a no ar e deixando-o desarmado. Então, o cavaleiro se vira e bate no rosto de Darius com seu escudo, fazendo com que ele tropece e caia no chão.

Darius pega a sua espada, jogada no chão ao lado dele, e rola para fora do caminho assim que as pontas afiadas do escudo descem na direção do seu rosto. As pontas do escudo ficam enfiadas na terra e, enquanto o soldado tenta soltá-lo, Darius aproveita a oportunidade e corta a cabeça do homem.

A torcida enlouquece.

Ao seu lado, Raj desvia quando um soldado tenta acertar sua cabeça com um mangual. Raj salta para a frente e enfia sua espada no pé do soldado, prendendo-o no chão. Entretanto, isso o deixa desprotegido e outro soldado corre para esfaqueá-lo nas costelas. Darius, preso pelas correntes, sabe que não conseguirá chegar até ele a tempo.

Luzi corre para a frente e fica entre o soldado e Raj, na tentativa de salvá-lo. Ao fazer isso, para espanto de Darius, Luzi é apunhalado no coração.

Ele geme e cai no chão, morto, para os aplausos da multidão.

Darius fica tão atordoado que ele mal consegue respirar, mas não há tempo para refletir. Os soldados continuam se aproximando e ele tem que continuar lutando ou então compartilhar o mesmo destino de Luzi.

Darius estende a mão, segura o escudo e o arranca da mão do soldado, deixando-o exposto. Então ele gira o corpo, corta a barriga do soldado e, com o mesmo movimento, enfia as pontas afiadas no rosto de outro soldado, matando-o imediatamente.

A torcida vibra quando os dois soldados caem no chão, mortos.

Darius tem a oportunidade de acertar outro soldado e salta para a frente, prestes a matá-lo, quando de repente ele sente suas correntes puxando-o para trás. Irritado, ele olha para trás e vê dois dos outros meninos correndo na direção oposta. Dois soldados se aproximam e, aproveitando a confusão e a falta de organização, usa a borda de seus escudos para matá-los no local.

Os outros soldados os alcançam e a luta se torna horrível e sangrenta; gritos cortam o ar à medida que Darius observa o número de gladiadores diminuindo. Logo, restam apenas sete deles e um punhado de soldados.

Darius lidera o caminho e os meninos pegam as armas e os escudos dos soldados mortos, passando a usá-los contra eles. Desta vez, eles ouvem Darius e, amontoados, lutam juntos, movendo-se na mesma direção. Um de cada vez, eles começam a matar os soldados.

Darius está começando a se sentir otimista quando, de repente, ele ouve um grito e, ao se virar, vê Drok levantar sua espada e enfiá-la nas costas de um dos outros meninos. Drok então gira o corpo e corta a cabeça de outro rapaz. Enquanto Darius observa, Drok agarra Desmond por trás, coloca a espada em sua garganta e o puxa para trás. Darius sabe que em momentos ele estará morto, ninguém havia esperado ser atacado por um membro do grupo.

Darius não perde tempo: ele começa a se afastar dos soldados do Império, atravessa a arena, rezando para que suas correntes permitam-lhe espaço suficiente, e salta sobre as costas de Drok. Ele está apenas a um metro de distância de alcançá-lo quando, de repente, suas correntes são puxadas de volta por um dos outros meninos, que está lutando contra um soldado. Incapaz de alcançar Drok, Darius sai voando para trás.

É tarde demais: Darius assiste, horrorizado, quando a garganta de Desmond é cortada por Drok. Drok sorri, olhando diretamente para Darius ao fazer isso, claramente sentindo-se vitorioso.

Darius tem a sensação de que sua própria garganta tinha sido cortada; naquele momento, ele culpa a si mesmo e se odeia por ter permitido que Drok continuasse vivo e por deixar que seu amigo fosse morto. Desmond, seu melhor amigo, está morto.

"NÃO!" Darius grita.

Darius, ainda fora de alcance e ainda preso por suas correntes, não é capaz de alcançar o garoto. Em vez disso, ele se vira e desconta toda a sua ira sobre os soldados do Império. Ele ataca e enfrenta cada um de seus golpes, lutando como um homem possuído, encontrando oportunidades e esquivando-se dos escudos mortais, até abater os últimos três soldados.

A torcida vibra.

Darius, respirando com dificuldade, olha ao seu redor e vê que apenas quatro rapazes continuam vivos: Raj, Drok e outros dois meninos, lutadores ferozes que ele não conhece. Ele se pergunta se o jogo tinha acabado quando nota uma pausa nos combates. Morg havia anunciado que a rodada do dia terminaria quando eles matassem todos os soldados ou quando apenas três deles continuassem vivos, mas ainda há cinco gladiadores. Aquilo por acaso significa que o jogo havia acabado? Eles enviarão mais soldados para atacá-los?

Acima de qualquer outra coisa, Darius quer matar Drok. Ele pega uma das espadas dos soldados mortos e corta sua corrente, libertando-se para que ele possa correr e atacar Drok. Agora, ele está acorrentado apenas a Raj e está prestes a avançar na direção de Drok quando, de repente, trombetas soam.

Eles ouvem um rugido, mais alto do que antes, e quando uma nova porta é aberta no lado oposto da arena, algo começa a correr na direção deles que deixa o coração de Darius sobressaltado: três imensos Razifs, animais ferozes com o couro vermelho flamejante, chifres e longas garras avançam na direção deles. Eles abaixam os chifres e atravessam a arena com fúria, encorajados pela multidão.

Darius não sabe como eles serão capazes de sobreviver a mais aquele desafio. Ele é tomado pelo medo, mas se obriga a controlá-lo e a superá-lo.

De repente, ele tem uma ideia.

"Fique perto de mim!" Darius fala para Raj. "Aguarde o meu sinal e depois corra para o outro lado e estique a corrente!"

Darius sabe que Raj confia nele e ambos permanecem no lugar, esperando até o último momento e deixando o Razif que lidera o ataque chegar mais perto.

Finalmente, no último momento, Darius grita: "AGORA!"

Darius e Raj correm em direções opostas e, a fazerem isso, a corrente é esticada e Darius a segura no lugar com todas as forças.

O Razif corre para cima da corrente e o impacto envia Darius voando para trás. Entretanto, Raj também segura a corrente, que se enrola em torno das pernas do Razif, que tropeça e sai voando de cara no chão de terra.

A multidão aplaude.

Darius e Raj, pensando a mesma coisa, pulam nas costas do Razif e enrolam suas correntes em torno de seu pescoço. Eles apertam, sufocando-o enquanto ele se debate descontroladamente até finalmente parar de se mover.

Eles mal terminam de matá-lo quando outro Razif se aproxima deles e, desta vez, eles não têm tempo para reagir.

Darius e Raj rolam para fora do caminho, mas o Razif abaixa o chifre e prende suas correntes, fazendo com que Darius e Raj saiam voando pelo ar, cada um deles pendurado em um lado do Razif, que galopa em torno da arena sob os aplausos da multidão. O Razif finalmente se irrita e, mexendo a cabeça, solta Darius e Raj.

Darius sai rolando, acorrentado a Raj, e cada batida no chão é como se ele estivesse quebrando suas costelas.

Finalmente, eles ficam em pé no mesmo instante em que o Razif faz a curva e se prepara para atacá-los novamente.

"Chegue mais perto!" Darius grita para Raj.

Eles ficam lado a lado e, no último segundo, eles pulam juntos para fora do caminho.

O Razif passa por eles e a multidão começa a vaiar.

"SIGA-O!" Darius grita.

Darius, seguido por Raj, começa a correr atrás do Razif e quando ele reduz a velocidade, preparando-se para voltar, Darius salta em cima dele. Raj rapidamente segue o seu exemplo e faz o mesmo.

A multidão aplaude quando o Razif começa a se debater, tentando derrubá-los.

Mas Darius não solta e, finalmente, quando ele agarra o seu pescoço e aperta os calcanhares em torno de sua barriga, o Razif é forçado a obedecer a sua vontade. Darius vira a besta na direção do outro Razif, que está correndo na direção dos outros três meninos.

O Razif de Darius abaixa o chifre ao se aproximar do outro Razif, perfurando sua barriga. A multidão vai à loucura quando ele o derruba no chão, matando-o antes que ele possa matar os outros meninos.

O impacto faz com que Darius e Raj saiam voando de cima do Razif, caindo ao chão. Assim que Darius volta a ficar em pé, ele é de repente recebido por Drok, que chuta o seu rosto. Darius cai de costas e Drok se joga em cima dele, sufocando-o na tentativa de matá-lo.

Darius dá uma joelhada entre as pernas de Drok e então, quando ele solta o seu pescoço, Darius gira o braço e lhe dá uma cotovelada no rosto, derrubando-o.

Darius observa quando um dos meninos começa a avançar na direção de Drok com uma espada nas mãos, querendo dar-lhe o que ele merece ao abaixar sua espada no rumo das costas de Drok. Mas Drok, percebendo sua aproximação, se vira no último segundo e bloqueia o golpe da espada com sua corrente. O menino fica chocado quando Drok arranca a espada de suas mãos e, em seguida, a usa para matá-lo.

A multidão aplaude. Apenas quatro gladiadores ainda resistem.

O Razif, ainda vivo, se vira e parte para cima deles, mas Darius não é capaz de reagir a tempo. Ele vê seu chifre se aproximando, prestes a matá-lo.

Enquanto Darius se prepara para encontrar sua morte, Raj salta para a frente e o empurra para fora do caminho. Ele salva Darius, mas fica no caminho da besta e o chifre do animal atravessa a sua carne, causando um ferimento horrível na lateral do seu corpo. Raj grita de dor, coberto de sangue.

Darius, horrorizado, se vira e pula em cima do animal. O Razif se debate descontroladamente enquanto Darius tenta erguer sua espada e ele não consegue se equilibrar. A besta avista o quarto menino e corre na direção dele, chifrando-o por trás.

A multidão aplaude freneticamente.

Darius finalmente consegue posicionar sua espada e dá um golpe com ambas as mãos, decapitando o Razif.

Ele cai no chão sangrando, morto, e Darius cai no chão ao lado dele.

Darius fica ajoelhado enquanto a multidão aplaude o espetáculo e trombetas soam. Todos os Razifs estão mortos e apenas três gladiadores continuam vivos.

Aquela rodada havia acabado.

Darius se ajoelha ali, sentindo uma doce sensação de vitória misturada ao remorso. Ele havia e Raj haviam sobrevivido, mas a que preço?

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Os Senhores dos Sete ficam juntos em um círculo na câmara de pedra escura, iluminada apenas por um único raio de luz que atravessa o óculo no teto, e se encaram em silêncio, vestindo suas vestes inteiramente pretas e capuzes negros. Seres imortais que haviam liderado o Império através dos séculos e que haviam estado presentes durante a Grande Formação, aqueles sete homens permanecem nas sombras, longe da luz do sol, observando em silêncio, como haviam feito por milênios.

Eles haviam permanecido ali por milhares de anos, olhando para a luz em busca de visões, analisando o passado e apreciando o futuro exibido diante da luz para decidirem o destino do Império. Aqueles seres representam os quatro chifres e as duas pontas do Império, sendo o sétimo o voto decisivo. Eles são os únicos responsáveis por tudo e até mesmo os Comandantes Supremos têm que acatar suas decisões. Eles são os únicos cuja vontade é absoluta e que jamais tinham sido desafiados. Nunca.

Agora, pela primeira vez, ao olharem para o eixo de luz solar, a mesa circular de granito preto embaixo dele não está vazia. Em vez disso, eles podem ver a cabeça decepada de seu mensageiro. Eles o tinham enviado para Volússia e ela o havia devolvido sem vida.

Todos olham para ele solenemente, em silêncio, meditando sobre um plano de ação.

O sétimo Senhor dá um passo adiante, como sempre havia feito, para falar em nome do grupo. Ele estende a mão, segura o cabelo emaranhado com sangue, erguendo a cabeça, e olha dentro dos olhos do mensageiro morto. Eles ainda estão abertos e o encaram com uma expressão de agonia.

"Esta Volússia," ele começa a falar com sua voz obscura e grave, "esta jovem que acredita ser uma deusa, acha que pode nos desafiar. Ela chega a acreditar que possa vencer."

"Vamos despachar nossas forças de todos os cantos do Império," exclama outro, "e destruir a Capital. Dentro de duas semanas, ela será deposta."

O sétimo Senhor levanta a cabeça um pouco mais e olha dentro daqueles olhos, como se estivesse procurando uma resposta. O silêncio paira pesado no ar.

"Não," ele finalmente responde.

Todos os outros se viram para ele.

"Vocês não estão vendo?" Ele diz. "Isso é exatamente o que ela quer. Ela armou uma armadilha. Ela tem algum poder à sua disposição, um poder obscuro, que eu não consigo identificar e no qual eu não confio plenamente. Nós não cairemos na armadilha dela."

"Então vamos permitir que ela continue livre, administrando a Capital como bem quiser?" Pergunta o outro com indignação.

O Sétimo espera um longo tempo e, finalmente, entra embaixo da luz, revelando um rosto muito pálido e olhos azuis surpreendentes, um rosto marcado por séculos de maldade e traição. Ele olha para os outros e exhibe um sorriso maligno.

"Vamos dar o que ela não espera," ele acrescenta. "Vamos fazê-la sofrer onde mais lhe dói."

Ele respira fundo.

"Volússia," ele declara.

Todos os outros olham em sua direção e ele pode senti-los considerando o seu plano.

"Não vamos enviar nossos exércitos para a capital e sim para a sua cidade natal. Ela está indefesa agora, sem qualquer tipo de proteção. Ela nunca vai esperar por isso. Vamos destruir tudo o que ela conhece e ama. Todo o seu povo, até o último habitante de Volússia, será morto. Isso deve atraí-la até nós, fazendo com que ele comece uma guerra. Então, vamos enfrentá-la e lhe mostraremos o verdadeiro poder dos Sete."

Um longo silêncio se segue e, finalmente, os outros seis Senhores entram no círculo e erguem os punhos.

Eles colocam os punhos sobre a mesa, no símbolo sagrado, e a decisão é tomada.
Logo, Vólusia será apenas uma memória.

CAPÍTULO VINTE SETE

Quando o segundo sol se põe, Gwendolyn entra no salão de festas real do magnífico castelo do Cume, passando por grandes portas prateadas, mantidas abertas para ela por vários atendentes, e fica espantada com a visão diante dela. Acompanhada por Kendrick, Sandara, Steffen, Arliss, Stara, Aberthol, Brandt, Atme, Illepra, meia dúzia de cavaleiros da Prata e Krohn, tudo o que resta do Anel, os únicos que tinham sobrevivido à grande marcha, Gwendolyn entra no corredor e olha para cima, admirando os altos tetos abobadados, as paredes repletas de armas, troféus de guerra, armaduras, bandeiras, e as cabeças empalhadas de troféus de caça. Sob seus pés, o chão de pedras está coberto com diversos tapetes tecidos à mão sobre os quais cães preguiçosos e bem alimentados repousam. A música paira no ar e, ao olhar para dentro do salão, Gwen vê bandas de músicos tocando harpas entre as mesas do banquete. Todas as mesas do salão são feitas de prata, com exceção da mesa do rei, que é feita de ouro, grande e redonda, e está bem no centro do salão. Tudo brilha e Gwen tem a sensação de estar entrando em um sonho.

As pessoas ali presentes são igualmente impressionantes e o salão está lotado com centenas de membros da corte, vestindo seus melhores trajes e cobertos com suas melhores joias Gwen nunca tinha visto nada igual. Os homens, todos eles guerreiros, usam o manto da família real e as cabeças raspadas e barbas loiras características daquele lugar. Algumas das barbas, Gwen observa, estão trançadas, indicando talvez determinada posição, enquanto outras são longas e rígidas. Toras de madeira rugem na enorme lareira de mármore enquanto vários cães descansam diante delas, mastigando ossos com satisfação. Aquele é um salão repleto de esplendor e abundância, com alegria e prosperidade, música, animação e, acima de tudo, de comida. O delicioso cheiro dos diferentes tipos de carne e molhos deixam os joelhos de Gwen fracos. Ela não consegue se lembrar da última vez em que tinha tido uma refeição decente.

Gwen sente dor no estômago por causa da fome e sabe que está pronta para a sua primeira grande refeição, assim como todos os seus amigos. De fato, ao olhar para o salão, ela vê o seu povo observando aquela cena, todos paralisados pelas pilhas de carnes, queijos e outros alimentos de toda espécie em cima de todas as mesas, praticamente babando diante daquela fartura.

"Minha senhora."

Gwendolyn se vira e vê um criado se aproximar com grande cerimônia.

"Permita-me levá-la à mesa do rei. Ele reservou um lugar para você e seus homens."

Gwendolyn concorda com a cabeça e o segue pelo salão, surpresa que o rei tenha reservado lugares para ela. Ela sabe que aquilo é uma grande honra.

Ao passarem pela multidão, ela sente os olhos de centenas de pessoas sobre ela, todos os cumprimentando de forma afável, sorridentes, ao mesmo tempo em que os observam com grande curiosidade. Gwen de repente fica preocupada com suas roupas, temendo por um momento que ela ainda esteja vestindo o mesmo traje que havia usado para atravessar o deserto. Então, ela olha para baixo e se lembra de que está vestindo uma roupa luxuosa de sedas preta que os atendentes do rei graciosamente haviam deixado para ela em seu quarto.

Enquanto ela se aproxima da mesa do rei, Gwen o vê sentado à cabeceira e, ao seu lado, sua esposa, a rainha, sentada perfeitamente ereta. Com um sorriso gracioso nos lábios e seus longos cabelos loiros e olhos verdes, ela é a própria imagem da beleza e da realeza. Ela está vestindo o colar mais lindo que Gwen já tinha visto, feito de rubis, safiras e diamantes, e uma coroa cravejada de diamantes na cabeça. Ela parece ter a idade do rei, talvez quarenta anos.

Ela se levanta e encara Gwendolyn.

"Minha Rainha," ela fala para Gwendolyn, pegando sua mão e beijando-a quando elas são apresentadas.

"Minha Rainha," Gwendolyn responde sorrindo. Em seguida, ela balança a cabeça. "Você é a rainha aqui, minha senhora," Gwendolyn acrescenta, "e não eu. Eu é que devo me dirigir assim a você."

A rainha sorri.

"Uma vez rainha, sempre uma rainha," ela responde graciosamente. "Tudo o que você tinha lhe foi roubado. Eu vou me certificar de que a honra e o título da sua posição também não lhe sejam tirados. Todos os nossos homens foram instruídos a tratá-lo de acordo com seu título, eu fiz questão disso."

Gwen enrubesce, espantada com a bondade daquela mulher, e sente uma onda de amor em relação a ela. Mesmo a própria mãe de Gwendolyn nunca tinha sido tão gentil com ela e, sem conseguir resistir, Gwen dá um passo adiante e a abraça.

A Rainha a princípio parece surpresa, especialmente quando um suspiro de surpresa se propaga pelo salão, mas, então, ela abraça Gwen calorosamente de volta.

O rei estende o braço e aperta as mãos de Gwendolyn com animação e, em seguida, beija ambas as suas bochechas, de acordo com o que Gwen presume ser o costume local. Enquanto isso, ele a leva para o seu lugar à mesa, sentada diante dele. Kendrick está sentado ao seu lado, Steffen do outro e os outros estão espalhados em volta da mesa, juntando-se não só ao Rei e a Rainha, mas a vários outros membros da corte que parecem ser membros de sua família. Gwendolyn se senta em uma das cadeiras almofadadas mais macias e luxuosas que ela já tinha visto.

Gwen fica aliviada que todos os seus amigos estejam ali, todos, exceto Argon, que está nas mãos dos curandeiros do rei, e a bebê, que Illepra havia deixado com os enfermeiros para ser alimentada. Os membros da Prata estão sentados em sua própria mesa por perto, juntando-se ao grupo de guerreiros que parece fazer parte das tropas de elite do rei e que os recebe calorosamente. Claramente, eles estão ansiosos para compartilhar suas histórias de batalha.

"Podemos conversar," o rei declara, enquanto todos os olhos se voltam para ele, "mas, primeiro, devemos comer. Depois de tudo que vocês sofreram, vamos comer primeiro; a conversa pode ficar para depois."

O rei faz um gesto com a cabeça e, um momento depois, bandejas de comidas e iguarias são colocados à sua frente por alguns criados. Gwen vê o rei e os outros comendo e não consegue mais se conter. Ela estica o braço e coloca a primeira iguaria em sua boca, um figo coberto com coco ralado. Ela mastiga e, ao fazer isso, sente todo o seu corpo começando a se restaurar.

Incapaz de resistir, ela come vários outros antes de, finalmente, conseguir se controlar.

Gwen ouve um gemido e se culpa por ter se esquecido de Krohn; ele está sentado aos seus pés, pacientemente, e ela estende a mão e lhe dá algo para comer. Ele engole, lambendo os lábios, e ela lhe dá mais um. Em seguida, mais outro.

Gwendolyn come sem parar, assim como os outros, comendo fatias finas de carne cobertas com deliciosos molhos e várias frutas e legumes que ela nunca tinha visto antes. Ela oferece um pouco de tudo que ela come para Krohn. Mais bandejas são trazidas, mais comida do que ela jamais havia visto, mesmo em uma festa de casamento, e Gwen fica impressionado com a incrível abundância daquele lugar. Ao redor da mesa, as pessoas estão rindo, completamente relaxadas, despreocupadas e felizes.

Quando não consegue mais comer, Gwen olha para cima e fica aliviada ao ver todos os seus companheiros em torno da mesa igualmente satisfeitos. Mesmo Krohn, ao lado dela, está finalmente saciado, enrolado em seus pés enquanto dorme. Finalmente, ela pode inclinar o corpo para trás e relaxar pela primeira vez em mais tempo do que ela é capaz de se lembrar. Ela olha ao redor do salão, observando a arquitetura do castelo, e fica admirada com a beleza daquele lugar, com a sua ordem e sofisticação. De certa forma, é como ter voltado para uma Corte do Rei ainda mais grandiosa.

Gwen, completamente satisfeita, relaxa e começa a sentir suas energias lentamente sendo restauradas. Ela olha para o rei e para a rainha e sente uma forte onda de gratidão. Se não tivesse sido

por eles, ela e todo o seu povo estariam morrendo de fome no deserto agora.

"Eu não posso agradecer-lhes o suficiente," Gwendolyn diz com sinceridade. "Vocês nos trouxeram de volta à vida. Espero que os Deuses recompensem a sua bondade. Eu, um dia, de alguma forma, encontrarei uma maneira de retribuir-lhes pelo que fizeram."

O rei sorri.

"Você já fez isso," ele fala com sua voz profunda e alta, e as pessoas ao redor da mesa se silenciam quando ele continua. "Vocês nos honram com a sua presença e nos permitem praticar a lei sagrada da hospitalidade. Isso para não falar que você faz parte de nossa família distante. Partilhamos os mesmos antepassados, fazemos parte da mesma linhagem de reis e rainhas. Houve um tempo em que todos eles jantaram juntos, aqui no Cume. Agora é chegado o momento para o nosso povo novamente. Afinal, mesmo separados por um grande mar, somos um só povo."

Gwendolyn nunca tinha pensado daquela forma, mas sabe que aquilo é verdade ao examinar os seus rostos; ela vê uma semelhança em sua estrutura óssea, algumas características que parecem se encaixar perfeitamente com os parentes de Gwen e com o seu povo. Ela também vê algo de si mesma neles e acha incrível que ela possa se parecer com alguém de tão longe, do outro lado do mundo. É como se uma grande família tivesse sido dividida em duas partes durante todos aqueles anos.

Agora que ela havia comido e consegue pensar com clareza, Gwendolyn lentamente observa seus arredores. Ela olha ao redor da mesa, nota todas as outras pessoas sentadas ao lado do Rei e fica curiosa.

O rei deve ter notado a sua curiosidade, porque ele limpa a garganta e fala.

"Permita-me apresentar-lhe a minha família," diz o Rei. "Sentados aqui comigo estão seis dos meus filhos, quatro meninos e duas meninas, todos eles o orgulho da minha vida. Sentado do meu lado direito está o meu filho mais velho, Koldo, um bom guerreiro e o líder das minhas Legiões. Ele será o herdeiro do meu trono."

Gwendolyn fica surpresa ao ver um homem alto, de ombros largos, musculoso e de pele escura, com talvez vinte e tantos anos. Ele sorri graciosamente, revelando dentes brancos perfeitos. Assim como os outros, ele tem a cabeça raspada e uma barba curta. Ele tem o porte de um guerreiro e do filho primogênito de um rei.

"Minha Rainha," ele fala com a voz profunda e forte, "é um prazer conhecê-la."

Gwendolyn sorri e faz uma pequena saudação.

"O prazer é todo meu," ela responde.

Gwen fica curiosa para saber como primogênito e herdeiro do rei pode ser de uma raça diferente, mas ela sabe que agora não é o momento para perguntar.

"Sentado ao lado dele," o Rei continua, "estão os meus segundos filhos mais velhos, os gêmeos Ludvig e Mardig."

Dois homens, com talvez vinte e poucos anos, olham para ela e Gwen fica inicialmente surpresa que eles sejam gêmeos. Eles têm a mesma altura e aspecto geral, mas fora isso, eles não se parecem. Um deles, Ludvig, é mais musculoso, está sentado com a postura ereta e tem a aura de um guerreiro, com a cabeça careca e a barba loura trançada características de seu povo. Ele tem uma aparência robusta, com uma mandíbula forte e uma expressão honesta simples. O outro, Mardig, parece um pouco com ele, mas é mais magro, mais leve, não tem barba e tem a cabeça coberta por cabelos escuros. Suas feições são mais refinadas e, ao contrário de seu irmão, ele tem traços bonitos e olha para ela com olhos escuros, em contraste com os olhos azuis de seu irmão. Gwen detecta alguma escuridão neles e se pergunta por que ele, diferente de todos os outros, não raspa a cabeça. Ela resolve perguntar sobre isso depois.

Ao lado dele, agarrando-se a ele de forma possessiva enquanto encara Gwendolyn, está sentada uma mulher mais ou menos da sua idade com longos cabelos negros e que Gwen presume, por causa do anel de casamento em seu dedo, ser sua esposa.

Ludvig faz uma saudação para ela.

"Minha Rainha," ele diz com sua voz forte e respeitosa.

O outro, Mardig, não faz qualquer gesto.

"Você não é minha rainha," ele diz, "e por isso não vou tratá-la como tal. Mas seja bem-vinda, estranha."

"Mardig!" A Rainha do Cume grita com ele, exibindo uma expressão séria. Ela se vira para Gwen, enrubescendo de vergonha. "Perdoe-me, minha senhora," ela pede. "Parece que nem todos os meus meninos cresceram como deveriam."

Gwen se pergunta o que está acontecendo, mas acha melhor não falar nada.

"Não se preocupe, minha rainha," ela responde. "Eu me sinto bem em ser tratada da maneira como cada um preferir."

A tensão se dissipa e, interiormente, Gwen faz uma nota mental para ter cuidado com Mardig. Ela não gosta da maneira como ela se sente perto dele.

O Rei limpa a garganta.

"Sentada do meu outro lado você pode ver a minha filha mais velha, Ruth. Ela é tão boa guerreira quanto qualquer um dos outros. Não se deixe enganar pelo seu sexo ou aparência."

Gwen vê uma menina com uns dezoito anos, alta e de ombros largos, olhando para ela com força em seus olhos, os olhos de um guerreiro e uma expressão que Gwen é capaz de reconhecer em qualquer lugar. Gwen fica surpreso ao ver que ela também usa a cabeça raspada e uma cota de malha leve. Ainda que ela seja muito bonita, seus traços são um tanto masculinos e, se Gwen não tivesse sido informada de que ela é uma menina, ela não teria sido capaz de adivinhar.

"Prazer em conhecê-la, minha Rainha," ela fala com uma voz profunda, confiante e forte, a voz de uma guerreira.

Gwen sente sinceridade nela, o espírito de um guerreiro, e gosta dela instantaneamente.

"A honra é toda minha," Gwen responde impressionada.

"Ao lado dela," o Rei continua, "está minha filha mais nova, Jasmine. Não deixe que sua idade a engane; ela é mais sábia do que todos nós. Seus conhecimentos superam até mesmo os do meu Mestre Erudito, tanto que, neste ano, com apenas dez anos, ela foi nomeada a Erudita Oficial do Reino."

Gwendolyn olha para a menina com surpresa e vê uma garota bonita com olhos verdes amendoados e cabelos loiros olhando para ela com olhos repletos de inteligência. Gwen pode sentir que há algo de especial nela.

"Minha Rainha," ela fala com um leve sorriso nos olhos, "a história das Rainhas MacGil é uma muito interessante, gostaria de compartilhá-la com você algum dia."

Gwen retribui a saudação e não consegue deixar de sorrir; a menina fala como se fosse tão velha quanto Aberthol.

"Eu ficaria muito feliz," Gwendolyn responde. Ela sente Aberthol se mover ao lado dela e acha engraçado que ele sinta ciúmes.

"E ao seu lado," o rei conclui, "você verá o meu filho mais novo, Kaden, perto do seu décimo quarto aniversário, uma idade muito especial para os futuros guerreiros do nosso reino. Ele deve embarcar em sua missão em breve e encarar a idade adulta."

"Vou seguir os passos do meu irmão," ele fala, com orgulho, para Gwen. Ele ainda tem cabelos na cabeça e aquilo deixa Gwen curiosa para saber se os meninos ali raspam as suas cabeças quando eles se tornam homens.

Gwen sorri, ouvindo a coragem e determinação em sua voz.

"Eu tenho certeza que sim, jovem guerreiro," ela responde.

"Esses são os meus filhos..." o Rei começa a dizer, mas sua rainha o interrompe, colocando a mão em seu pulso.

"Temos outros filhos, também," ela diz, misteriosamente. "Embora eles não possam se juntar a nós esta noite."

Gwen, confusa, fica intrigada para saber mais, mas apenas balança a cabeça com cortesia, sem querer intrometer.

O Rei rapidamente olha para baixo e Gwen pode ver a decepção em seu rosto. Aquilo a faz se perguntar sobre as outras crianças e o que eles podem ter feito para decepcionar tanto o seu pai.

"É uma grande honra conhecer todos vocês," Gwen responde. "Obrigada por nos receberem à mesa de sua família."

"Somos da mesma família, afinal," diz a Rainha, "e queremos que todos se sintam em casa aqui."

Criados se aproximam trazendo mais sacos de vinho e enchem taças de ouro. Quando Gwen começa a beber, o vinho sobre direto para sua cabeça. Depois, eles trazem bandejas repletas de doces, chocolates e iguarias de todos os tipos. Incapaz de resistir, Gwen começa a comer as mais deliciosas sobremesas que ela já havia experimentado.

"Então, conte-nos, minha Rainha," o rei começa a dizer quando as pessoas sentadas ao redor da mesa começam a se acalmar, "como uma comitiva real que partiu do outro lado do mundo conseguiu chegar até aqui? Por que vocês abandonaram o seu lar?"

Gwendolyn sente todos os olhos se voltando para ela quando a sua mesa e as mesas em torno dela ficam em silêncio.

"Nós não abandonamos o nosso lar, meu Rei," ela explica. "Fomos forçados ao exílio pelo Império. Eles destruíram tudo o que tínhamos."

Gwen pode ver a surpresa em seus rostos ao mesmo tempo em todos continuam em silêncio.

O Rei a encara com uma expressão confusa

"Nossos livros antigos falam que o seu Anel é protegido por um Canyon," o Rei diz, "e além desse Canyon, há também um escudo mágico. Há rumores de que esse escudo mantém o Anel protegido de todos os ataques."

Gwen assente.

"Esse escudo existiu um dia," ela responde. "Mas não existe mais. Ele foi destruído por uma magia ainda mais poderosa. Esse foi o fim de uma série de eventos colocados em movimento com o assassinato de meu pai, o Rei MacGil."

Todos na sala suspiram.

"O seu Rei foi assassinado?" Pergunta o rei, mortificado.

Gwen assente.

"Por quem?"

Gwen se prepara antes de responder, envergonhada ao dizer:

"Meu irmão," ela fala sem fazer rodeios.

O quarto suspira ainda mais profundamente enquanto o Rei e sua família olham para ela, horrorizados.

"Ele pagou por seus crimes," Gwen responde. "Ele já foi executado, mas isso não nos ajuda agora."

O rei franze a testa e parece ponderar aquilo enquanto um longo silêncio se segue.

"E o seu povo?" Ele finalmente pergunta. "O que aconteceu com eles?"

Gwen sente seus olhos se encherem de lágrimas e recuar o olhar, balançando a cabeça com tristeza.

"Estão todos mortos, meu senhor," ela finalmente responde, "todos, exceto as pessoas que você vê diante de você agora. E alguns outros," ela acrescenta, pensando em Thorgrin, Reece e Erec.

"Mas como eles conseguiram destruir um reino tão grande," a rainha pergunta, "e todo o seu povo?"

"Eles vieram com dragões, liderados primeiro por Andronicus e depois por Romulus. Eles transformaram tudo o que encontraram pela frente em escombros e ruínas."

Gwen respira fundo.

"Meu marido," ela diz para, em seguida, se corrigir, "o meu noivo nos defendeu, matando os dragões de Romulus no processo. Nenhum dragão sobreviveu."

"E onde está o noivo agora?" Pergunta a Rainha com um tom de compaixão em sua voz.

Gwendolyn olha para baixo e balança a cabeça com profunda tristeza. Ela quer responder, mas se engasga com suas próprias lágrimas.

"Em algum lugar em alto mar," ela finalmente responde, "à procura de nosso filho."

A rainha suspira e Gwen, que já não consegue mais se segurar, começa a chorar. Então, ela rapidamente enxuga as lágrimas com a manga de seu vestido.

"Sinto muito, meu Rei," ela se desculpa. "Eu não vou descansar até que Thorgrin e Guwayne estejam em segurança."

"Há maneiras de encontrá-los," o Rei responde.

Gwen olha para ele com esperança.

"Como?" Ela pergunta em tom de desespero.

"Eu tenho um vidente," ele responde. "Talvez ele possa encontrar o seu Thorgrin."

O coração de Gwen pula de alegria, mas tem medo de se sentir otimista.

"Eu faria qualquer coisa por isso, meu senhor," ela afirma.

Ele assente.

"Considere feito," responde ele. "Ao amanhecer, falarei com meu vidente."

"Vocês estão todos convidados para viver conosco pelo tempo que quiserem," diz a Rainha. "Seja por um dia ou pela vida inteira. Convidamos vocês a se juntar ao nosso povo. Você e seu povo podem assumir papéis importantes aqui. Você precisa de nós e nós precisamos de você."

Gwendolyn faz uma saudação com a cabeça, sentindo-se grata.

"É uma oferta muito gentil e generosa, minha senhora," ela responde. "Eu gostaria de voltar ao Anel, para ver minha terra novamente e reconstruir o meu reino a partir das cinzas. Todos nós temos o mesmo desejo, mas isso é apenas um sonho agora."

"Impérios foram construídos a partir de sonhos menores do que esse," o Rei responde.

"Se ela quer ir embora, deixem que ela vá," diz uma voz cruel.

Gwendolyn se vira e vê um dos gêmeos do Rei, Mardig, olhando para ela de uma forma que ela não gosta. Sua esposa também a encara de maneira sombria.

"Na verdade, eu acredito que todos eles devem ir embora," acrescenta Mardig. "Todos eles deixaram um rastro visível no deserto que vai trazer o Império diretamente até nós. Eles vão ser a fonte de nossa ruína."

"Cuidado com o que diz!" Dispara a Rainha. "Eles são parte da família."

"Eles não são da minha família!" Mardig rebate. "Talvez tenhamos alguns ancestrais em comum, mas isso foi há séculos."

"Você vai agir com respeito na minha presença, menino," ordena o Rei. "Suas ações refletem em mim e essa não é forma como tratamos os nossos hóspedes."

Mardig enrubesce e fica em silêncio.

O rei olha para Gwendolyn.

"Perdoe-me," ele pede. "Meu filho às vezes é precipitado. Ele fala quando deveria apenas ouvir."

O rei suspira e Gwen pode sentir todos no salão olhando para ele.

"Ainda assim, há um pouco de verdade no que o garoto está dizendo, meu senhor," declara uma voz.

Gwen vê um dos guerreiros do rei, em uma mesa cheia de guerreiros, fica em pé do outro lado do salão.

"O Império pode segui-los."

"Jogá-los de volta no deserto não impedirá que isso aconteça," grita outro soldado, do outro lado da sala.

"É possível que sim," diz Mardig.

O rei se levanta lentamente, comandando autoridade, e todos os olhos se voltam para ele.

"É verdade que esse rastro pode nos prejudicar," ele fala lentamente com um tom de finalidade em sua voz, querendo encerrar aquele assunto, "mas ainda assim, não podemos colocar estranhos em perigo. Jamais."

Ele pronuncia a última palavra com firmeza, com a força de um rei, e Gwen percebe que os dissidentes se sentem humilhados. Ele se sente mais grata do que é capaz de dizer.

"Cuidaremos do rastro. Ao amanhecer, eu organizarei uma expedição além do Cume e da parede de areia para apagar a trilha."

Um suspiro se espalha por todo o salão e Gwen percebe que claramente que aquele é um plano perigoso; ela se sente mal que sua presença ali tenha causado discórdia.

"Eu gostaria de me oferecer-se para ir, Pai," diz Ludvig, o gêmeo mais velho do rei.

"E eu me ofereço para guiar a expedição," diz Koldo, seu filho mais velho.

"Eu também quero ir, Pai," pede Kaden, seu filho adolescente.

"E eu também," acrescenta sua filha mais velha, Ruth.

Gwen observa que o único que não se oferece para acompanhar a expedição é Mardig, que permanece sentado em silêncio, vermelho de raiva.

O rei concorda.

"Eu sou abençoado por ter filhos e filhas corajosos," ele declara. "Sim, todos vocês podem ir, mas certifiquem-se de voltar para mim."

"Eu também gostaria de me oferecer," afirma Kendrick, ficando em pé ao lado de Gwendolyn.

Todos olham para ele em silêncio, claramente surpresos que um estrangeiro pretenda se juntar a eles.

"Eu também," declara Brandt.

"E eu," diz Atme.

Todos os cavaleiros da Prata também ficam em pé e Gwen é invadida por uma onda de orgulho ao mesmo tempo em que começa a se preocupar com eles.

O rei pondera por um tempo e, então, finalmente acena com seriedade.

"Embora vocês sejam estranhos aqui," ele diz, "Eu não posso negar-lhes uma chance de demonstrar sua coragem e honra. Vocês têm corações de guerreiros e as suas emoções falaram por vocês. Vocês precisam saber que essa será uma missão perigosa, nós nunca nos aventuramos além da parede de areia. Alguns de vocês podem nunca mais voltar."

"Eu daria a minha vida por esta missão," Kendrick declara com orgulho. "Afim de contas, se o seu reino está em perigo, ele está em perigo por nossa causa."

O rei encontra os seus olhos e balança a cabeça em aprovação.

"Meu senhor," Gwendolyn completa, "em nossa terra, Kendrick era o líder da Prata, os nossos cavaleiros de elite. Não há homem com mais experiência em batalhas e nenhum comandante é melhor do que ele. Kendrick é conhecido em toda parte como um grande líder e eu não digo isto apenas porque ele é meu irmão."

O rei examina Kendrick por um longo período e, então, finalmente ele acena com a cabeça.

"Então você, Kendrick, deve levar metade dos meus homens amanhã. Preparem-se!" O rei declara. "Amanhã, partiremos em nossa expedição!"

"AO ANEL!" O rei brinda, levantando sua taça.

"AO ANEL!" Repetem as centenas de guerreiros no salão.

Gwen pode sentir o amor, a aprovação e a aceitação ao redor dela e, pela primeira vez em muito tempo, ali, na companhia de todos aqueles bravos cavaleiros, ela se sente em casa.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Godfrey, seguido por Akorth, Fulton, Merek e Ario, atravessa o corredor principal de um palácio de mármore e ouro, ouvindo seus próprios passos enquanto ao seguir a misteriosa mulher Finiana, que tinha se apresentado como Silis, e sua comitiva. Depois de tê-los escoltado até aquele lugar enorme no outro lado de Volúsia, Silis os tinha conduzido para dentro do palácio e atravessado sala após sala. Godfrey ainda não tem ideia de quem ela é, o que ela quer ou por que ela havia decidido mantê-los vivos, mas ele realmente não está em posição de fazer perguntas. Seus homens tinham apenas lhes escoltado, mas Godfrey tem a sensação de que, se eles tivessem se oposto, teriam pagado o preço. Ele tem sorte, ele sabe, por estar vivo, especialmente depois de ter matado os parentes dela e roubado suas joias.

Eles são levados para cima de uma longa escada de mármore e, em seguida, por um longo terraço superior, composto por uma série de arcos de mármore e balaústres ornamentais que envolvem todo o entorno do palácio. Ele oferece uma ampla visão da cidade e, ao avançarem, Godfrey absorve a vista de tirar o fôlego. Aquela é bela cidade com ruas em perfeito estado e o oceano aos seus pés. Tudo brilha, transbordando riqueza, e Godfrey considera que, se o lugar não fosse administrado por aqueles monstros, se suas ruas não estivessem manchadas com o sangue de inocentes, Volúsia poderia realmente ser um lugar incrível para se viver. Esse é o paradoxo daquela cultura construída pela escravidão.

Enquanto caminham, Godfrey se pergunta onde eles estão sendo conduzidos, refletindo se deve confiar naquela mulher. Mais uma vez, estranhamente, ele se vê na posição de ter que confiar em um Finiano. Desta vez, porém, ele se sente diferente. Há algo sobre ela que parece genuíno, muito diferente de todos os outros. Afinal, ela poderia facilmente ter ordenado que todos eles fossem mortos, mas, por alguma razão que ele não consegue entender, Silis os quer vivos.

Eles chegam a uma parada diante de um terraço deslumbrante, feito de ouro maciço e posicionado logo acima das ondas do mar. Assentos luxuosos estão espalhados diante deles e Godfrey e os outros são ordenados a se sentar.

Godfrey e seus companheiros se sentam nas almofadas de veludo vermelho, sentindo-se mais confortáveis do que nunca. Assim que eles fazem isso, servos se aproximam segurando uma bandeja de prata repleta de iguarias. Godfrey pega uma delas e a examina com cautela ao mesmo tempo em que Silis se senta diante dele e o observa com um sorriso.

"Não se preocupe," ela diz. "Se eu quisesse você morto, há muitas maneiras mais interessantes de se fazer isso."

Godfrey, percebendo que ela está certa, come a iguaria e fica encantado com seu delicioso sabor. Ela é doce e suave, com gosto de chocolate, porém mais leve. Percebendo que está faminto, Godfrey come mais alguns doces; ao lado dele, Akorth e Fulton enchem suas bocas e seus braços com as iguarias. Merek e Ario, no entanto, cautelosos até o fim, não comem nada, ficando sentados sem demonstrar qualquer emoção, em guarda.

Silis observa aquilo, parecendo se divertir.

"Por que você não nos matou, então?" Pergunta a Merek.

Ela olha para ele com um sorriso.

"Certamente não é porque eu gosto de vocês," ela responde. "Ou porque eu me importo com você ou com seus homens."

Silis se inclina para trás e suspira quando um servo lhe entrega uma taça de vinho.

"É porque o seu timing é perfeito," ela continua. "E vocês se encaixam perfeitamente no meu plano. Eu desprezo meus primos Finianos, do outro lado da cidade, cujo palácio vocês visitaram. Eles sempre dominaram o comando desta cidade e não gostam de compartilhar as coisas. Vocês me fizeram um

grande favor em assassiná-los e nem imaginam o quanto me ajudaram. Na verdade, eu havia planejado fazer isso sozinha, mas nunca encontrei a oportunidade perfeita."

Godfrey olha para ele com surpresa; tudo aquilo está começando a fazer mais sentido.

"Nós não fizemos isso porque somos assassinos," diz Godfrey. "Nós fizemos isso por vingança, pelo que eles fizeram para o nosso povo."

Silis suspira.

"Sim, eu sei tudo sobre isso. É realmente vergonhoso. Eu desprezo pessoas que voltam atrás em sua palavra e meus primos eram especialistas em fazer isso. O que eles fizeram foi desonroso e a desonra fere o nome Finiano. Nós não podemos permitir que isso aconteça de forma alguma."

Silis faz uma pausa, examinando todos eles, como se estivesse pensando. Ela os observa por um longo tempo, reclinada em sua cadeira, e Godfrey pode ver sua mente trabalhando. Finalmente, ela se inclina para a frente.

"Os Finianos são uma grande raça; sobrevivemos aqui, no Império, há milhares de anos, a única outra raça a fazer isso. Sobrevivemos, às vezes, através de ações dolosas, mas principalmente através da honra."

Godfrey a observa atentamente e é capaz de ver autenticidade em seus olhos.

"Eu acredito em você," ele fala. "Apesar de seus primos. Você é certamente diferente. O que eu não entendo é que você quer de nós, além de nos parabenizar por termos feito o seu trabalho sujo."

"Se você realmente quer nos agradecer, então você deve nos deixar ir," Merek entra na conversa.

Silis sorri e faz um gesto para seus homens: eles se afastam de suas posições de guarda diante da porta.

"Então vá," ela diz calmamente. "Vocês estão livres."

Godfrey e os outros olham para ela com ceticismo.

"Simples assim?" Pergunta Ario.

Ela assente com a cabeça.

"Atrás do nosso palácio encontram-se os portões da cidade," ela fala. "Atravessem aqueles portões e eu prometo não impedi-los."

"Nós já ouvimos isso antes," responde Merek. "Você não vai nos impedir, mas você vai enfiar uma faca em nossas costas quando estivermos indo."

Ela ri.

"Olhem ao seu redor," ela pede. "Vocês estão cercados por duas dezenas de homens com punhais e espadas. Por outro lado, vocês estão desarmados e, ouse dizer," ela acrescenta olhando para Akorth e Fulton, que estão se empanturrando, "difícilmente preparados para uma batalha. Por que eu iria passar por todo esse transtorno de esperar se eu quisesse matá-los? Seria muito mais fácil fazer isso aqui."

Um silêncio pesado paira no ar e Godfrey, inseguro, olha para ela, se perguntando se ela está mesmo dizendo a verdade.

"Somos realmente livres para ir?" Ele pergunta.

Silis sorri.

"Tão livre quanto podem ser," responde ela.

Godfrey e os outros trocam um olhar intrigado e ele resolve acreditar nela. Estranhamente, ter sua liberdade o deixa sem saber o que fazer.

"Se vocês quiserem passar por aqueles portões," ela continua, "vão em frente. Mas saibam que não há uma cama quente esperando por vocês do lado de fora. O deserto é um lugar cruel, seu povo foi dizimado e vocês não têm uma aldeia para onde voltar. Saiam lá fora e estarão mortos antes do meio-dia ou serão capturados por um vendedor de escravos."

Godfrey olha para ela com atenção.

"Então o que você sugere?" Godfrey pergunta.

Silis sorri.

"Eu estou lhes oferecendo um lugar aqui, comigo, no meu castelo. Considere isso uma forma de agradecimento pelo que fizeram."

"Mas por que você faria isso?" Ele insiste.

Ela suspira.

"Eu confio em todos vocês," ela explica. "Não é todo dia que eu encontro alguém em que eu posso confiar. Vocês não são da raça do Império, vocês não são Finianos e nós temos um objetivo em comum. Juntos, podemos subverter os outros Finianos e eu poderei recuperar o direito de comando do nosso lado da família. Eu, também, tenho o desejo de ser livre; já não quero responder aos meus primos e também não quero responder ao Império. Nós compartilhamos um objetivo em comum: Libertar Volúsia. Dar início a uma revolução. É por isso que o seu povo morreu e eu estou disposta a dar continuidade para a sua causa."

Silis suspira, avaliando-os.

"Vocês demonstraram uma incrível capacidade de sobrevivência," continua ela, "uma astúcia e desenvoltura que me impressionaram muito. Suas aparências enganam - o que é uma vantagem ainda maior. Eu acredito que eu possa usá-los para promover a causa."

Godfrey olha para os outros e vê Merek e Ario fazendo um gesto de aprovação. Ele se inclina para a frente.

"O que você quer que eu faça?" Pergunta Godfrey.

Ela sorri.

"A lista é bastante longa," ela responde. "É preciso muito trabalho para derrubar uma cidade. A questão mais premente, presumo, é corrigir a injustiça que está sendo feita com os seus amigos, os escravos sobreviventes."

O coração de Godfrey se sobressalta.

"Sobreviventes?" Ele pergunta.

Silis olha para ele, intrigada.

"Você não sabia?" Ela pergunta. "Seu amigo, o líder Darius, está vivo, assim como outros membros do seu povo. Embora eu receie que ele não vá continuar vivo por muito tempo. Eles já o levaram até a arena, para lutar como um gladiador. Essa é uma luta que ninguém pode ganhar, a menos que possamos interferir com o resultado."

O coração de Godfrey se enche de otimismo; ali, finalmente, está uma oportunidade para corrigir seus erros, para compensar o que ele tinha feito com Darius e os outros. De repente, ele se sente vivo com um senso de propósito renovado.

"Como?" Pergunta Godfrey.

Silis abre um largo sorriso.

"Há muitas maneiras, meu amigo," ela diz, "para ganhar uma guerra."

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Darius, com a cabeça entre as mãos e os cotovelos sobre os joelhos, está sentado na pequena cela de pedra da prisão dos gladiadores, devastado. Ele nunca havia se sentido tão sozinho, tão abatido. Ele percebe que aquele é definitivamente o ponto mais baixo de sua vida.

Todos os músculos do seu corpo estão doloridos, mas isso não é o que mais o perturba; ele fecha os olhos e sacode a cabeça, tentando tirar as terríveis imagens da batalha do dia de sua mente. Ele vê Desmond e Luzi sendo morto, os outros meninos morrendo e Raj sendo ferido. Ele não consegue ver a vitória, apenas as mortes e todo aquele sofrimento. Dois de seus amigos mais próximos, meninos que ele tinha tido certeza viveriam para sempre, tinham sido mortos em um dia e um terceiro havia sido mortalmente ferido. Aquelas imagens, tão profundamente enraizadas em sua mente, simplesmente não o abandonam.

Darius olha para cima com os olhos turvos, observando a pequena cela, e vê os outros dois rapazes que ainda continuam ali com ele: Raj, deitado de lado, cuidando de suas feridas, e, ironicamente, Drok, o menino que simplesmente não se recusa a morrer. Darius sabe que, de alguma forma, eles serão forçados a lutar novamente e que, no dia seguinte, o combate será ainda pior. Todos os três serão mortos e o que ele mais quer é que tudo termine agora.

Darius está tão contundido, assim como os outros, que ele mal tem forças para se mover, muito menos para lutar novamente. Morg, ele percebe, tinha falado a verdade naquele primeiro dia, quando ele havia dito que todos eles morreriam e que eles deviam se preparar. Mas como é possível realmente estar preparado para a morte?

Darius, exausto, olha para cima ao ouvir o som de uma porta de ferro se abrindo e vê Morg entrar sozinho, desta vez sem a necessidade de quaisquer guardas. Morg sabe que eles estão muito cansados e feridos para resistir.

Ele fica ali parado, olhando para eles com as mãos nos quadris e um sorriso de satisfação no rosto.

"Você não será capaz de vencer e você sabe disso," ele fala, examinando Darius.

Darius volta a apoiar a cabeça nas mãos, tentando controlar a dor, tentando fazer Morg desaparecer de sua frente.

"Você deveria ter aceitado a minha oferta," ele continua.

Darius, cansado demais para responder e com a cabeça ainda apoiada nas mãos, o ignora.

"Nenhum dos meus gladiadores jamais sobreviveu ao último dia de jogos. Nenhum. Não em todos os anos que estive aqui."

Finalmente, Darius olha para cima.

"Eu não temo a morte," ele responde com a voz fria e dura, ressecada pela falta de água. "Temo apenas uma vida desonrosa."

Morg, percebendo que aquela é uma crítica contra ele, sorri de volta.

"E, no entanto, ainda é possível evitar tudo isso," ele fala. "Tudo que você tem a fazer é concordar. Concorde em lutar em sua própria arena, onde você será poupado. Concorde em deixar que os outros morram. Drok, você odeia de qualquer maneira. E olhe para o seu amigo Raj: ele está morrendo enquanto conversamos."

Darius olha para ele com raiva.

"Mas ele ainda não está morto," ele responde. "E enquanto ele continuar vivo, eu ficarei ao seu lado."

Morg faz uma careta.

"Você é um tolo," ele diz. "Você será consumido por sua própria honra e sepultado com ela."

Darius consegue sorrir de volta.

"Você nunca vai entender," rebate Darius. "Meu sonho nesta terra não é apenas viver, mas viver e lutar com honra, com coragem. Se eu fosse imortal, eu não teria nada a perder e essas coisas não significariam nada para mim. Meu sonho é possível precisamente porque sou mortal. Eu tenho algo a sacrificar, algo a perder, e é isso que torna minhas ações honradas. Meu sonho é um sonho de mortais."

Morg faz uma careta.

"Você vai morrer," ele declara.

"Só os covardes morrem," Darius responde. "Os valentes vivem além da morte."

Morg, enfurecido, encara Darius. Sem mais nada a dizer, ele se vira e sai, batendo a porta de ferro atrás dele e deixando Darius mais sozinho do que nunca.

*

Darius se senta ao lado de Raj, segurando o seu ombro enquanto seu amigo geme de dor durante a noite. Darius não precisa olhar para a ferida purulenta para saber que a situação é grave, para perceber que ele não conseguirá sobreviver. Raj fica deitado ali, contorcendo-se de dor, e quando moscas pousam em sua ferida, ele nem sequer tem forças para removê-las.

Darius pode ver a luz abandonando os olhos de seu último amigo e é completamente invadido pela tristeza. Ali está Raj, o mais confiante de todos os seus amigos, o mais ousado, aquele que Darius havia considerado imortal, e ele também está morrendo.

"Você vai ficar bem," afirma Darius, apertando o ombro de Raj após mais um acesso de dor.

Raj balança a cabeça.

"Você sempre foi um péssimo mentiroso," ele diz.

Darius franze a testa.

"Eu não vou deixar que você morra."

Raj estremece.

"Mesmo você, meu amigo, não é capaz de impedir que isso aconteça."

Darius dá de ombros.

"Temos mais uma batalha para lutar. Vamos lutar juntos e vamos morrer juntos."

"Eu não posso lutar," ele fala. "Não mais. Eu vou estar acorrentado a você como peso morto. Deixe-me para trás. Deixe que eu morra. Poupe-se."

Darius sacode a cabeça.

"Nenhum homem é deixado para trás," ele insiste. "Nem agora, nem nunca."

Raj suspira, sabendo como Darius pode ser teimoso.

"Olhe para mim. Eu não consigo nem ficar em pé," diz Raj.

Darius sorri.

"Então vou ajoelhar-me ao seu lado e lutaremos juntos."

Raj estende o braço e aperta a mão de Darius.

"Você é meu irmão, Darius," ele fala. "Você provou isso agora, mais do que nunca, mas não morra por mim. Não vale a pena."

Darius olha firmemente nos olhos de seu amigo.

"Você disse tudo," afirma Darius. "*Irmão*. Eu sempre quis ter um irmão e essa é uma palavra que tem um grande significado para mim. Irmãos não abandonam uns aos outros; eles não deixam o outro para trás. Isso é o que significa ser um irmão. Irmãos são feitos para momentos como este e nem mesmo a morte pode ficar no caminho."

Raj fica em silêncio, ofegante e respirando com dificuldade por um longo tempo, e então, finalmente, ele aperta a mão de Darius e assente.

"Muito bem, meu irmão," ele fala. "Amanhã, se eu ainda estiver vivo, mataremos o maior número possível deles e morreremos juntos."

CAPÍTULO TRINTA

Volúsia fica parada diante das imensas portas douradas na entrada da Capital, que são a única coisa entre a cidade e as hordas de soldados do Império que pretendem destruí-la. Ela estende a mão e passa os dedos levemente sobre os entalhes, admirando o trabalho que tinha sido necessário para fazê-los. Ela se recorda que tinham sido necessários cem homens e cem anos para esculpir aquelas portas de ouro, portas sólidas que nunca tinham sido derrubadas.

"Não se preocupe, Deusa," diz o comandante de seus exércitos, Gibvin. "Estas portas irão resistir."

Ela se vira e encara sua comitiva de generais e conselheiros e se admira que eles façam ideia do que ela está pensando. O que eles nunca serão capazes de entender é que ela tinha visto o seu destino. Ele tinha visto o seu destino em uma visão e está preparada, não importa o que aconteça, para cumpri-lo.

"Você acha que eu temo um milhão de homens?" Ela responde com um sorriso.

Ele olha para ela com uma expressão intrigada.

"Então por que viemos aqui, Deusa?" Pergunta outro conselheiro.

Ela examina os seus homens com frieza e, finalmente, sente-se pronta para emitir o comando.

"Abram os portões", ela ordena calmamente.

Seus assessores olham para ela como se ela fosse louca.

"Abri-los!?" pergunta-lhe seu comandante.

Seu olhar frio é sua única resposta e eles a conhecem bem o suficiente para não forçá-la a pedir duas vezes.

Ela vê quando o pânico se espalha em seus rostos.

"Se abriremos estas portas," Gibvin diz, "o exército entrará correndo. Isso é o que eles estão esperando. Nossa cidade estará perdida e todos os nossos esforços terão sido em vão."

Ela balança a cabeça.

"Não me questione," ela responde, "e não tenha medo. Depois que eu atravessar, você deve fechá-las atrás de mim."

"Fecha-las atrás de você?" Ele repete. "Isso a deixará do lado de fora, sozinha, enfrentando um exército sem qualquer proteção. Isso resultará na sua morte."

Ela exhibe um leve sorriso.

"Você ainda não entendeu," ela responde. "Eu sou uma deusa e deusas não podem morrer."

Ela se vira para os homens que guardam as portas, fixa seu olhar sobre eles e seus homens, o medo evidente em seus rostos, correm e começam a girar as manivelas de ouro maciço. Um ranger lentamente preenche o ar e as portas de ouro começam a se abrir, alguns centímetros de cada vez.

Quando elas se abrem, os raios alaranjados dos sóis invadem a cidade, iluminando Volúsia e dando-lhe o aspecto a sensação de que ela é uma verdadeira deusa. Eles abrem as portas apenas o suficiente para que ela possa passar.

Volúsia caminha lentamente através delas, raspando os ombros na borda das portas, e sai da cidade, deixando-a para trás e pisando com os pés descalços nas areias quentes do deserto.

Atrás dela, ela sente quando as portas começam a ser fechadas e, um momento depois, ouve e sente uma batida decisiva atrás dela, que sacode o chão ao mesmo tempo em que o barulho de metal ecoa ao seu redor. Ela sabe que não há como voltar atrás agora. Agora, ela está ali, completamente sozinha, e isso é exatamente o que ela quer.

À medida que Volúsia começa a avançar, ela vê diante de si o grande exército do Império, separado de acordo com suas legiões, cobrindo o horizonte como formigas. Quando eles a veem, os soldados começam a avançar em sua direção.

Eles atacam com força total, como um grande trovão, avançando rapidamente na direção dela. Junto deles há muitas novas legiões, soldados vestidos com a armadura inteiramente preta do Império,

claramente enviados pelos Cavaleiros dos Sete, provavelmente o primeiro dos muitos reforços que chegarão para derrubar a capital.

Volúcia sorri. Os Cavaleiros dos Sete não devem ter gostado muito do seu presente.

Volúcia havia visto naquela manhã quando todos os exércitos estavam reunidos e os soldados dos Sete haviam se juntado a eles. Ela tinha visto todos os equipamentos de cerco sendo trazidos pelos Cavaleiros dos Sete; catapultas, aríetes e todos dispositivos de guerra utilizados para destruir uma cidade, e sabe que é apenas uma questão de tempo até que eles consigam fazer isso. Ela não está disposta a sentar e esperar. Não, ela nunca tinha tido o hábito de se defender. Ela sempre havia preferido o ataque.

E atacar é exatamente o que ela pretende fazer, mesmo que ela tenha que fazê-lo sozinha.

Volúcia caminha sem medo, uma deusa contra um exército. A cada passo que dá, Volúcia sabe que está caminhando rumo ao seu destino. Ela se sente invencível. Ela realmente sente que é uma deusa. Ninguém no mundo tinha sido capaz de detê-la, justamente como ela havia previsto desde o dia em que tudo aquilo havia começado - nem mesmo sua própria mãe. Ela havia marchado todo o caminho até a capital do Império e ela não está prestes a parar agora. Ela sabe que para ter poder, é preciso conquistá-lo e, ainda mais importante, garantir que não irá perdê-lo. Ela não precisa de outros homens para lutar em suas guerras. Ela sabe que ela possui todo o poder de que precisa sozinha.

Volúcia sente a aproximação dos soldados enquanto observa uma nuvem de poeira que se aproxima enquanto o exército parte para cima dela, agora a apenas algumas centenas de metros de distância. Eles atacam, preenchendo o horizonte com homens em cavalos enormes, Razifs, zertas, e elefantes, que transportam todos os tipos de armas. Eles emitem um grito de batalha feroz ao correrem na direção de seu prêmio e Volúcia já consegue seus rostos, salivando ao avistá-la e ansiosos pela chance de matar a líder no campo de batalhas, sozinha. Ela imagina que eles acreditem que ela tenha desistido, indo até ali para discutir os termos de sua rendição, ou que ela está apenas cometendo suicídio.

Mas Volúcia tem outros planos. Planos muito melhores.

O exército chega cada vez mais perto, agora a apenas cem metros de distância, e começa a ganhar velocidade. Ela ouve o tilintar de suas armaduras, sente o cheiro do suor dos soldados e vê sede de sangue em seus olhares. Alguns rostos demonstram medo, apesar de estarem marchando, um exército inteiro, contra uma mulher sozinha. Eles, os sábios, devem ter percebido que há algo diferente nela, algo a ser temido, se ela está disposta a enfrentar um exército em seu próprio país.

Volúcia está pronto para mostrar-lhes.

Ela fecha os olhos, ergue os braços para o lado e, lentamente, começa a erguê-los cada vez mais.

Quando ela faz isso, um zumbido enorme, como um milhão de gafanhotos voando sobre a terra, começa a ser ouvido. O barulho fica cada vez mais alto e, ao redor de Volúcia, o chão do deserto começa a rachar e se abrir. A primeira coisa que aparece é uma garra, puxando-se para cima através da fissura na terra. Em seguida, outra garra aparece.

Em seguida, mais outra.

Milhares de pequenas gárgulas com as asas pretas brotando em suas costas começam a se puxar para fora da terra. Elas têm escamas viscosas nas costas, longas presas afiadas e asas que zunem de uma forma capaz de aterrorizar até mesmo o coração do mais bravo guerreiro. Invocadas dentre os mortos, elas piscam seus grandes olhos alaranjados brilhantes, olhos com o desejo de sangue.

Volúcia ergue ainda mais os braços e seu exército de mortos-vivos emerge da terra e começa a voar, cobrindo todo o céu ao entardecer. Ela os comanda e as gárgulas descem na direção do exército que se aproxima para matá-la.

A primeira gárgula alcança o primeiro soldado, abre sua mandíbula, revelando presas afiadas, e morde a garganta do homem, matando-o instantaneamente. O primeiro grito de morte preenche o deserto.

Em seguida, outro soldado é atingido.

Então, mais outro.

Logo o céu é preenchido com o barulho de um milhão de gárgulas, com um desejo insaciável de sangue, misturado aos gritos dos homens, que morrem sem ter tempo para reagir. Volússia ri enquanto observa aquilo. Aquele é o destino que ela tinha visto para si mesma.

Que tolice daqueles homens, pensarem que poderiam matá-la. Afinal, eles são apenas um exército. Volússia, é uma deusa.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Kendrick fica no topo do cume acompanhado por dezenas de outros cavaleiros, entre eles Brandt, ATME, meia dúzia dos cavaleiros da Prata e duas dúzias de cavaleiros do Cume, observando a paisagem do deserto que se estende diante deles. Todos eles ficam em cima da plataforma e, à medida que as grandes manivelas são giradas e as cordas rangem, eles avançam lentamente, um degrau de cada vez, para o outro lado, descendo na direção do Grande Deserto.

Kendrick mal pode acreditar que está de volta, apenas um dia mais tarde, no lugar que quase o havia matado, o lugar de onde ele mal havia conseguido escapar com vida. Ele não consegue acreditar que está vestindo uma armadura mais uma vez, com seus homens ao seu lado e com a ajuda de novos cavaleiros, homens cujos rostos e nomes ele ainda mal conhece. Ele ainda não está totalmente recuperado, ele sabe, e ainda está um pouco fraco por causa da travessia; no entanto, ele se sente compelido a liderar aquela missão para encobrir seus rastros e garantir a segurança do Cume. Sua honra o obriga e quando a honra está em jogo, ele é capaz de qualquer coisa.

Kendrick estuda a paisagem estéril enquanto eles descem, vê a enorme parede de areia, girando na distância e sabe que, quando passarem por ela, eles estarão cercados pelo mundo hostil e cruel. Ele aperta as mãos em torno do punho de sua nova espada e torce para encontrar um caminho de volta. Ele não está ansioso para passar muito tempo naquele deserto terrível.

Kendrick olha os homens ao seu redor, para os cavaleiros do Cume, doze homens sob o seu comando agora, olhando para ele com os olhos de guerreiros profissionais. Eles parecem ser bons cavaleiros, suas armaduras e armas resplandecentes e bem cuidadas, todos com o olhar endurecido que Kendrick conhece bem, o olhar de homens que não temem coisa alguma. Aqueles cavaleiros, ele percebe, têm uma relação íntima uns com os outros, tendo forjado suas amizades ao longo de suas vidas. Kendrick não consegue deixar de se sentir como um estranho, uma sensação estranha para ele, que sempre havia feito parte de uma irmandade de guerreiros que ele havia conhecido durante toda a sua vida. A situação fica ainda pior quando eles se recusam a reconhecer sua presença; claramente, eles se ressentem com o fato de que um estranho tenha recebido o comando do seu. Todos eles ficam lado a lado, com as mãos nos quadris e de costas para ele, olhando para o deserto e ignorando Kendrick e seus homens.

Kendrick compreende, pois ele também teria se ressentido se um soldado estranho tivesse lhe dado ordens, mas ele não tinha pedido para comandá-los. Tudo o que ele tinha feito é se oferecer para ajudar o Rei a apagar os rastros.

Quando eles descem mais, Kendrick percebe que é melhor quebrar o gelo agora, esclarecer quaisquer ressentimentos e fazer as pazes antes de enfrentar qualquer outro desafio.

Ele dá um passo para a frente e se dirige aos homens.

"Eu entendo a sua relutância em ter um comandante estranho entre vocês," Kendrick fala para os homens, que lentamente se viram e olham para ele. "Eu não vim aqui para tomar o lugar de seus comandantes. Eu vim apenas para servir ao seu lado, para ajudá-los em sua missão."

Um deles, um cavaleiro alto, com a cabeça raspada e uma barba longa e trançada, olha firme para Kendrick.

"Eu sou comandante destes homens desde quando que eu aprendi a andar," ele fala com a voz fria. "E então, você aparece do nada e toma o meu lugar. Eu não tenho respeito por você, nenhum de nós tem. Para ser respeitado no Cume, você tem que conquistar o nosso respeito. Todos nós fizemos isso e, até que você faça o mesmo, não será nada para nós."

O cavaleiro vira as costas abruptamente e a plataforma, atingindo o seu destino, encosta no chão, tremendo com o forte baque. As portas de madeira se abrem e, um de cada vez, os homens descem e imediatamente sobem nos cavalos que já haviam descido e que estão esperando por eles.

Kendrick, irritado pela troca, olha para Brandt e Atme, que olham para ele com o mesmo olhar de apreensão e amargura à medida que os cavaleiros do Cume montam em seus cavalos e partem para o deserto, deixando uma nuvem de poeira para trás, sem esperar por eles ou nem mesmo por seu novo comandante.

Kendrick monta em seu cavalo, acompanhado por Brandt, Atme e os outros, e se prepara para segui-los. Ele sabe que tem uma longa viagem até ganhar o respeito daqueles homens, mas, ao chutar seu cavalo e avançar através do rastro de poeira, Kendrick não se importa. Ele não é motivado pela necessidade de respeito ou aprovação daqueles homens, ele está fazendo aquilo em nome de sua honra, pelo dever sagrado de um cavaleiro.

À medida que ele avança pelo deserto com o som de cavalos preenchendo os seus ouvidos, ele promete realizar aquela missão, mesmo se contra a vontade daqueles homens, independentemente de quaisquer perigos que possam estar esperando por além daquela parede de poeira.

*

Gwendolyn caminha ao lado do rei MacGil, passeando com ele no pico do Cume, apenas dois, e aprecia as vistas magníficas enquanto o rei lhe apresenta sua propriedade. Eles tinham sido seguidos por toda a comitiva real ao cruzarem a capital, atravessando o lago, e ao pegarem a plataforma até ali para assistirem Kendrick e os outros partindo em sua missão. Quando eles tinham chegado ao topo, o Rei tinha deixado seus homens para trás e apenas os dois estão caminhando agora enquanto o vento assopra os cabelos de Gwen.

Eles finalmente param e olham para o horizonte. Gwen sente um vazio no estômago ao ver o Grande Deserto, desejando nunca mais ter que colocar os pés naquele lugar novamente.

Eles ficam em silêncio, lado a lado, observando a paisagem por bastante tempo, até que finalmente o Rei começa a falar.

"Fiquei impressionado com o seu pedido," ele fala.

"Com o meu pedido?" Gwen pergunta.

Ele assente.

"Eu lhe dei a oportunidade de visitar qualquer parte do meu reino e o seu único pedido foi assistir a partida de seu irmão. Você poderia ter pedido para ver as minhas joias, meus tesouros, o arsenal, os salões, as vinhas, os jardins... Em vez disso, você escolheu este lugar desolado, quis visitar as nossas fortificações e ver seus homens partindo. Esse é o pedido de uma verdadeira líder, uma líder altruísta."

Gwen sorri.

"Meus homens são minhas joias," ela responde. "Eles significam mais para mim do que qualquer outra coisa. Quando eles estão em perigo, não há outro lugar para mim, exceto ao seu lado."

O rei concorda.

"Você e eu," ele fala, "somos iguais. Líderes não dormem quando o seu povo está em perigo. Essa é a maldição - e a bênção - da responsabilidade."

Gwen assente, feliz por ser capaz de falar com alguém que a compreende. De certa forma, ela deseja que nunca tivesse sido Rainha, mas, ao mesmo tempo, ela sente que aquele é o seu destino.

Gwen coloca as mãos no parapeito de pedra e olha para o horizonte, observando Kendrick e os outros se afastando em seus cavalos, dezenas de metros abaixo deles, criando uma nuvem de poeira atrás deles. Eles avançam rumo ao horizonte, na direção da parede da areia, e quando Gwen olha para baixo, ela de repente sente náuseas e se afasta.

"A altura faz isso com você todas às vezes," o Rei diz com um sorriso. "Tenho vindo aqui há anos e, agora, como um homem velho, já não consigo olhar para baixo como antes." Ele pisca. "Mas não diga isso aos meus súditos."

Gwendolyn sorri.

"Você não é um homem velho," ela comenta. "Você é muito mais jovem do que o meu pai."

O rei balança a cabeça e desvia o olhar.

Gwen observa Kendrick, desaparecendo no deserto, e seu coração se aperta. Ela fecha os olhos e reza para que ele cumpra a sua missão e volte em segurança. Ela não consegue tolerar mais perda, não depois de tudo que ela havia passado. Ele é a única pessoa que ainda resta de sua família.

Gwen abre os olhos e observa o horizonte, pensando em Thorgrin e Guwayne, lá fora em algum lugar, perdidos em um mar vasto e solitário. A solidão que ela sente é tão intensa, que sua dor se torna física, uma constante sensação de peso no peito. É como se uma parte dela estivesse lá fora com eles, perdida em algum lugar.

"Você sente falta de seu filho, não é?" Pergunta o rei.

Gwendolyn se vira e enrubesce ao vê-lo olhando para ela, lendo sua mente. Ela percebe que aquele rei é muito mais intuitivo do que ela havia suspeitado.

Seus olhos se enchem de lágrimas e ela assente.

"Eu entendo," ele responde. "Mais do que você sabe. Eu também sinto falta dos meus."

Ela olha para ele com surpresa.

"Dos seus?" Ela pergunta. "Seus filhos estão perdidos em algum lugar?"

"Não," o Rei responde com tristeza, balançando a cabeça. "Pior. Eles estão bem aqui, na minha cidade, mas estão perdidos para mim."

Gwendolyn franze as sobrancelhas, intrigada.

"Eu não entendo," ela diz.

Ele suspira.

"Dois dos meus filhos," o Rei explica, "são mantidos prisioneiros pelo nosso líder religioso e seu culto, que se espalha através da minha cidade como uma erva daninha. É uma religião falsa, pregada por um falso profeta, e ainda assim todos são envolvidos por suas mentiras. Seus ensinamentos estão em todos os lugares, tanto que mal posso controlar meu próprio povo, e dois dos meus filhos se envolveram com ele. Eles estão tão perdidos para mim quanto o seu filho para você. Você pode encontrar seu filho um dia, mas os meus estão perdidos para sempre."

Gwendolyn vê a tristeza em seus olhos e sente pena dele. Há muitas coisas que ela quer perguntar, mas agora, ela sabe, não é o momento certo.

O rei estende a mão e toca o muro, passando a mão ao longo das pedras, enquanto eles observam os seus homens desaparecendo no deserto.

"Essas pedras são antigas," ele fala. "Tão antigas quanto as pedras do seu Canyon. Você já notou o formato do nosso cume?"

Gwen o encara com espanto.

"O Anel e o Cume," ele fala. "São dois lados da mesma moeda. Eles são uma réplica um do outro e possuem as mesmas dimensões. O seu Anel, tem precisamente o mesmo diâmetro que o Cume, ambos têm a forma de um círculo. Olhe ao seu redor: o nosso Cume é circular e se encaixaria perfeitamente dentro do seu Canyon."

Gwen fica surpresa ao ver que ele está certo; o cume se espalha em um círculo e parece ter aproximadamente a mesma largura do Canyon. Ela se pergunta o que tudo aquilo pode significar.

"Como isso é possível?" Ela pergunta.

"Há muitas coisas que você ainda não sabe," ele diz. "Há muitas coisas que eu preciso lhe dizer. Somos duas metades do mesmo círculo, separadas desde o nascimento. O Anel e o Cume são dependentes, eles precisam um do outro para ser completos."

Ele olha para Gwendolyn por um longo período.

"Você acha que nós salvamos as suas vidas," ele continua, "mas o que você não entende é que há uma razão para você ter vindo aqui. Você precisa de nós, sim, mas nós também precisamos de você."

Gwen fica perplexo.

"Você não chegou aqui por acaso," acrescenta ele. "É seu destino estar aqui. Toda a sua jornada, o exílio, a sua travessia do mar e do Grande Deserto, tudo isso tinha sido predestinado."

Gwen olha para ele com espanto, tentando processar tudo aquilo, ainda sem compreender a extensão daquelas palavras.

"Mas por quê?" Ela pergunta.

O Rei olha para longe, ficando em silêncio por um longo tempo.

Finalmente, ele diz: "Posso confiar em você para guardar um segredo?"

O coração de Gwen bate acelerado enquanto ela se pergunta o que ele pode dizer em seguida. Ela assente com a cabeça.

"Eu quero lhe contar algo que ninguém mais sabe," ele fala. "Nem mesmo a minha família. Nem mesmo a minha própria esposa."

Gwen pode sentir seu coração batendo enquanto ela espera, sentindo a importância do que ele está prestes a dizer.

"O Cume está morrendo."

Gwen engasga.

"O que você quer dizer com isso?" Ela pergunta.

"Tudo o que você vê aqui, toda essa abundância e toda essa beleza, tudo isso em breve estará morto."

"Mas como?" Insiste Gwen.

"Nosso lago é a fonte de nossa vida," ele explica. "E ele está secando. Isso aconteceu lentamente, por muitos anos. Logo, tudo o que você vê aqui terá sido transformado em um terreno estéril, engolido pelo Grande Deserto e pelos sóis, assim como tudo ao nosso redor. Ragon previu tudo isso e foi por isso que ele nos deixou."

"Ragon?" Ela pergunta.

Ele acena solenemente com a cabeça.

"O irmão de Argon, nosso feiticeiro. Ele viveu aqui por séculos, mas um dia foi exilado. Essa é a história oficial, de qualquer maneira. O que ninguém sabe é que ele não foi exilado, Ragon foi embora por conta própria."

Gwen fica cada vez mais confusa. Ela nunca havia considerado que Argon tivesse um irmão ou que ele fosse o feiticeiro do Cume. De repente, ela se pergunta se de alguma forma ele pode ajudá-la a encontrar Thorgrin.

"Mas por quê?" Ela pergunta. "Por que ele iria embora daqui? Para onde ele foi?"

"Ele foi embora porque viu o que está por vir e sabia que tinha que sair antes que fosse tarde demais."

Gwen ainda está confusa.

"Eu ainda não entendo."

"Nós precisamos de você, Gwendolyn," ele fala. "*Eu* preciso de você."

Ele estende a mão e aperta os ombros de Gwen, olhando para ela com tanta intensidade que a deixa assustada. De repente, ela quer estar em qualquer lugar, exceto ali; ela não quer ouvir o que ele tem a dizer.

"O Cume está morrendo, Gwendolyn, e eu também."

Quando ela olha para ele, de repente ela vê o que a tinha incomodado, no fundo de sua mente, durante todo aquele tempo: a aparência frágil em seus olhos e a palidez de sua pele. Ela percebe que o que ele está dizendo é verdade. Ele está morrendo. Tudo ali, naquele lindo lugar, está prestes a mudar.

E de repente ela percebe pelo olhar em seus olhos, o mesmo olhar seu pai havia lhe dado antes de sua morte, que ele quer que ela seja a próxima rainha.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Darius olha na direção da luz ao sair do túnel de pedra e entrar na movimentada arena. A multidão, maior do que nunca e ansiosa para a grande final, bate os pés nas arquibancadas e aplaudem, fazendo um barulho ensurdecedor. Darius é incapaz até mesmo de ouvir suas próprias algemas balançando ao mesmo tempo em que perfuram seus tornozelos, arrancando sangue e machucando a sua pele. Drok segue em um de seus lados e Raj do outro, avançando com esforço e apoiado em Darius.

Eles se movem lentamente, tão rápido quanto Raj é capaz de ir, até chegarem ao centro da arena. Darius fica de guarda durante todo o tempo, com receio de que Drok vá tentar atacá-lo por trás. Mas Drok, por alguma razão, está deixando o tempo passar, talvez, pensa Darius, para atacá-lo em um momento mais oportuno ou, talvez, para esperar que as regras da rodada final sejam anunciadas.

Darius fica ali, esperando, com o coração batendo acelerado pela adrenalina enquanto examina a multidão de espectadores, desta vez, mais resignado do que nervoso. Ele sabe que a morte está chegando e ele não a teme, contanto que ele morra com honra.

Uma trombeta soa e a multidão aplaude quando de repente um portão de ferro é aberto na extremidade da arena. Morg entra na arena e levanta os braços bem no alto em uma exibição para a multidão, tirando o chapéu com uma saudação e virando em todas as direções até que, lentamente, a plateia se acalma. Morg é megalomaniaco o suficiente, Darius sabe, para pensar que todas aquelas pessoas estão batendo palmas para ele.

"Caros cidadãos do Império!" Morg anuncia. "Apresento-lhes hoje a terceira e última batalha dos gladiadores!"

A multidão grita, batendo os pés e balançando o lugar, e Morg espera um longo tempo, até que eles finalmente se acalmam novamente.

"Hoje," ele continua, "três gladiadores permanecem. Neste dia, eles vão encarar a morte de um gladiador!"

A multidão aplaude.

"Nenhum gladiador jamais sobreviveu a esta rodada final," continua Morg, "mas caso um deles consiga, o vencedor ganhará o direito de lutar na mais grandiosa Arena de todas: A Arena da Capital."

A multidão aplaude novamente e Morg se vira, sorri cruelmente para Darius e, em seguida, lhe dá as costas e caminha para fora da arena, batendo a porta de ferro atrás dele. Várias trombetas soam, os espectadores comemoram e Darius se pergunta o que eles têm planejado contra eles desta vez.

Darius sente um puxão em seu tornozelo e, ao olhar para o lado, vê Drok fazendo uma cara feia para ele.

"Não pense que você vai sobreviver," Drok dispara. "Se o que sair daqueles portões não o matar, eu o farei."

Darius já tinha ouvido o bastante daquele menino e puxa sua perna, esticando as correntes e empurrando-o na outra direção.

"Eu posso não sobreviver," Darius diz, "mas se eu cair, você cairá comigo."

Drok faz uma careta e começa a caminhar de forma ameaçadora na direção dele. Darius, sem sentir medo, começa a avançar para enfrentá-lo, quando sente um puxão em seu outro tornozelo e vê Raj, ajoelhado no chão e balançando a cabeça.

"Não," diz Raj. "Isso é o que ele quer. Conserve a sua energia."

Mais trombetas soam e quando Darius se vira, ele vê seis portas sendo abertas e seis enormes soldados do Império, vestidos com armadura negra e capacetes com visores, montando cavalos pretos e empunhando alabardas longas, avançando na direção deles, para o deleite da multidão.

Darius se prepara, percebendo que aquilo não é tão ruim quanto poderia ser; afinal de contas, não há animais ou armamentos exóticos, nenhum truque do Império, como ele havia esperado. Obviamente, eles ainda têm que enfrentar homens com cavalos, ainda em desvantagem de dois contra um. Com Raj ferido, o confronto é, na verdade, três contra um e a presença de Drok em suas costas torna suas chances ainda piores. Darius se pergunta se Drok sequer irá lutar ou se apenas irá aproveitar a oportunidade para matá-lo. Será que Drok realmente se importa com a sua vida?

"Fique perto de mim!" Darius grita para Raj. "Fique abaixado e erga o seu escudo!"

Darius abre e fecha sua mão em torno do punho da espada que ele havia recebido, em más condições para enfrentar uma batalha e, certamente, sem uma lâmina com corte suficiente para libertá-lo daquelas correntes que o mantêm amarrado aos outros. Ao ouvir o som familiar das patas de um cavalo quando o primeiro dos soldados chega até ele, Darius corre para enfrentá-lo.

Darius ergue seu escudo e a alabarda do soldado o atinge com um grande estrondo. O armamento superior, o tamanho do soldado e seu impulso deixam Darius desequilibrado, fazendo com que ele seja empurrado para trás. É como uma explosão; ele sente uma dor em seus ouvidos e vibrações percorrem toda a extensão de seu braço, mas Darius não recua.

Com o mesmo movimento, Darius consegue se virar e cortar as pernas do cavalo; ele vacila, detestando a ideia de ferir animais, mas aquela é uma situação de vida ou morte e ele sabe que não tem escolha.

A multidão aplaude quando o cavalo relincha e cai de cara no chão, derrubando o cavaleiro.

Sem perder tempo, Darius avança e se aproxima dele no instante em que ele está se começando a se levantar, matando-o antes que ele tenha tempo de reagir.

Assim que Darius pega a espada do cavaleiro morto, outro soldado se aproxima, pula de seu cavalo e cai em cima de Darius, derrubando-o. A torcida vibra quando os dois homens começam a lutar pelo chão.

Darius se solta, joga o corpo do soldado longe e está prestes a atacá-lo, tendo encontrado uma abertura, quando, de repente, sente sua corrente esticada. Ele se vira e percebe que o peso morto de Raj está impedindo que ele avance. Darius golpeia, mas não consegue alcançar o soldado.

O soldado se recupera e fica em pé, partindo para cima de Darius enquanto tenta acertar sua cabeça. Darius bloqueia os golpes com seu escudo e golpeia, sendo bloqueado pelo soldado. Eles continuam assim, para a frente e para trás, enquanto o barulho metálico de suas espadas, escudos e armaduras preenche o ar.

Darius ouve um galope e, percebendo que os outros soldados estão se aproximando, sabe que ele não tem muito tempo. Seu adversário é bem preparado e Darius sabe que precisa fazer algo rapidamente, antes que ele fique em desvantagem.

De repente, ele ouve um barulho estranho e vê seu oponente gritando e agarrando o seu visor quando uma nuvem de poeira entra seus olhos, cegando-o. Darius, intrigado, olha por cima do ombro e, ao ver Raj de joelhos e respirando com dificuldade, percebe que ele havia jogado um punhado de areia no rosto do homem.

O soldado deixa sua espada cair no chão e Darius parte para cima dele, matando-o em seguida.

Darius olha para Raj, agradecendo-lhe em silêncio.

"Você ainda é um bom gladiador," Darius fala.

Raj, fraco demais para responder, apenas sorri.

Darius ouve os cavalos e, ao se virar, vê Drok se preparando quando os soldados o escolhem como alvo desta vez. Eles avançam na direção dele, mas Drok espera até o último momento e, então, se joga no chão e estica as pernas. Ao fazer isso, ele usa seus pés para erguer as correntes, que ficam completamente esticadas. Darius sente o puxão em seus próprios tornozelos quando a corrente faz os cavalos tropeçarem, sendo jogado para trás com o impacto.

Os cavalos se enrolam nas correntes e caem, derrubando os cavaleiros, que gritam ao serem esmagados embaixo de suas patas. Drok muda suas atenções para outro soldado, se vira e, sem perder tempo, enrola sua corrente em torno da garganta do homem e começa a apertar. Ele então pega um punhal na cintura do soldado, ergue o braço e o esfaqueia no peito.

A multidão aplaude de prazer.

Darius volta a ficar em pé e fica ali parado, sem equilíbrio, sendo puxado constantemente pelas correntes. Ele não pode escolher livremente para onde quer ir e sabe que precisa fazer Drok lutar junto com ele, esse é o único caminho.

"Podemos lutar juntos e nos salvar," Darius fala para Drok, "ou podemos continuar nos enfrentando e perder essa luta!"

Drok se vira e, para surpresa de Darius, acena de volta, parecendo concordar.

Darius olha para cima e vê mais dois soldados se aproximando deles.

"Você toma conta do soldado à esquerda e eu cuido do soldado à direita!" Darius grita enquanto os dois estão ali, lado a lado, de frente para seus adversários.

Drok faz uma careta ao examinar os soldados que se aproximam. Para surpresa de Darius, pela primeira vez, ele parece estar de acordo.

"Vá mais longe que puder," Drok grita. "Vamos separá-los!"

Darius gosta da ideia; ele corre em uma direção enquanto Drok corre para a outra, forçando a separação dos cavalos que se aproximam.

Darius se prepara quando um dos soldados se aproxima dele e golpeia sua longa alabarda na direção de sua cabeça. Ele ergue o seu escudo e bloqueia o golpe, ouvindo o som de metal amassado ecoando em seu ouvido. Ele cambaleia para trás e sente dor em seu braço, mas ele havia evitado o pior.

A multidão vaia enquanto o soldado dá a volta e começa a se preparar para atacá-lo novamente. Desta vez, porém, o soldado desvia na direção de Raj, claramente indo atrás da vítima mais fácil.

Darius, percebendo o que ele está fazendo, entra na frente de Raj, bloqueando o seu caminho ao mesmo tempo em que se prepara para o impacto da alabarda. Ele sabe que um movimento ousado é necessário se ele pretende sair daquele confronto ileso e espera até o último momento para erguer sua espada e atacar, pegando o soldado desprevenido. Darius tenta acertar não o cavalo ou seu cavaleiro, mas em vez disso, o longo eixo exposto da alabarda.

É um golpe perfeito. Ele corta o eixo no meio e os pedaços da arma destruída começam a cair no chão.

O soldado passa por ele sem causar danos, golpeando um pedaço do eixo quebrado e errando. Darius não perde tempo: Ele corre até a parte do eixo que contém a lâmina, pega a arma no chão e a arremessa com força na direção de seu oponente.

Darius observa quando a lâmina gira sobre sua extremidade até se alojar nas costas do soldado que se afasta. A multidão vai ao delírio quando o soldado grita, arqueia as costas e, em seguida, cai de cima do seu cavalo.

Enquanto isso, Drok enfrenta um soldado que está prestes a golpeá-lo com sua alabarda. Ele espera até o último momento e, então, pula para o lado em um movimento inesperado, aterrissando diretamente no caminho do cavalo em vez de saltar para longe dele. Assim que faz isso, Drok se vira e passa sua espada embaixo da garganta do cavalo, atravessando o seu crânio.

O cavalo cai, errando Drok por pouco e derrubando o cavaleiro de cara no chão. Enquanto a multidão vaia, Drok corre para a frente, pega a alabarda e golpeia a parte de trás da cabeça do soldado no exato momento em que ele começa a se levantar.

A multidão grita, ficando em pé, enlouquecida enquanto observa Drok, Darius e Raj parados no meio da arena, respirando com dificuldade. Darius observa seus arredores com espanto. Ele não consegue

acreditar. Apesar da cena de carnificina ao redor deles, de alguma forma, haviam ganhado.

Depois de muitos aplausos e comemorações da multidão, Darius está começando a se perguntar se a rodada do dia havia terminado quando, de repente, mais trombetas soam. Darius sente um poço em seu estômago e se prepara, imaginando o que está prestes a acontecer.

Há um estrondo repentino e Darius não gosta daquele barulho ou da sensação sob seus pés; o chão da arena começa a tremer.

A multidão enlouquece quando uma porta de ferro enorme se abre ao som de mais uma trombeta. O coração de Darius se sobressalta: ele não precisa esperar que as portas se abram para saber o que está por vir.

Correndo para fora das portas, no extremo oposto da arena, de repente surgem dois dos maiores elefantes que Darius já tinha visto, um preto e um branco, com longas presas de marfim de quase seis metros de comprimento. A multidão enlouquece quando os elefantes, comandados por cavaleiros vestindo armaduras negras, começam a avançar na direção deles.

Darius olha para os elefantes, e sabe que está encarando a face da morte, percebendo que não será possível sobreviver a mais aquele ataque.

O elefante branco diminui a velocidade e se afasta, lentamente circulando a arena e absorvendo os gritos de adulação da multidão, enquanto o elefante preto continua avançando na direção deles. Darius prende a respiração quando ele se aproxima e parece olhar para Raj.

Darius entra em seu caminho, protegendo Raj.

"Deixe-me morrer," Raj grita com a voz fraca. "Salve-se!"

"NUNCA!" Darius grita por cima do barulho do elefante.

Darius fica ali, protegendo o seu amigo com a espada erguida e sabendo que vai morrer, mas consciente de que morrerá protegendo o seu irmão. Enquanto Darius se prepara para a sua morte, imagens de todas as pessoas que ele tinha conhecido e amado passam em sua mente. Ele se vê pensando especialmente em Loti.

À medida que o elefante se aproxima, Darius ergue sua espada, sabendo que aquilo é inútil, mas com a necessidade de morrer como um guerreiro. Quando ele está pronto para encarar sua morte, algo estranho acontece. Sob o olhar espantado de Darius, o elefante de repente desacelera e começa a oscilar como se estivesse doente. Seus enormes olhos rolam para trás e ele de repente cai para o lado, fazendo o chão tremer ao cair com um estrondo. Seu impulso faz com que ele vá derrapando pelo chão, como uma montanha de sujeira, bem na direção de Darius. O elefante se aproxima rápido e não há tempo para fugir. Darius sente que em breve ele será enterrado por aquela avalanche.

Mas Darius se mantém firme, determinado a proteger seu amigo a qualquer custo.

O elefante desliza cada vez mais perto e, então, finalmente, surpreendentemente, ele para apenas a alguns passos de Darius, morto.

A multidão emite um suspiro atônito, todos claramente intrigados sobre o que tinha acontecido. Darius, também, está perplexo. Algo claramente tinha matado aquele elefante, mas nada parece tê-lo tocado. Teria sido alguma doença?

Darius nota uma espuma saindo da boca do animal e se pergunta se ele teria sido envenenado. Mas por quem? E por qual motivo? Alguém estaria tentando protegê-lo? Quem na cidade de Volúsia ainda se preocupa com ele?

Darius não tem tempo para encontrar suas respostas; o cavaleiro tinha sido arremessado quando o elefante havia caído e, agora, ele fica em pé e parte para cima de Darius. Darius mal tem tempo de reagir quando o soldado arremessa uma lança em sua direção. Ele se esquiva no último segundo e a lança passa zunindo por cima de sua cabeça.

Um momento depois, o soldado está em cima dele e começa a empurrar Darius para o chão. Darius fica chocado com o peso daquele soldado do Império, vestindo sua armadura inteiramente preta; é

como se uma montanha de aço tivesse pousado em cima dele.

Darius tentou se libertar, mas o soldado o segura com força, apertando seus braços. Darius tem a sensação de que sua vida está sendo espremida para fora dele e se pergunta se conseguirá se libertar quando, de repente, o soldado arregala os olhos.

Darius ouve o barulho de correntes e, ao olhar para cima, vê Raj em cima do soldado, envolvendo suas correntes em torno de sua garganta. Raj usa todas as energias que ainda lhe restam e aperta sem parar, até que o soldado finalmente saiu de cima de Darius.

Darius rola para longe do soldado e rapidamente pega a sua espada. Ele se vira e vê seu adversário em cima de Raj, que está de costas e continua apertando a corrente. Raj está perdendo rapidamente a vantagem sobre o soldado, que em breve conseguirá se libertar.

Darius corre para a frente, ergue sua espada e esfaqueia o coração do soldado.

Finalmente, ele para de se mover.

Outra trombeta soa e, ao se virar, Darius vê o outro elefante se aproximando deles. Aquele elefante claramente não tinha sido envenenado e Darius fica chocado que algo tão grande possa se mover tão rápido, fazendo o chão tremer a cada passo.

Quando a sombra do elefante começa a cobrir Darius, ele sabe que não terá tanta sorte desta vez. Seja o que for que o tinha salvado da primeira vez já não está mais à sua disposição. Agora, ele não tem escolha a não ser lutar contra aquela besta monumental.

Enquanto Darius se prepara para enfrentar o elefante, ele ouve um grito repentino, seguido pelo barulho de correntes, e fica surpreso ao ver Drok correndo na direção de Raj com sede de morte em seus olhos. Darius não consegue entender o que está acontecendo.

Ele se vira e corre, bloqueando o caminho do Drok e ficando em pé entre ele e Raj.

"O que você espera ganhar com isso?" Darius pergunta perplexo. "Mesmo se você nos matar, você não será o vencedor. Você ainda terá que matar o elefante e você será capaz de fazer isso sozinho! Você precisa de nós!"

"Tolo!" Drok grita de volta. "Nós já estamos condenados. Não há nenhuma chance de ganharmos, nunca houve. Mas antes de morrer, quero ver vocês dois mortos primeiro!"

Darius faz uma careta.

"Se você quer matá-lo," Darius fala, "terá que passar por mim primeiro!"

"Não se preocupe!" Drok responde. "Você vai ser o próximo!"

Drok salta para a frente empunhando sua espada, mas Darius bloqueia o golpe com seu escudo e tenta acertá-lo. Drok bloqueia o golpe de Darius e a luta continua, bem equilibrada, enquanto Drok e Darius se enfrentam, empurrando-se para trás até onde suas correntes lhes permitem.

Drok se abaixa e puxa as correntes, fazendo Darius avançar na sua direção ao perder o equilíbrio. Em seguida, Drok golpeia sua espada e Darius desvia na hora certa. Darius, então, tenta acertar as costas de Drok, mas ele se vira e bloqueia o seu golpe. Nenhum deles consegue ganhar alguma vantagem.

Darius ouve um barulho vindo em sua direção e, pelo canto do olho, vê o céu escurecer quando o elefante se aproxima. Ele precisa concentrar suas atenções no elefante, mas Drok simplesmente não desiste.

Darius sabe que precisa tomar uma atitude arriscada. Ele vê uma abertura, salta para a frente e derruba Drok, fazendo com que ele solte suas armas e caia no chão.

No mesmo momento, o elefante abaixa sua presa na direção deles, errando Darius por pouco. Mas Darius o som das presas perfurando carne seguido por um grito doentio e, ao olhar para trás, percebe com horror que o elefante havia empalado Raj, enfiando sua presa de um lado ao outro do corpo de seu amigo.

Raj grita ao ser erguido no ar e, à medida que o elefante o levanta cada vez mais, Darius sente um puxão em suas correntes e começa a ser içado para cima. O elefante leva Drok junto e os três ficam

pendurados no ar, quase cinco metros acima do solo, quando o elefante começa a correr. A multidão vai à loucura.

Darius tem a sensação de que todos os ossos do seu corpo estão prestes a quebrar enquanto ele balança para cima e para baixo, pendurado de cabeça para baixo com sua corrente enrolada nas presas do elefante, até que, finalmente, o elefante se cansa deles e os joga no ar.

Darius, Raj e Drok, ainda acorrentados, saem voando pelo ar e caem no chão com um baque. O impacto quase parte as costelas de Darius e a torcida vai ao delírio ao mesmo tempo em que o elefante corre até o final da arena, dando a volta da vitória antes de voltar para atacá-los mais uma vez.

Darius, com o rosto coberto de sujeira, abre um dos olhos, se esforçando para ficar em pé, e vê seu amigo Raj deitado a alguns metros dele, com sangue escorrendo pela boca e com os olhos bem abertos. Morto.

A respiração de Darius fica presa em sua garganta ao ver aquilo e ele sente que uma parte dele também havia morrido.

Mas ele não tem tempo para processar aquilo; ouvindo um barulho, ele olha para trás e vê Drok ficar em pé e se preparar para atacá-lo. Drok dá um grito gutural, se joga em cima de Darius, prendendo-o no chão, e começa a sufocá-lo até a morte.

Darius sente mãos fortes em torno de sua garganta, batendo sua cabeça no chão de terra, e sente que está perdendo o fôlego. Ele fica surpreso que Drok ainda tenha tanta energia e tanto ódio reservado para ele.

Darius consegue esticar os braços, agarrar os pulsos de Drok e, finalmente, ficar em cima dele e prendê-lo no chão. Drok, porém, rola mais uma vez e volta a prender Darius.

Eles rolam para um lado e para o outro, lutando, ambos cobertos de sujeira e sangue e quase sem energia, exceto a necessária para aquele último confronto. Eles estão além do cansaço e, mesmo sabendo que o elefante está se aproximando deles novamente, ainda assim, nenhum deles é capaz de se preocupar com qualquer outra coisa, exceto matar um ao outro.

O elefante berra e o chão treme à medida a besta se aproxima. Darius sabe que encontrará sua morte em breve e, incapaz de se desvencilhar de Drok, ele aceita o seu destino.

Então, Drok, com as palmas das mãos escorregadias de suor, perde momentaneamente o controle sobre Darius e o solta; quando isso acontece, Darius aproveita a oportunidade, ergue o corpo de Drok e, com um último suspiro, consegue jogá-lo.

Drok cai a poucos passos de distância, bem no caminho do elefante que se aproxima. O elefante abaixa sua enorme pata e pisa em cima de Drok, esmagando-o até a morte. A última coisa que Darius vê é Drok, levantando suas mãos em sinal de protesto e gritando quando o elefante esmaga o seu corpo.

A torcida vibra quando o elefante passa correndo e Darius, respirando com dificuldade, coberto de feridas e espantado por ainda estar vivo, lentamente fica em pé. Ainda acorrentado aos outros, ele não consegue correr e, quando o elefante faz a curva e começa a voltar, Darius sabe que ele está prestes a encarar o último confronto de sua vida.

De repente, Darius ouve uma pequena porta de ferro se abrindo, seguido pelo latido de um cão selvagem. A multidão grita de espanto e Darius fica surpreso ao ver um cão selvagem entrar na arena e começar a correr em sua direção. Ele fica ainda mais surpreso ao perceber que ele o reconhece: aquele é o seu cão, Dray.

O coração de Darius se anima ao ver que seu querido amigo está vivo, ainda que ele se sinta confuso. Darius percebe imediatamente que alguém deve tê-lo encontrado e o enviado para a arena para ajudar Darius naquele momento de necessidade. Alguém no Império se preocupa com ele, mas quem?

Quando Dray se aproxima, Darius avista uma arma amarrada em seu pescoço e, quando ele para ao seu lado, Darius estende o braço e percebe que aquele é seu antigo estilingue, já bem gasto e que se

encaixa perfeitamente em sua mão. Junto com ele, Darius encontra sua bolsa de lona, cheia de pedras lisas.

Darius quer abraçar Dray, mas não há tempo para isso. O elefante está se aproximando deles e Dray de repente sai em disparada, correndo através da arena sem medo, para enfrentar o elefante.

A multidão vai à loucura com a visão daquele pequeno cão latindo e atacando um elefante. O elefante, porém, fica furioso e ataca Dray em um acesso de fúria.

Dray, muito menor e mais rápido, espera até o último momento e, então, se vira, levando o elefante para longe de Darius, claramente tentando salvar o seu mestre. A tática de Dray funciona e o elefante passa a correr em sua direção, não importa o que seu cavaleiro faça para que ele volte a perseguir Darius.

Darius vê uma oportunidade. Ele coloca uma pedra perfeitamente redonda no estilingue e, quando o elefante se vira, expondo o corpo do soldado, Darius atira.

Darius observa a pequena pedra sair voando pelo ar e torce para que ela acerte o seu alvo.

Darius suspira de alívio ao ver a pedra atingir a lateral da cabeça do soldado, fazendo um ruído característico ao bater em seu capacete. Darius vê o cavaleiro cair de cima do elefante e quebrar o pescoço ao bater com a cabeça no chão.

O cavaleiro, morto, fica deitado no chão de terra da arena e a multidão grita de espanto.

O elefante, descontrolado, de repente deixa de perseguir Dray e, enfurecido, se vira na direção das fileiras repletas de espectadores. Ele corre direto para os muros da arena e salta em cima da multidão, trombeteando em fúria.

Os cidadãos não conseguem sair do caminho a tempo e começam a gritar ao serem pisoteados aos montes. O caos se instaura na arena quando os cidadãos do Império começam a correr em todas as direções, tentando alcançar as fileiras mais altas. O elefante os pisoteia sem piedade e dezenas de corpos caem nas arquibancadas da arena, mortos.

O elefante, finalmente satisfeito, se vira na direção de Darius mais uma vez. Por alguma razão, ele volta a correr atrás dele, avançando com fúria na tentativa de matá-lo.

Dray corre atrás dele, mordendo seus calcanhares e tentando fazê-lo se afastar, mas desta vez ele não consegue atingir seu objetivo. O elefante continua correndo na direção de Darius, disposto a matá-lo.

Darius, com o coração acelerado, prepara outra pedra, mira, fecha os olhos e começa a rezar. Ele sabe que aquele tiro tem que ser perfeito.

Por favor, Deus. Se eu sou merecedor de algo em minha vida, permita-me acertar este tiro. Apenas mais esse tiro. Permita-me morrer como um vencedor.

Darius abre os olhos e tem a impressão de que o tempo está passando mais lentamente ao ver o elefante se aproximando dele em câmera lenta. Ele se inclina para trás e, com todas as suas forças, arremessa a pedra com seu estilingue.

Darius observa a pedra atravessar o céu, parecendo ir mais devagar do que todos os seus arremessos anteriores. Um momento depois, ele observa incrédulo quando a pedra acerta o olho do elefante.

O elefante grita quando a pedra atravessa o seu crânio, abrindo caminho em direção ao seu cérebro. Entretanto, ele continua correndo e, por um momento, Darius se pergunta se ele vai cair.

Então, finalmente, o elefante tropeça e cai.

Ele começa a rolar pelo chão e Darius se abaixa, preparando-se para morrer ao ser atingido.

Mas de alguma forma, o elefante passa alguns centímetros acima dele, apenas o suficiente para não acertá-lo ao sobrevoar a sua cabeça.

Então, o elefante para de rolar e cai no chão, morto.

Por um momento, a arena fica em silêncio, todos paralisados em estado de choque.

E então, de repente, a multidão irrompe em aplausos.

Darius é o último homem em pé.

De alguma forma, contra todas as probabilidades, ele havia ganhado.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Thorgrin voa pelo ar a toda a velocidade, encostando a cabeça nas nuvens, sem entender o que está acontecendo. Ele olha para baixo e, vendo que está montado em cima de um dragão, fica feliz em perceber que aquele é sua velha amiga, Mycoples. Ele não sabe como ela havia chegado até ali ou como é possível que ela ainda esteja viva. Enquanto ele atravessa o céu em cima dela, Thorgrin volta a se sentir vivo.

"Mycoples!" Ele grita, inclinando-se para abraçá-la. "Minha querida amiga, como você fez para voltar para mim?"

Ela ronrona e, arqueando o pescoço, começa a voar ainda mais rápido, fazendo Thor se perguntar onde ela está indo. Desde que eles estejam juntos, Thor não se importa e tudo parece certo em seu mundo novamente.

Thor de repente ouve o grito de um bebê e, ao olhar para baixo, fica chocado ao ver Guwayne pendurado nas garras de Mycoples. Ela o segura cuidadosamente, abraçando-o com suas garras, e quando o bebê abre os olhos, chorando, Thor vê que eles são azuis. Thor fica emocionado com a forte ligação que tem com o seu filho.

"Guwayne!" Ele grita.

Mycoples de repente mergulha no ar, voando cada vez mais abaixo das nuvens, e Thor vê embaixo deles a imensidão do oceano. Uma série de penhascos e formações rochosas se projeta para fora da água, afastadas umas das outras, pontilhando o oceano como grandes pedras irregulares caídas do céu ou como uma entrada para outro mundo, brilhando sob a luz de um único sol. O céu fica escuro, apesar do sol, e, quando eles mergulham mais perto, Thorgrin sente que de alguma forma aquela é a Ilha da Luz. A ilha de Ragon.

Thor ouve Guwayne gritar e, ao olhar para baixo, seu coração se aperta ao ver que Mycoples havia soltado o seu bebê. Guwayne cai de suas garras e Thor, horrorizado, assiste enquanto ele cai pelo ar na direção exata da Ilha da Luz.

"GUWAYNE!" ele grita.

Thor acorda agitado, perdido na escuridão, sem saber onde ele está enquanto olha em todas as direções com a ajuda da pouca luz que invade o lugar onde ele se encontra. Um suor frio escolhe pela sua nuca quando ele se senta, esfregando os olhos.

Aquilo tinha sido tão real. Ele precisa de vários minutos, respirando com dificuldade na escuridão, para perceber que tudo tinha sido apenas um sonho. Um pesadelo sem fim. Ele procura Guwayne em todos os lugares e fica aliviado ao perceber que ele não está ali. Pelo menos ele não tinha caído do céu.

No entanto, ainda assim, aquilo o incomoda, tendo a sensação de que aquilo tinha sido mais do que apenas um sonho: Ele acha que o sonho tinha sido um recado, mas qual teria sido a mensagem? O que os seus sonhos estão tentando lhe dizer?

"Thorgrin?" Diz uma voz.

Thor olha na direção da voz e vê Angel do outro lado do porão, olhando para ele. Thor percebe que está dentro do navio, sob o convés, ao mesmo tempo em que Angel se aproxima dele e coloca uma compressa úmida em sua testa.

"Você estava sonhando," ela diz. "Você disse coisas enquanto estava dormindo, algo sobre Guwayne e um dragão."

"Angel," Thor diz, dando-lhe um abraço. "Onde estamos?"

Ele olha para fora, vê que o dia está amanhecendo e percebeu que havia dormido a noite inteira pela primeira vez desde que ele é capaz de se lembrar.

"Nós navegamos a noite inteira," ela diz. "Eu ouvi uma comoção no convés e acho que nós estamos perto da entrada para o Império."

Thor, lembrando-se, se levanta imediatamente e corre pelo porão, abrindo a trava de madeira e subindo os degraus de dois em dois junto com Angel.

Ao chegar até o convés durante o nascer do sol, o navio está iluminado por uma suave luz alaranjada e Thor vê Reece, Selese, Elden, Indra, O'Connor e Matus em pé na proa. Eles estão navegando ao lado dos navios de Erec e Thor vê sua irmã e cunhado em alerta na proa, assim como Strom e todos os seus homens. Todos estão paralisados, olhando para a frente, e Thor também se vira para olhar na mesma direção.

Terra. Thor, com o coração aliviado, fica sem fôlego ao avistar terra firme depois de tanto tempo. O lugar é diferente de tudo que ele já tinha visto e Thor imediatamente sabe que eles haviam chegado às margens do Império.

Thor sente a desaceleração do barco, as marés mudando abaixo deles, e vê o oceano se misturando com as águas de um rio. O rio, ele percebe, serpenteia pelas terras do Império e desaparece no horizonte.

"O Rio Volússia!" Erec diz quando Thor vai até a proa. "Ele flui por todo o território até o coração do Império. Ele irá nos levar para o norte, até a cidade de Volússia."

Thor fica parado e observa o Império, sabendo que Gwen, o amor de sua vida, está lá fora em algum lugar, precisando de sua ajuda. Por um lado, o seu coração bate acelerado com a expectativa de vê-la novamente, mas, por outro, ele se sente atormentado pela culpa: Como ele pode estar voltando para ela sem Guwayne?

Eles ouvem um guincho distante e Thor olha para cima, vasculhando os céus ao se lembrar do seu sonho. Aquele não é grito de um animal comum, é o grito de um dragão e, ao ouvir aquilo, Thor imediatamente sabe que o guincho é para ele.

Em pouco tempo, um dragão aparece no céu, circulando as nuvens acima deles, e o coração de Thor se anima ao ver Lycoples. É estranho vê-la agora, em um momento tão decisivo, quando ele não sabe o que fazer e depois de ter tido um sonho tão vívido. Thor tem a sensação de que o seu sonho está se tornando realidade.

Todos os homens dos navios ficam paralisados de terror quando Lycoples desce na direção deles.

"Um dragão!" Um dos homens de Erec grita. Eles tentam se proteger, jogando-se no chão do convés, apavorados, com exceção de Thor e Angel. Thor se mantém firme, sabendo que não há nada a temer, e Angel, destemida e hipnotizada, fica ao lado dele.

Lycoples mergulha na direção dele e, em seguida, no último segundo, ela guincha e começa a se afastar, deixando de acertá-lo por pouco.

Ela faz isso mais uma vez e depois uma terceira, até que Thor sabe sem qualquer sombra de dúvida: ela está tentando lhe dar um recado.

Lycoples então se vira e voa para o horizonte, na direção oposta, para longe do Império, voltando para o mar aberto. Thor a observa se afastando e, quando ela desaparece, ele finalmente percebe. Ele sabe que ela quer que ele a siga.

Então, de repente, de uma só vez, Thor é tomado por uma certeza. Thor sabe, no fundo de seu coração, o significado de tudo aquilo. O mistério é finalmente desvendado.

Lycoples quer levá-lo de volta para a Ilha da Luz, pois alguém muito especial está esperando por ele na ilha. Guwayne.

Thor odeia a si mesmo naquele momento. Como ele pode ter sido tão estúpido para não perceber aquilo antes? Durante todo esse tempo, Guwayne havia estado bem embaixo de seu nariz, mas ele havia partido.

"Virem o navio!" Thorgrin ordena.

Todos olham para ele como se ele tivesse ficado louco.

"Você está maluco?" Erec pergunta. "O Império está diante de nós e não naquela direção!"

Thor se aproxima da lateral do navio e sorri.

"Você não entende," ele grita de volta. "Minha missão está lá atrás, e não no Império. Guwayne! Ele está vivo! Lycoples está me levando até ele!"

Todos olham para trás, chocados.

"Eu não posso voltar para Gwendolyn sem ele," Thor fala. "Vá em frente. Siga para Volússia, encontre-a. Diga-lhe que voltarei em breve, com o nosso bebê. Sigam em frente, meus amigos!"

Alistair e Erec veem claramente o olhar nos olhos de Thor e, percebendo a sua determinação, acenam de volta. Eles aproximam seu navio, chegando tão perto que Thor é capaz de esticar o braço e se despedir de Erec e abraçar sua irmã.

"Nós nos encontraremos novamente em breve, meu amigo," diz Erec.

"Eu amo você, irmão," Alistair fala.

"E eu você, minha irmã," ele responde.

Thor permite que o mar separe os seus navios e eles começam a se afastar cada vez mais. Seus homens, sob o comando de Angel, se apressam até as velas para virar o navio, todos ansiosos para seguir o rastro de Lycoples.

Thor se vira, encarando o mar aberto, e pela primeira vez desde que tinha começado aquela busca, ele tem certeza de estar indo no caminho certo.

E desta vez, nada, absolutamente nada, irá impedi-lo de recuperar o seu filho.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Ragon fica no outro extremo da Ilha da Luz, segurando Guwayne e olhando para o pico de cristal alto que se ergue a partir do chão. O cristal tem mais de três metros, suas pontas irregulares se erguem na direção do céu como algo pré-histórico e, sob o olhar atento de Ragon, ele brilha em diferentes cores.

O Eixo de Asus. Aquele é o único lugar que Ragon sempre encontra maior clareza em tempos de confusão. Sempre que a sua visão falha o que raramente acontece, ele costuma ir até ali e perscrutar o que está por vir. Aquele é um privilégio que ele não gosta de abusar, sabendo que suas oportunidades de consultar o cristal são limitadas, mas agora, com a crise atual, ele se sente compelido a fazê-lo.

Ragon vai até o cristal, precisando desesperadamente de clareza e com necessidade de saber por que sua visão havia falhado, para entender o que está acontecendo. Um pressentimento o incomoda cada vez mais e ele não gosta daquela sensação.

Ragon fecha os olhos e canta baixinho, esperando que o espírito chegue até ele.

Ookythroota, Ookythroota, Ookythroota...

Guwayne chora suavemente enquanto ele canta e Ragon o embala, cantando cada vez mais alto, até que ele finalmente sente a sensação familiar entre os olhos.

Ragon abre os olhos, olha para o eixo de cristal e, ao fazer isso, o cristal brilha em tons de amarelo, laranja e branco até que, finalmente, a visão surge diante dele.

Ragon observa, desdobrando-se diante dele, uma profecia que ele não compreende. Ele vê um mundo coberto de preto, as portas do inferno abertas e um milhão de criaturas do mal saqueando o mundo. Ele vê sua própria ilha, a Ilha da Luz, que sempre tinha sido inexpugnável e havia existido ali há séculos, consumida pelas chamas. Ele se vendo sendo atacado por um exército de mortos-vivos.

Ragon quer desviar o olhar, mas se obriga continuar olhando. Ele logo se arrepende, sendo tomado por uma sensação de pavor ao ver Guwayne cercado pela escuridão, arrancado de seus braços. Ele o segura com força, observando-o se perder nas garras de um poder maior do que qualquer outro que Ragon já tinha visto.

Ragon não aguenta mais. Ofegante e com o coração acelerado, ele se força a desviar os olhos e olha para Guwayne, que agora está em silêncio em seus braços. Ragon está coberto de um suor frio e não entende nada daquilo; aquela tinha sido a visão mais aterrorizante de sua vida.

Ragon se apressa para se afastar do eixo e atravessa a ilha correndo, dando os passos largos de um feiticeiro, um passo maior do que o outro, três metros, em seguida, trinta e depois sessenta metros, saltando como uma gazela por toda aquela ilha que ele conhece tão bem até, finalmente, chegar ao outro lado.

Ele fica parado na extremidade oposta, no lugar que ele tinha visto em suas visões, e observa os céus, olhando para o horizonte. O cristal havia lhe mostrado que é a partir dali que ele será atacado.

Ragon olha para as nuvens escuras que cobrem o horizonte, mas ele ainda não consegue ver nada. Ele se pergunta se tudo tinha sido uma ilusão. Afinal, como ele, Ragon, pode ser atacado? Como Guwayne, a criança mais poderosa da terra, pode ser tirada dele? E, no entanto, ele tem que admitir, é possível sentir alguma escuridão se aproximando.

Ele fica ali, observando os céus, refletindo sobre o seu destino, e começa a perder a noção do tempo quando, lentamente, seus piores receios são confirmados. No horizonte distante, uma escuridão se aproxima, um exército de demônios e outras criaturas voam pelo ar na direção exata de sua ilha. Ele imediatamente sabe o que está acontecendo e que demônio é responsável por tudo aquilo. As criaturas se aproximam cada vez mais e ele imediatamente sente que tudo é verdade; as profecias que ele tinha visto estão corretas. Sua ilha será destruída e Guwayne será tirado de seus braços. Ele será morto, o mundo cairá na mais completa escuridão e não há nada que ele possa fazer para impedir que isso aconteça.

Ele abraça Guwayne, segurando-o com todas as suas forças, querendo tê-lo em seus braços por apenas mais alguns segundos antes que ele seja levado para sempre. Mas o destino se aproxima e ele sabe que não há nada que ele, ou qualquer outra pessoa, possa fazer para mudá-lo.

Ragon irá morrer ali hoje, ele tem certeza disso, mas ele não pretende morrer sem uma luta. Ele respira fundo, segurando Guwayne de encontro ao peito, estende seu cajado e se prepara para a guerra.

AGORA DISPONÍVEL!



UMA JUSTA DE CAVALEIROS
(LIVRO Nº16 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO)

"O ANEL DO FEITICEIRO tem todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: intrigas, conspirações, mistério, cavaleiros e relacionamentos repletos de corações partidos, traições e desilusões. Ele vai deixar você entretido por horas, e vai satisfazer públicos de todas as idades. Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

—*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos (em relação a *Em Busca de Heróis*)

“[Uma] fantasia épica envolvente.”

—*Kirkus Reviews* (em relação a *Em Busca de Heróis*)

“O começo de algo extraordinário.”

—*San Francisco Book Review* (em relação a *Em Busca de Heróis*)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS é o livro nº16 da série bestseller O ANEL DO FEITICEIRO, que começa com EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1).

Em UMA JUSTA DE CAVALEIROS, Thorgrin e seus irmãos seguem o rastro de Guwayne no mar, procurando por ele na Ilha da Luz. Mas ao chegarem até a ilha destruída e encontrarem Ragon prestes a morrer, pode ser que seja tarde demais.

Darius é levado até a Capital do Império e para a maior arena de todas. Ele é treinado por um homem misterioso que está determinado a transformá-lo em um guerreiro e a ajudá-lo a sobreviver ao impossível. Mas a arena da capital é diferente de tudo que Darius já tinha visto e seus inimigos podem ser intensos demais até mesmo para alguém como ele.

Gwendolyn se envolve com a dinâmica familiar na corte do Cume quando o rei e a rainha lhe pedem o um favor. Em uma busca para revelar os segredos que podem mudar o futuro do Cume e salvar Thorgrin e

Guwayne, Gwen fica chocada com suas descobertas ao investigar as coisas mais a fundo.

A relação de Erec e Alistair se intensifica à medida que eles navegam rio acima, rumo ao coração do Império, determinados a encontrar Volússia e salvar Gwendolyn enquanto Godfrey e sua turma criam confusões em Volússia, determinados a buscar vingança. Volússia aprende o real significado de governar o Império ao ver sua capital cercada por todos os lados.

Com uma ambientação e construção de personagens sofisticada, UMA JUSTA DE CAVALEIROS é um conto épico de amizades e amantes, rivais e pretendentes, cavaleiros e dragões, intrigas e maquinações políticas, do processo de tornar-se adulto, de corações partidos, de enganos, ambições e traições. É um conto de honra e coragem, de destino e magia. É uma fantasia que nos leva até um mundo que jamais esqueceremos, e que atrai leitores de todas as idades e gêneros.

“Uma fantasia espirituosa... Apenas o começo do que promete ser uma série épica para jovens adultos.”

—*Midwest Book Review (em relação a Em Busca de Heróis)*

“De leitura fácil e rápida... Você precisa ler o que acontece na sequência e não será capaz de largar o livro.”

—*FantasyOnline.net (em relação a Em Busca de Heróis)*

“Recheado de ação... A escrita de Rice é sólida e a premissa é intrigante.”

—*Publishers Weekly (em relação a Em Busca de Heróis)*



UMA JUSTA DE CAVALEIROS
(LIVRO Nº16 DA SÉRIE O ANEL DO FETICEIRO)



[Ouça](#) a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato de áudio livro!

Agora disponível na:

[Amazon](#)
[Áudio](#)
[iTunes](#)

REIS E FEITICEIROS

- A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro nº1)
- A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro nº2)
- O PESO DA HONRA (Livro nº3)
- UMA FORJA DE CORAGEM (Livro nº4)
- UM REINO DE SOMBRAS (Livro nº5)
- NOITE DOS AUDACIOSOS (Livro nº6)

O ANEL DO FEITICEIRO

- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)
- UM REINADO DE RAINHAS (Livro nº13)
- UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº14)
- UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº15)
- UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº16)
- O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº17)

TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº1)
- ARENA DOIS (Livro nº2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro nº1)
- AMADA (Livro nº2)
- TRAÍDA (Livro nº3)
- PREDESTINADA (Livro nº4)
- DESEJADA (Livro nº5)
- COMPROMETIDA (Livro nº6)
- PROMETIDA (Livro nº7)
- ENCONTRADA (Livro nº8)
- RESSUSCITADA (Livro nº9)
- ALMEJADA (Livro nº10)
- DESTINADA (Livro nº11)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora bestseller nº1 do USA Today da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezessete livros; da série bestseller nº1 DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, composta por onze livros (em progresso); da série bestseller nº1 TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em progresso); e da nova série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros. Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em 25 idiomas.

[TRANSFORMADA](#) (Livro n 1 da série Diários de um Vampiro), [ARENA UM](#) (Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#) (Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e fazer parte da lista de correspondência, receber um livro gratuito, ganhar brindes, fazer o download do aplicativo gratuito, receber notícias exclusivas, conectar-se através do Facebook e Twitter e manter contato!